

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia

Dissertação:

Os trabalhadores e a formação de uma cidade do Mato Grosso:  
família, vizinhança e compadrio em Sorriso

Claudia Alvarenga Prestes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Meste em Sociologia (com ênfase em Antropologia).

Orientadora: Beatriz M. Alásia de Heredia

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Os trabalhadores e a formação de uma cidade do Mato Grosso:  
família, vizinhança e compadrio em Sorriso

Claudia Alvarenga Prestes

Orientadora: Beatriz M. Alásia de Herédia

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com ênfase em Antropologia).

Aprovada por:

---

Presidente, Prof. Dra. Beatriz M. Alásia de Heredia – IFCS/UFRJ

---

Prof. Dra. Leonilde Medeiros – CPDA/UFRRJ

---

Prof. Dr. Moacir Palmeira – Museu Nacional/UFRJ

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2010

## Ficha Catalográfica:

Prestes, Claudia Alvarenga  
Os trabalhadores e a formação de uma cidade do Mato Grosso: família, vizinhança e compadrio em Sorriso/  
Claudia Alvarenga Prestes. Rio de Janeiro: UFRJ/ IFCS, 2010  
ix, 219f.: il.; 31cm.  
Orientadora: Beatriz M. Alásia de Heredia  
Dissertação (mestrado) – UFRJ/ IFCS/ Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, 2010.  
Referências Bibliográficas: f. 211-213  
1.As primeiras impressões sobre Sorriso 2.Relações de Parentesco, vizinhança e compadrio 3. Trajetórias dos “maranhenses”: o outro lado da formação de Sorriso  
I. Heredia, Beatriz M. Alásia de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia.  
III. Os trabalhadores e a formação de uma cidade do Mato Grosso: família, vizinhança e compadrio em Sorriso.

## Resumo

O presente trabalho tem o propósito de apresentar uma análise sobre a vida cotidiana de trabalhadores, conhecidos como “maranhenses” em uma cidade do estado do Mato Grosso, importante na economia do agronegócio brasileiro. A partir destes iremos observar as relações sociais que estabelecem com suas famílias e seus vizinhos.

Discutiremos também como estes trabalhadores migrantes ocuparam a cidade onde vivem para verificar as mudanças que se deram no espaço urbano.

**Palavras-chaves:** trabalhadores, família, vizinhança, compadrio e ocupação urbana

## **Abstract**

This work intend to present un analysis about the daily life of workers, known as “maranhenses”, in a city of the state of Mato Grosso, very important to the brazilian agribusiness economy. From these workers we will observe the social relations established with their families and neighbourhood.

We will discuss also how these migrants workers established themselves themselves in the city, to verify the changes on the urban scenario.

**Key-words:** workers, family, neighbourhood, “compadrio”, urban occupation.

## **Agradecimentos**

O presente trabalho tem como objetivo analisar relações sociais entre trabalhadores no estado do Mato Grosso e salientar como os mesmos contribuíram para a formação de uma cidade tão importante para o “agronegócio” brasileiro. No entanto, ele não se concretizaria se não contasse com a colaboração de diversas pessoas e instituições.

Primeiramente gostaria de agradecer profundamente a minha orientadora Beatriz Heredia, que mais do que uma professora, é uma amiga que sempre ajudou a seguir em frente no caminho acadêmico, não somente durante o mestrado, mas também na graduação, nos anos de iniciação científica.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/URFJ), aos professores que nos auxiliaram no processo de formação durante o mestrado. Não poderia esquecer-me das funcionárias Claudinha e Denise que sempre nos ajudam a resolver as questões burocráticas, com as quais não sabemos lidar muito bem.

Agradeço ao CNPq, pela bolsa recebida no período de 2007 e 2009, que viabilizou a realização do curso de mestrado. Também gostaria de expressar minha gratidão à Fundação Ford, à FAPERJ e ao CNPq que financiaram, através do projeto de pesquisa “Sociedade e Economia do Agronegócio: Um Estudo Exploratório”, o trabalho de campo que permitiu a produção desta dissertação.

Devo agradecer, ainda, ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ), nas pessoas dos professores Moacir Palmeira e Renata Menezes. Ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ), na pessoa do professor John Comerford, pelos cursos, dos quais tive a oportunidade de participar, nestas duas instituições, e que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Além destes professores, agradeço à Leonilde Medeiros, Rosângela Cintrão, Sérgio Pereira Leite, Ana Cláudia Marques, Marcos Otávio Bezerra e a todos os demais pesquisadores do projeto “Sociedade e Economia do Agronegócio: Um Estudo Exploratório”, que enriqueceram este trabalho

com as inúmeras considerações realizadas ao longo do ano de 2008 e 2009, especialmente durante nossos seminários.

Agradeço especialmente à professora Ana Cláudia Marques, que tanto me auxiliou com sua experiência de pesquisadora durante o trabalho de campo e após este momento, compartilhando impressões que de certa maneira também compõe este trabalho. Foi também durante o período de pesquisa de campo que convivi com outros pesquisadores que se tornaram meus grandes amigos: Ariana, Luciana e Cristiano. Os apontamentos e observações que fazíamos após dias de pesquisa foram sempre de grande ajuda, e a companhia dos mesmos permitiu que as saudades de casa fossem amenizadas. Muito obrigada por tudo!

Não posso deixar de citar meus informantes, fundamentais para a concretização de todo este trabalho. Sem eles eu não teria conseguido. Prefiro não citar nomes para evitar que os mesmos possam ser descobertos, mas a eles dedico todo meu carinho.

Aos amigos, que conheci durante o mestrado, devo agradecer com muito carinho, pois sem eles, estes anos de estudos teriam sido mais difíceis: Luiz, Paola, Hailton, Renatinha, Alberto, César, Natasha, Celine, Ana Paula, Rodrigo e Daniela. Esta dissertação também é produto do apoio de vocês.

À Ellen Jou que sempre esteve presente para me ajudar a ter forças durante o processo de amadurecimento pessoal e intelectual que se deu no momento da escrita da dissertação. À Moniquinha que me ajudou nos momentos que eu necessitava tranquilizar-me.

Aos meus pais, Marina e Pedro, que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões e escolhas da vida, sempre com muito carinho e palavras amigas. Eles são minha grande inspiração. A minha irmã Gabi que em todos os momentos me doou um pouco da sua energia e alegria, mantendo-me sempre feliz.

Além de todos esses agradecimentos devo dedicar este trabalho à pessoa que me acompanha durante anos e presenciou todo o processo de entrada no mestrado, sofreu com minha ausência durante o trabalho de campo e me apoiou durante todo o momento de escrita: Maurício, meu companheiro de todas as horas, que me acalma ao tocar o violão pedindo que eu cante para ele. Obrigada por tudo! Este trabalho é para você.

## Sumário

Resumo.....	p. IV
Abstract.....	p. V
Agradecimentos .....	p. VI
Introdução.....	p. 10
Capítulo I : As primeiras impressões sobre Sorriso .....	p.13
1. O início do trabalho.....	p.13
2. Sorriso.....	p.17
2.1. A história oficial de Sorriso.....	p.17
2.2 Sorriso hoje.....	p.23
2.2.1“Cidade A”.....	p.24
2.2.2“Cidade B”.....	p.29
2.2.3 “Cidades A” e “Cidades B”.....	p.33
3. Sobre “gaúchos” e “maranhenses”.....	p.35
4. Trabalho de campo: conhecendo os moradores do bairro.....	p.38
5. Bairro Boa Esperança I.....	p.52
5.1 Cotidiano em Boa Esperança I : um dia de semana.....	p.56
5.2 Fim de Semana.....	p.63
Capítulo II: Relações de Parentesco, vizinhança e compadrio.....	p.66
1. Organização das unidades de residência e relações de parentesco.....	p.66
1.1. O cotidiano de Dona Morena e sua família.....	p.67
1.2. O cotidiano de D. Mara e sua família.....	p.83
2. Relações sociais de vizinhança e compadrio.....	p.102
2.1 Relações de vizinhança.....	p.108
2.2 Relações de compadrio.....	p.125
Capítulo III: Trajetórias dos “maranhenses”: o outro lado da formação de Sorriso.....	p.139
1. “É do Peixoto é de casa!”.....	p.139
2. A vida antes de Sorriso.....	p.148

2.1 D. Morena, sua família e seus vizinhos.....	p.149
2.2 D. Mara, sua família, seus compadres e seus vizinhos.....	p.158
3. Vivendo em Sorriso.....	p.170
3.1 Os “de Peixoto” .....	p.172
3.2 O surgimento do bairro Boa Esperança I.....	p.183
3.3 Os que chegaram a Sorriso e ao bairro a partir de 1996.....	p.189
4. Conclusões sobre o capítulo.....	p.200
Conclusões.....	p.204
Referências Bibliográficas.....	p.211
Anexo I.....	p.214
Anexo II.....	p.216
Anexo III.....	p.218

## Introdução

Este estudo possui o objetivo de analisar as relações sociais dos trabalhadores naturais das Regiões Norte e Nordeste, que se instalaram na cidade de Sorriso, no estado do Mato Grosso, nos anos de 1990. Além disto, pretendemos evidenciar, a partir dos relatos destes trabalhadores, parte de um processo que permitiu ao município se transformar em um dos maiores produtores de soja do Brasil, na atualidade.

Logo que começamos a realizar a pesquisa de campo conhecemos uma “versão” da história da cidade de Sorriso que se apresenta como oficial. De acordo com as informações que obtivemos durante a pesquisa, foram pessoas vindas da Região Sul do país as responsáveis por criar<sup>1</sup> aquela cidade do Centro-Oeste. No entanto, ao pesquisar as relações sociais dos trabalhadores que foram para Sorriso na década de 1990, percebemos que os mesmos relatavam como haviam passado a viver na cidade e que tipo de trabalho exerciam no local. Com isso notamos que existe uma contribuição desses trabalhadores para a formação de Sorriso, algo que é ignorado na “história oficial” da cidade.

Esta investigação é parte integrante do projeto “Sociedade e Economia do Agronegócio: um estudo exploratório” coordenado pelos professores Beatriz Heredia (PPGSA/IFCS/UFRJ), Leonilde Medeiros (CPDA/UFRRJ), Moacir Palmeira (PPGAS/MN/UFRJ) e Sérgio Pereira Leite (CPDA/UFRRJ). Este projeto pretende realizar um estudo exploratório, como explicitado no próprio título, em “sociedade(s) do agronegócio”<sup>2</sup> com o objetivo de evidenciar as relações sociais que a(s) compõe, tratando “(...) de identificar/estudar todo o (os) conjunto(s) de posições e oposições sociais que permitem o chamado agronegócio existir como existe.”<sup>3</sup>

Com esta proposta, deu-se a primeira etapa deste projeto que focalizou pesquisas bibliográficas sobre o tema “agronegócio”. A partir desta fase foram selecionadas duas áreas onde deveriam ser realizadas as pesquisas de campo: Norte do Mato Grosso (acompanhando o eixo da BR163, rodovia que atravessa o estado nos eixos Norte-Sul) e o Triângulo Mineiro. Ao trabalhar com a bibliografia, verificou-se que as duas áreas se apresentavam como lugares onde o “agronegócio” era uma realidade: Mato Grosso com a produção de soja e o Triângulo Mineiro

---

<sup>1</sup>Os informantes também utilizam o termo “colonizar” para se referir a criação de Sorriso.

<sup>2</sup> HEREDIA, B.; MEDEIROS, L.; PALMEIRA, M.; CINTRÃO R.; LEITE, S.(2006)

<sup>3</sup> HEREDIA, B.; MEDEIROS, L.; PALMEIRA, M.; CINTRÃO R.;LEITE, S., (Op. Cit.): 4

produzindo café.

Sendo assim, na segunda fase do projeto, dois grupos de pesquisadores foram enviados às respectivas áreas. A equipe que viajou ao Mato Grosso foi coordenada pela professora Ana Cláudia Marques (USP) e contava com os seguintes alunos de pós-graduação: Luciana Almeida (PPGSA/IFCS/UFRJ), Ariana Rumstain (PPGAS/MN/FRJ), Cristiano Desconsin (CPDA/UFRRJ) e eu, Cláudia Alvarenga (PPGSA/IFCS/UFRJ).

Foram realizadas duas viagens ao estado do Mato Grosso. A primeira ocorreu no final do mês de fevereiro do ano de 2008. A partir desta viagem conheceríamos algumas cidades, pré-selecionadas, obedecendo ao critério de seguir o eixo da BR163, e escolheríamos em qual delas realizaríamos nossas pesquisas. Também, foi o momento em que estabelecemos os primeiros contatos nas cidades onde planejávamos realizar as pesquisas. As cidades selecionadas foram Lucas do Rio Verde e Sorriso.

Sorriso foi escolhida pela equipe como ponto de referência principal, pois ali é possível ter acesso a diversos tipos de produtores e trabalhadores, envolvidos diretamente ao plantio da soja e outras culturas, que mais tarde se mostraram importantes no local (tais como milho e algodão). Também contatamos outras pessoas que não possuíam relação direta com a produção de grãos, mas que, de alguma forma, estão relacionadas a esta “sociedade do agronegócio”, tais como comerciantes e profissionais liberais. Contávamos, então, com uma diversidade de informantes pertencentes às diversas esferas da vida social local que poderiam nos ajudar a compreender mais profundamente um exemplo de “sociedade do agronegócio”.

Além dos aspectos citados acima, outros fatores também colaboraram para a escolha de Sorriso como objeto de estudo: o fato deste município ser o maior produtor de soja do Brasil e a infra-estrutura da cidade, que apresentou as melhores condições para a instalação e o deslocamento dos pesquisadores.

Na segunda viagem a Sorriso os pesquisadores se instalaram na cidade por mais tempo e somente então cada um deles foi em busca de seus “objetos” de estudo. Sabíamos, a partir da primeira viagem, que a cidade de Sorriso é observada como dividida pela BR 163: de um lado estariam os “gaúchos”, mais associados aos produtores de soja, e do outro lado os “maranhenses”, isto é, os trabalhadores do cultivo da soja. Também estávamos cientes que entre estes trabalhadores existem muitos que não residem na cidade, chegam pela manhã e à noite voltam para o Maranhão.

Decidi, então, que iria realizar minha pesquisa pessoal entre os trabalhadores que moram na cidade de Sorriso.

Passei então a contatar pessoas que poderiam me auxiliar a conhecer estes trabalhadores: a diretora e a coordenadora pedagógica de uma escola que se localiza em um bairro do outro lado da cidade; e o dono de um restaurante do centro da cidade que contava com empregados que moram em outro bairro, também situado atrás dos grandes silos de armazenamento de grãos que observamos na BR 163.

Assim sendo, aproximei-me daqueles que viriam a se tornar meus informantes e passei a acompanhar o cotidiano dos mesmos. Desta maneira, foi possível recolher dados sobre as relações sociais estabelecidas entre eles e, ao mesmo tempo, acessar informações sobre o seu passado: suas trajetórias fora e dentro de Sorriso. Com isso obtive dados que nos revelam, entre outras coisas, como a cidade se formou a partir da década de 1990.

Este trabalho, então, se dividirá em três capítulos. No primeiro iremos descrever como se formou a cidade, como ela se apresenta espacialmente nos dias atuais, além de mostrar como estabeleci contato com meus informantes e como escolhi o local onde faria o trabalho de campo. O segundo capítulo descreverá as relações sociais de nossos entrevistados no âmbito familiar e entre a vizinhança, e perceber como se organizam internamente as unidades de residência. O terceiro, e último capítulo, irá retomar o passado dos trabalhadores entrevistados observando suas trajetórias antes de viver em Sorriso e o momento a partir do qual passaram a viver na cidade. Após este apresentaremos as conclusões.

Durante esta dissertação mostraremos, de um lado, as relações sociais destes trabalhadores e, de outro, trataremos de evidenciar como os mesmos se instalaram na cidade. Sendo assim, pode-se notar que a dissertação apresenta dois eixos de pesquisa. Mas apesar deles parecerem muito distintos, na realidade são complementares, pois se não tivéssemos abordado o primeiro, dificilmente teríamos acesso às trajetórias de vida dessas pessoas e é nelas que os informantes nos mostram como se instalaram em Sorriso e ocuparam o espaço onde vivem atualmente, fator de extrema importância para iniciarmos a compreensão das relações sociais que se dão na cidade que hoje aparece na mídia como a grande produtora de soja no Brasil.

## **I. As primeiras impressões sobre Sorriso.**

### **1. O início do trabalho**

O trabalho de campo ocorreu em duas etapas, durante as quais foram realizadas viagens ao estado do Mato Grosso. Como dito anteriormente, a primeira viagem se deu ao final do mês de fevereiro do ano de 2008 e a partir dela conhecemos os locais onde realizaríamos as pesquisas. Fomos a algumas cidades, pré-selecionadas e localizadas no eixo da BR163, conhecidas por sua importância para o “agronegócio”. Foi também durante esta viagem que fizemos contato com os primeiros informantes nas cidades onde planejávamos realizar as pesquisas.

Lucas do Rio Verde<sup>4</sup> e Sorriso foram as cidades selecionadas pela equipe de pesquisadores. Sorriso se tornou o ponto de referência principal para a equipe, pois o local permite acesso aos produtores de soja, milho e algodão<sup>5</sup> e aos trabalhadores envolvidos nesses cultivos. Também conhecemos pessoas que não possuem relação direta com a produção de grãos, mas que, de alguma forma, estão relacionadas com esta “sociedade do agronegócio”, tais como os donos de estabelecimentos comerciais, funcionários públicos e profissionais autônomos. Não devemos esquecer que a infraestrutura da cidade também contribuiu para a escolha de Sorriso, já que esta apresentava melhores condições para a instalação e deslocamento dos pesquisadores.

Durante a primeira viagem nossos primeiros contatos em Sorriso se estabeleceram, principalmente, via instituições municipais, especialmente setores ligados à Secretaria de Educação e Cultura. Através das pessoas que trabalhavam nesses lugares soubemos da existência dos bairros que se localizam atrás dos silos observados da BR 163, mas não conhecemos todos eles naquela ocasião, pois dispúnhamos de pouco tempo. Fomos apenas ao bairro Industrial II <sup>6</sup>, um dos bairros situados atrás dos silos, onde visitamos a Escola Municipal de Ensino Fundamental “Flor do Amanhã”. Lá conhecemos a coordenadora pedagógica e a diretora que nos ajudariam a alugar uma casa na cidade, para instalação da equipe de pesquisadores na ocasião da segunda viagem. Além

---

<sup>4</sup> A cidade de Lucas do Rio Verde também fez parte das pesquisas de alguns dos demais pesquisadores, mas eu escolhi permanecer apenas em Sorriso, pois ali foi possível estabelecer contato mais rapidamente com a população que eu desejava investigar: os trabalhadores “maranhenses”, como são designados na cidade.

<sup>5</sup> A soja é o grão mais cultivado no município, mas também há grandes plantações de milho e algodão. Algo que não impede que a soja seja percebida como o cultivo principal do município.

<sup>6</sup> O Industrial II também pode ser conhecido como Industrial 2a etapa, assim como está apresentado no mapa do Anexo I.

disso, essas duas senhoras facilitaram nosso acesso aos moradores e a alguns políticos de Sorriso quando retornamos à cidade.

Conversamos com outras pessoas, que trabalhavam em outras secretarias, e estas também citaram nomes de alguns bairros, como exemplo de “bairros pobres”. Podemos citar o ex-secretário de Agricultura e Meio Ambiente, Aloísio Cayer, que afirmou que um dos “bairros mais pobres” de Sorriso é o Boa Esperança I. Além deste, Cayer citou outros como o Fraternidade, o União e o São José. No entanto, até este momento não sabíamos onde estes bairros se localizavam e preferimos ir até lá durante a segunda viagem, quando contaríamos com mais tempo para realizar as pesquisas.

A segunda viagem ocorreu no início de abril de 2008, quando foi desenvolvida a pesquisa de campo mais longa. Ao todo, estivemos em campo durante três meses saindo de Sorriso ao final do mês de junho.

A partir do momento que nos instalamos na sede do município de Sorriso retomamos os primeiros contatos que havíamos realizado durante a primeira viagem e finalmente conhecemos um pouco melhor a cidade. Nesta ocasião percorremos diversos bairros que ainda não havíamos observado e, assim, conseguimos ter uma ideia do que compõe a área urbana do município.

A sede de Sorriso é atravessada pela BR163. De um lado desta rodovia se localiza o centro comercial da cidade e vários bairros residenciais. Segundo as pessoas com quem conversamos na cidade é nesse espaço que vive a população conhecida genericamente como “gaúcha”. Esta designação, no entanto, não se refere especificamente àqueles que possuem origem no Rio Grande do Sul. Na realidade percebemos que o “gaúcho” é aquele que vem da Região Sul, podendo ser também do Paraná ou de Santa Catarina.

Do outro lado da rodovia, porém, há enormes armazéns ao longo da estrada. Atrás deles estão os bairros onde moram os que são classificados na cidade como “maranhenses”. Esta denominação também se apresenta como uma classificação genérica para todos os que têm origem nas Regiões Norte e Nordeste do país, pois como constatamos mais tarde, há pessoas de diversos estados dessas regiões, isto é, não há apenas indivíduos do Maranhão. Assim sendo, para facilitar a localização destes dois espaços passamos a utilizar os nomes fictícios “Cidade A” e “Cidade B”. A primeira se refere àquela onde vivem os “gaúchos” e a última onde estão os “maranhenses”, segundo a definição classificatória descrita acima.

O meu interesse particular era conduzir minha pesquisa entre trabalhadores conhecidos genericamente como “*maranhenses*” que exercem atividades ligadas ao “agronegócio”. Possuíamos informações que entre estes trabalhadores existem os que vivem em Sorriso e aqueles que saem de seus estados de origem na época das safras agrícolas de Sorriso e retornam para lá quando acabam as colheitas de soja, milho ou algodão. Constatando esta diferença entre os trabalhadores estabelecemos, então, que o estudo seria realizado entre os trabalhadores “*maranhenses*” que vivem em Sorriso.

Para obter acesso aos bairros onde vivem estes trabalhadores “*maranhenses*” entramos em contato novamente com a coordenadora pedagógica e a diretora da Escola Municipal “Flor do Amanhã”. As duas nos auxiliaram a conhecer moradores do bairro Boa Esperança I. Isto por que boa parte das crianças que estudam na escola vive neste bairro e através delas tivemos acesso a alguns dos seus responsáveis, que por sua vez, nos apresentaram a outras pessoas com quem se relacionam, possibilitando a construção de uma “rede” de informantes.

Antes de seguirmos com a descrição do trabalho de campo, porém, é necessário deixar claro o que desejo assinalar quando utilizo o conceito de “rede” observado acima. A ideia de “rede” aqui apontada é a mesma apresentada por E. BOTT (1957) no estudo que analisa como se organizam núcleos familiares americanos levando em consideração os laços de parentesco e amizade que marido e mulher possuem. Para a realização de sua pesquisa, Bott desenvolve o conceito de “rede”, utilizando-o metodologicamente (...) “para descrever um conjunto de relações sociais para o qual não há limites comuns”<sup>7</sup>. Com isto ela afirma que nem todas as pessoas que se relacionam com um pai de família, por exemplo, se conhecem. Podemos ainda utilizar o seguinte exemplo: se A conhece B e C, isto não significa que B e C se relacionem, mas ainda assim podemos criar uma “rede” de relações sociais partindo de A.

Seguindo esta ideia, então, conhecemos alguns trabalhadores “*maranhenses*”, moradores de Sorriso, que nos apresentaram as pessoas com quem se relacionam que, por sua vez, nos levaram a conhecer outros moradores com quem os últimos mantêm contato. Com estas apresentações percebemos que nem todas as pessoas das quais nos aproximamos se conheciam, algo que é observado no conceito de “rede” utilizado por Bott. Desta maneira percebemos a existência de algumas “redes” de relações sociais e, assim, fomos seguindo algumas delas.

---

<sup>7</sup> BOTT, Elizabeth (1957): 59 (nota de rodapé). Livre tradução.

Também foi através desta escola que obtivemos informações sobre os responsáveis das crianças e, segundo a diretora e a coordenadora pedagógica, no bairro Boa Esperança I a maioria dos pais é “*maranhense*”. Outra indicação nos foi apresentada: naquele lugar há muitas mulheres que trabalham como domésticas na “Cidade A” e muitos homens trabalham em “*fazendas*” onde ocorre a produção de grãos. Sendo assim, concluímos ser possível encontrar neste bairro boa parte da população que faria parte de nossa pesquisa.

No entanto, o bairro Boa Esperança I não foi a única frente de trabalho no início da pesquisa de campo. Através dos donos de um restaurante situado no Centro da cidade, entramos em contato com as funcionárias daquele comércio. Elas vivem no bairro Novos Campos, outro bairro, que também está localizado atrás dos silos da BR163.

Desta maneira, duas frentes de trabalho passaram a ser exploradas, mas em um devido momento escolhemos uma delas para conseguir realizar uma análise mais aprofundada. O local escolhido para basear a pesquisa foi o bairro Boa Esperança I, pois ali foi possível ampliar a “rede” de informantes, algo que não ocorreu no outro bairro. Isto, porém, não significa que permanecemos apenas naquele bairro. Na realidade, observando a movimentação dos informantes, conseguimos saber quais são os lugares por onde os mesmos circulam e, conseqüentemente, que relações mantêm com a “Cidade A” e a “Cidade B”.

Já foi dito que o acompanhamento de nossos informantes do bairro Boa Esperança I se tornou possível a partir do contato com a diretora da escola “Flor do Amanhã”, pois a mesma nos apresentou a dois moradores do bairro. Primeiramente, ela nos levou para conhecer a senhora Morena, natural de Imperatriz (MA), que segundo a diretora era mãe de um rapaz que havia sido assassinado a pouco mais de um mês em frente ao “Espeto de Ouro”. Já havíamos ouvido falar deste bar, no Centro da cidade e, de acordo com os relatos de “*gaúchos*”, está localizado em um bairro vizinho ao Boa Esperança I, o São Domingos. Além disto, estas mesmas pessoas nos disseram que este local é famoso pelos bailes e pelas brigas que costumam ocorrer ali.

A segunda pessoa que a diretora nos apresentou foi um senhor, natural de Jaraguá do Sul (PR), apelidado de “Italiano” pela diretora da escola, mas segundo o mesmo as pessoas no bairro o conhecem como “Russo”. Seu nome é Sr. Leôncio, ele é tesoureiro da escola “Flor do Amanhã” e parece ser uma pessoa de confiança da diretora.

Apesar de ter sido apresentada a duas pessoas, foi a partir de D. Morena que obtive acesso a

outras pessoas do bairro. Através dela entrei em contato com uma vizinha, a senhora Judith. Esta me apresentou à Gabriele, sua manicure, que permitiu que conhecesse D. Mara, sua mãe, e sua família. Consequentemente estabelecemos contato com pessoas que possuem relações de amizade e vizinhança com estas mulheres. A constituição desta “rede”, porém, será explicitada mais adiante, onde descreveremos mais detalhadamente as pessoas que se tornaram nossos informantes.

Neste momento apresentaremos a cidade de Sorriso. Primeiramente será feito um panorama histórico baseado em informações bibliográficas e em relatos de informantes, provenientes da Região Sul do país, que vivem na cidade. Em seguida, descreveremos como se apresenta a cidade atualmente.

## **2. Sorriso**

### **2.1 A história oficial de Sorriso**

O município de Sorriso atualmente se situa ao “Norte do estado do Mato Grosso e está a uma altitude de 360 metros em relação ao nível do mar”<sup>8</sup>, a 412 km da capital do estado, Cuiabá. Porém, antes de se tornar um município, Sorriso passou por diversos momentos históricos até se transformar no que é hoje.

A história de Sorriso tem início nos anos de 1970 quando pessoas vindas da Região Sul do país, compraram terras onde atualmente existe a sede do município. Segundo nos relata o senhor Ivo Raiser, um dos primeiros que adquiriram terras no local. Tudo começou quando o seu pai, o senhor Benjamin Raiser, comprou terras em outro município do Mato Grosso chamado Barra do Bugre, através de um corretor de terras que havia ido vender terras no estado de Santa Catarina, local onde viviam Benjamin Raiser e os seus filhos. No entanto, quando senhor Benjamin, Ivo e Nelson Frâncio (genro de Benjamin) foram ver as terras, perceberam que as elas estavam ocupadas por muitos posseiros e por isso desistiram de permanecer ali.

Diante desta situação Benjamin, Ivo e Nelson retornam a Cuiabá e conhecem outro corretor de terras que lhes apresentou novas terras mais ao norte do estado, pertencentes a um “americano”<sup>9</sup>, no antigo município de Nobres<sup>10</sup>. Ivo e Nelson foram conhecer a terra e gostaram. Assim, Sr.

---

<sup>8</sup> DIAS, Elisia Aparecida e BORTONCELLO, Odila.(2003): 58

<sup>9</sup> Segundo o senhor Ivo Raiser o “americano” é um senhor italiano que mora nos Estados Unidos da América. Ele seria o dono de grande parte das terras que hoje compõe o município de Sorriso.

<sup>10</sup> Sorriso pertenceu ao município de Nobres até a década de 1980, quando ele se emancipou politicamente do último.

Benjamin comprou 2000 alqueires de terras e doou 200 alqueires para Ivo e 100 alqueires para Nelson; em troca, os dois deveriam trabalhar e “*abrir as divisas*”<sup>11</sup> das terras recém-adquiridas.

Após dois anos “*abrindo divisas*”, Ivo e Nelson voltaram para a Região Sul para buscar suas mulheres e filhos e instala-los em Sinop, município recém criado no Mato Grosso, mais ao norte do que viria a ser Sorriso.

É importante ressaltar que não havia relatos da existência de posseiros ou índios naquela região. Nem mesmo a bibliografia consultada faz referências à ocupação dessas terras por outras populações. Isto, porém, não indica a inexistência de alguém naquele local. Havia uma família naquelas terras: Negro Otávio morava com sua esposa e filho. Ele era uma espécie de caseiro que cuidava de parte da propriedade. Este senhor vivia em Sorriso, mas faleceu há alguns anos, e sobre sua esposa e filho não obtivemos muitos dados. Com isso percebe-se que a região não era desabitada, mas não possuímos mais informações sobre outros habitantes do local.

Negro Otávio, porém, apesar de já viver naquele local, não é considerado como “*pioneiro*” da cidade, na realidade esta classificação irá designar apenas as primeiras pessoas que vieram da Região Sul, pois foram eles que iniciaram a construção da cidade. Desta maneira, S. Ivo, Nelson Frâncio e outros que foram para lá pouco depois, são os chamados “*pioneiros de Sorriso*” por aqueles que chegaram da Região Sul e vivem na cidade.

Outra observação deve ser feita a respeito da existência de outras pessoas naquela região: também estava lá o 9º Batalhão de Engenharia e Construção (9ºBEC) do Exército Brasileiro construindo a BR163. Esta rodovia levou muitos anos para ser concluída e na época em que Ivo e Nelson foram para as terras onde se instalariam, os soldados do 9º BEC já estavam ali. Ivo relata inclusive que sempre que podia ajudava aqueles que compunham o batalhão com alimentação, água, etc. e vice-versa.

Apesar do 9º BEC já estar na região para a construção da BR163, estes também não são percebidos como “*pioneiros*”, já que os mesmos não participaram diretamente da construção de Sorriso. O 9º BEC criou a BR163 e assim que a concluiu se retirou. No entanto, não devemos ignorar a importância desta estrada para o surgimento de Sorriso: foi no entorno da BR163 que a cidade de Sorriso se formou. As primeiras casas e lojas de comércio, como por exemplo, um

---

<sup>11</sup> Este termo é utilizado com o significado de demarcar os limites do terreno comprado.

restaurante, um açougue e até a rodoviária foram construídos ao longo da nova rodovia. E outro fator não deve ser esquecido: é principalmente através da BR163 que grande parte da produção de grãos do município é transportada desde o início da produção nos anos 80. Sendo assim, poderíamos dizer que se a BR163 não existisse, Sorriso não seria o que é atualmente.

Dando prosseguimento à história da formação de Sorriso, tal como nos foi apresentada na cidade, sabemos que Nelson e Ivo retornaram para a Região Sul para buscar suas famílias<sup>12</sup>, mas nesta ocasião também entraram em contato com seus parentes e amigos, retornando logo depois para o Mato Grosso. A partir deste fato, em 1975, um irmão de Nelson, Claudino Frâncio, e outras pessoas do Paraná (conhecidas de Claudino) vão ao Mato Grosso visitar Ivo e Nelson, mas com o interesse de adquirir terras próximas às de Benjamin Raiser. Para isso se encontraram em Cuiabá com o mesmo corretor que havia vendido terras para Benjamin Raiser e logo combinaram de sobrevoar e conhecer a região. Após este momento o negócio foi fechado e Claudino comprou 3000 alqueires, enquanto Dorival Brandão, um dos companheiros de viagem de Claudino, comprou 1000 alqueires de terra.

Claudino Frâncio, porém, não permaneceu com as terras que havia adquirido. Ele retornou ao seu local de moradia e vendeu parte de sua propriedade para parentes, amigos e compadres. A partir deste momento Claudino decidiu comprar e vender terras e para isso se associou a Ivo, Nelson e outros amigos e fundou a empresa denominada Colonizadora Sorriso, dando início ao processo de colonização particular, que deu origem a Sorriso. Os “*pioneiros*” de Sorriso, então, nos são apresentadas como aquelas que se associaram para formar a Colonizadora Sorriso,

Claudino Frâncio é percebido como o indivíduo mais importante na história oficial da colonização de Sorriso, tanto pela bibliografia citada, como por vários dos moradores de Sorriso (em grande parte de origem na Região Sul). Com isso, percebemos que aqueles que vivem em Sorriso contam a história oficial do local associando-a à fundação da Colonizadora, e assim os “*pioneiros*” de Sorriso são aqueles que a criaram.

Quando a Colonizadora foi criada, então, Claudino Frâncio passou a realizar diversas viagens para os estados da Região Sul organizando visitas de possíveis compradores de terras no Mato Grosso, mais especificamente no local que veio a ser chamado de “Gleba Sorriso”. Com isso iam chegando diversas pessoas do Sul e aos poucos se formava uma pequena cidade.

---

<sup>12</sup> DIAS, Elisia Aparecida e BORTONCELLO, Odila. Op.Cit.

Como podemos perceber a história da cidade de Sorriso é relatada como um conjunto de ações individuais, que sempre ressaltam o “espírito empreendedor”<sup>13</sup> dos “*pioneiros*” que se esforçaram para criar uma cidade no meio do cerrado. Mas é necessário que se observe a existência de um contexto histórico relacionado às políticas públicas existentes naquela época que, às vezes, não é levado em consideração por aqueles que relatam a história de Sorriso.

Devemos lembrar que na década de 1970 existia uma política federal de integração do território brasileiro e com isso a criação de novas estradas como a BR163, que facilitariam a ocupação populacional de estados, como o Mato Grosso, considerados “vazios” demograficamente. No caso de Sorriso podemos notar claramente a existência desta política através do o 9º BEC que construía a BR163 naquele período. A ocupação populacional, por sua vez, era incentivada pelo governo federal através de diversos programas de colonização. Além disso, havia uma preocupação, por parte do governo federal e dos governos estaduais da Região Sul, com os conflitos de terra que ocorriam naqueles estados nos anos 70, fato que também contribuiu com a criação de outros programas de colonização dirigidos para o Mato Grosso e outros estados localizados na região Amazônica.

Também existiram outros migrantes do Sul que foram para o Mato Grosso e não estavam necessariamente ligados aos conflitos de terras, mas que eram incentivados, por políticas públicas, a adquirir novas propriedades naquele estado<sup>14</sup>. Desta maneira podemos dizer que havia uma grande quantidade de pessoas que saíram da Região Sul e se dirigiram à Região Central do Brasil. Sendo assim, o Mato Grosso se apresenta como um dos estados desta Região que recebeu muitos indivíduos da Região Sul.

Já apontamos que a colonização foi uma das maneiras encontradas para a realização das políticas governamentais de integração do território brasileiro. Esta é observada no Estatuto da Terra de 1964, onde se define “Colonização” como “(...) toda a atividade oficial ou particular, que se destine a promover o aproveitamento econômico da terra, pela sua divisão em propriedade familiar ou através de Cooperativas”. No caso de Sorriso foi criada uma colonizadora particular que

---

<sup>13</sup> Este “espírito empreendedor” é sempre valorizado por aquelas pessoas que contam como Sorriso se formou e, ao mesmo tempo, é apresentado como uma característica “cultural” de pessoas vindas do Sul. Isto é claramente percebido quando vários de nossos informantes acreditam que esse “espírito” do sulista é responsável pelo sucesso de Sorriso.

<sup>14</sup> Podemos observar exemplos destas situações em textos que tratam de outros programas de colonização no estado no Mato Grosso como o Programa TERRANOVA analisado por SANTOS (1993).

vendia propriedades, mas em contrapartida era obrigada, por lei, a construir algo semelhante a uma pequena cidade e providenciar obras de infraestrutura para a mesma, permitindo assim que o local fosse ocupado. Além disto, a colonizadora deveria incentivar a produção agrícola do local a ser colonizado como podemos ver no trecho citado abaixo, retirado do próprio Estatuto da Terra. Aqui são apresentadas as exigências legais feitas aos projetos de colonização particular.

§ 4º Nenhum projeto de colonização particular será aprovado para gozar das vantagens desta Lei, se não consignar para a empresa colonizadora as seguintes obrigações mínimas:

- a) abertura de estradas de acesso e de penetração à área a ser colonizada;
- b) divisão dos lotes e respectivo piqueteamento, obedecendo a divisão, tanto quanto possível, ao critério de acompanhar as vertentes, partindo a sua orientação no sentido do espigão para as águas, de modo a todos os lotes possuírem água própria ou comum;
- c) manutenção de uma reserva florestal nos vértices dos espigões e nas nascentes;
- d) prestação de assistência médica e técnica aos adquirentes de lotes e aos membros de suas famílias;
- e) fomento da produção de uma determinada cultura agrícola já predominante na região ou ecologicamente aconselhada pelos técnicos do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária ou do Ministério da Agricultura;
- f) entrega de documentação legalizada e em ordem aos adquirentes de lotes. (ESTATUTO DA TERRA, 1964)<sup>15</sup>

Desta maneira percebemos que Sorriso não foi criada apenas por ações individuais, também existiram projetos políticos que influenciaram na construção da cidade. Soubemos, através de informantes na cidade, que para conseguir criar a vila Sorriso, uma das estratégias adotadas pela colonizadora particular do local, foi dar terrenos localizados no centro urbano para aqueles que comprassem terras, constituído assim uma agrovila. Os donos desses lotes deveriam construir uma casa, pois se não o fizessem o lote retornava às mãos da colonizadora. Além disso, a colonizadora tinha como obrigação o incentivo da produção agrícola e assim foram feitas as primeiras lavouras de arroz, para mais tarde ser plantada a soja, grão já plantado no Sul por muitos daqueles que haviam adquirido terras em Sorriso.

As questões referentes à saúde dos novos moradores da agrovila eram resolvidas em outros municípios, pois no início não havia assistência médica no local<sup>16</sup>. Desta maneira muitos dos

---

<sup>15</sup> ESTATUTO DA TERRA, Título III “Da política de desenvolvimento rural”, Capítulo II “Da Colonização”, Seção II “Da Colonização Particular”.

<sup>16</sup> Em 1979, porém, uma enfermeira e seu marido foram morar em Sorriso. Era ela quem atendia pessoas com problemas de saúde mais simples, como diarreias ou alguns ferimentos.

moradores iam até Sinop (MT) ou Vera (MT) para ter assistência médica. No entanto, em 1980<sup>17</sup> um hospital particular foi construído em Sorriso.

A agrovila Sorriso também não contava com uma escola e por isso muitos daqueles que compraram terras em Sorriso preferiam se instalar em Sinop, onde já existia uma. Apesar desta preferência por parte dos novos proprietários de terra, também existiram pessoas que decidiram se instalar na vila de Sorriso e para levar as crianças à escola, em Sinop, contavam com o auxílio da Colonizadora que adquiriu uma Combi para transportá-las. Esta situação durou apenas um ano, pois em 1977 uma professora, de uma das famílias pioneiras, foi dar aulas de 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série para algumas crianças e em 1978 a Colonizadora construiu a primeira escola, que passou a funcionar como uma extensão da escola estadual que já existia em Sinop. Somente em 1982 é que se cria a Escola Estadual “Mario Spinelli” na cidade, onde a maior parte dos filhos dos moradores de Sorriso passou a estudar.

Como vemos na década de 1980 a agrovila continuou crescendo. Várias pessoas que saíam da Região Sul se instalavam em Sorriso, mas os acessos à energia elétrica e água ainda eram relativamente precários e a maior parte das ruas da cidade ainda eram de terra. Os bairros também eram poucos, mas pode-se dizer que já existia o Centro, o Bela Vista e o Industrial. O comércio, por sua vez, também se desenvolvia a passos módicos. Já no ambiente rural nas lavouras de soja, que nessa época eram poucas, já se investia em pesquisas que permitissem o plantio desse grão.

Foi também da década de 1980 que vários eventos políticos se deram naquela agrovila que veio a se tornar uma cidade. Em 26 de dezembro de 1980 era concedida à agrovila Sorriso a categoria de distrito do município de Nobres, e em 20 de março de 1982 foi instalada uma subprefeitura no novo distrito. O fato político mais importante, porém, se daria mais adiante no dia 13 de maio de 1986 quando Sorriso se tornou município tendo sido desmembrado dos municípios de Nobres, Sinop e Diamantino<sup>18</sup>.

A década de 1990, por sua vez, chama a atenção, pois durante essa época Sorriso apresenta um “boom” no crescimento populacional e na expansão das lavouras de soja. Segundo DESCONSI (2009), que analisou a migração de trabalhadores sulistas para Sorriso e como os mesmos se instalaram no município, é durante esta década que há “(...) migração massiva para o núcleo urbano;

---

<sup>17</sup> Este é o Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Fátima que continua funcionando atualmente.

<sup>18</sup> Dados retirados do site da prefeitura de Sorriso acessado em abril de 2010.

pois também é o auge de “aberturas” de área de Cerrado transformado em lavouras; neste período um grande grupo de empresas ligadas à agropecuária vem se instalar no município”<sup>19</sup>. Muitas pessoas chegam a Sorriso e necessitam de lugar para viver, mas não havia casas suficientes para abrigar a todos e desta maneira bairros vão sendo formados e a cidade vai crescendo ainda mais.

Algo que devemos observar nesta década é que os migrantes que chegaram a Sorriso não eram majoritariamente da Região Sul, como se deu em momentos anteriores, também haviam muitos trabalhadores saídos do Norte e Nordeste do país que passaram a buscar emprego em Sorriso e se instalaram na cidade. Estas pessoas, no entanto, não costumam ser citadas quando se relata a história da formação da cidade, mas como verificaremos mais adiante elas também contribuíram para formar a cidade de Sorriso, especialmente para a constituição de bairros como os que se localizam atrás dos armazéns de grãos que vemos da BR163.

Na década de 1990 a cidade de Sorriso cresceu rapidamente, pois havia uma demanda muito grande de pessoas que buscavam a cidade para morar e não encontravam lugar para se instalar. Por sua vez não faltava trabalho na abertura de fazendas e nas plantações de soja que também aumentaram consideravelmente. Com todo este movimento a área urbana de Sorriso aumenta e onde antes era possível ver plantações de soja passam a existir diversos bairros, algo que também é indicado na dissertação de Desconsi<sup>20</sup>. A maior parte das fazendas, por outro lado, foram sendo constituídas mais distantes desse núcleo urbano.

## 2.2 Sorriso hoje

Atualmente este município tem como principal atividade econômica o cultivo de soja, mas também há cultivos de milho e algodão. As fazendas onde se produzem estes grãos se localizam em áreas relativamente distantes da sede do município e compõe a área rural de Sorriso.

A área urbana é onde vive a grande maioria dos donos dessas propriedades e também moram muitos dos trabalhadores empregados nessas fazendas. Também há comerciantes, que podem estar relacionados à venda de produtos para a produção de grãos ou não, e pessoas que trabalham em outros setores que não possuem relação direta com a produção de grãos, tais como médicos, professores, empregadas domésticas, manicures, costureiras, etc. É neste espaço que se dá a nossa pesquisa.

---

<sup>19</sup> DESCONSI, Cristiano (2009): 43.

<sup>20</sup> DESCONSI, Cristiano. Op. Cit.

A separação desta população também se expressa no espaço urbano e é por isso que descreveremos um lado e outro da cidade. Lembremos que um lado será designado de “Cidade A” e é ali que moram os “*gaúchos*”. O outro lado da rodovia será caracterizado como “Cidade B” para designar os bairros atrás dos silos, onde vive boa parte dos “*maranhenses*” da cidade. No entanto não devemos esquecer que esta denominação é um recurso metodológico para facilitar a descrição da cidade, pois na realidade existem várias “Cidades A” e “Cidades B<sup>21</sup>”.

### 2.2.1 “Cidade A”

A estrada principal que corta a cidade de Sorriso é a BR163 e é por ela que trafegam inúmeros caminhões carregados de grãos, especialmente soja e milho. Também há aqueles que transportam algodão ou animais (tais como gado, porcos e aves). Esta é a imagem principal que temos ao percorrermos esta rodovia federal e permanece assim até chegarmos a Sorriso.

A primeira imagem que se tem de Sorriso é que a mesma é atravessada pela BR163: do lado esquerdo da rodovia no sentido Cuiabá, se localiza a cidade, com seu comércio e as moradias das pessoas que ali vivem; do outro lado se observam enormes armazéns onde se estocam os grãos produzidos no município.

Praticamente todas as ruas que compõe o lado da cidade onde está o centro comercial principal, são amplas e asfaltadas. Há duas avenidas principais, transversais a BR163, Natalino Brescansin e Tancredo Neves. Estas são paralelas e são nestas avenidas que se concentram a maior parte do comércio da cidade. É lá onde estão os bancos; o centro comercial (incluindo o shopping da cidade); os principais mercados; alguns hotéis; o centro administrativo (prefeitura e secretarias); as principais escolas; e a Igreja Católica “Matriz São Pedro Apóstolo”. Sendo assim, pode-se afirmar que estas avenidas cortam o centro da cidade, região onde todos os locais, citados acima, se encontram.

Seguindo qualquer uma das avenidas principais podemos perceber que a cidade se situa em relevo plano, porém, há uma pequena depressão no meio da mesma onde se localiza a “Área Verde”. Esta é constituída por um pequeno bosque que acompanha o percurso do córrego,

---

<sup>21</sup> É importante que se ressalte que em alguns momentos referir-me-ei a todas as “Cidades B”, e para isso utilizarei esta classificação no plural. No entanto, quando este título estiver no singular estarei referindo-me apenas aos bairros localizados atrás dos silos de grãos que observamos da BR 163.

canalizado, que atravessa o centro da cidade. É esta “Área Verde” que divide o centro da cidade em “Centro Norte” e “Centro Sul”, como observado no mapa.<sup>22</sup>

Mas o centro não possui apenas estabelecimentos comerciais ou pertencentes ao poder público. Ali também é uma área residencial. As moradias que fazem parte destes espaços são, em geral, construídas em terrenos espaçosos, onde se observam grandes áreas em frente às casas, que podem contar com um jardim gramado, ou pequenas pedras recobrimdo todo o chão.

A maior parte das casas é de alvenaria, mas é possível observar algumas de madeira. Todas possuem “áreas” laterais e/ou dianteiras, onde pessoas conversam tomando chimarrão no fim da tarde.

Outra característica dessas moradias diz respeito aos muros e portões que delimitam os espaços dos terrenos onde são construídas: a maior parte delas possui estes elementos. Os muros laterais e dos fundos são geralmente de alvenaria, mas podem ser encontrados alguns feitos de arame, semelhante a cercas. Em frente às casas, deixando-se espaço para a área dianteira, há, em geral, grades de ferro que permitem que se observe o imóvel. Também há muros de alvenaria que circundam as casas, alguns deixam entrever a residência, mas outros nem isso. Nestes casos os muros podem contar com portões de ferro, vazados ou não, que em muitas vezes são abertos sob o comando de um controle remoto. Estes não são os únicos utilizados nas residências: também encontramos portões de madeira.

Ainda sobre os muros das casas, foi possível observar que alguns deles contavam com cercas elétricas acima dos mesmos. Estas impediriam que pessoas conseguissem penetrar nas residências sem autorização. Apesar de existirem várias casas que contavam com este aparato, não podemos afirmar que se tratam de uma maioria.

Além das residências e comércio no centro também existem dois hospitais no município de Sorriso. O Hospital Regional de Sorriso é público e atende, além de pacientes do próprio município, outros oriundos de municípios próximos. O outro é o “Nossa Senhora de Fátima”, ele foi o primeiro hospital construído em Sorriso e é particular. Além dos hospitais também encontramos os laboratórios de análises clínicas do município. Todos se encontram na porção Norte do centro de Sorriso.

---

<sup>22</sup> Ver ANEXO I

No Centro há várias escolas, tanto particulares quanto públicas. Isto não significa que as escolas da cidade estão concentradas ali, na realidade há escolas em praticamente todos os bairros (tanto na “Cidade A” quanto na “Cidade B”) que oferecem desde o ensino fundamental até o médio. No entanto, foi no centro que encontramos a maior concentração de colégios. Também foi no Centro que encontramos uma escola que funciona de três maneiras distintas: de manhã são ministradas aulas de ensino fundamental e, ao mesmo tempo, o prédio abriga a secretaria de educação de Sorriso; e à noite aquele local abriga uma das faculdades particulares de Sorriso, a UNIMAT. Esta faculdade oferece cursos à distância, e os alunos devem ir à aula uma vez por semana. Os cursos que soubemos ser ministrados ali são: administração de agronegócios, serviço social e pedagogia.

Outro aspecto que faz parte da descrição do centro da cidade é a circulação de pessoas. Ali a movimentação é constante durante o dia. Vários são os que caminham pelas ruas, há aqueles que andam de bicicleta, mas há muitos carros passando pelas principais avenidas da cidade. Estes não são apenas carros de passeio, há muitas caminhonetes dos mais diferentes modelos. Também é comum observar a circulação de motos, mas em menor quantidade que os carros.

Saindo do centro e nos afastando da BR 163 através da AV. Claudino Frâncio, avenida paralela às principais já citadas, podemos visualizar que muitas ruas de Sorriso ainda não são asfaltadas e continuam sendo de terra. Nesta parte encontramos novos bairros e há um número maior de casas de madeira, que aparentam ser mais simples do que aquelas que se situam no centro, devido a ausência de pintura que muitas vezes caracteriza as primeiras.

Assim como as outras residências do centro, anteriormente descritas, estas também são construídas no meio dos terrenos, o que permite a existência de um amplo espaço livre diante das casas. Apesar disso, é possível observar outras construções que se distinguem bastante daquelas que vimos no centro: mesmo em número reduzido, há moradias que possuem suas fachadas viradas para as laterais dos terrenos. Ao contrário das outras casas que constroem suas frentes para a rua, estas são viradas para os muros laterais, possuindo uma forma retangular que se expande em direção ao fundo do terreno.

É interessante destacar que ao nos locomovermos por estes bairros sempre avistamos pessoas nas ruas. Muitas se sentam em cadeiras, ou bancos que colocam nas calçadas em frente as residências e ficam conversando uns com outros. Também constatamos que não há muitos carros circulando nas ruas e sim várias bicicletas ou pessoas a pé, ou ainda em motos.

Ao caminhar por esses locais, porém, nos sentíamos completamente estranhos, pois todos paravam para nos observar, assim como nós observamos todos. A sensação de sermos constantemente vigiadas era algo muito evidente ao passar por estes locais.

Somente depois de conhecermos esta região obtivemos um mapa da cidade de Sorriso com o qual pudemos localizar melhor os bairros descritos acima. Estes são: Tropical, Jardim Amazônia, São José I e II, e Jardim Carolina. Enquanto os dois primeiros bairros se situavam mais próximos da BR163, os dois últimos são muito distantes, localizando-se na extremidade oposta.

Estes são bairros que agregam pessoas que vem do Nordeste, e poderiam ser classificadas de “*maranhenses*”, de acordo com os termos utilizados na cidade. Esta informação, porém, só foi obtida mais tarde quando vários informantes diziam que iam sempre a estes lugares visitar familiares ou amigos. Além disso, no centro da cidade, alguns “*gaúchos*” que conhecemos também comentaram que ali vivem muitos “*maranhenses*”. Estes bairros, então, compõe as “Cidades B”, mesmo estando na “Cidade A”.

Outros bairros também podem ser observados através da AV. Brasil, paralela à AV. Natalino Brescansin. E nos afastando da BR 163 encontramos outra paisagem da cidade. À direita desta avenida podemos acessar ruas paralelas e transversais que nos permitem localizar bairros que apresentam residências de maior porte. Não há casas de madeira, apenas de alvenaria e estas se destacam devido ao tamanho, muitas vezes possuindo dois andares.

Os seus muros também são de alvenaria e, à frente, grades de ferro permitem que se observe as fachadas das casas, mas há aquelas em que o muro é todo fechado e não possibilita a visualização interna do terreno. Aqui a maioria dessas moradias conta com as cercas elétricas para proteção e a maior parte dos portões é eletrônico. Além disso, todas as casas possuem garagem.

Os terrenos onde se situam estas residências são maiores que no restante da cidade. Sendo assim, apesar destas últimas serem de maior porte, ainda há espaço para se dispor de uma área de lazer ampla. Observamos, por exemplo, que algumas destas casas contam com uma piscina e um pequeno campo de futebol, mas também percebemos que algumas outras pareciam ter quadras de tênis em suas dependências.

Nestes bairros, porém, praticamente não foi possível observar pessoas caminhando pelas ruas. Em geral são carros que entram e saem de suas casas e não é comum avistar alguém de bicicleta passando por ali. Apesar de não termos circulado muito por estes locais, quando o fizemos, avistamos apenas jardineiros trabalhando nos jardins das casas. Raras foram as vezes que observamos os moradores daqueles locais. Podemos citar os seguintes bairros como exemplares do tipo de paisagem descrita acima: Nobre e Jardim das Acácias.

Através da AV. Tancredo Neves, indo em direção contrária a BR 163, para além do Centro Norte, acessamos outros bairros. Aqui as residências se tornam semelhantes àquelas que localizamos no centro da cidade. Estes são bairros como o Bela Vista, o Jardim Primavera e o Jardim Bela Vista.

Para além deste trecho a cidade parece estar se expandindo, apresentando muitas casas em processo de construção, ao mesmo tempo que ainda há muitos espaços vazios, permitindo que se observe no horizonte grandes extensões de terra onde há pouco tempo haviam plantações de soja. É nessa região limítrofe que se localiza a outra faculdade particular da cidade, chamada FAIS, a Faculdade de Sorriso. Está instalada em uma grande construção retangular que se destaca devido ao seu porte. Aqui é o bairro Universitário.

À esquerda desta faculdade, encontramos uma rua que leva para bairros recém criados. Lá ainda há muitas casas em construção, apenas de alvenaria. Entre as casas que já foram construídas podemos perceber que várias delas ainda não possuem muros. Outra característica é que vários lotes ainda não foram ocupados e assim o capim alto é o único que observamos ali. Estes bairros são chamados de Tanhamã I e II.

A FAIS também pode ser um ponto de referência para encontrar o bairro mais afastado da cidade, o União, pois à direita dela podemos entrar na rua de acesso ao bairro. Apesar de sabermos como chegar até lá não foi possível visitar este local. Porém, várias pessoas “*gaúchas*”, que trabalham na secretaria de educação do município, relataram considerar o bairro como um dos mais pobres de Sorriso e onde há uma grande quantidade de “*nordestinos*”. Já entre as pessoas que viriam se tornar nossos informantes, pouco foi dito sobre o bairro União, mas disseram que ali também há “*maranhenses*”. Por isso este bairro também é parte da “Cidades B”.

Retornando para o centro da cidade ao entardecer, percebemos que a movimentação nas ruas se intensifica: as pessoas voltam para casa após o trabalho. Muitas estão em carros e motos. Quase

podemos afirmar que há mais pessoas dirigindo que pedestres pelas ruas. Ainda durante este período, algo por volta de 17h00 e 18h00, vemos muitas famílias tomando chimarrão, no interior de seus terrenos, na área diante de suas casas. Após este momento as pessoas se recolhem. Sendo assim, depois das 20h00, é difícil observar qualquer movimentação de pessoas nas ruas pertencentes às áreas residenciais da cidade. Quando há algum movimento, em geral, são carros ou motocicletas que passam ocasionalmente pelas ruas.

### **2.2.2 “Cidade B”**

Ao sairmos do centro da cidade e nos direcionarmos para a BR 163 nos deparamos com grandes armazéns de estocagem de grãos. Em um primeiro momento poderíamos acreditar que ali existam apenas os silos, mas logo descobrimos que atrás dos mesmos estão outros bairros de Sorriso. O local onde foram construídos estes armazéns é denominado de bairro Industrial e é lá onde se localizam a rodoviária da cidade, empresas de venda de peças e manutenção de máquinas agrícolas (tais como colheitadeiras, tratores etc.), serrarias ainda em atividade ou desativadas, serralherias, além de algumas casas de alvenaria e a igreja católica “Santa Luzia”. É também no bairro Industrial que podemos encontrar algumas “chácaras”, isto é, pequenas propriedades que podem ser utilizadas como local de lazer por seus proprietários, ou ainda como um espaço onde se cultive produtos de horticultura.

O interessante neste bairro é que não possui a mesma dinâmica de movimentação de pessoas que se observa nos bairros vizinhos que serão descritos a seguir. É principalmente a noite que se nota esta diferença, pois enquanto o São Domingos, por exemplo, conta com muitas pessoas transitando pelas suas ruas, no Industrial quase não se vê moradores andando nas ruas. Nesse sentido, o Industrial pode ser percebido como um bairro que pode ser observado como uma “Cidade A”. Além disso, as poucas casas deste bairro obedecem os mesmos padrões de construção que se observam do outro lado da BR163: grandes terrenos com casas de alvenaria, portões de madeira ou ferro, lotes murados, etc. Algo que não é comum nas residências de bairros como o São Domingos.

Acessando ruas transversais à BR163 e atrás do bairro Industrial encontramos uma grande quantidade de moradias. Os bairros que se localizam deste lado da cidade são: São Domingos, São Mateus, Novos Campos, Vila Bela, Industrial I e II, Boa Esperança I e II, e Fraternidade I e II. O bairro mais conhecido, deste lado da cidade, é o São Domingos, fato observado ao conversar com pessoas que vivem no centro da cidade, pois em vários momentos estas mesmas generalizam, não fazendo distinção entre eles: o nome geral era São Domingos. Também se utiliza a denominação

“Grande São Domingos” para designar todos os bairros que ali se situam. Como se vê, principalmente, em programas ou propagandas veiculados por emissoras de televisão da região.

Grande parte destes bairros são atravessados pela avenida São Francisco Xavier que é paralela à BR 163. Os moradores do local consideram esta avenida como a principal deste lado da cidade. Ela é bem longa e termina na rodovia MT242, que dá acesso às outras comunidades do interior do município.

Ao longo da AV. São Francisco Xavier podemos observar várias moradias que parecem estar dispostas bem próximas, havendo pequenos espaços que distanciam uma casa da outra. Se intercalando com as residências, há inúmeros bares e diversas igrejas cristãs, ou evangélicas, como conhecemos genericamente, além de lojas que podem ser de roupas ou de móveis usados. Outro tipo de comércio que notamos aqui, em grande quantidade, são as oficinas de bicicletas, também conhecidas por “*bicicletarias*”.

Através desta avenida também se acessam diversas ruas transversais que permitem a entrada aos bairros São Domingos, São Mateus, Novos Campos e Vila Bela. Os bairros São Domingos e Vila Bela se localizam à esquerda da avenida principal, indo em direção a MT 242, e as ruas são asfaltadas. Ao contrário do que se via do lado direito da avenida, no bairro Novos Campos, e ainda se observa no São Mateus. Nestes lugares, quando chovia, as ruas se tornavam verdadeiros lamaçais. Atualmente, porém, este problema foi parcialmente resolvido no Novos Campos, pois a prefeitura estava asfaltando as ruas do bairro quando estávamos no final do trabalho de campo. Já o São Mateus possui vários problemas nesse sentido, pois suas ruas transversais são muito estreitas e irregulares, o que tornaria inviável a passagem de máquinas que asfaltassem ruas.

Além dos lamaçais, que as ruas de terra produzem nos períodos de chuva, estas ainda apresentam outra característica durante a estação da seca, que se dá de maio a outubro. As ruas levantam muita poeira e para evitar isto a prefeitura manda caminhões de água para molha-las e amenizar a situação. Em geral isto ocorre duas vezes ao dia, durante a manhã e ao entardecer.

Apesar destas diferenças em relação às ruas, podemos verificar que as residências nos quatro bairros citados apresentam alguma semelhança. Neles há um grande número de casas de madeira que muitas vezes parecem não ser pintadas há alguns anos, dando aspecto de simplicidade às mesmas, ao contrário do que se observa em bairros localizados do outro lado da BR163, como o Centro, por exemplo. Apesar disto, também é possível ver casas de alvenaria, algumas pintadas,

mas grande parte segue com a cor do reboco do cimento. Além destas, existem várias que se misturam, tanto as de madeira quanto as de cimento e tijolos.

Os terrenos destes bairros parecem ser menores que aqueles do Centro da cidade: praticamente não há um espaço tão amplo em frente as moradias como há naquelas do centro da cidade. As separações de terrenos são muitas vezes feitas por cercas de madeira e há ocasiões em que estas separações não existem.

Os muros, de cimento, quando os há, demarcam as laterais e os fundos dos terrenos. Raros são os muros na parte anterior dos lotes permitindo que as residências sejam facilmente avistadas por aqueles que passam pelas ruas. As construções que se realizam nestes terrenos são muito variadas: vimos casas com telhados triangulares de amianto, mas também existem construções como as *quitinetes* e as *peças*.

Tanto uma construção quanto outra, podem fazer parte de um único bloco retangular. Cada “*quitinete*” ou “*peça*” é separada por paredes que permitem a independência de cada um desses espaços. Estas duas construções se diferenciam bastante uma da outra: uma “*peça*” é o mesmo que um único cômodo, que em geral não possui banheiro. A pessoa que vive em uma “*peça*” utiliza o espaço como uma casa sem divisões, sendo assim num mesmo espaço encontram-se a cama, o armário, a televisão e o DVD (se houver), juntamente com o fogão e a geladeira, por exemplo. Já a “*quitinete*” é uma pequena casa, que geralmente conta com três cômodos: o quarto/sala, uma pequena cozinha e o banheiro.<sup>23</sup>

Nesses bairros era possível observar várias “*quitinetes*” ou “*peças*”: uma construção retangular que possui duas, três e até quatro portas que dão acesso a espaços independentes uns dos outros. Em alguns casos é possível que o observador se confunda, acreditando que tudo se trata de uma única casa, mas ao observar mais atentamente conseguimos diferenciar um espaço do outro, pois em vários casos há tanques de lavar roupas ao lado de cada porta; ou separações de pequenas sacadas que podem vir a compor estes espaços; ou ainda, varais separados no telhado destas sacadas. O que não é possível afirmar com certeza, ao se olhar da rua, é se uma construção se trata de uma *peça* ou *quitinete*, para isso seria necessário entrar em cada uma dessas construções.

Nos bairros São Domingos, São Mateus, Novos Campos e Vila Bela há várias escolas que atendem os estudantes do local. Cada um possui, pelo menos, uma escola. Na AV. São Francisco há

---

<sup>23</sup> Ver no Anexo II as plantas de *quitinetes* e *peças*

um posto de saúde da prefeitura que atende aos moradores desses bairros, realizando-se principalmente consultas médicas. Os exames médicos devem ser realizados no centro da cidade, onde se localizam os laboratórios. É também nessa avenida principal que está o posto da polícia militar.

Além destas instituições municipais, é importante citar um espaço muito frequentado pelas pessoas que vivem nos bairros situados deste lado da BR: a rua Tangará, que separa o bairro São Mateus do bairro Industrial. É nesta rua que aos fins de semana os moradores do local costumam ir se divertir. Durante a semana, no entanto, também há muita movimentação, especialmente durante os fins de tarde, quando os homens se reúnem nos bares para beber e jogar sinuca.

Um dos bares mais conhecido do local é o “Espeto de Ouro “. Ele se localiza no bairro São Mateus, na esquina da avenida São Francisco com a rua Tangará, transversal que liga a avenida principal ao bairro Industrial. Apesar disto é necessário que se faça uma ressalva, pois apesar deste bar estar no São Mateus, todos os moradores de Sorriso dizem que o mesmo está localizado no bairro São Domingos. Com isso verificamos que o São Domingos é um ponto de referência tanto para as pessoas que vivem nos bairros deste lado cidade, como para os que moram do outro lado, como já havia sido destacado anteriormente.

O “Espeto de Ouro “, além de vender bebidas aos fregueses, conta com um salão coberto, situado na frente do balcão do bar, onde as pessoas costumam ir dançar nas noites de fim de semana. Não há paredes separando o salão do bar da rua, mas existe um pequeno muro, mais ou menos na altura dos joelhos, que separa os dois ambientes. Não é necessário pagar para entrar no local. Este bar funciona apenas de noite, mas durante o dia sempre há muitas pessoas ali, principalmente homens que se juntam para conversar ou esperar a passagem do ônibus que os levará para a empresa que trabalham.

Já os bares da rua Tangará funcionam durante todo o dia. Estes bares, em geral, contam com uma mesa de sinuca e algumas mesas onde os clientes podem se sentar. A maior parte é frequentado por mulheres que ficam sentadas nas mesas ou jogando sinuca o dia inteiro. Estas mulheres são, geralmente, prostitutas que, apesar de não ter muito movimento nesses locais durante o dia, ficam a espera de algum cliente. Ao final da tarde é que aumenta a quantidade de possíveis clientes, pois é nesse horário que muitos homens se reúnem nos bares.

É também nestas horas, que as ruas deste lado da cidade se enchem de pessoas saindo do

trabalho, da escola, voltando para casa. A rua Tangará é uma das mais movimentadas, pois, além dos bares, é lá que estão alguns dos mercados onde os moradores do local realizam compras rotineiras. Além dos bares e dos mercados, nesta rua também há lojas de roupas, mais “*bicicletarias*”, farmácias e uma das duas rodoviárias “*clandestinas*” que há desse lado da cidade.

É importante citar essas rodoviárias “*clandestinas*”, pois é através delas que viajam muitos dos “*maranhenses*”. Esses ônibus sempre vão e vêm cheios de passageiros, e pode-se dizer que nos dias de chegada e de partida dos ônibus, estes viajantes também são responsáveis por grande parte da movimentação da rua Tangará. Aos domingos chegam muitos “*maranhenses*” em Sorriso, em busca de trabalho, e às terças-feiras é possível observar vários passageiros se encaminhando aos ônibus que levam ao Maranhão.

Pode-se perceber que deste lado da cidade a movimentação das pessoas pela rua é diferente daquela observada no Centro. Aqui também há carros e caminhonetes circulando, mas caminhões também passam por estas ruas. Outro fator de diferenciação em relação ao Centro é o número de bicicletas que observamos: são muitas transitando por aquele local. Também há muitas motos, sendo utilizadas como transporte pessoal, mas que podem oferecer o serviço de taxi, sendo chamadas de *moto taxi*.

Além da circulação de veículos motorizados e bicicletas, constatamos que a circulação de pessoas nestes bairros é muito maior: se observam mais indivíduos caminhando pelas ruas. As calçadas, quando existem, são muito irregulares, fato que proporciona que os transeuntes utilizem a rua para se locomover. Em dias de muita movimentação, tais como fins de semana a noite, temos a impressão que a avenida São Francisco era disputada por pedestres, motos, carros, caminhonetes e caminhões, até altas horas da madrugada, algo que não se dá nas ruas do outro lado da cidade. Já em dias de semana também há muita movimentação, e ao contrário do que ocorre no Centro, após as 20h00 ainda é possível observar pessoas nas ruas, além de constatar que há moradores reunidos em frente às suas casas conversando, mas por pouco tempo: às 21h00 todos se recolhem às suas residências.

### 2.2.3 “Cidades A” e “Cidades B”

Durante nossa primeira estadia em Sorriso vários bairros haviam sido nomeados, sendo caracterizados como pobres e habitados por “*nordestinos*” (a maioria “*maranhenses*”)<sup>24</sup>, mas até

---

<sup>24</sup> O termo “*nordestino*” é utilizado em entrevistas de pessoas que possuíam cargos importantes na prefeitura, como

então não sabíamos onde os mesmos se localizavam. Somente durante a segunda viagem descobrimos que bairros como São José 1 e 2, Jardim Carolina e União estavam onde deveria estar apenas a “Cidade A”. Sendo assim, tivemos a primeira evidência de que poderíamos questionar a separação entre “Cidade A” e “Cidade B” que havíamos definido no início do trabalho.

Agregamos à esta constatação a observação da movimentação dos informantes, que viemos a conhecer mais tarde, e assim foi possível avaliar a divisão que havíamos realizado entre “Cidade A” e “Cidade B”. Isto porque vários deles transitam por bairros que já haviam sido apontados por funcionários da prefeitura como habitados por “*maranhenses*” e estes bairros se localizam do mesmo lado da BR onde está a “Cidade A”. Bairros como o São José, Jardim Carolina ou Jardim Amazonas são constantemente citados por alguns de nossos informantes que sempre visitam familiares ou colegas de trabalho que vivam nestes bairros.

A partir do momento que acompanhamos de perto a circulação de nossos entrevistados pela cidade comprovamos, também, a existência de diversas “Cidades A”. Vários dos “*gaúchos*” que conhecemos viviam, ou já haviam morado, em bairros como o Industrial, além de ainda manterem relação com seus parentes que seguem naquele local. Com isso, percebemos que mesmo que o bairro Industrial se localize do lado da BR163 onde se está a maior parte do bairros de “*maranhenses*”, ele não compõe a “Cidade B” e sim a “Cidade A”. O bairro Industrial é um dos bairros mais antigos de Sorriso, tendo sido planejado pela Colonizadora Sorriso. A partir disto podemos dizer que este bairro obedece um tipo de organização espacial semelhante àquela encontrada no Centro, ou outros bairros da “Cidade A”, e completamente diferente da organização espacial que encontramos em bairros das “Cidades B”.

Notamos então que a divisão da cidade não se limita àquela feita pela passagem da BR163. Na realidade percebemos que há diversas “Cidades B”, pois algumas se localizam onde estaria apenas a “Cidade A”, ocorrendo o mesmo com a última: onde deveria haver apenas “Cidade B”, também existe “Cidade A”. Desta forma, ao repensar o “recorte” que faríamos para realização da pesquisa, chegamos a conclusão que ao tomar qualquer um dos bairros habitados por “*maranhenses*” como ponto de partida, estaríamos utilizando apenas uma das “Cidades B”<sup>25</sup>. As

---

secretários de agricultura, ou funcionários da secretaria de educação de Sorriso. Percebíamos que utilizavam esta classificação substituindo o termo “*maranhense*”, pois ao fazê-lo mantinham a formalidade da conversa e evitavam a carga pejorativa que se apresenta nesta última classificação, como veremos a seguir. A partir de então notamos que em conversas mais formais se faz uso da classificação “*nordestino*”, ao contrário de conversas mais informais onde “*maranhense*” é mais utilizada.

<sup>25</sup> No caso desta dissertação nos baseamos em apenas um bairro: o Boa Esperança I.

“Cidades A”, por sua vez, não fariam parte de nosso estudo de maneira direta, mas seriam apontadas quando necessário.

### 3. Sobre “*gaúchos*” e “*maranhenses*”

Antes de descrevermos como conhecemos as pessoas que nos ajudariam a realizar esta pesquisa, devemos chamar a atenção para a separação entre “*maranhenses*” e “*gaúchos*” que a todo momento é abordada pelos moradores de Sorriso.

Ainda durante a primeira viagem a Sorriso, tornou-se claro através de diversas entrevistas, tanto na “Cidade A” quanto na “Cidade B”, que as pessoas que vivem em Sorriso observam sua cidade dividida entre “*gaúchos*” e “*maranhenses*”, especialmente quando se referem aos bairros, definindo-os como locais onde moram os “*maranhenses*” ou os “*gaúchos*”.

Ao conversar com nossos informantes nos demos conta que o termo “*gaúcho*” designa aqueles provenientes da Região Sul do país, não se limitando apenas aos indivíduos que nasceram no estado do Rio Grande do Sul. Esta classificação, porém, não é exclusiva de Sorriso, pois a encontramos, utilizada de maneira semelhante, em trabalhos de outros autores que também realizaram pesquisas no Mato Grosso, como SANTOS (1993) e CARDOSO DE OLIVEIRA (1993), que analisaram os projetos de colonização fundiária Terranova e Canarana, respectivamente.

Já os “*maranhenses*” são aqueles que vem das Regiões Norte e Nordeste, sem a obrigação de possuírem origem no estado do Maranhão. Não encontramos autores que trabalharam com esta designação especificamente, mas tivemos acesso ao trabalho de MONBEIG (1984) que observa, nas áreas de expansão do café em São Paulo, no século passado, a utilização de uma classificação social que toma como referência o local de nascimento ou de origem das pessoas. Assim, este autor observa a existência do “baiano”, trabalhador braçal dos cafezais paulistas, proveniente do Nordeste<sup>26</sup>. O interessante neste caso é perceber que apesar das classificações diferentes, a ideia que se possuía, em São Paulo, em relação ao “baiano”, é semelhante àquela que se observa em relação aos “*maranhenses*” de Sorriso: os dois assumem trabalhos que exigem mais força física (o “*trabalho braçal*” como nos disseram diversos informantes), vêm em sua maioria do Nordeste, e não são uma presença desejada no local.

<sup>26</sup> Monbeig também aborda outras classificações sociais no contexto dos cafezais paulistas do início do século passado tais como os “mineiros”, associados a “agricultura de subsistência”; e os “paulistas”, eram aqueles que cultivavam o café. Além dessas classificações, este autor também assinala a diferença entre os “paulistas” como grandes produtores de café, e os “baianos”, trabalhadores dos cafezais.

No entanto, diferentemente do “baiano”, o termo “*maranhense*” não se limita apenas aos trabalhadores envolvidos nas atividades do “agronegócio” existente no município. Na verdade, qualquer pessoa, independente da função, pode ser caracterizada por essa designação, dependendo da maneira como é observada por outros sujeitos. Isto porque os “*maranhenses*” possuem certas características relacionadas à sua aparência física, à forma como se vestem, ou à maneira que agem que geralmente permitem que os mesmos sejam identificados, e o mesmo se percebe em relação ao “*gaúcho*”.

Assim sendo, esta classificação “*gaúchos*”/“*maranhenses*” se assemelha ao que é identificado por CHAMPAGNE (1975) em relação aos camponeses franceses que vão a passar férias na praia<sup>27</sup>. Seus corpos, vestimentas e a maneira como se comportam remetem ao seu trabalho no campo, assim como aos costumes e moral que regem a vida em suas cidades.

Entre aqueles que vieram a se tornar nossos informantes a todo momento escutávamos frases que identificavam atributos físicos, e costumes que se apresentavam entre “*gaúchos*” e “*maranhenses*”. Os primeiros em geral são apresentados pelos nossos informantes, provenientes das Regiões Norte e Nordeste, como “*brancos*”, altos, e geralmente são observados como “*ricos*”. Já os últimos são associados a “*pretos*”, “*baixinhos*” e pessoas “*pobres*”<sup>28</sup>, segundo aqueles entrevistados que vieram da Região Sul.

Além dessas generalizações, ouvimos outras entre moradores do Centro, principalmente “*gaúchos*”, afirmando que os “*maranhenses*” são aqueles que “*não sabem trabalhar*”, “*que só bebem*”, que “*têm um filho de cada casamento*”, isto é, não contam com uma família estável, e ainda são associados a atos violentos. Comportamentos que não existiriam entre os que são originários da Região Sul.

Apesar de reunirmos uma diversidade de características atribuídas à estes dois “grupos”, não nos ativemos a estas classificações<sup>29</sup>, pois as mesmas mostraram-se ineficientes para dar conta da

<sup>27</sup> CHAMPAGNE, Patrick (1975).

<sup>28</sup> A riqueza de “*gaúchos*” é muitas vezes associada a bens como a posse de carros, e de casas de alvenaria. Já os “*maranhenses*” são percebidos através de suas bicicletas e casas de madeira, imóveis não valorizados entre os “*gaúchos*”.

Além do aspecto econômico dessas pessoas não devemos deixar de lado outros hábitos importantes observados como característicos dos mesmos: os *gaúchos* sempre tomam o chimarrão, e os *maranhenses* sempre comem “*farinha de puba*” (farinha de mandioca que passa por um processo de fermentação na água).

<sup>29</sup> Estas e outras classificações encontradas em locais onde o “agronegócio” é percebido como importante são

complexidade que se apresentam nos bairros que conhecemos na “Cidade B”. Descobrimos que ali não vivem apenas “*maranhenses*”, como alguns entrevistados originários da Região Sul haviam sugerido. Na realidade, na “Cidade B” também moram diversas pessoas com origem no sul do país e que poderiam ser consideradas “*gaúchos*”.

Como exemplo podemos citar os donos de moradia localizada no bairro São Domingos. A primeira coisa que nos chamou a atenção foi a casa dessas pessoas, pois a mesma apresenta os padrões de uma residência do Centro da cidade: ela possui o aspecto de nova, é de alvenaria, e além disso, em cima do portão de ferro e dos muros de cimento há uma cerca elétrica, como as que vimos em bairros mais nobres de Sorriso. A dona da casa é do Mato Grosso do Sul e durante muito tempo havia sido empregada doméstica em Sorriso. Esta senhora relatou que foi seu marido quem construiu aquela casa quando trabalhava como pedreiro. Ele tem origem no Paraná e já havia sido casado anteriormente com a filha de um “*fazendeiro*” de Sorriso. Esta senhora não nos disse quem era esse “*fazendeiro*”, mas deu a entender que seu marido havia sido alguém com posses no passado e que após a separação havia perdido tudo, mas agora procurava melhorar sua vida. Este casal era observado como “*gaúcho*” por uma senhora maranhense<sup>30</sup> que era conhecida da dona da casa.

Com isto percebemos que daquele lado da cidade não vivem apenas “*maranhenses*”, e, além disso, não há apenas pessoas “*pobres*” morando nos bairros da “Cidade B”. Apesar de existir um número maior de indivíduos nascidos nas regiões Norte e Nordeste daquele lado, eles não são os únicos naquele espaço, e o mesmo se dá com os “*pobres*”: ali também podem ser encontradas pessoas de poder aquisitivo um pouco mais alto.

Além desta situação também encontramos casos de casamentos entre “*gaúchos*” e “*maranhenses*”<sup>31</sup>, fato que se opõe a existência de um afastamento entre estas duas populações, como muitas vezes nos enunciavam alguns de nossos informantes. Algo que também contraria esta oposição entre “*gaúchos*” e “*maranhenses*” é a existência de laços de amizade entre eles. Isto se tornava mais visível quando observávamos pessoas tidas como “*maranhenses*” indo todas as tardes à casa de informantes considerados “*gaúchos*” para tomar chimarrão.

Outro fato também chamou a atenção em relação à esta oposição “*gaúchos*”/ “*maranhenses*”: a história da formação de Sorriso. Nossos primeiros contatos na cidade deram-se

---

analisadas em HEREDIA, Beatriz A. de, PALMEIRA, Moacir (2009).

<sup>30</sup> Esta senhora é a Dona Morena que mais tarde será apresentada como uma de minhas informantes fundamentais.

<sup>31</sup> No capítulo 2 mostraremos dados sobre as relações sociais que se dão entre “*gaúchos*” e “*maranhenses*”.

com pessoas provenientes do Sul do país e estas afirmavam que o “*gaúcho*” é o responsável pelo crescimento e desenvolvimento do município, pois, como nos disse o chefe de gabinete da prefeitura de Sorriso, ele apresenta “*características culturais*” tais como “*a bravura, a coragem e o empreendedorismo*”.

Quando entrevistamos as primeiras pessoas em Sorriso elas sempre revelavam a existência de alguns “*gaúchos*” observados como “*pioneiros*”, isto é, os primeiros que chegaram a Sorriso e criaram a cidade. Fomos entrevistar alguns dos “*pioneiros*” e eles lembravam como havia sido difícil a chegada a Sorriso, pois ali não existiria nada: as ruas não eram asfaltadas, não havia energia elétrica ou água, e as primeiras habitações eram “*barraquinhos de lona*”, que mais tarde dariam lugar às casas de madeira. Ao mesmo tempo, durante estes relatos era possível perceber que os mesmos se sentiam orgulhosos em ver como a cidade havia crescido e como havia se desenvolvido, mas em nenhum momento ouvíamos falar de “*maranhenses*” na história de Sorriso.

No entanto, não eram apenas os “*gaúchos pioneiros*” que tratavam a história de Sorriso desta maneira, na realidade todas as pessoas com origem na Região Sul observavam a formação da cidade de maneira semelhante: a história da cidade parece “*pertencer*” aos “*gaúchos*”, pois quando a contam eles se apresentam como os únicos “*atores*” da narrativa. Mas uma questão prevalecia: será que os “*maranhenses*” não participaram da construção de Sorriso?

A partir de todas as impressões recolhidas percebemos a necessidade de entender quem são os “*maranhenses*”, isto é, desejamos demonstrar a heterogeneidade de relações sociais que há por trás desta classificação segundo os informantes com quem entramos em contato. Além disto, pretendemos observar: qual seria o papel dos “*maranhenses*” na formação da cidade? Seriam apenas mão de obra na produção de soja, milho e algodão ou os mesmos teriam outro papel na história da cidade? Sendo assim, fomos conhecer nossos informantes.

#### **4. Trabalho de campo: conhecendo os moradores do bairro.**

Ao iniciar o trabalho de campo nos deparamos com a dificuldade de fazer contato com os moradores dos bairros que se localizam do lado oposto ao Centro de Sorriso. Como afirmamos anteriormente, isto se tornou possível após a primeira viagem que a equipe de pesquisadores fez à cidade, quando conversamos com a coordenadora pedagógica de uma escola que se situa em um dos bairros que desejávamos contemplar como parte das pesquisas.

Esta escola, chamada “Flor do Amanhã”, está localizada no bairro Industrial II e atende a crianças que vivem ali e também em bairros vizinhos, como o Boa Esperança I e II e o Fraternidade. Os alunos podem entrar na escola quando completam quatro anos e sair ao final da quarta série. Além das crianças, é comum observar a frequência de pais que vão à escola conversar com a diretora ou a coordenadora pedagógica sobre o comportamento de seus filhos em sala de aula. Contando com estes dados, conversamos com a diretora da escola para que ela nos apresentasse alguns pais de alunos, que já morassem há algum tempo na cidade para, assim, iniciarmos os primeiros contatos e realizar o trabalho de campo

Desta forma, saímos para caminhar pelo bairro Boa Esperança I, localizado em frente à escola. A diretora demonstrava conhecer muitas pessoas que ali vivem, sempre cumprimentava um e outro que passava por nós. A primeira pessoa que nos foi apresentada foi uma senhora chamada D. Morena que, segundo nos informou a diretora, era do Maranhão. Chamamos por ela no portão de sua casa, mas quem nos atendeu foi sua filha Soraya. A residência que observamos é de madeira e possui a impressão de não ser pintada há muito tempo, há muros laterais de alvenaria, sem reboco e uma cerca de madeiras finas à frente da casa, onde está o portão. A casa se localiza próximo a esta cerca, mas há um quintal<sup>32</sup> atrás que visitamos em outra ocasião. Naquela visita, D. Morena estava trabalhando, sendo assim, combinamos de passar ali mais tarde, no horário do almoço, quando ela estaria em casa.

Após esta primeira visita a diretora nos levou a outra casa no mesmo bairro, algumas ruas mais adiante de onde nos encontrávamos anteriormente. Diferente da outra residência, esta conta com um muro rebocado e portões de madeira mais trabalhada, se comparados ao portão da casa de D. Morena. Há também um espaço amplo, à frente do terreno, que separa a casa de alvenaria do portão. Ali vive o Sr. Leôncio juntamente com a esposa e duas filhas, com idades aproximadas de 40, 35, 14 e 12 anos respectivamente, mas no momento que fomos até a casa ele estava sozinho. O Sr. Leôncio é de Jaraguá do Sul, Santa Catarina.. O mesmo nos contou um pouco de sua trajetória: antes de chegar a Sorriso já havia morado em Alta Floresta (MT) trabalhando em um hotel, realizando atividades de marcenaria. Depois de cinco anos foi trabalhar em uma fazenda que pertence ao pai do dono do hotel, e depois veio para Sorriso. Lá continuou trabalhando com marcenaria, mas também “faz serviços gerais”.

Este senhor também nos falou bastante sobre o seu bairro, disse-nos que ali há muitos *maranhenses*, e que a maioria deles quando consegue juntar 10, 15 ou 20 mil reais voltam para casa.

---

<sup>32</sup> Neste espaço D. Morena tem o plano de construir uma casa de alvenaria para ela.

Acrescentou que muitos deles não gastam dinheiro com nada para poder juntar aquelas quantias e “se mandar” para o Maranhão. “Eles trabalham nas fazendas na colheita de soja e ganham R\$ 800,00, R\$600,00 por mês para colher 600 sacas de soja”. Ele nos informou sobre a existência de uma “rodoviária” nas proximidades do bairro Boa Esperança I, da qual sai um ônibus que vai para o Maranhão toda terça-feira, sempre lotado. Mas sempre chegam outros cheios, também do Maranhão. Estes ônibus, no entanto, são descritos pelo Sr. Leôncio como “clandestinos”, e ele afirmou que “estão caindo aos pedaços”. Com estas informações, percebemos que há mais de uma “rodoviária” na cidade e que há um grande número de pessoas que viajam do Maranhão para aquele local.

Segundo nos contou o Sr. Leôncio, entre aqueles “maranhenses”, alguns acabam sendo mortos, pois muitas pessoas ficavam observando a quantidade de dinheiro que eles levam e os abordam para roubar-lhes. Como o Sr. Leôncio relatou, às vezes, em um bar, um desses maranhenses acaba tirando do bolso um “bolo de dinheiro”, para pagar alguma bebida e alguém o nota e acaba roubando e matando o mesmo. Ele nos disse que isso acontece sempre, principalmente perto do “Espeto de Ouro” um lugar onde as pessoas vão para dançar. Este lugar já havia sido citado em outros momentos do trabalho de campo quando começamos a conhecer a cidade: as pessoas que vivem no Centro da cidade haviam se referido ao “Espeto de Ouro” como um local violento. Sr. Leôncio também nos passou esta ideia.

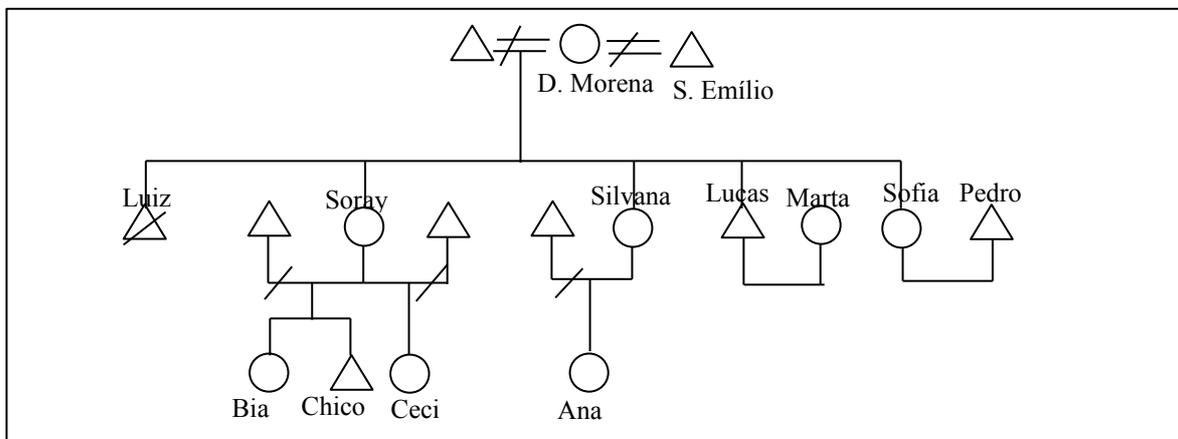
Depois do breve contato que estabelecemos com o Sr. Leôncio, percebemos que naquele bairro também vivem pessoas provenientes do Sul do país e não apenas os “maranhenses”. No entanto ainda não havíamos conseguido contato com estes, e a conversa com o S. Leôncio não demonstrou que o mesmo tivesse contatos mais próximos com esta população.

O contato com alguém do Maranhão se deu ainda no mesmo dia, quando conseguimos conversar com D. Morena. Quando chegamos à casa desta senhora, ela estava sentada assistindo televisão. D. Morena tem 50 anos de idade, estatura baixa, cabelos pretos, bem anelados, sempre presos. Mais adiante, estava um homem que tampava as rachaduras do chão de cimento da casa. Este se chama Emílio e segundo D. Morena ele é um “vizinho” e “grande amigo” dela, que sempre a ajuda quando necessário. Emílio também é baixo e mais novo que D. Morena, aparentado uns 45 anos. Além dele também estavam na casa três crianças, netos de D. Morena, e sua filha mais velha, Soraya. Uma jovem com 27 anos, de estatura baixa como a mãe, cabelos mais claros e também presos. Esta se encontrava na cozinha dando almoço para as crianças, seus filhos.

Logo que nos apresentamos D. Morena relatou que vive em Sorriso desde 1996 e que gosta muito do local porque, de acordo com suas palavras, “foi uma cidade que me acolheu”. Ela nos disse que nasceu em Codó, no Maranhão, mas ainda criança foi para Imperatriz, cidade onde permaneceu durante 23 anos. Lá se casou e teve seus cinco filhos. Quando se separou foi para o Mato Grosso, mais exatamente para cidade de Matupá, a convite de sua irmã que vivia ali. Ela foi para lá com seus filhos em 1994, e dois anos depois, foi com eles em direção a Sorriso.

D. Morena nos contou que três de seus filhos vivem em Sorriso, mas apenas Soraya, a mais velha, vive com ela. Segundo a mãe a moça apresentava problemas mentais. Soraya tem três filhos: um menino de 4 anos e duas meninas, com 6 anos e 1 ano. Todos vivem na casa de D. Morena. Os outros dois, uma filha e um filho, são casados e vivem em bairros próximos, no São Mateus e no Industrial I. No momento que fizemos a primeira entrevista com D. Morena, a sua filha mais nova vivia no estado do Pará com seu marido, que foi chamado para trabalhar lá<sup>33</sup>. Depois deste momento D. Morena revelou que seu filho mais velho morava com ela, mas o mesmo havia sido assassinado há pouco tempo. (Para visualizar melhor a família desta senhora construímos o Diagrama 1).

**Diagrama 1: Árvore Genealógica da família de D. Morena**



Logo após estas informações D. Morena nos disse que é costureira, ou “autônoma” como ela mesma se identificou de início. Ela aluga uma sala na Av. São Francisco, onde tem suas máquinas de costura. Além disto, nos revelou que também estuda à noite em uma escola estadual que se localiza no bairro Novos Campos.

O Sr. Emílio, que também se encontrava ali, participou brevemente da conversa, tendo sido

<sup>33</sup> Pouco tempo depois esta situação se modificaria, pois a moça voltou para Sorriso com seu marido que não quis continuar trabalhando no Pará.

apresentado brevemente por D. Morena: ele também é do Maranhão e contou-nos que chegara a Sorriso antes da senhora. D. Morena nos disse que ele é seu “*amigo e vizinho*” e que atualmente “*está encostado*” pelo INSS, isto é, não pode trabalhar e recebe pensão. Isto se deu porque sofreu um acidente de trabalho e quebrou os pés enquanto construía um silo de grãos em 1997, ele caiu do teto daquela construção. D. Morena contou que nessa época ela ficou cuidando do Sr. Emílio.

Durante a entrevista obtivemos vários dados sobre a vida daquela senhora ali no bairro e em Sorriso. Ela nos forneceu várias impressões sobre o local onde mora e a cidade em si. Resolvemos então voltar a conversar com ela em outros momentos, para que nos apresentasse a vizinhos e pessoas com as quais mantinha contato. Sr. Emílio foi um contato interessante a ser estabelecido, pois ele também poderia nos apresentar a outras pessoas que, assim como ele e D. Morena, vivem em Sorriso há muitos anos.

Passamos então a ir à sala onde D. Morena trabalha e acompanhamos mais de perto sua rotina. Desta maneira entramos em contato com sua filha mais nova, Sofia, que havia vindo do Pará recentemente para tratamento de saúde. Sofia também é de estatura baixa, cabelos bem pretos sempre presos. Ela tem 22 anos. Em sua estada em Sorriso ia todos os dias ao trabalho da mãe, ajudando-a nas costuras. Durante o período que estava na cidade dormia na casa da mãe de seu marido Pedro. Este estava no Pará trabalhando em uma fazenda de gado. Sofia havia nascido em Imperatriz, Maranhão, mas possui mais lembranças de Matupá e Sorriso, no Mato Grosso, do que de sua terra natal. Ela afirma que não conhece o Maranhão, apesar de ser de lá e se identificar como *maranhense*.

Na sala de costuras também conheci, Marta, esposa de Lucas, o filho mais novo de D. Morena. Ela é bem jovem, tem 20 anos, pele escura, cabelos lisos bem pretos e é nascida em Foz do Iguaçu, Paraná. Esta moça estava grávida e também ajudava D. Morena com as costuras, mas não trabalhava todos os dias lá. Na realidade Marta aparecia quando Sofia ia chamá-la. As duas moças haviam sido colegas de escola e, já se conheciam do bairro São Domingos, quando foram vizinhas. O fato de terem se conhecido antes serviu para fortalecer ainda mais os laços entre as duas, principalmente quando Lucas, irmão de Sofia, se casou com Marta.

Além das noras, D. Morena me apresentou à algumas outras senhoras. A primeira a ser apresentada foi D. Clotilde, sogra de Sofia, que é considerada por D. Morena como sendo “*de sua família*”. D. Morena, sempre visita a amiga, especialmente após a vinda de Sofia do Pará. É comum as duas senhoras compartilharem o chá mate no fim da tarde, antes de D. Morena ir para a escola. A

segunda mulher foi D. Judith, apresentada como uma “vizinha” por D. Morena.

Para conhecer D. Clotilde passei uma tarde inteira na sala de costura com D. Morena, Sofia e Marta. Somente no fim do dia, quando terminaram o trabalho na salinha é que se encaminharam para o bairro Boa Esperança I, onde vive D. Clotilde.

A primeira coisa que vimos ao chegar à casa da senhora que me iria ser apresentada é o muro de alvenaria, na frente da casa, onde se encontra um portão de ferro por onde passamos para entrar no local. Ao lado se encontra outro portão, um pouco maior, também de ferro, que dá acesso à garagem da casa, onde é guardado o carro da família. Ao entrarmos no local nos deparamos com um pequeno jardim que fica bem na frente da residência. A casa de D. Clotilde é de alvenaria, as paredes são pintadas de branco, mas as manchas antigas que existem nas paredes denunciam que o local não é pintado há algum tempo. O piso da casa é de *cerâmica*, diferente daquele encontrado na casa de D. Morena. Logo atrás da casa há uma área onde tem um fogão à lenha<sup>34</sup>, uma pia de lavar louça e uma mesa com alguns bancos. Atrás da casa, que poderia ser um quintal, há um barracão de madeira onde se encontra o tanque de lavar roupas, um pequeno quarto que serve de lavanderia e o banheiro da casa.

Chegamos lá e fui logo apresentada por Sofia. D. Clotilde é uma senhora de 44 anos e vive com seu marido Adonias, de 48 anos que. Ele sofreu um derrame e não consegue realizar atividade alguma sem o auxílio de D. Clotilde. No período em que estava em Sorriso Sofia ficava nessa casa. Porém, com o retorno de seu marido Pedro, que é filho de D. Clotilde, Sofia passa a morar permanentemente ali.

Tomamos o mate da tarde na varanda da frente da casa enquanto conversávamos sobre Pedro. D. Clotilde lamentava o fato de seu filho não estar vivendo ali, pois ele poderia resolver alguns problemas que esta senhora enfrentava em relação ao carro do Sr. Adonias. O carro é velho e necessitava de muitos consertos. D. Clotilde temia ser enganada pelo mecânico e dizia que isto não aconteceria com seu filho, sendo assim, sentia que Pedro poderia resolver esta questão para ela, ao mesmo tempo em que lamentava o fato do mesmo não estar em Sorriso.

D. Morena não ficou muito tempo ali, pois tinha que ir à escola, mas eu permaneci um pouco mais. D. Judith contou que é de Cascavel, no Paraná. Mais tarde passou por Sinop e foi para o Pará, onde conheceu seu marido. Ele é do Maranhão e trabalhava no garimpo no Pará: foi lá que o

---

<sup>34</sup> É necessário chamar a atenção que não existe apenas esse fogão na casa, também há um a gás que está na cozinha.

casal se conheceu. Após muitos anos vivendo no Pará o casal se mudou para Sorriso (MT), em 1999.

Depois de ter estabelecido este contato, fomos quase que diariamente àquela casa, no início com a companhia de Sofia, depois passei a ir sozinha. Com isto pude acompanhar como se organiza aquela unidade residencial e como pessoas como D. Clotilde se relacionam com o bairro.

D. Judith, a segunda pessoa apresentada por D. Morena, tem uma história peculiar. Ela trabalhava na festa da comunidade Navegantes, pertencente ao município de Sorriso. A professora Ana Cláudia, pesquisadora da equipe, havia estabelecido contatos anteriores com alguns dos produtores da comunidade e havia combinado de ajudar na realização da festa. Quando chegou lá reconheceu D. Morena e através desta conheceu D. Judith: as duas mulheres haviam sido contratadas para trabalhar na cozinha durante a festa. A pessoa que as contratou é uma senhora chamada Carmem, conhecida por ser dona de uma papelaria no Centro da cidade, a “Camping e Aventura Gaúcha “. Mais tarde descobrimos que ela é “**patroa**”<sup>35</sup> do Centro de Tradições Gaúchas (CTG).

Como não eu não estava presente na festa, pois estava realizando trabalho de campo em outra festa que ocorria concomitantemente com a que acontecia na comunidade de Navegantes, a professora Ana Cláudia me passou essas informações, e através destas, fui até D. Morena e pedi que me apresentasse D. Judith, ela pediu à sua filha Soraya me levasse à casa de D. Judith.

O muro é de alvenaria onde está fixado um único grande portão de ferro, que permanece semi-aberto. A casa de D. Judith é de madeira, mas parece mais nova que a de D. Morena e de D. Clotilde, pois se nota que é recém pintada. O piso é de cerâmica, assim como na casa de D. Clotilde. Tudo possui a atmosfera de novo no interior da residência, destacando-se os eletrodomésticos tais como: a televisão, o aparelho de som e a geladeira. Ao lado da casa há uma garagem onde se encontra o carro da família, um Gol branco que não parece ter mais de 6 anos. No fundo do terreno existe outra casa, onde mais tarde soube que viviam os sogros de D. Judith.

Assim que chegamos lá, Soraya chamou por D. Judith e foi logo embora. Sendo assim, me apresentei lembrando àquela senhora que Ana Cláudia a havia conhecido na Comunidade de Navegantes. Depois de explicar o objetivo da pesquisa começamos a conversar. No entanto a

---

<sup>35</sup> Isto significa que D. Carmem é esposa do “*patrão*” do CTG, posto que poderia ser equivalente a presidente de um clube.

mesma não se encontrava sozinha, pois ela estava fazendo suas unhas no momento da visita. Desta maneira entrei em contato, também, com Gabriele, a manicure, que mora no bairro Boa Esperança I. Estavam presentes ainda a mãe de Gabriele, D. Mara e outra moça chamada Alva. Sobre esta última não obtive muitas informações, porém, mais tarde descobri que se tratava de uma vizinha de Gabriele e de D. Mara. As duas haviam ido ver algumas das roupas que D. Judith vende e aproveitaram para conversar sobre possibilidades de trabalho para Alva, que havia chegado do Maranhão há pouco tempo.

D. Judith é uma senhora de 46 anos, que nasceu em Imperatriz, no Maranhão. Ela já havia morado no estado de São Paulo, depois foi para o estado do Pará e mais tarde foi para o Mato Grosso, onde viveu em lugares diferentes antes de chegar a Sorriso: Apiacás, Alta Floresta e Peixoto de Azevedo. Vive em Sorriso há mais ou menos 12 anos, atualmente vive com seu marido, de aproximadamente 40 anos e o seu filho caçula de 8 anos. Também tem outro filho, do primeiro casamento, ele tem 30 anos, é casado e vive com esposa e quatro filhos em uma casa localizada no mesmo bairro, Boa Esperança I.

Também havia outras mulheres na casa e aproveitei para obter algumas informações delas. Gabriele tem 31 anos, nasceu em Zé Doca, no Maranhão e com mais ou menos 10 anos foi com sua mãe para o Mato Grosso, para cidade de Peixoto de Azevedo. Chegou a Sorriso em 1994 e que vive no mesmo bairro que D. Judith, com seu marido, uma filha de 15 anos e um filho de 1 ano.

A mãe de Gabriele contou que é de Itapecuru Mirim, no Maranhão. D. Mara tem 53 anos e tem cinco filhos. Já havia morado em Peixoto de Azevedo, no Mato Grosso antes de chegar a Sorriso em 1994 e atualmente vive com seu marido e seu único filho homem.

Alva foi a única que não falou muito sobre si e a conversa das mulheres passou para assuntos relacionados ao Maranhão, especialmente as viagens de ônibus. D. Judith dizia que nunca havia viajado nos ônibus clandestinos enquanto que D. Mara e a Alva contavam suas experiências nos mesmos. Depois de certo tempo Alva e D. Mara foram embora e Gabriele e D. Judith passaram a conversar sobre suas experiências de trabalho nas casas de pessoas importantes da cidade. D. Judith contava que sempre é chamada para trabalhar nas festas dos *fazendeiros* de Sorriso, fazendo *diária*, isto é, sendo paga para realizar diversos serviços por dia de festa, tais como limpar terrenos, lavar verduras e panelas, cozinhar. Já Gabriele contou sua experiência de trabalho na casa da família Laurin, uma das mais importantes da cidade.

Durante este primeiro contato com estas mulheres pude ter acesso a uma gama de informações muito interessantes em relação à forma como elas se relacionam, e através das mesmas pude ter acesso a outras que também vivem no bairro. Passei a encontrar D. Judith pelas ruas do bairro constantemente, pois ela sempre vai à casa de outras pessoas para realizar as cobranças das roupas que vende, sendo assim, depois de certo tempo quando a via na porta de uma casa já parava para conversar com ela e em seguida conversava com a pessoa com a qual estava dialogando.

Este tipo de situação se deu, por exemplo, quando conheci D. Suzana, a outra senhora da qual D. Morena tinha o hábito frequentar a casa. Ela também vai lá tomar o chimarrão da tarde, mas nem sempre era possível, pois D. Suzana dificilmente estava em casa. Para entender melhor como se dão as relações entre vizinhos observei a necessidade de conhecer D. Suzana, mas era muito complicado conseguir um encontro com ela, pois ela quase não ia para sua casa e, ao mesmo tempo, não era sempre que D. Morena tinha disponibilidade de me apresentar sua “vizinha”. Foi então que uma tarde, ao passar por uma rua do bairro vi que D. Judith estava à porta de D. Suzana, conversando com ela. Cheguei perto e passei a conversar com D. Judith que imediatamente me apresentou a D. Suzana. Desta maneira entrevistei esta senhora. D. Suzana contou que nasceu em Cascavel, no Paraná e foi para o Mato Grosso em 1983, primeiramente para o município Nova Ubiratã. Somente em 1988 foi para Sorriso. Através desta senhora obtive dados que complementaram outros referentes às relações de vizinhança, além de informações sobre a formação de Sorriso e do bairro Boa Esperança I.

Além de D. Suzana, D. Judith também permitiu que conhecêssemos a outra vizinha, que por sua vez permitiu que eu fosse à casa de Gabriele. Vejamos como isto se deu. Gabriele estava fazendo as unhas de D. Judith e quando acabou foi embora. A manicure havia esquecido uma ferramenta de trabalho. Como permaneci na casa de D. Judith entrevistando-a, me propus a entregar à Gabriele sua ferramenta, quando saísse de lá. Eu não sabia como chegar até a sua casa, então D. Judith falou com sua vizinha que mora de frente, para me levar até a casa da manicure. Esta vizinha, chamada D. Alice, já estava indo para lá de qualquer maneira, pois a mesma havia marcado de fazer as unhas com Gabriele, sendo assim, eu a acompanhei. Assim também conheci Alice e descobri onde vive Gabriele.

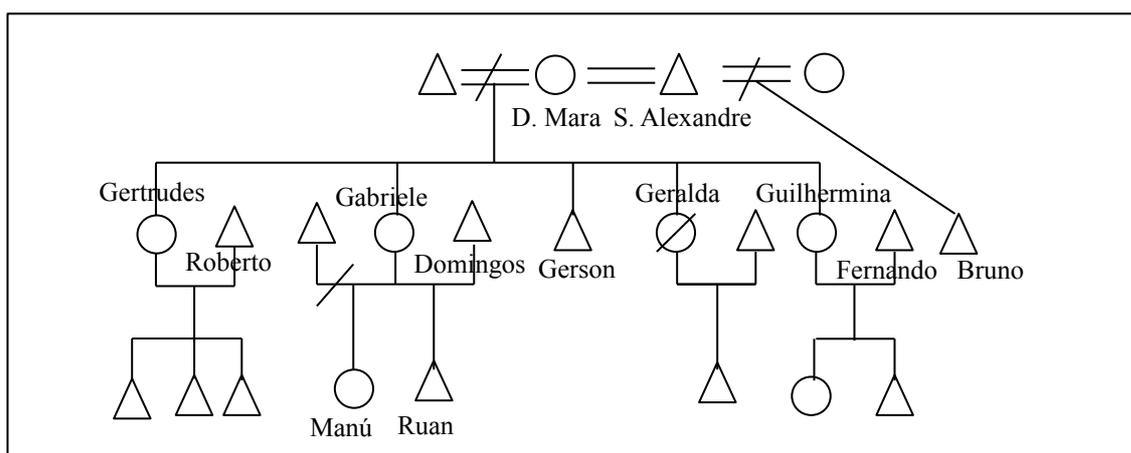
A residência de Gabriele está em uma rua paralela à que vivem D. Judith, D. Morena e D. Suzana. No momento em que fiz esta visita não percebi, somente mais tarde notei Gabriele mora na mesma rua de D. Clotilde. A casa da manicure é de madeira e não possui pintura alguma, na parte da frente há uma cerca e um portão também de madeira. Na lateral da casa há uma área coberta

onde há uma porta que permite o acesso à cozinha. Naquele primeiro momento, no entanto, não vi o restante da residência, pois permanecemos na área, onde Gabriele atendeu D. Alice.

Logo que chegamos entreguei a ferramenta de trabalho de Gabriele que agradeceu e me incentivou a realizar uma entrevista com D. Alice. Esta senhora nasceu em Codó, mas se criou em Bom Jesus da Selva, dois municípios do Maranhão. No ano de 1998 foi para Sorriso com seu marido. Ao mesmo tempo em que D. Alice contava sobre sua vida, Gabriele também revelava dados sobre seu cotidiano: falavam sobre como chegaram a Sorriso, como era o bairro quando ali chegaram, quais os vizinhos que costumam visitar ou que as visitam, que tipo de trabalho os maridos realizaram quando chegaram à cidade em que trabalham atualmente. A partir de então D. Alice e Gabriele passaram a ser pessoas com quem eu voltaria a conversar em outras oportunidades.

A partir deste contato inicial pude ir à casa de Gabriele quase todos os dias. Muitas vezes almoçava ou jantava lá. Desta maneira obtive acesso a outros componentes da “*família*” de Gabriele, como o seu marido Domingos, a filha, adolescente, Manu, além dos seus irmãos e do seu padrasto, o Sr. Alexandre. Também foi possível aprofundar um pouco mais o contato com a mãe de Gabriele, D. Mara, que eu já havia conhecido. Logo abaixo podemos ver o Diagrama 2, onde apontamos a família de D. Mara.

**Diagrama 2: Árvore Genealógica da família de D. Mara**



Ao passar as tardes com Gabriele em sua casa pude acompanhar parte de sua movimentação no bairro. Uma das coisas que ela e sua filha mais fazem é ir à casa de D. Mara. Porém, elas não são as únicas, pois a irmã mais velha de Gabriele, Gertrudes, também esta sempre lá. À tardinha, por volta das três horas, as irmãs vão à casa de sua mãe e juntamente com D. Mara e o Sr. Alexandre

formam uma roda em frente à residência e começam a conversar. Aos poucos algumas vizinhas vão se agregando ao grupo inicial. Entre elas se encontra Alva, a mulher que havíamos conhecido na casa de D. Judith, e Marisa, irmã de Alva, juntamente com as filhas pequenas. Além delas também estão constantemente lá D. Jurema, D. Ludmila e D. Camila.

Gabriele vive ao lado de Gertrudes, que por sua vez tem sua casa ao lado da de sua mãe, D. Mara. Alva e Marisa vivem em uma casa localizada atrás da residência de Gertrudes. Elas compartilham o espaço com o marido de Marisa, as duas filhas e mais um irmão de Marisa e Alva. O local onde moram é alugado e pertence ao marido de Gertrudes, o Sr. Roberto.

D. Jurema vive com seu marido, o Sr. Manoel e seu filho de 14 anos na mesma rua que D. Mara, duas casas mais adiante, se seguimos em direção a Via Celeste. D. Ludmila possui sua casa em uma das ruas transversais à rua de D. Mara, na qual vive com seu marido Sr. Gomes, e três filhos de 15, 14 e 12 anos. Por fim, D. Camila que mora com seu marido, o Sr. Rodrigo e o filho de 19 anos, em frente à escola “Flor do Amanhã” em uma das ruas paralelas à de D. Mara.

Todas essas mulheres foram apresentadas como “vizinhas” por D. Mara, mas após algum tempo notamos que os nomes de D. Jurema e D. Ludmila e seus respectivos maridos vêm acompanhados da designação “*comadre*” e “*compadre*”, isto é, D. Mara sempre se referia a D. Jurema, por exemplo, como “*comadre Jurema*”. Com isto, soube que D. Mara e S. Alexandre são compadres de D. Jurema, S. Manoel, D. Ludmila e S. Gomes. Esta observação permitiu perceber a diferença que existe nas relações entre “*compadres*” e entre “*vizinhos*”, pois notei que D. Mara se relacionava de maneira distinta com suas comadres e com suas vizinhas.

As pessoas que sempre estão na frente da casa de D. Mara não se reúnem no interior da mesma e sim do lado de fora, num espaço que existe na frente da residência. Ali há uma árvore que fornece sombra durante toda a tarde, embaixo da qual se colocam alguns bancos e cadeiras de madeira. Não há muros nem portões em frente da residência, mas há uma pequena varanda de alvenaria onde as pessoas também têm o hábito de se sentar para conversar com os que ficam sob a árvore.

O interessante deste lugar é que não há outro espaço no bairro como este: não se vê aglomerações de mulheres em frente da casa de ninguém. Isto, no entanto, não significa que homens não estão presentes ali, mas eles não são a maioria. Alguns dos maridos daquelas mulheres passam ali e conversam um pouco, mas logo se vão, excetuando-se o Sr. Alexandre, que é dono da casa. Os

homens se reúnem em outros espaços como os bares que existem no bairro, mas estes locais não foram contemplados na pesquisa, pois minha inserção se deu através de mulheres que não possuem o hábito de frequentá-los.

É necessário ressaltar que os homens não se reúnem apenas nos bares. Alguns deles tais como Sr. Roberto, o Sr. Rodrigo, e o Sr. Alexandre, passam bastante tempo em outro lugar, ao lado deste: O “Pau da Fofoca”. Este local agrega mais homens e se situa na mesma rua, especificamente em frente à cerca da residência de uma das comadres de D. Mara, a senhora Jurema. Ali quem é observado por seus vizinhos como o sujeito principal do local é o Sr. Manoel, marido de D. Jurema. O “Pau da Fofoca” também foi outro espaço que passei a frequentar no bairro, tendo sido levada até lá por Manu, filha de Gabriele. Com este contato pude conhecer mais pessoas que vivem no bairro, além de saber “fofocas” sobre os moradores daquele lugar.

Ainda sobre a roda de conversa que se forma em frente à casa de D. Mara pode-se destacar outra particularidade: um observador que não preste atenção, poderá acreditar que aquele espaço se localiza na rua, pois não há um muro, ou cerca de delimitação. Isto, porém, não é correto. Ali ainda é a casa de D. Mara e para participar daquele espaço é necessário que se conheça alguma das pessoas que ali estão. Se isto não ocorrer, dificilmente conseguirá participar da conversa.

A partir do momento que passei a frequentar aquela roda de conversa praticamente todos os dias, D. Mara me chamou para que a acompanhasse em um dia que ela sairia para realizar as cobranças correspondentes às mercadorias que vende. Foi interessante observar que aquela mulher andou por vários bairros daquele lado da cidade, mas no fim desejou me apresentar à sua irmã, a senhora Ana. Fomos até sua casa, no bairro São Mateus, mas ela não estava, quem se encontrava lá era o seu marido, o Sr. Rodrigo. Desta maneira, estabeleci contato com mais uma pessoa. Mais tarde, naquele mesmo dia, conheci D. Ana. Ela havia ido à casa de sua irmã para se despedir, pois D. Mara estava de viagem para o Maranhão para visitar suas outras irmãs que lá vivem. Com isto pude regressar sozinha à casa de D. Ana e Sr. Rodrigo para entrevistá-los.

Depois de algum tempo, conheci outras comadres de D. Mara, as senhoras Raimunda e Marina. Estas não estavam sempre na roda de conversa de D. Mara, ao contrário, apareciam ali muito raramente. Apesar de sempre serem citadas por D. Mara e pelo Sr. Alexandre quando os mesmos contavam como era a vida em Sorriso na época em se mudaram para lá. O casal não foi responsável direto pelo meu contato com D. Raimunda e D. Marina. Para conhecer a primeira contei com o auxílio do Sr. Manoel: foi ele quem me apresentou à D. Raimunda. Às vezes esta

também vai ao “Pau da Fofoca” nos fins de tarde, pouco antes de fazer o jantar, mas apenas quando está em Sorriso, pois D. Raimunda fica muito tempo no seu “sítio”, localizado no município de Cláudia (MT), junto com seu marido e seu filho mais novo.

Já o contato com D. Marina se deu por outra via. Ao conversar com Sofia, filha de D. Morena, descobri que D. Marina é madrinha de Soraya, sua irmã mais velha. Somente após algum tempo percebi que esta senhora era a mesma pessoa que tantas vezes o Sr. Alexandre e D. Mara haviam citado. Como D. Mara havia viajado para o Maranhão, falei com Soraya para que ela me apresentasse sua madrinha, D. Marina. No entanto, o contato com esta senhora demorou um pouco, pois ela havia viajado e ficou mais de um mês na casa de sua mãe, em Santa Inês, no Maranhão e, quando voltou, passou a fazer caldos e refeições para vender em uma barraca montada nas ocasiões das festas e feiras que se realizam em Sorriso.

Como se observa através deste relato sobre como conheci meus informantes, sempre foi necessário que alguém me apresentasse a uma pessoa conhecida para que fosse possível iniciar as entrevistas. Quando eu pedia que me apresentassem alguém para realizar a pesquisa, os moradores contatados sempre sugeriam primeiro seus familiares, ou alguém que considerassem “*da família*”. Após este momento passavam a apresentar seus “*vizinhos*” que, em muitas situações, são compadres deles, e somente após este momento chegava aos “*vizinhos*” propriamente ditos.

No entanto, é verdade que nem sempre a pesquisadora esperava que os primeiros informantes apresentassem as pessoas com quem mais mantinham contato. Como aconteceu no caso de D. Suzana, vizinha de D. Morena. A última não conseguia me apresentar a primeira, então, quando vi D. Judith conversando com D. Suzana fui até lá com a intenção de ser apresentada à mesma. Desta maneira consegui entrevistar D. Suzana. Ocorreu algo semelhante quando passei a participar das rodas de conversa na casa de D. Mara: como lá vão muitas mulheres, conheci todas ao mesmo tempo, somente após certo período passei a notar as diferenças nas relações sociais que se estabelecem entre os que participam daquela roda. De qualquer maneira, é necessário entrar em contato com um novo informante através de outra pessoa conhecida por mim e por ele, do contrário é muito difícil estabelecer esta nova relação.

Ao conhecer vários moradores do bairro foi possível observar melhor o comportamento das pessoas que vivem ali, como se dão as relações de vizinhança e compadrio, além de perceber como as famílias se organizam no interior de suas unidades domésticas. Acompanhar este cotidiano permitiu perceber algumas diferenças entre as mulheres que se relacionam com D. Morena e D.

Mara. Enquanto D. Morena se relacionava com menos mulheres que não pertencem ao seu círculo familiar, D. Mara permitiu que obtivéssemos acesso a várias vizinhas e comadres através daquelas rodas de conversa em frente à sua casa.

O comportamento mais comum entre as mulheres no bairro é justamente aquele apresentado por D. Morena e aquelas com quem esta se relaciona, isto é, não é comum observar tanto movimento em uma casa, como acontece na de D. Mara. Porém, esta movimentação foi importante para que a pesquisadora conseguisse conhecer diversas *vizinhas* e *comadres* de D. Mara, além de perceber que, entre aquelas que participam das rodas de conversa, nenhuma compõe a rede de relações sociais de D. Morena.

D. Morena e D. Mara se conhecem, mas não vão à casa uma da outra. Quando eu comentava de uma para a outra sempre me diziam que se conheciam, mas se eu não realizasse tal questionamento, a impressão que tínhamos é que a primeira nem sabe da existência da última. Isto mostra como as duas mulheres, apesar de conhecerem pessoas em comum, não partilham da mesma rede de relações de proximidade.

Percebemos que durante o trabalho de campo havíamos mapeado algumas “redes”, no sentido utilizado por Bott<sup>36</sup>. Mas, ao mesmo tempo, notamos que algumas mulheres nos apresentaram mais pessoas que outras. Estas mulheres foram D. Mara e D. Morena. Assim, decidimos que iríamos analisar as “redes” de relações sociais que contavam com essas duas mulheres como pontos de referência principal.

É necessário notar a visão feminina será privilegiada, pois foi através das mulheres que se deu boa parte do trabalho de campo. Isto não significa que os homens serão excluídos do processo, pois trabalharemos com os maridos, ex-maridos e filhos dessas mulheres. Eles são essenciais para analisar como se organizam internamente as unidades de residência, além de perceber como se dão as relações entre vizinhos e comadres, outro assunto a ser tratado no segundo capítulo. Antes disso, porém devemos descrever o bairro Boa Esperança I, local onde moram D. Mara e D. Morena, pois desta maneira verificaremos como se apresenta o cotidiano dos moradores deste bairro.

---

<sup>36</sup> BOTT, Elizabeth. (Op. Cit.)

## 5. Bairro Boa Esperança I

Este bairro se localiza atrás de um grande armazém de grãos (soja ou milho), ou “*secador*”, como dizem os moradores do local. Os bairros vizinhos a este são o Industrial I, a noroeste; o Industrial II e o São Domingos a sudoeste; e o Boa Esperança II, o Fraternidade I e II ao nordeste. A sudeste se localiza a Via Celeste, estrada estreita de terra que leva a “fazendas” situadas em “comunidades” distantes da sede do município, seguindo em direção ao nordeste. Ao longo desta estrada há uma mata fechada, sendo assim, pode-se dizer que Boa Esperança I faz limite com a mesma.<sup>37</sup> Ele possui duas ruas paralelas e cinco transversais. Originalmente o número total de lotes que compunha o mesmo era de cento e trinta e quatro (134), não obtivemos dados atualizados sobre isto. Sendo assim este número servirá como referência para o tamanho do bairro.

Suas ruas são de terra e irregulares, cheias de caminhos abertos pelas águas que passam pela rua na época das chuvas, de novembro a meados do mês de abril. Não há ruas asfaltadas. Devido a este fato, durante o período da seca, de maio a outubro, a prefeitura envia caminhões de água para molhar as ruas, evitando que quando passem automóveis, caminhões e motos, a poeira levante. Estes caminhões não passam o dia todo, geralmente o vão para o bairro no início da manhã e no final da tarde.

Há uma centena de moradias no local. Muitas das quais são de madeira. Há muito tempo não são pintadas, ou que permanecem sem pintura, somente com a cor da madeira. Outras casas são construídas tanto com madeira quanto com materiais de alvenaria. Porém, também há residências de alvenaria, que podem ser coloridas, mas que parecem não ser pintadas há muito tempo; e há aquelas que não foram pintadas, mostrando a cor cinza do cimento em suas fachadas, quando rebocadas. Apesar de serem muito poucas, há residências que deixam algumas paredes com tijolos a mostra.

As moradias não têm grandes áreas à sua frente e em geral possuem áreas na parte posterior dos lotes, onde podem construir outras casas, quartos ou *peças* para alugar, ou em alguns casos para ceder a componentes da família.

Estas casas possuem terrenos menores que aqueles descritos como pertencentes ao centro da cidade. As residências parecem mais próximas umas das outras, havendo pouca distância entre elas. Há casos de lotes que não possuem nenhum tipo de muro ou cerca que demarque os espaços dos mesmos, dando a impressão de ser um único lote com várias casas.

---

<sup>37</sup> Ver Anexo III: Boa Esperança e seus arredores.

É interessante observar que estes terrenos que não são demarcados, em várias ocasiões, são utilizados como lugar de passagem por crianças que vão e vêm das escolas próximas ao bairro. Como o Boa Esperança I é vizinho dos bairros Boa Esperança II e do Fraternidade, localizados logo atrás do primeiro, muitas crianças, moradoras dos bairros citados, cortam caminho para suas casas passando pelos espaços que há entre as residências que não possuem cercas ou muros.

Os muros laterais dos lotes, quando existem, são geralmente de alvenaria, e muitas vezes as paredes das casas vizinhas estão encostadas, ou muito próximas, aos mesmos, dando a impressão de casas grudadas umas às outras. Há outras casas porém que têm seus muros frontais de alvenaria, com grades de ferro servindo como portão. Outros terrenos contam com cercas de madeira ao seu redor, mas há aqueles que possuem muros de alvenaria e portões de madeira, ou ainda madeira à frente da casa e muros de tijolo aos lados e nos fundos do lote.

Neste bairro também existem *peças*, *quartos*, *quitinetes* e casas para alugar. Os quartos geralmente se localizam no mesmo terreno onde está a casa do dono do imóvel, mas são espaços diferenciados: a casa do proprietário é separada dos quartos de aluguel.

Uma das casas que visitei e aluga *quartos* é da seguinte maneira: a casa dos proprietários se localiza no fundo do terreno, é em formato retangular e toda de alvenaria, mas não havia sido pintada e possui a cor cinza do cimento que cobre os tijolos, dando a impressão de recém construída. Na realidade a casa já têm três anos, pelo menos. Os *quartos* de aluguel estão em outra construção retangular, avistada logo que se entra no lote, do lado esquerdo do mesmo. Ali há quatro *quartos* e um banheiro, que é utilizado por todos os inquilinos. Estes são espaços independentes, havendo uma porta para cada um deles. Os *quartos* aparentam ser um pouco menores que as *peças* que tive oportunidade de conhecer, não havendo espaço para outra coisa a não ser uma cama e um armário.

Existe pelo menos mais um lugar no bairro onde se alugam *quartos*. É possível identificá-lo devido a placa que há à sua frente anunciando o aluguel de quartos. Este local é construído de madeira, pintado de verde, mas em alguns pontos a tinta está saindo, mostrando as cores anteriores da construção. Esta é em formato retangular com apenas um patamar, dando a impressão de ocupar todo o terreno. Em frente a fachada do prédio, há uma grande árvore que fornece sombra durante toda a tarde para aqueles que se sentam nos dois bancos retangulares de madeira dispostos abaixo da mesma. Nesta edificação há uma única entrada, exatamente no meio da mesma, que dá acesso a

um corredor onde é possível observar várias portas, dispostas lado a lado, tanto de um lado do corredor quanto do outro. Atrás daquelas portas estão os *quartos*.

Além dos *quartos*, também se existem, no bairro, *peças*, ou cômodos, outra designação utilizada pelos moradores do bairros. Estas também são alugadas. Tive oportunidades de conhecer esses espaços e foi possível constatar que estes cômodos, em alguns casos poderiam ser avistados facilmente, mas em outros, só se saberia da existência dos mesmos ao conversar com alguém que soubesse onde se localizam tais espaços, pois em várias ocasiões os mesmos ficam atrás das casas dos donos das *peças*.

Darei dois exemplos de *peças* que tive oportunidade de visitar. As primeiras foram relativamente fáceis de identificar, pois se localizam em um terreno aberto, sem nenhum cercado separando os espaço da rua daquele do lote. No fundo do terreno vê-se um grande barracão retangular de madeira onde se localiza o banheiro utilizado por todos, além disso, há ali uma porta para outra peça que no momento não estava sendo utilizada.

Do lado esquerdo do lote, ao observá-lo de frente, está uma construção retangular de madeira. Ali há três portas que dão acesso a três cômodos separados por uma parede de madeira. Estes possuem o formato quadrangular, apresentando o tamanho de, mais ou menos, 4m x 4m<sup>38</sup>. A peça visitada é organizada da seguinte forma: ao entrar no local é possível observar a cama de casal à esquerda, no meio da parede; o fogão fica encostado ao lado da porta de entrada; um armário se localiza bem em frente a cama e ao lado dele está a geladeira; em cima do armário há uma TV e um DVD, que servem como aparelho de som, tocando músicas sertanejas ou forrós; e por último, a rede, pendurada a cima da cama. O lugar não possui janelas, sendo necessário manter a porta sempre aberta para haver alguma claridade, sem a necessidade de acender a luz do lugar.

Outra característica interessante é a tranca da porta: não há fechaduras e chaves tais como as que utilizamos em nossas casas. Para trancar a porta utilizam-se dois mecanismos: quando se sai da residência, passa-se uma corrente por dois buracos que se localizam, respectivamente, na porta e na parede da peça e coloca-se um cadeado nas argolas da corrente, de maneira que a porta não fique entreaberta. A outra forma de se trancar a porta, quando se está dentro do local, é passar uma trava de madeira por trás da porta: há um gancho situado de cada lado da porta, onde se apoia um pedaço de madeira no eixo horizontal, evitando que a mesma se abra.

---

<sup>38</sup> Ver Anexo II

Esta característica, porém, não se restringe às *peças*. Diversas casas utilizam o mesmo sistema para trancar suas portas, especialmente no que diz respeito às casa que possuem fachadas de madeira.

As outras *peças* que tive oportunidade de avistar se localizam atrás de uma casa, onde vivem os donos dos cômodos de aluguel. Não é possível observar os mesmos a não ser quando passamos pela lateral da casa para se alcançarmos os fundos do terreno onde estão as *peças*. Estas são de alvenaria, mas não tive oportunidade de entrar e ver como são por dentro. Apesar disso, foi possível saber que os inquilinos possuem fogão.

Há outro tipo de construção, que em muitas ocasiões é alugada: a *quitinete*. Esta já foi descrita acima, mas no caso deste bairro é possível encontrar *quitinetes* nos fundos do terreno onde já existe uma casa na frente. Não é apenas nos fundos de um terreno que se constrói este tipo de edifício, em um lote pode haver apenas a *quitinete*.

Além destes três tipos de imóveis também há casas para alugar. A que tive oportunidade de conhecer localiza-se nos fundos de um terreno. À sua frente está a casa do dono da casa ser alugada, sendo assim no mesmo lote, há duas casas. Também existem casas para alugar de donos que moram em outros bairros.

Como pôde ser observado várias são as construções no bairro, mas ali há mais do que moradias. Logo no primeiro quarteirão do bairro, quando se vem do Centro pela rua Irajá, observava-se o mercado “Boa Esperança”. Lá compra-se carne, no açougue do mercado; e podem-se adquirir praticamente todos os produtos que há nos grandes mercados situados do outro lado da BR 163.

Deste mercado é possível observar a segunda rodoviária “clandestina” que há na cidade. Esta não se localiza dentro do Boa Esperança I, mas está no bairro vizinho, o Industrial I. Entre estes dois bairros há um terreno vazio que permitia a visualização desta rodoviária, mas devido a construção de um muro alto ao redor do mesmo, atualmente não é possível ver a mesma tão facilmente, do mesmo lugar. Isto, porém, não impede que os passageiros que chegam do Maranhão busquem no bairro lugar para se instalar. Muitos dos *quartos* descritos acima são alugados para essas pessoas que chegam a Sorriso em busca um *serviço*, isto é, trabalho.

Seguindo adiante pela mesma rua, avistávamos pequenas lojinhas, que vendem alguns

alimentos. Somente reconhecemos a existência dessas vendas ao olhar para dentro das mesmas, através de suas portas abertas, pois se não fizermos isso pensaríamos que se tratam apenas de casas.

Naquela rua também há um bar, localizado na esquina do segundo quarteirão, à esquerda. Ali, como em todos os bares de Boa Esperança I, há uma mesa de sinuca. Aliás isto é uma constante no bairro: há bares em praticamente todas as ruas. Inclusive bares que ficam um do lado do outro e todos possuem uma mesa de sinuca.

A escola “Flor do Amanhã” também fica nesta primeira rua e é ali que as crianças, à partir dos 4 anos, vão estudar. Também existe uma creche que atende crianças menores (a partir de 2 anos) que vivem no bairro aqui descrito, mas esta se localiza no bairro Boa Esperança II.

O posto de saúde onde os moradores do local costumam ir está no bairro Fraternidade I. É lá que são realizadas as consultas médicas e se há alguma indicação para realizar exames em Cuiabá, são os médicos deste posto que realizam o encaminhamento do paciente que vive no bairro.

Ao entrarmos nas ruas internas ao bairro descobrimos que existe outro mercado. Este é menor que o primeiro, possuindo menos mercadorias que o “Boa Esperança”. Ali são vendidos alimentos não perecíveis e ovos, legumes e bananas. Este local parece ser um misto de mercado e bar. Característica esta que se verificou devido ao espaço que existe ao lado do mercado, onde se localizam a mesa de sinuca e algumas mesas e cadeiras. Ali são vendidos refrigerantes, mas não bebidas alcoólicas, pois o dono do lugar sofre de problemas de alcoolismo. O local é reconhecido como Bar do Gomes.

Não há nenhuma igreja católica neste bairro. Os moradores que vão a missa costumam ir ao bairro São Mateus<sup>39</sup>, assistir à missa que se celebra na comunidade daquele bairro, em domingos alternados. A única igreja que há no bairro é a Universal do Reino de Deus e muitos moradores do bairros frequentam esta igreja, mas não se trata de uma maioria.

### **5.1. Cotidiano em Boa Esperança: um dia de semana**

O dia começa cedo no bairro. Os moradores costumam acordar entre 05h00 e 06h00 da manhã. É a essa hora que as mulheres, donas das casas, fazem o café preto para os maridos e filhos. No café da manhã não se come muito: ele é composto basicamente de um copo de café com açúcar.

---

<sup>39</sup> Este bairro se distancia aproximadamente 1 Km de Boa Esperança I.

Não é costume comer logo que se acorda.

Em algumas casas, os homens acordam ainda mais cedo. Isto se deve ao fato que alguns deles podem estar realizando algum tipo de trabalho, geralmente ligado a construção civil, em alguma “fazenda”, mas como esta é próxima da cidade, eles vêm dormir em casa. Há duas maneiras utilizadas por esses trabalhadores para chegar à fazenda: ou a pessoa que os contratou vem buscá-los em casa, ou os mesmos vão de bicicleta até o trabalho, percorrendo uma distância de até 15 km. Também há aqueles homens que trabalham, principalmente, para as empresas BS, de construção civil, que possui um ônibus que busca seus empregados as 05h00 da manhã, em frente ao “Espeto de Ouro”.

Porém, há também aqueles trabalhadores fixos de fazendas que possuem motos e por isso podem ir e voltar todos os dias do seu local de trabalho. Isto ocorre principalmente quando são casados e decidem alugar uma casa no bairro para abrigar as esposas e filhos (quando existem). Se estiverem sozinhos, no caso das esposas morarem no Maranhão, por exemplo, ou se forem solteiros, é comum que estes trabalhadores só retornem para o bairro nos fins de semana, quando estão de folga. Estes trabalhadores costumam alugar quartos, que muitas vezes estão em casas de moradores do bairro.

Algumas mulheres também acordam muito cedo para ir trabalhar. Estas, porém não são empregadas domésticas: elas trabalham em empresas como a BS ou em alguma empresa localizada fora da cidade de Sorriso, como a Sadia (localizada em Lucas do Rio Verde). Estas mulheres também vão nos ônibus das empresas para o trabalho. As mulheres que vão para a Sadia costumam pegar o ônibus na própria BR 163, onde há alguns pontos de encontro como o posto de gasolina “Sorrisão”. As que trabalham na BS se encontram no “Espeto de Ouro”, no bairro São Domingos, pois é ali que passa o ônibus que as leva até a empresa.

É necessário atentar que, em geral, as mulheres que exercem este tipo de serviço, são jovens e separadas, e geralmente possuem filhos para sustentar. De acordo com as mesmas, estas empresas pagam melhores salários, o que lhes permitem sustentar sua família e pagar todas as contas. Apesar disto, para trabalhar nessas empresas é necessário dispor de muito tempo, pois os turnos são de oito horas por dia, fora o tempo que se leva para ir até o local do trabalho. Há ainda construtoras como a BS que, além do tempo de trabalho normal, paga por horas a mais de *serviço*. De acordo com as mulheres que trabalham na BS, lá se paga um salário mínimo, descrito na carteira de trabalho, mas elas recebem mais. Isto porque elas também recebem por produção. Desta maneira elas trabalham

mais horas para conseguir aumentar a sua produção, e conseqüentemente o seu salário, podendo chegar a valores como R\$ 1.800,00.

Sendo assim, estas mulheres separadas, com filhos, que trabalham o dia inteiro precisam criar novos arranjos para conseguir cuidar das crianças e de suas casas. Aquelas que têm mães na cidade, podem deixar a filha com elas, se a menina tiver menos de 10 anos. Após essa idade, as meninas já podem ficar em casa, sozinhas cuidando da casa e de irmãos, se os tiverem. O mesmo pode ser aplicado aos meninos, se estes não possuírem irmãs mais velhas. Às vezes pode-se levar as crianças a uma creche, ou ainda pagar alguém para cuidar delas. Há mulheres que realizam outros arranjos: podem deixar o filho mais velho com a mãe e o filho mais novo é levado para que uma babá tome conta, especialmente se ele for bebê.

As crianças e jovens que têm aula costumam ir para a escola às 06h30min, pois as aulas começam às 07h00. Muitas vão sozinhas, os únicos que são levados pelas mães são os menores de 7 anos, depois desta idade as crianças já vão sem os adultos para a escola. Em geral vão acompanhados de outros colegas.

Os homens e mulheres que trabalham fora, na cidade, também saem nesta hora, pois o trabalho costuma iniciar no mesmo horário das aulas. Os *serviços* principais, na cidade, podem ser de doméstica, para mulheres, ou ligados à construção civil, sem estar vinculado a nenhuma empresa, para os homens. Há também quem trabalhe em lugares comerciais, tais como o Shopping, ou supermercados.

As mulheres que ficam em casa cuidam dos filhos mais novos e realizam afazeres domésticos, tais como lavar roupa e limpar a casa. Quando acabam de realizar esses trabalhos costumam ir às casas de vizinhos para conversar.

Os homens que ficam em casa são em geral aposentados, doentes ou *encostados*, desempregados (*parados*) ou que fazem “bicos”, sem trabalho fixo. Os *encostados* são pessoas que tiveram algum problema de saúde que não lhes permite mais exercer nenhum tipo de esforço físico durante períodos muito longos, fato que não contribuiu para conseguir algum *serviço*. No Boa Esperança I há vários homens nesse estado: alguns recebem aposentadoria do INSS, outros vivem dos aluguéis de imóveis que possuem, e outros realizam atividades mais leves em sua própria casa, como cortar cabelos.

Aqueles que têm o hábito de tomar chimarrão o fazem por volta das 09h00 da manhã. O chimarrão é tomado na *área* externa da casa, um tipo de varanda que pode se localizar na frente, ao lado, e/ou atrás das mesmas. É também nesse horário que o verdureiro costuma passar pelas casas vendendo alface e rúcula, entre outras verduras. Este vem de bicicleta, que na frente tem um apoio onde se instala um grande isopor, dentro do qual se guardam os produtos a serem vendidos.

Algumas donas de casa que tenham um intervalo matutino e homens que não trabalham se encontram em alguns pontos situados em frente às casas de determinados vizinhos. Dois lugares são muito frequentados no bairro, um deles possui um nome específico. Este é o “Pau da Fofoca”. Ali se senta sempre um senhor, chamado Manoel. Ele é o personagem principal deste ponto que se localiza em frente à cerca de sua casa. Todos os dias por volta das 09h00 ele leva sua cadeira e um banquinho, onde apoia as pernas, e fica lá até 11h00. Este senhor é *encostado*, devido a um problema nas pernas não consegue se locomover sem ajuda de muletas, o que o impede de trabalhar como segurança noturno (seu último trabalho), de acordo com ele. Sendo assim, foi aposentado pelo INSS.

Os vizinhos que vivem em casas próximas (em geral as que ficam em frente, e dos lados) se aproximam deste senhor e conversam sobre as novidades da cidade: um acidente que tenha ocorrido nas proximidades; a venda de uma casa ou de um carro; alguma traição conjugal que esteja ocorrendo naqueles dias, como o caso de uma vizinha da rua que todos diziam que estava traindo o marido. O interessante quando se comenta sobre um adultério é que nunca se fala de homens que traem a mulher, na realidade é a situação inversa que se torna assunto nessas rodas de conversa. As atitudes da mulher adúltera são sempre julgadas e observadas como incorretas. No entanto, devemos estar atentos que às “notícias” são sempre sobre vizinhos da rua ou do bairro, se for uma pessoa conhecida de todos que estiverem participando da conversa. Todas essas “notícias” sempre passam pelo Sr. Manoel.

O outro lugar que também agrega muitas pessoas é em frente à casa de D. Mara e do Sr. Alexandre. Esta casa se localiza na mesma rua que o “Pau da Fofoca”, um pouco acima para quem vai para o centro da cidade. Na realidade, estes são espaços vizinhos. Este local não recebe um nome específico, sendo assim me dirigirei a ele como casa de D. Mara.

A casa de D. Mara é de alvenaria e madeira. À sua frente há uma árvore frondosa que propicia sombra durante o dia todo. Embaixo desta estão duas cadeiras e dois bancos retangulares onde as pessoas se sentam para conversar. Além desses bancos, as pessoas utilizam dois muros

baixos, mais ou menos na altura dos joelhos, que delimitam a pequena varanda em frente à porta de entrada. Entre esses muros há uma abertura que permite a entrada para a varanda.

Aqui a circulação de moradores do bairro e de bairros vizinhos é grande, pois D. Mara vende bijuterias, perfumes e peças de cama e mesa. Além disso, muitas crianças, quando não estão em horário de escola, procuram a casa, pois lá também se vende *geladinho*, uma espécie de picolé sem palito embalado em saquinhos plásticos transparentes. Outro fator que leva movimento para o local é o fato do Sr. Alexandre, esposo de D. Mara, possuir uma pequena sala onde se faz cortes de cabelo. A sala está posicionada na frente da casa, e sua entrada se encontra na varanda já descrita.

É neste local que se reúnem várias pessoas que podem estar ali de passagem, pois desejam comprar ou pagar alguma coisa, ou ainda que tenham ido lá para se informar dos acontecimentos do bairro e da cidade. A maioria dos frequentadores são mulheres. É necessário atentar, porém, para um grupo de mulheres que é assíduo ao local. Estas são as filhas de D. Mara, a neta mais velha dela, e as duas comadres da mesma. Desta forma, a casa de D. Mara se diferencia do “Pau da Fofoca”, apesar de em um primeiro momento dar a impressão de ser um local onde qualquer pessoa pode participar das conversas, pois ali se reúnem a família de D. Mara e amigas próximas a ela.

O “Pau da Fofoca” e a casa de D. Mara, porém não são os únicos pontos de encontro que se observam no bairro Boa Esperança I. Apesar de não termos acesso a outros lugares onde moradores se encontram, podemos observá-los ao percorrer as ruas do bairro, e percebemos que as pessoas que se reúnem para conversar, em geral, vivem perto destes locais.

À partir das 10h30 e 11h00, as mulheres, donas de casa, costumam fazer o almoço. Aquelas que conversam com os vizinhos se recolhem para retomar às suas atividades de casa. Já os homens que ficam em casa, enquanto as mulheres trabalham ou viajam para o Maranhão, por exemplo, têm outras formas de se organizar para cozinhar. O Sr. Manoel é um deles: devido ao fato de não poder trabalhar, pois tem problemas nas pernas, é ele quem cozinha, enquanto sua mulher trabalha e seu único filho estuda. Porém quando a esposa chega à casa, é ela quem realiza as funções de cuidar da mesma. O Sr. Manuel explica sua rotina da seguinte maneira:

***Pesquisador:** O senhor fica em casa todo dia?*

***Sr. Manoel:** Fico. Faço almoço. A mulher vai trabalhar, né, pra aumentar a renda da gente. Faço almoço, o “piá” vai pro colégio... quando ele chega passa o pano na casa, lava a louça do almoço.. e nessa vida nós vamos levando. Quando é essa hora ela chega (por volta das 15h00) toma conta do*

*dever dela e eu venho aqui pra sombra, né?*

Ainda há outras maneiras de se organizar para se cozinhar as refeições e cuidar da casa, na ausência da mulher, dona da casa, se a esposa trabalha fora, como é o caso de várias mulheres no bairro. Há dois esquemas para se fazer o almoço: a comida poderia ser preparada pela mulher, na noite anterior, para que depois o homem e/ou os filhos a esquentasse no momento de comer; ou a filha mais velha faz a comida para a família na hora do almoço e o jantar é feito pela mãe, após seu retorno do trabalho para casa.

Somente em alguns casos o homem vai para a cozinha: se sua mulher estiver viajando e o mesmo não puder contar com as mulheres da família para cozinhar para ele; ou ainda no caso de uma família onde não existem outras filhas mulheres e a mãe estiver muito doente, ou trabalhando.

As crianças e jovens que estudam de manhã chegam em casa por volta das 11h30min. Os maridos que trabalham em construções ou “secadores” na cidade, voltam para almoçar. Isto se o trabalho for perto de casa, se não, os maridos levam marmita. É o que se dá com os trabalhadores que têm *serviço* na fazenda. A comida fica pronta as 12h00, horário em que todos comem. Há casas onde o almoço é servido mais cedo ainda, por volta das 11h00, mas isto só ocorre em casas onde as pessoas não possuem trabalho.

Os estudantes do turno vespertino vão para a escola às 12h30, voltando a movimentar as ruas do bairro. Depois disto as ruas se tornam quase desertas: os moradores do local fazem uma pequena sesta. Aqueles que têm de trabalhar voltam as 13h00. Somente por volta das 15h30 as pessoas passam a circular pelas ruas mais assiduamente. É nesse horário que os dois pontos de encontro do bairro começam a ser frequentados novamente.

Às vezes, na parte da tarde, logo após o almoço, vemos pessoas com varas de pesca saindo para pescar no rio que se localiza atrás do bosque que acompanha a Via Celeste, estrada que passa ao longo do bairro. Essas pessoas são grupos de donas de casa e/ou os maridos que não possuem trabalho fixo, ou desempregados, ou ainda aposentados. Os jovens só vão pescar se estiverem acompanhados por algum desses adultos.

É comum observar vendedores nas ruas no intervalo do almoço e fim da tarde. Estes são reconhecidos como *mascates* pelos moradores do local. Eles podem vender panelas, colchas de cama, redes, ou ainda artigos alimentícios, tais como feijão verde ou *feijão maranhense*, nome que

os informantes dão este tipo de leguminosa.

Por volta das 16h00 o movimento do bairro aumenta. Assim como a movimentação de pessoas no “Pau da Fofoca” e na casa de D. Mara. Os jovens ficam jogando vôlei na rua, bem no meio desses dois espaços ou vão jogar bola no campo de futebol que há atrás do bairro, no Boa Esperança II. As mulheres que acabaram suas atividades domésticas vão até ali conversar, enquanto os maridos não chegam do trabalho. As que têm filhos, bebês de colo ou ainda crianças de até 4 anos que não estão na creche, levam-nos em sua companhia.

Às 17h00 as aulas da tarde acabam e as crianças começam a voltar para casa a pé ou de bicicleta. Grupos de colegas vão passando nas ruas do bairro, fazendo sempre bastante barulho, correndo uns dos outros. Aqueles que vão se aproximando de casa vão ficando pelo meio do trajeto percorrido pelo grupo de alunos, indo para suas respectivas moradias.

Ao anoitecer, fato que ocorre por volta das 17h30min, os homens vão chegando do *serviço*, que pode ser na cidade ou na fazenda. A esta hora as mulheres casadas já se recolheram e esperam os maridos em casa. Aquelas que trabalham também voltam para suas moradias neste horário. Em geral, é neste momento que as mulheres começam a preparar o jantar para suas famílias, tanto as que trabalham quanto as donas de casa. As crianças ficam brincando na rua, os jovens do sexo masculino conversam com outros amigos do mesmo sexo. Em geral, as jovens meninas ajudam as mães a fazer o jantar.

Enquanto o jantar é preparado, os homens ficam conversando do lado de fora de suas casas. Por volta das 19h00 a comida é servida. Sendo assim as pessoas se retiram e voltam para suas residências. Há os que jantam mais cedo: são os alunos do turno escolar noturno. Estes saem de casa por volta das 18h30min, pois as aulas têm início às 19h00. Depois do jantar, algumas pessoas vão para o lado de fora de suas casas, ver o movimento das ruas, ou conversar com familiares e/ou vizinhos que vivem perto. Porém, há aqueles que preferem assistir a novelas na televisão, mais ou menos às 20h00.

Neste mesmo horário, o culto da igreja Universal do Reino de Deus começa. Todos os dias o mesmo ocorre, mas não recebe sempre a mesma quantidade de fiéis. Em geral, é nos fins de semana que os cultos ficam mais cheios. Geralmente eles duram, mais ou menos, 2 horas. Depois que terminam, as pessoas se dirigem às suas casas. O movimento nas ruas nesse horário é quase nulo, fora as pessoas dessa Igreja quase não se veem pessoas nas ruas. As 23h00 ainda é possível ver

alunos chegando às suas casas. Após este momento as ruas do bairro se tornam vazias, diferentemente do que se observa no Centro, onde podemos ver poucos carros circulando. Isto porque neste bairro quase não há moradores donos de carros: ali circulam mais bicicletas e poucas motos.

## 5.2. Fim de Semana:

Durante o fim de semana o bairro se torna mais movimentado. Em comparação com o centro da cidade, aqui o ruído das ruas é maior: muitos bares colocam caixas de som viradas para as ruas, com volume o mais alto possível, sempre tocando forró eletrônico, bregas. O cheiro de churrasco também se sente no ar desde cedo, afinal o horário das refeições não é alterado. O sábado é um dia de trabalho para muitos dos que vivem no bairro. Sendo assim, é a partir do sábado à tarde que a movimentação das ruas é maior, assim como os sons dos bares. Como as crianças e os jovens não têm aula durante o fim de semana, é muito comum vê-los correndo pelas ruas, brincando.

Apesar de não trabalharem no domingo, os moradores seguem acordando cedo, pois nesse dia acontece a feira no bairro São Domingos. É lá que muitos moradores do bairro compram a *farinha de puba*, entre outros alimentos. Esta é a farinha mais apreciada pelos “maranhenses”, e é utilizada como complemento para todas as comidas. Para se ter uma ideia, há quem goste de tomar café preto com *farinha de puba*. Lá também compram temperos como salsa e cebolinha e legumes como maxixe.

A movimentação de pessoas na rua é maior do que no restante da semana: os homens que trabalham nas fazendas durante a semana voltam para casa e se encontram com amigos nos bares. A quantidade de homens pelas ruas também varia de acordo com a safra de soja e milho, pois quando se dá a colheita desses grãos o trabalho é intenso, e muitos desses homens ficam até quatro meses na fazenda, dependendo da safra. Em geral a colheita do milho demora menos, chegando a dois meses, mas neste tipo de plantação não são empregados tantos homens. Durante a safra os homens podem até voltar para casa uma vez por semana, mas eles devem possuir o meio de transporte. Somente quem possui motocicleta, ou consegue uma carona, consegue ir para casa.

Como a maioria não trabalha no domingo, é nesse dia que os bares ficam cheios de homens jogando sinuca, bebendo cerveja e apreciando as músicas tocadas ali. Há também muitas casas particulares que possuem aparelhos de som potentes onde são tocadas músicas a toda altura. Sendo assim, em vários momentos, escuta-se uma mistura de músicas: de um lado se ouve Amado Batista

e do outro Bonde do Forró, por exemplo.

É também no domingo que as mulheres que trabalham fora de casa aproveitam para arrumar suas casas e lavar roupas. Os horários de almoço e jantar não se modificam, mas o tipo de comida feita é um pouco diferente: costuma-se acrescentar uma maionese de batatas ao cardápio de domingo. O costume de assar carnes no fim de semana se dá mais nos bares que servem almoço do que nas próprias casas. São esses lugares que liberam o cheiro de churrasco descrito acima.

Visitar e receber familiares também é comum durante o domingo. Isto pode ocorrer antes ou depois do almoço. Se a visita é antes do almoço todos comem juntos. As mulheres se ajudam na cozinha, os homens ficam conversando entre si do lado de fora da casa e as crianças ficam brincando na rua.

Depois do almoço, é comum grupos de jovens e/ou famílias irem ao rio. Estes podem ir tanto para pescar como para tomar banho e se refrescar do calor que faz à tarde. Apesar da ida ao rio ser uma atividade de lazer, vista como prazerosa pelas pessoas do bairro, as mesmas chamam a atenção para o perigo de ir àquele local. Isto devido ao grande número de afogamentos que ocorreram naquele rio. Sendo assim, nunca é aconselhável ir sozinho àquele lugar.

É também após o almoço que se faz a sesta. Grande parte das pessoas se recolhe e as ruas ficam vazias. Assim como nos dias de semana, somente por volta das 15h30min vários moradores se reúnem para conversar. O “Pau da Fofoca” fica cheio de homens comentando sobre as noites de festa que ocorrem no “Espeto de Ouro” durante o fim de semana: quem estava lá, quem dançou com quem, quem brigou com quem e por que.

O que mais marca o fim de semana são os bailes que ocorrem à noite, principalmente no “Espeto de Ouro”. Há outros lugares onde acontecem outros bailes, porém, é necessário pagar para entrar, ou ainda, não oferecem bailes todas as noites do fim de semana. O “Espeto de Ouro” começa a realizar bailes nas noites de quinta-feira e continua até o domingo a noite, e a entrada no local é gratuita.

Lá, os bailes começam por volta das 21h00, mas os moradores que frequentam o local saem de casa 20h30min, mais ou menos. Os jovens, porém, gostam de sair um pouco mais tarde, por volta das 22h30min. Todos vão arrumados, com camisas alinhadas, e perfumados para dançar. Para sair é comum eles irem em grupos, mas também é possível ver casais indo dançar, apesar de não ser

muito frequente.

No “Espeto de Ouro” a maior parte do público é masculino. São poucas as mulheres que vão lá. Em geral, quando as vemos elas estão acompanhadas pelos namorados ou maridos, ou então, são garotas de programa. Muitos homens ficam do lado de fora do bar observando os dançarinos. Na rua, o movimento de pessoas é intenso, assim como de caminhonetes e principalmente motos. Do lado oposto ao “Espeto de Ouro” há vários bares e lanchonetes onde são servidos churrasquinhos e bebidas aos clientes e ali percebemos que há maioria de casais: todos sentados nas mesas, ou em pé comendo espetinhos de carne, vendo o movimento das pessoas pela rua.

O interessante é perceber que jovens considerados “*gaúchos*” que moram do outro lado da cidade também frequentam o “Espeto de Ouro” aos fins de semana. Não são apenas os moradores da “Cidade B” que vão até aquele bairro. Desta maneira, observamos que o “Espeto de Ouro” também recebe pessoas da “Cidade A”, apesar de ser considerado um bar onde vão apenas “*maranhenses*”.

O “Espeto de Ouro” é o principal lugar de lazer frequentado pelos moradores do bairro. Nem todos vão àquele bar, mas o lugar é muito conhecido e sempre tudo o que ocorre lá acaba se tornado assunto nas rodas de conversa. Sempre se comenta sobre as pessoas que ali estiveram dançando ou bebendo, que podem ser moradores do bairro ou não. Se ocorre alguma briga no local, no dia seguinte todos comentam.

## II. Relações de Parentesco, vizinhança e compadrio

### 1. Organização das Unidades de Residência e Relações de Parentesco

Uma das questões que fazem parte do projeto “Sociedade e Economia do Agronegócio: um estudo exploratório”<sup>40</sup> é averiguar como vivem as pessoas em cidades onde o “agronegócio” é observado como atividade principal. Para alcançar parte deste objetivo e ao mesmo tempo contemplar meu interesse pessoal de pesquisa escolhi os trabalhadores “*maranhenses*” que vivem na cidade de Sorriso como foco de análise. Como foi descrito anteriormente, escolhemos o bairro Boa Esperança I como base para o trabalho de campo, e com isso, passamos a observar mais de perto os moradores deste local<sup>41</sup>, denominados genericamente como “*maranhenses*”. Com este propósito passamos a acompanhar atentamente a rotina de alguns informantes verificando com quem se relacionam, para assim, compreender as relações sociais estabelecidas naquele bairro.

Para tanto era necessário escolher os informantes que nos permitissem recolher mais dados. Sendo assim optei por duas senhoras do bairro, Dona Morena e D. Mara, pois, entre outros aspectos, as mesmas permitiram que eu conhecesse todas as pessoas com quem moravam e se relacionavam, dentro e fora do bairro. Isto não significa, porém, que não recolhemos informações sobre outras pessoas. Na realidade escolhemos apresentar a vida destas duas senhoras, pois as mesmas nos propiciaram mais informações e nos mostraram mais claramente as diferentes maneiras de constituir relações sociais no bairro Boa Esperança I. Foi principalmente a partir de D. Morena e D. Mara que “mapeamos” as relações de parentesco e sociais que encontramos naquele lugar.

Neste capítulo descreveremos, primeiro, os cotidianos destas duas mulheres para evidenciar os papéis exercidos por cada componente das suas respectivas unidade de residências. Descreveremos o mesmo nas residências dos filhos de D. Mara e D. Morena. Além disso observaremos como se apresentam algumas as relações de parentesco que encontramos no local a partir do contato com nossas principais informantes. Com isso desejamos demonstrar o que nossos informantes observam como “*família*” e verificaremos quais os tipos de arranjos familiares encontrados ali.

---

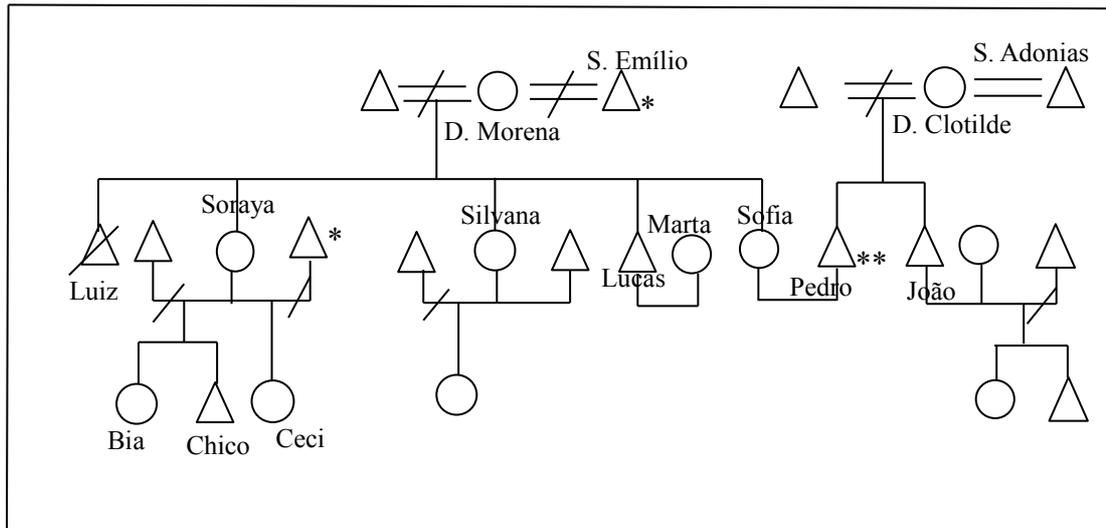
<sup>40</sup> HEREDIA, B.; MEDEIROS, L.; PALMEIRA, M.; CINTRÃO R.; LEITE, S., (Op. Cit.).

<sup>41</sup> Entre estes moradores encontramos diversos trabalhadores do “agronegócio”, mas também podemos observar vários trabalhadores de outras áreas que não apresentam relação direta com o trabalho em lavouras de soja ou de outra cultura pertencente ao “agronegócio”, como domésticas, donos de bar, pedreiros, etc. Nossa pesquisa, ao se desenvolver no local de moradia dessas pessoas, não se preocupou tanto em selecionar apenas aqueles trabalhadores das fazendas, pois acreditamos que isso dificultaria ainda mais a nosso trabalho e nos forneceria informações incompletas sobre como vivem aqueles que são observados pelos habitantes da cidade como os trabalhadores “*maranhenses*” de Sorriso.

No segundo item veremos, a partir das “redes” de relações sociais dessas duas senhoras, que outras relações se estabelecem no bairro, tais como vizinhança e compadrio, mostrando as proximidades e distanciamentos que se dão entre vizinhos e compadres.

### 1.1 O cotidiano de Dona Morena e sua “família”

Diagrama 3: Famílias de D. Morena e D. Clotilde



\* Esses dois são irmãos.

\*\* Pedro é mais novo que João mas mudamos a ordem dos nascimentos no diagrama para facilitar o entendimento.

A primeira moradora que passamos a acompanhar no bairro foi D. Morena. Esta senhora tem 50 anos, se diz maranhense da cidade de Imperatriz (MA) e vive em Sorriso desde 1996. D. Morena se casou a primeira vez ainda em Imperatriz e seus filhos também nasceram lá. Quando se separou, em 1994, foi para Matupá, município do Mato Grosso junto com seus filhos. Já em Sorriso D. Morena se casa com o Sr. Emílio no ano de 1997<sup>42</sup>. Durante os primeiros anos de união, apenas quatro dos cinco filhos de D. Morena vivem com ela, pois Soraya, sua filha mais velha, vive em outro estado. Mais tarde porém ela volta a morar com sua mãe, mas isto será melhor descrito a seguir. Após oito anos de casamento, ela se separa novamente e passa a dividir sua casa apenas com seus filhos.

Como dito acima Soraya não veio para Sorriso com sua mãe. Na realidade Soraya se separou de D. Morena em Matupá (MT), pois é nesse município que a primeira se casa. D. Morena

<sup>42</sup> Este é o senhor que estava presente na residência de D. Morena no dia que a entrevistamos pela primeira vez.

nos conta que foi para Sorriso e deixou seus filhos com uma vizinha em Matupá (MT) até conseguir um lugar para se instalar, e quando voltou a Matupá para buscar seus filhos, foi informada pela vizinha que sua filha mais velha havia fugido de casa. D. Morena procurou por sua filha, mas como não a encontrou foi com os demais filhos para Sorriso. Soraya, por sua vez, se diz raptada por seu primeiro marido, com quem teve um filho. Esta criança, no entanto, não está com Soraya, tendo sido entregue para adoção. Após um tempo Soraya consegue fugir e não sabendo onde está sua mãe, se encaminha para o Tocantins, no município de Axixá, local onde vive seu pai.

Em Axixá Soraya se casa novamente e dá origem a duas crianças. Nesse período um amigo de D. Morena, que mora em Axixá (TO), entra em contato com os parentes desta senhora em Imperatriz, consegue o telefone celular de D. Morena e lhe avisa que sua filha Soraya está em Axixá (TO). Desta forma, Soraya e D. Morena reatam o contato através do telefone. D. Morena diz a Soraya para ir a Sorriso (MT) e manda o dinheiro da passagem para sua filha e os netos, através do amigo que havia feito o contato. Ela deposita uma certa quantia na conta deste amigo, que repassa o valor para Soraya e o marido. Desta maneira, entre 2003 e 2004, Soraya e os filhos se mudam para Sorriso (MT). O marido de Soraya se encaminha para Sorriso dois meses após sua mulher, pois a primeira quantia enviada por D. Morena é insuficiente para toda a família: D. Morena precisou mandar mais dinheiro para comprar a passagem deste rapaz, fato que demorou dois meses.

Em Sorriso (MT), o casal mora separado de D. Morena, alugando uma casa no bairro São Domingos. Em pouco tempo, no entanto, Soraya e o marido se separam e ela passa a viver na casa de sua mãe com os seus filhos. Naquela época, as pessoas que habitavam a residência eram D. Morena, Sr. Emílio, quatro filhos de D. Morena (contando com Soraya)<sup>43</sup>, e um irmão do Sr. Emílio. Dois anos após a chegada de Soraya à casa de sua mãe, a moça engravida do irmão do Sr. Emílio, mas os dois não se casam, pois Soraya não desejava estabelecer este compromisso com o irmão do Sr. Emílio. D. Morena afirma que também não queria este casamento para sua filha, pois D. Morena havia se separado a pouco tempo do Sr. Emílio (mais ou menos entre 2005 e 2006) e nos disse que a partir daquele momento “*não queria mais homem em casa*”.

Quando D. Morena nos diz “*não quero mais homem em casa*” ela nos revela que ambiciona, a partir daquele momento, um tipo de autonomia em sua casa que não conseguiria com a presença de um homem vivendo com ela. Devemos notar que, de acordo com os dados recolhidos entre nossos informantes, o modelo ideal de uma família é que o homem, companheiro da mulher seja o chefe da uma família. Ele seria o responsável por prover e cuidar daqueles que vivem sob o mesmo

---

<sup>43</sup> Silvana, uma das filhas de D. Morena, já havia se casado e saído de casa nesse período.

teto. A mulher por sua vez deve ser aquela que cuida da casa, dos afazeres domésticos e das crianças, algo observado durante o capítulo I na descrição do cotidiano no bairro Boa Esperança I.

Com isto notamos que há uma semelhança com o modelo do sistema de família patriarcal descrito por CÂNDIDO (1951). Segundo o autor, este seria o sistema fundador da família moderna no Brasil. No sistema de família patriarcal o homem deve assumir o papel de chefe de sua família e todos os componentes da mesma devem respeitar-lhe a autoridade, enquanto a mulher seria aquela que cuidaria dos afazeres domésticos e da criação das crianças. O autor nos demonstra também que apesar de existir tal modelo, a família patriarcal se apresentava de maneira diferente: não era incomum encontrar nos documentos históricos, analisados por Cândido, exemplos de mulheres com iniciativa e poder de mando no interior da hierarquia da família patriarcal.

Cândido, durante seu artigo, descreve as modificações da família patriarcal brasileira ao longo tempo. Com o decorrer do tempo o pai, segundo o autor, vai deixando de ser líder do grupo familiar, principalmente devido a divisão social do trabalho, pois quando as mulheres começam a trabalhar, são percebidas como mais próximas aos homens, isto é, elas também passam a assumir o comando das famílias.

Esta análise da família brasileira se assemelha em alguma medida ao que encontramos no bairro Boa Esperança. No entanto, devemos acrescentar que entre nossas informantes encontramos várias mulheres que haviam desfeito o primeiro casamento<sup>44</sup>. Quando esta situação se apresentava percebemos que as mulheres assumiam os papéis de chefes de família, mas aquelas que voltavam a se casar, não pareciam mais exercer esta função, pois esta é responsabilidade de seus companheiros. Desta maneira pode-se dizer que exercer este papel é função do homem, marido da mulher, que pode ou não ser o pai dos filhos da esposa, isto é, esta é uma função masculina. Apesar disso, não se pode dizer que as mulheres que conhecemos são completamente subalternas aos seus companheiros. Na realidade, aquelas que trabalham, compartilham as responsabilidades pela manutenção da casa e o sustento da família, apesar do modelo ideal continuar sendo o do homem que provêm a família e da mulher que cuida da casa, dos filhos e das atividades domésticas.

D. Morena é um exemplo de mulher que se separou de seu primeiro marido. Sendo assim, já havia assumido a postura de chefe de família antes de se casar mais uma vez. Quando ela se casa com o Sr. Emílio essa responsabilidade passa a ser dele, mas quando o Sr. Emílio se acidenta

---

<sup>44</sup> Cândido irá observar a existência do “desquite”, pois na época em que escreveu seu artigo não existia o divórcio no Brasil. Estas pessoas “desquitadas” voltavam a se casar, mas o autor não aprofunda suas análises em relação a estas “novas” famílias.

durante o trabalho, esta situação se modifica. No princípio ele recebe uma pensão da empresa em que trabalha, algo que lhe permite que ainda seja chefe de família. Há um momento, porém, que a pensão deixa de ser repassada ao Sr. Emílio e com isso ele não tem como arcar com suas responsabilidades, deixando tudo para D. Morena. Com isto, D. Morena decide se separar afirmando que não “*quer mais homem em casa*”, isto é, não deseja mais um homem que não possa cumprir com seu papel. Assim, ela assume novamente função de chefe de família.

Com a separação ela permanece na casa com os filhos compondo uma nova *família*. A partir deste momento, para D. Morena sua *família* seriam seus filhos, seus netos e ela mesma. Neste caso, porém, é necessário realizar um parêntesis pois devemos notar que D. Morena também considera como *família* seus pais e irmãos<sup>45</sup>. Apesar de não se verem há muitos anos D. Morena não deixa de chamá-los de *família*, algo que expressa que mesmo a distância ou o pouco contato não implica em uma dissolução dos laços familiares. Na realidade, quando D. Morena fala de seus irmãos ela nos passa a ideia que a proximidade das relações familiares pode ser “ativada” no momento em que D. Morena, seus irmãos e sua mãe se reencontrarem, podendo restabelecer as trocas que se dão entre *família*.

No bairro Boa Esperança I se observa que existem trocas entre componentes de uma *família* que vivem em estados distintos, como o Maranhão e o Mato Grosso. Estas trocas se apresentam no momento em que familiares que vivem no Maranhão, por exemplo, vão para Sorriso, no Mato Grosso, e contam com irmãos (e as vezes tios) para abrigá-los, pois os mesmos vivem na cidade. Receber este “visitante” faz parte da reciprocidade familiar que existe entre aqueles que compartilham laços consanguíneos<sup>46</sup>.

D. Morena, porém, não se percebe em uma condição economicamente favorável para fazer parte deste tipo de trocas com seus irmãos e por isso não mantém contato com os mesmos. Desta maneira, não corre o risco de se ver “obrigada” a partilhar dessa “rede” de reciprocidade familiar<sup>47</sup>,

<sup>45</sup> Atualmente apenas a mãe de D. Morena está viva. Ela mora em São Paulo com um dos irmãos de D. Morena. Os outros irmãos vivem em diversos estados do Brasil, tais como Pará, Tocantins, Mato Grosso e Roraima (além do já citado São Paulo).

<sup>46</sup> Devemos chamar a atenção que esta troca não se estabelece apenas com familiares, mais adiante descreveremos situações em que pessoas “*conhecidas*” podem ser abrigadas nas residências. No entanto não devemos imaginar que se trata de um mesmo tipo de relação, há uma diferença de grau: a relação com o familiar é mais próxima e a partir disso se estabelece que o familiar deve “*ajudar*” para a manutenção da residência e da família que lhe dá abrigo; enquanto a relação com o “*conhecido*” se apresenta de maneira mais distante e diversas vezes se cobra um valor monetário (um aluguel) para a manutenção do mesmo naquela residência, demonstrando nível de distanciamento que há entre o dono da casa e o “*conhecido*”.

<sup>47</sup> Aqui devemos recordar dos princípios de reciprocidade que MAUSS (2003) nos revelou em seu “Ensaio Sobre a

pois D. Morena não possui condições de participar da mesma, não lhe sendo possível abrigar alguém de sua família se isto lhe fosse requisitado. No entanto, se algum de seus irmãos ou sua mãe a contatassem e lhe pedissem abrigo, por exemplo, D. Morena seria “obrigada” a receber algum deles, pois esta é uma das funções da *família*. Como D. Morena não se percebe nas mesmas condições financeiras que seus irmãos e sua mãe, ela opta por não manter contato constante com eles, evitando fazer parte dessa “rede” de reciprocidade familiar.

Retomemos agora nossa descrição. Atualmente D. Morena mora em uma casa de dois quartos, uma cozinha, uma sala e um banheiro. Ela compartilha seu local de residência com Soraya, sua filha mais velha, de 27 anos, e os três netos, de 6 anos, 4 anos e 1 ano, todos filhos de Soraya. Os dois netos mais velhos nasceram no estado do Tocantins, enquanto a mais nova nasceu em Sorriso, no Mato Grosso.

Seus outros filhos são casados e vivem em bairros próximos ao Boa Esperança I. Silvana, de 26 anos, vive com seu filho e um segundo marido no bairro São Mateus; Lucas, de 23 anos, e sua esposa, Marta, de 20 anos, vivem no Industrial II; e Sofia, de 22 anos, e o marido Pedro, de 25 anos, moram no bairro Boa Esperança I na casa de D. Clotilde, mãe de Pedro. Apesar de atualmente este último casal viver no bairro, logo que iniciamos o trabalho de campo Sofia e Pedro estavam vivendo no estado do Pará, onde o rapaz havia conseguido um trabalho como “vaqueiro”, isto é, cuidando do gado de uma fazenda. Sofia por sua vez trabalhava como cozinheira da fazenda. Sofia e Pedro, porém, desistiram de permanecer no Pará e retornaram para Sorriso indo viver com D. Clotilde.

Como se vê atualmente a maior parte dos filhos de D. Morena já não vive com ela, mas a algum tempo atrás esta não era a realidade. A ocupação da residência de D. Morena se modificou bastante desde que a mesma se separa do Sr. Emílio, e agora apenas uma das filhas vive com ela. Este fato se assemelha a algo que já foi descrito por SEGALLEN (1980) em relação aos camponeses franceses do século XIX: a mudança na composição da “ménage” durante a sua existência. Estas modificações ocorriam quando os componentes da “ménage” migravam, ou se casavam compondo uma nova “ménage”. Por ocasião dos casamentos dos filhos poderiam existir casos em que os mesmos permaneciam temporariamente na casa dos pais para acumular bens suficientes que lhe permitiam adquirir sua própria “ménage”. A autora analisa como estas mudanças, que ela denomina

---

Dádiva”: a obrigação de dar a “dádiva”, a obrigação de receber a “dádiva”, e a obrigação a retribuir a dádiva (em maior quantidade). A partir do momento que o indivíduo participa de uma “rede” familiar onde se observam relações de reciprocidade ele deve obedecer esses princípios, e com exemplo de D. Morena notamos que existem pessoas que não conseguem obedecer estes princípios, mesmo que temporariamente, e por isso se retiram dessas “redes” familiares.

“ciclo de vida familiar”, influenciavam na divisão do trabalho da “ménage”.

Levando em conta as devidas proporções, podemos comparar esta situação que encontramos na casa<sup>48</sup> de D. Morena, pois ali também a composição familiar se modificou diversas vezes, demonstrando um “ciclo de vida familiar” desta residência, algo que também influenciou diretamente a divisão do trabalho no interior da casa. Como sabemos Sofia, Lucas e Soraya viviam com D. Morena assim que esta se separou do Sr. Emilio. Sofia relata que arrumava a casa de sua mãe nesta época, dividindo as tarefas domésticas com Soraya. Lucas, por sua vez, diz que “*ajudava*”<sup>49</sup> com as contas. Soraya, entre outras coisas, cuidava de seus filhos<sup>50</sup>. Quando Lucas e Marta se unem decidem viver temporariamente na casa de D. Morena e com isso Marta passa a “*ajudar*” Sofia a arrumar a casa. Em dezembro de 2007 Sofia vai para o Pará com Pedro e alguns meses depois Lucas e Marta decidem se mudar (devido a gravidez de Marta). Com isso o trabalho doméstico passa a ser responsabilidade apenas de Soraya, enquanto D. Morena continua sendo a responsável pelo sustento da casa e pelos componentes de sua residência.

Estas saídas e permanências de moradores de uma residência são bastante comuns no bairro. Notamos que em algumas casas estas modificações já havia ocorrido, em outras o “ciclo” se iniciava, pois alguns filhos já começavam a deixar o lar de seus pais, e por último, ainda havia aquelas residências onde os filhos ainda não haviam saído, por serem considerados jovens.

É interessante perceber que estas mudanças no “ciclo de vida familiar” não devem ser observadas como definitivas, pois apesar de alguns filhos deixarem de viver permanentemente com os pais, há outras situações em que filhos podem continuar morando na casa dos pais. Como quando se casam e necessitam arrecadar fundos para adquirir uma moradia própria (SEGALEN, Op. Cit.). Além dessa, encontramos outras situações durante o trabalho de campo como aquelas em que filhos se casam e vão viver em outra residência alugada com o cônjuge, mas se vêm obrigados a retornar para a residência de seus pais quando se separam, pois enfrentam dificuldades para pagar o aluguel<sup>51</sup>. Se isto acontece com uma filha, ela leva consigo os filhos provenientes do casamento;

<sup>48</sup> Devemos chamar a atenção que não há correspondência entre os termos “casa” (ou “residência”) e “ménage”, pois a última se define como o local de trabalho e o local de consumo do produto do trabalho de uma família. Os termos casa ou residência, por sua vez, são utilizados aqui para designar a construção onde vivem os componentes de uma *família*. Nesta comparação o que nos interessa é verificar que os componentes de uma família podem deixar de viver na casa de sua mãe, se migram ou se casam, mas também podem regressar no momento que desfazem o casamento ou voltam de viagem.

<sup>49</sup> Veremos o significado do termo “*ajuda*” mais adiante quando relatarmos um dia de trabalho de D. Morena.

<sup>50</sup> Na época relatada Silvana já havia saído de casa.

<sup>51</sup> Nesta última situação os filhos retornam à casa dos pais após um casamento desfeito principalmente se a residência

mas se for um homem, ele retorna sozinho para casa dos pais.

No bairro Boa Esperança I o “ciclo de vida familiar” pode se modificar de outras maneiras, como se dá quando uma mãe separada, decide se casar novamente; ou quando uma filha engravidada, dá à luz a uma criança, e não se casa com o pai de seu filho; ou ainda quando um filho(a) ou sobrinho(a) próximo vai para Sorriso e necessita de lugar para morar. Este “ciclo”, porém, também apresenta mudanças quando pessoas deixam de viver em uma residência de maneira permanente ou temporária. A saída permanente de um membro da casa pode ser exemplificada pela separação de um casal: a mulher permanece na casa com os filhos, enquanto o ex-marido sai da casa<sup>52</sup>. Já os exemplos de saída de casa temporária se dão quando o marido viaja para trabalhar em outros municípios, ou ainda quando ele fica meses trabalhando em alguma fazenda (especialmente nos períodos de safra de soja e/ou “*safrinha*” de milho), retornando mais tarde para o seu lar. Em todas essas situações os componentes de uma residência devem cumprir suas funções, se adaptando às novas condições impostas pela saída ou chegada de um morador na casa.

Atualmente, a casa de D. Morena conta apenas com ela, Soraya e os filhos de Soraya. As funções na economia doméstica então, são assim distribuídas: D. Morena é única que trabalha, desta forma ela mantém sua casa e sustenta aqueles que vivem com ela. Seu trabalho principal é costurar roupas em uma sala alugada localizada no bairro Novos Campos, mas D. Morena também realiza trabalhos esporádicos, em algumas festas promovidas pelo CTG ou comunidades do interior do município de Sorriso, conhecidos como “*diárias*”<sup>53</sup>. D. Morena também responsável por definir os alimentos que devem ser comprados. Soraya por sua vez é quem arruma a casa, cozinha, lava roupas e cuida das crianças.

Apesar de Soraya viver com sua mãe em aparente tranquilidade, percebemos que a relação entre D. Morena e Soraya é conflitiva. Isto não significa afirmar que as mesmas briguem o tempo todo, na realidade o que se sente quando as duas estão em um mesmo ambiente é um certo

---

que compartilhavam com o ex-cônjuge era alugada. O gasto com aluguel de residências é percebido no local como algo negativo, sendo assim parte dos filhos prefere retornar a casa dos pais (que geralmente é uma casa própria) para juntar dinheiro e conseguir comprar um lote próprio onde podem construir suas casas. Mas não podemos deixar de relatar que também existem os filhos que possuem empregos fixos, com bons salários, permitindo que os mesmos mantenham uma casa para si (e seus rebentos, se for uma mulher separada), mesmo que alugada. Estes são os casos de muitas mulheres, filhas de moradores do bairro: elas vivem com seus próprios filhos em residências alugadas.

<sup>52</sup> Este é o modelo de separação existente entre os moradores entrevistados. Segundo eles a casa deve abrigar os filhos e a mãe/mulher, pois ela é a responsável por criar os mesmos. Sendo assim, o pai e/ou marido deve sair da residência.

<sup>53</sup> Durante estas “*diárias*” as mulheres trabalham nas cozinhas que existem nos salões das “*comunidades*” lavando saladas, preparando algum outro alimento, limpando panelas, ou ainda podem cuidar da limpeza da cozinha ou do espaço utilizado por aqueles que aproveitam as festas.

desconforto. Podemos observar isto ao notar a diferença de comportamento de Soraya quando sua mãe está em casa e quando ela sai. Houve situações em que a pesquisadora foi a casa de D. Morena e a mesma não se encontrava lá, Soraya estava sozinha com os filhos. Nestes momentos ela falava sobre sua história de vida e por onde havia passado antes de chegar a Sorriso. Nestas situações era curioso perceber que esta moça não parecia “*ter problema de cabeça*”, como nos havia dito D. Morena no primeiro dia em que a entrevistamos. Mas assim que a mãe aparecia no portão, Soraya se calava e entrava em casa sem dizer mais nada. Quando isto ocorria tínhamos a sensação que Soraya desaparecia, só aparecendo novamente quando a mãe se dirigia a ela perguntando se a mesma já havia realizado suas tarefas e/ou delegando alguma outra atividade.

Já por parte de D. Morena se nota uma certa insatisfação em relação a sua filha mais velha quando a define como “*doente da cabeça*”. D. Morena relata que não entende Soraya, que esta moça “*só serve para fazer filho*”. Enquanto D. Morena elogia o tempo todo os seus outros filhos, vistos por ela como “*trabalhadores*”, Soraya é apresentada como uma pessoa que não consegue fazer mais nada além de filhos. Nestes momentos se observa claramente que D. Morena não está satisfeita com a situação de Soraya. Esta não trabalha e é completamente dependente de sua mãe, ela não é como seus irmãos que têm emprego, são casados e estão constituindo suas *famílias*. Ao contrário, ela depende de sua mãe para sustentar a si e aos seus filhos.

Isto nos faz perceber que existe um “*ciclo de vida familiar*” ideal que os filhos devem seguir: crescer, trabalhar para serem independentes economicamente, devem se casar, e sair de casa. Soraya não se comporta desta maneira. Ao contrário, vive na casa de sua mãe, não trabalha e engravidou diversas vezes, onerando ainda mais a sua mãe. O fato dos outros filhos de D. Morena serem vistos como *trabalhadores* quer dizer também que os mesmos são independentes dela, e por conseguiram seguir o modelo ideal do “*ciclo de vida familiar*”, algo que Soraya não conseguiu.

A relação de D. Morena com os outros filhos foi acompanhada quando fomos ao seu trabalho. D. Morena vai trabalhar todos os dias na sua sala de costura, inclusive aos sábados. É comum ela trabalhar sozinha, mas depois que Sofia voltou do estado do Pará, estes momentos se tornaram mais raros.

Sofia “*ajuda*” D. Morena desfazendo as costuras que necessitam de conserto, além de ir comprar linhas e outros materiais de costura no centro da cidade, onde os materiais são mais baratos de acordo com a costureira. Além disto, Sofia também costura algumas peças consideradas mais simples por D. Morena.

Nesta situação observamos uma oposição “*trabalho-não trabalho*” semelhante a analisada por HEREDIA (1979). Apesar da autora se ater a esta oposição entre trabalhadores rurais do Nordeste do Brasil, percebemos que neste contexto urbano o “*trabalho*” de D. Morena também é o responsável pela obtenção “(...) de bens essenciais para o consumo familiar (...)”<sup>54</sup> e a atividade realizada por Sofia é observada como “*ajuda*”, apontando que ela está sob a autoridade de sua mãe, que é a responsável por todo o processo de produção, que neste caso é a costura.<sup>55</sup> Neste sentido notamos que D. Morena, a chefe de família, é quem *trabalha* e os seus filhos a “*ajudam*”.

Outra moça que também costuma ir à sala de costura é Marta. Ela é casada com o filho de D. Morena, Lucas, de 23 anos, e está grávida de seu primeiro filho. A moça tem 20 anos e nasceu no Paraná, em Foz do Iguaçu. Esta não vai sempre àquela sala: é mais comum que ela apareça quando Sofia a chama em sua casa. Em geral, isto se dá a tarde, depois do almoço, pois antes disto Marta necessita arrumar a casa e preparar a refeição para si e seu marido Lucas, que volta do trabalho para comer. Após este momento, Lucas retorna ao trabalho e Marta vai a sala de costura de D. Morena. Em outras situações, no entanto, é possível que Marta apareça na sala alugada por D. Morena pela manhã. Isto se dá quando a moça já limpou a casa no dia anterior, ou simplesmente quando não está com vontade de realizar tal atividade. Nestes casos Marta necessita voltar para casa a tempo de fazer o almoço, se assim não for, é possível que ocorra alguma discussão entre o marido e ela, como afirmou a própria Marta.

Na sala de D. Morena esta moça também “*ajuda*” descosturando alguma roupas, mas ao contrário de Sofia, Marta não costura peça alguma. De acordo com D. Morena, Sofia teria mais paciência que Marta para costurar, por isso a segunda não realiza outra função além de descosturar roupas. Neste caso também podemos perceber que o fato de chamar a atividade que Marta desenvolve de “*ajuda*” indica que ela também está sob a autoridade de D. Morena, mas de maneira distinta de Sofia. Sofia é filha e Marta é nora e no momento que “*ajudam*” D. Morena se percebe a existência de uma confiança maior em delegar certas atividades à filha, ao invés da nora, mesmo que a nora consiga realizá-las. A partir disso percebemos indícios de um tipo de recorte familiar: aqui começamos a notar que D. Morena tende a pensar em sua *família* como composta por ela, seus filhos e netos. As noras e genros podem ser chamados de *família* também, mas somente enquanto dura o casamento, se há o rompimento dessa relação, noras e genros são eliminados da *família*.

---

<sup>54</sup> HEREDIA, Beatriz A. de (1979):79.

<sup>55</sup> Utilizamos o termo *ajuda* mais vezes neste capítulo é o mesmo estará expondo esta relação de autoridade da mãe (como no caso de Lucas e D. Morena descrito anteriormente) ou em alguns casos da sogra com as noras ou genros.

Com isto se percebe que a noção de *família* pode se modificar diversas vezes, pois depende, em parte, da estabilidade dos casamentos tanto dos pais como dos filhos.

Quando D. Morena está trabalhando é comum que volte para casa para almoçar. Entretanto, também é possível que esta senhora vá à casa de Lucas e de Marta para esta refeição. Este fato se dá principalmente quando Marta vai à sala de costura de D. Morena pela manhã. Sofia acompanha a sua mãe, tanto para comer na casa de sua cunhada como na casa de D. Morena. Em relação a Sofia, no entanto, esta movimentação durou enquanto Pedro, seu marido, estava no Pará, pois logo que ele retornou para Sorriso a moça passou a almoçar na casa de sua sogra, onde vive.

A retomada do trabalho após o almoço se dá por volta das 13h00. Às 16h00 as atividades são encerradas e muitas vezes D. Morena vai até a residência de D. Clotilde, sogra de Sofia, no bairro Boa Esperança I, para tomar o chimarrão as 17h00. Como Sofia vive na casa desta senhora, ela segue o mesmo caminho da mãe. Marta por sua vez retorna para sua residência. Após um pequeno tempo na casa de D. Clotilde tomando chimarrão, D. Morena vai para sua casa e se apronta para ir à escola noturna, onde cursa o último ano do ensino médio.

Apesar de D. Morena tomar chimarrão cotidianamente na casa de D. Clotilde, é possível ver D. Morena em outra casa do bairro tomando chimarrão. Esta é a casa da vizinha, D. Suzana, mas isto se dá com menos frequência, pois segundo D. Morena não é sempre que D. Suzana está em sua residência.

Aos sábados D. Morena também trabalha, mas até a hora do almoço. Após este momento ela costuma receber seus filhos em casa, que sempre vão até lá. Aos domingos se realizam almoços em família que podem se dar em sua residência ou então na casa de sua outra filha, Silvana. Esta é a filha que D. Morena menos vê, pois a mesma trabalha em Lucas do Rio Verde, um município próximo a Sorriso, em uma fábrica pertencente à Sadia. D. Morena contou que esta moça sempre acorda muito cedo e volta tarde para casa e é por isso que mãe e filha não se vêem durante a semana. Desta maneira, os encontros se dão aos domingos quando D. Morena e os seus filhos vão almoçar na casa de Silvana, no bairro São Mateus.

Além conhecer o cotidiano de D. Morena também tive a oportunidade de conhecer um pouco melhor a rotina de alguns dos filhos desta senhora. Além de Soraya, conheci com alguma profundidade Sofia e Lucas, que se tornaram acessíveis a partir de Marta. Neste trecho iremos acompanhar D. Morena em um de seus almoços na casa de seu filho Lucas, para visualizar a

residência deste e ver como se dá a divisão de trabalho entre os moradores do local.

A casa de Lucas e de Marta está situada no bairro Industrial I, nas proximidades do Boa Esperança e do São Domingos. Para se chegar à residência do casal é necessário passar pela lateral de outra casa que se situa na frente do terreno. O local onde eles vivem não é propriamente uma casa, apesar de ser este o termo de referência utilizada por todos, já que D. Morena e os seus filhos sempre se referem ao local como “*a casa de Lucas*”, mas como nos disseram mais tarde, aquele tipo de imóvel se denomina *peça*. Esta se caracteriza por ser um único cômodo de madeira dividido em quarto, cozinha e sala. Ali também há um banheiro que conta com uma cortina como porta, este está em um outro cômodo, mas ligado ao espaço maior. No local reservado para o quarto está um colchão de casal e uma televisão sobre uma mesa. Há uma corda na qual se pendura um lençol para separar o quarto da sala. O lençol não fica sempre ali, somente quando o casal deseja maior privacidade sem precisar fechar a única porta da *peça*, um dos poucos meios de iluminação natural do ambiente. Na “sala” há um pequeno sofá de dois lugares e logo atrás do mesmo está a cozinha com armários de metal, uma geladeira, um fogão, uma pia e uma mesa com quatro cadeiras.

No dia que almocei com esta família estava muito quente e por isso foi escolhida uma mesa que permanece do lado fora da casa para que realizássemos a refeição. Durante este período conversamos sobre diversos assuntos, inclusive sobre o trabalho de Lucas. Este rapaz nasceu em Imperatriz (MA), como seus irmãos, e atualmente afirma trabalhar como “*metalúrgico*”, isto é, ele constrói peças de metal que vão de móveis a silos de armazenagem de grãos. Atualmente trabalha no sistema de “*diárias*”, ou seja, realiza suas atividades sendo pago por dia de trabalho. Ele já trabalhou “*fichado*”, com carteira assinada na empresa BS, uma construtora de Sorriso, mas atualmente prefere realizar as mesmas atividades através de “*diária*”, pois segundo disse, recebe-se mais. Perguntei se há algum momento em que o mesmo não consegue trabalho e ele afirmou que as vezes isto ocorre, mas não dura mais que dois ou três dias, pois em pouco tempo consegue um “*serviço*” através de “*conhecidos*” ou ex-patrões.

Marta não trabalha e quem a sustenta é o marido. Atualmente ela está grávida e Lucas não deseja que ela trabalhe durante este período. Sendo assim, ela passa a maior parte do seu tempo em casa realizando suas atividades domésticas. Estas, porém, não são as únicas atividades que Marta realiza, ela também vai visitar suas “*amigas*” em bairros, como o Boa Esperança I, o São Domingos, onde ela já viveu, quando o marido não está em casa. Além disso, ela costuma ir sozinha à casa de alguns familiares, como sua mãe, seu pai e seus tios que vivem no São Domingos e no São Mateus. No entanto, ela sempre regressa para sua residência a tempo de fazer o almoço, se sai pela

manhã, ou antes das 17h00 para preparar o jantar, quando sai a tarde.

Percebemos então que o chefe de família nesta residência é Lucas, ele é o responsável pelo sustento da casa. Já Marta deve realizar suas atividades no âmbito doméstico, mas ela não se apresenta como uma mulher completamente dependente de seu marido, pois como vemos esta moça pode sair de casa sozinha e ir à casa de amigas desde que realize suas tarefas domésticas. Lucas não gosta que Marta saia sozinha, mas tolera esta ação de sua esposa, desde que ela esteja em casa quando ele volta do trabalho. Este tipo de comportamento foi observado em todas entre todos as famílias de moradores que entrevistamos, com isso percebemos que as mulheres gozam de uma certa independência de seus maridos, mas muitos destes não aprovam este tipo de comportamento, apesar de o tolerarem.

Em algumas ocasiões, no fim da tarde, Lucas e Marta vão juntos à casa de D. Morena, ou vão à casa de D. Clotilde, sogra de Sofia, onde vive esta irmã e tomam uma cuia de chimarrão. Lucas não gosta muito de chimarrão, mas Marta já é acostumada a tomar o mate desde pequena, pois seus familiares são do Paraná. Aos fins de semana Lucas e Marta vão sempre à casa de D. Morena e passam o dia com ela. Quando o almoço de domingo se dá na casa de Silvana o casal também vai até lá, onde toda *família* de D. Morena se reúne, algo que dá indicativos que Marta passa a compor a *família* de seu marido, já que passa a conviver mais com a mesma.

Além de estar sempre com os filhos, há outra pessoa que D. Morena sempre vê. Esta é D. Clotilde, sogra de Sofia. Como dissemos anteriormente é na casa desta senhora que D. Morena tem o hábito de tomar chimarrão todas as tardes. A proximidade entre as mulheres é tanta que D. Morena a classifica “*como de sua família*”. Apesar disso devemos estar atentos que esta designação apresenta um certo distanciamento, pois D. Clotilde é vista *como* da *família*, isto é, não faz parte da *família* plenamente e assim verificamos que estas mulheres não estabelecem tantas trocas<sup>56</sup> como as que D. Morena estabelece com seus filhos. Isto, porém, não impede que D. Morena vá todos os dias à casa de D. Clotilde para conversar com ela e compartilhar do chimarrão.

Quando as duas estão juntas conversam sobre seus filhos, especialmente Sofia e Pedro, mas também tratam de outros assuntos. Houve momentos em que observei conversas referentes ao processo de divórcio do primeiro marido que D. Morena encaminhava e D. Clotilde lhe aconselhava o que fazer, pois a mesma já havia realizado tal procedimento. Em outras situações, D. Morena toca

---

<sup>56</sup> Trocas que podem se dar através de alimentos, de arranjos na família para cuidar dos netos de D. Morena (exemplo: quando Soraya não pode cuidar de seus filhos, uma irmã, ou a nora pode realizar esta função), etc.

em outros assuntos como a dificuldade financeira que vem passando devido às dívidas assumidas na época da morte de seu filho mais velho: ela não sabe como pagar pela conta do hospital em que seu filho ficou, ou pelo caixão. D. Clotilde se mostra solidária com D. Morena e sempre a conforta afirmando que ela também passou por dificuldades financeiras.

Através destas conversas percebemos que existe cumplicidade entre as duas mulheres, pois tratam de assuntos particulares que não desejam compartilhar com outras pessoas do bairro. Ninguém precisa saber das dificuldades financeiras de D. Morena, por exemplo. Este tipo de assunto pode alimentar comentários feitos por vizinhos que ficam conversando na rua, isto é, em locais públicos. Quando este tipo de assunto se mantém em espaços privados, em casa de pessoas consideradas “*da família*”, como D. Clotilde, corre-se menos risco de se expor publicamente, não afetando a reputação de D. Morena no bairro.

Durante estas conversas as duas mulheres sempre lembram de quando Pedro e Sofia se foram para o Pará, pois foi naquele momento que as duas afirmam que se aproximaram. Foi a partir da viagem do casal que D. Morena passou a ir constantemente à casa de D. Clotilde para saber notícias de sua filha mais nova. Atualmente, depois do retorno definitivo de Sofia e Pedro, D. Morena vai com mais frequência à casa de D. Clotilde, mas não se demora muito tempo em dias úteis, pois logo depois desse momento de conversas, D. Morena passa em sua casa para jantar e, em seguida, ir para à escola. Nos finais de semana estes encontros se dão principalmente aos sábados à tardinha, depois do almoço, e são mais longos. Mesmo assim, D. Morena não se alonga demais, voltando para casa antes do jantar.

D. Clotilde tem 44 anos e se classifica como “*paranaense*”, pois a mesma nasceu no estado do Paraná. Em 1977 se mudou para Sinop, Mato Grosso, juntamente com sua mãe e irmãos; lá se casou a primeira vez em 1980. Foi também em Sinop que João e Pedro, seus dois filhos, nasceram. Anos mais tarde, D. Clotilde se separou e foi com seus filhos para o estado do Pará. Lá ela relata que “*se juntou*” com o atual companheiro, Sr. Adonias, apresentado pela informante como seu “*marido*”. Por volta de 1999 esta senhora se instala em Sorriso (MT), juntamente com seu filho mais velho, mas ainda no mesmo ano Sr. Adonias e Pedro também vão morar com eles.

A casa de D. Clotilde conta com dois quartos, uma sala e uma cozinha, com fogão comum, pia, geladeira e armários de cozinha. Atrás da casa está localizada a área onde se encontram o fogão a lenha e uma pia. No fundo do terreno há um “*barraco*” de madeira onde existe um quarto e o banheiro, que é utilizado por todos da casa. Durante os primeiros anos que passaram a viver em

Sorriso este espaço era dividido entre D. Clotilde, Sr. Adonias, João e Pedro. Mais tarde, João, o filho mais velho, se casou e continuou morando com sua mãe e o “tio”, nome dado ao Sr. Adonias pelos filhos de D. Clotilde. É importante perceber que quando João sai de casa, Pedro não permanecia o tempo todo em Sorriso, pois ia trabalhar em uma madeireira em Cláudia, outro município do Mato Grosso, sendo possível comportar mais um casal na residência de D. Clotilde.

Quando parou de trabalhar em Cláudia, Pedro voltou para casa de D. Clotilde e foi nesse período que ocorreu um conflito entre Pedro e sua cunhada, fato que obrigou D. Clotilde a intervir, pedindo a João e sua esposa para mudarem de casa. Para isso D. Clotilde ajudou o filho mais velho lhe dando um terreno que havia comprado no bairro São Mateus. João, então, constrói sua casa ali e se muda com sua mulher. Desta forma, D. Clotilde passou a morar com Sr. Adonias e Pedro.

Logo que chegou em Sorriso D. Clotilde trabalhou como empregada doméstica, mas deixou de realizar tal atividade quando Sr. Adonias adquiriu um bar no bairro. Sr. Adonias disse que não desejava mais que D. Clotilde trabalhasse e assim ela passou cuidar dos afazeres domésticos como limpar a casa, cozinhar, lavar e passar roupas, enquanto ele trabalhava no bar. Pedro, por sua vez, também trabalhava como pedreiro em construções na cidade de Sorriso.

No final do ano de 2007 Sr. Adonias sofreu um derrame que o impediu de continuar trabalhando no seu bar, necessitando ,com isto , de cuidados constantes de D. Clotilde, pois o mesmo perdeu boa parte de seus movimentos. D. Clotilde, então, passou a alugar o bar para se manterem economicamente. Na mesma época, porém, Pedro recebeu uma oferta de emprego no estado do Pará. Com esta proposta Pedro convidou Sofia, filha de D. Morena, que na época era sua namorada, para ir embora com ele. Sofia aceitou e desde então os dois se dizem casados<sup>57</sup>.

Com a ida de Pedro para o Pará, D. Clotilde e Sr. Adonias passam a viver sozinhos. No entanto, esta situação se modificou em maio de 2008, pois Pedro e Sofia desistem de permanecer no Pará e retornam a Sorriso. Sendo assim, D. Clotilde permite que Pedro e sua esposa morem com ela, evitando que os mesmos tenham que alugar uma casa, algo considerado muito negativo pelos nossos informantes. Com isto, os residentes da casa de D. Clotilde, além dela, são Sr. Adonias, seu filho mais novo, Pedro, e sua “nora” Sofia.

Com os novos moradores a organização interna da casa se modificou D. Clotilde estava acostumada a realizar todas as tarefas domésticas e também algumas fora de casa, como o a compra

---

<sup>57</sup> Como já foi observado anteriormente Pedro e Sofia foram trabalhar em uma fazenda no estado do Pará.

de alimentos, ou pagamento de contas, além de marcar as consultas médicas para seu marido. Com a volta do jovem casal, D. Clotilde continua limpando e arrumando a casa, além de cozinhar e lavar a louça, mas Sofia “*ajuda*” na arrumação da casa e assumiu a função de lavar as roupas de todos. Já o pagamento de contas e a compra de alimentos é realizado por Pedro e Sofia, sempre obedecendo as orientações de D. Clotilde. Além disso, o dinheiro utilizado para fazer esses pagamentos vem do aluguel que D. Clotilde cobra pelo bar.

Pedro “*ajuda*” sua mãe e seu “*tio*” em algumas situações como quando foi necessário consertar o carro da família: foi Pedro quem pagou. Além disso, é ele também quem está construindo um banheiro de alvenaria nos fundos da casa principal, e é quem compra parte do material, juntamente com D. Clotilde. Apesar disto é necessário estar atento que Pedro “*ajuda*” a sua mãe, já que o mesmo não realiza nenhuma dessas ações sozinho. Para tudo ele conta com a autorização de sua mãe, a verdadeira responsável atual pela família e pela casa, pois o seu marido, devido a sua doença, não está em condições de exercer essa função.

Como vimos os moradores da casa de D. Clotilde se modificaram no decorrer do tempo. Aqui também se percebe a existência do “ciclo de vida familiar”, que foi observado anteriormente, com idas e vindas dos filhos à casa de D. Clotilde. Também notamos que mesmo com a presença do Sr. Adonias na casa, D. Clotilde assumiu permanentemente a posição de chefe de família desde que o marido adoeceu. Digo permanentemente, pois mesmo quando Sr. Adonias estava bem, foi D. Clotilde que resolveu o conflito que envolveu seus filhos e a mulher do filho mais velho. Neste caso se percebe que a mãe é quem possui autoridade sobre os filhos e consegue resolver a situação. Sendo assim se nota que havia uma divisão da autoridade no interior da residência: o marido era o chefe de família, mas a esposa é mãe dos filhos. Com isto notamos que em conflitos como estes a autoridade materna se sobrepõe à autoridade da do chefe de família, pois este não compartilha de laços co-sanguíneos com os filhos de D. Clotilde. Os rapazes são “*filhos dela*” como Sr. Adonias diz.

Apesar desta constatação não se pode dizer que D. Clotilde não considere como sua *família* o Sr. Adonias e seus filhos, que João e Pedro não o vejam como pertencente à *família*, ou que o Sr. Adonias não observe João e Pedro como *família*. Neste caso todos se percebem como tal, tanto que Pedro e João chamam o Sr. Adonias de “*tio*”, mostrando que há proximidade e respeito pelo marido de D. Clotilde e que os mesmos se observam como uma *família*.

No caso das esposas dos filhos a situação é um pouco distinta, pois as mesmas são

observadas como alguém que pertence a *família*, mas ao mesmo tempo não é. Algo que pode ser percebido quando D. Clotilde as chama de “*as mulheres de meus filhos*”, demonstrando um certo distanciamento entre elas. Isto porém pode demonstrar também que no interior de uma *família* pode existir uma tensão entre sogra e nora, como observada por SEGALEN<sup>58</sup>, pois a nora se vê como uma “(...) estrangeira na casa de sua sogra”<sup>59</sup>, e a mesma se sente ameaçada por essa nova mulher. A mãe/sogra deve sempre ser a “rainha” no interior de sua casa, poder que se percebe principalmente na cozinha, pois é a sogra que irá cozinhar em sua casa, isto é, preparar o alimento para todos os moradores da residência. Sendo assim, a nora está sob a autoridade da sogra quando vive com ela, como veremos no caso de Sofia e D. Clotilde.

Apesar do Sr. Adonias precisar constantemente do auxílio de sua esposa, D. Clotilde também sai de casa, mesmo que rapidamente, para marcar consultas médicas para seu marido. Mas ela também possui o hábito de ir à Igreja Adventista, a noite, uma vez na semana, deixando o marido sob os cuidados de Sofia e Pedro. Estas idas para igreja, porém, não são constantes, pois o Sr. Adonias não gosta de ficar com Pedro e Sofia, e assim D. Clotilde, muitas vezes, permanece em casa.

A rotina da família em dias de semana não se modifica muito. Pedro, que voltou a trabalhar como pedreiro em Sorriso, passa o dia todo fora, voltando a noite para casa. Sofia possui funções específicas dentro de casa, além das já apontadas, e todas elas estão ligadas ao seu marido. É ela quem cozinha para o mesmo<sup>60</sup>, quem arruma a marmitta dele de manhã, quem acorda cedo com ele para fazer o café e tomá-lo em sua companhia. Sendo assim, quando Sofia e D. Morena chegam à casa de D. Clotilde é comum que a primeira não participe muito das conversas entre sua mãe e sua sogra, pois Sofia se ocupa em preparar o prato do jantar de Pedro. Já D. Clotilde cuida da casa, da comida e do Sr. Adonias.

Os fins de semana na casa de D. Clotilde não se diferem muito dos dias de semana, a não ser quando resolvem passear, fato que não era comum até o retorno de Pedro, pois D. Clotilde não possuía recursos para consertar o carro da família, que facilitariam o deslocamento do Sr. Adonias, principalmente. Com o retorno de Pedro o automóvel foi arrumado, e agora é ele quem dirige. Esses passeios esporádicos acontecem nos domingos e são nesses dias que D. Clotilde gosta de ir com o

---

<sup>58</sup> SEGALEN, Martine (Op. Cit.).

<sup>59</sup> Idem:76. Livre tradução.

<sup>60</sup> Isto só ocorre quando D. Sônia viaja com seu marido para Cuiabá (MT), pois é lá que o último realiza seu tratamento de saúde.

Sr. Adonias, Pedro e Sofia à casa de seus irmãos que vivem em Sinop (MT). Lá eles passam o dia inteiro, voltando a noitinha para Sorriso.

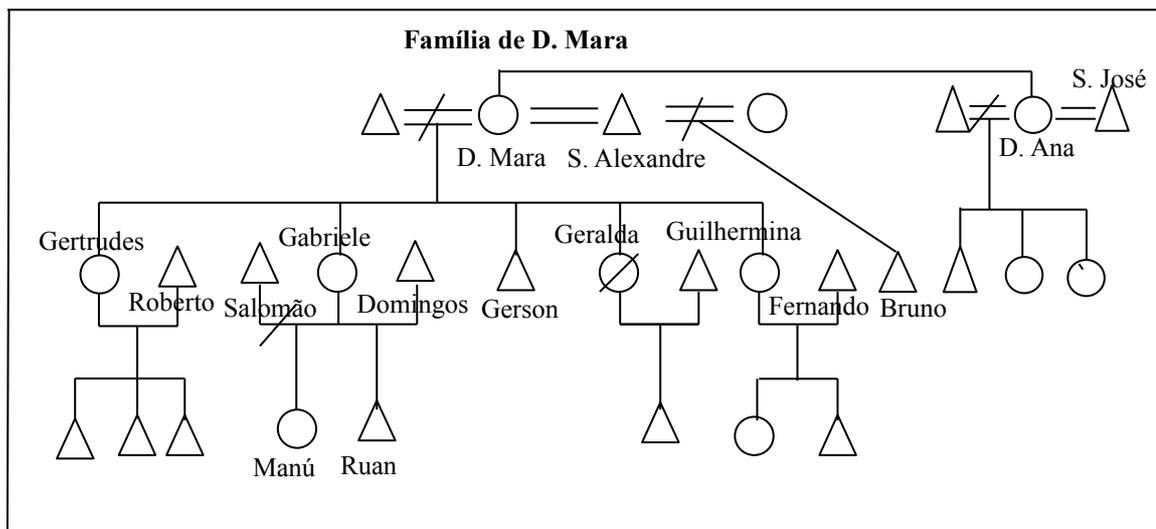
Como se vê D. Clotilde e seus irmãos estão contato constante. Além de D. Clotilde ir visitá-los, é comum que eles se telefonem e se ajudem de diversas maneiras, inclusive emprestando dinheiro uns para os outros, quando necessário. Neste sentido pode-se dizer que a “rede familiar” de D. Clotilde é mais ampla que a de D. Morena, que conta apenas com os seus filhos, noras e genros.

Com o termo “rede familiar” desejamos demonstrar algo semelhante ao que GESSAT-ANSTETT (2001) observa na Rússia pós-soviética: a existência de “redes familiares” que funcionam através de trocas entre famílias nucleares, auxiliando na manutenção da parentela. Segundo a autora estas “redes” familiares, para funcionarem constantemente e de maneira eficiente, não podem se estender por longas distâncias.

D. Morena e D. Clotilde também contam com suas próprias “redes familiares”. D. Morena realiza trocas constantes com seus filhos e vice-versa que auxiliam na manutenção de toda a “*família*”, isto é filhos, noras, genros e netos. Já D. Clotilde pode contar com seus filhos e seus irmãos (que vivem em um município vizinho a Sorriso) como componentes desta “rede familiar”.

## 1.2 O cotidiano de Dona Mara e sua “*família*”

Diagrama 2



Outra moradora do bairro que acompanhamos foi Dona Mara. Esta senhora tem 53 anos e nasceu em Itapecuru Mirim, no estado do Maranhão. Ainda naquele estado D. Mara se casou a primeira vez e foi viver com seu marido em Zé Doca, outro município do Maranhão. Ali nasceram

seus cinco filhos. Por volta de 1984 D. Mara se separa e vai para Peixoto de Azevedo (MT) em busca de trabalho. O local era famoso por ser área de garimpo naquela época e segundo nos contou D. Mara havia “*muito serviço*”, ela então se tornou cozinheira, isto é, cozinhava para os garimpeiros. Lá ela conhece Alexandre, piauiense, que havia passado pelo Maranhão, estado onde havia morado com sua ex-mulher e seu filho. S. Alexandre e D. Mara vão “*morar juntos*”, isto é, se casam. A partir desse momento D. Mara e S. Alexandre saem de onde se realizava a retirada de ouro e passam a viver em uma casa, na cidade de Peixoto de Azevedo. Nestas novas condições D. Mara busca seus filhos no Maranhão, que haviam ficado com o pai, mas apenas dois deles vão para Peixoto de Azevedo (MT) com ela: Gabriele e Gerson<sup>61</sup>. Após algum tempo Gertrudes, a filha mais velha de D. Mara vai ao seu encontro naquela cidade.

Ainda em Peixoto de Azevedo Gabriele se casa com Salomão, um “*companheiro*” de trabalho de S. Alexandre: os dois trabalhavam no garimpo e S. Alexandre o chamou para viver em sua casa. Desta maneira conheceu Gabriele e se casou com ela. Desta união nasceu uma filha chamada Manú.

Gertrudes também se casou em Peixoto de Azevedo com um “*parente*”<sup>62</sup> de S. Alexandre, chamado Roberto. Em 1994, quando S. Alexandre, decidiu ir para Sorriso (MT) junto com D. Mara e Gerson, Gertrudes e Roberto também seguem para a cidade. Pouco tempo depois, ainda naquele mesmo ano, Gabriele também vai com o marido e sua filha para Sorriso (MT).

Já a filha mais nova de D. Mara, Guilhermina, vai para Sorriso de maneira diferente. Ela vivia no Maranhão com seu pai, sua madrasta e o meio-irmão, originário do novo casamento de seu

<sup>61</sup> A ordem de nascimento dos filhos de D. Mara, do mais velho para o mais novo é: Gertrudes, Gabriele, Gerson, Geralda e Guilhermina. Geralda foi a única filha que não foi para o Mato Grosso, por isso ela não será citada.

<sup>62</sup> Esta denominação foi dada pela Dona Ana, irmã de D. Mara. Ela não sabia definir o grau de parentesco do S. Roberto e S. Alexandre, então afirmou que se tratava de um “*parente*” devido ao grau de proximidade que os dois apresentam. S. Roberto não era apenas um “*companheiro de trabalho*”, como outros que chegaram a morar na casa de D. Mara.

Já o S. Alexandre não o definiu como *parente*, mas explicou o seguinte:

*S. Alexandre: Nós morava no Varjão dos Crentes, perto de Imperatriz (MA)... quem morou lá eu e esse Roberto, nós moramos lá.*

*Pesquisadora: O senhor conhecia ele de lá?*

*S. Alexandre: Conhecia... ele é do Piauí também. Conheci ele no Piauí, conheci a família dele tudo lá.*

*Pesquisadora: É mesmo? Então o senhor conhece ele a muito tempo?*

*S. Alexandre: A muito tempo...*

*Pesquisadora: Antes da Gertrudes conhecer ele?*

*S. Alexandre: Sim, sim. A Gertrudes veio conhecer ele em 86, 87, 88 foi por ai assim que eles vieram a se conhecer. (...) No Peixoto (...)*

*Pesquisadora: Ele meio que foi seguindo o mesmo caminho que o senhor?*

*S. Alexandre: Foi. Ele era casado com uma prima minha.(...) Ai a bichinha era muito bonitinha mesmo, aí a bichinha quando chegou aqui na região do Mato Grosso, ficou sem-vergonha(...) ai ele se separou dela. (...) Depois que ele se separou dessa prima minha, ele toda vida ficou morando junto comigo.*

pai. Esta moça sempre entrava em conflito com sua madrasta e devido a isto, quando se tornou adolescente, saiu da casa de seu pai para ir morar na residência de sua irmã Geralda que já era casada e vivia próximo ao seu pai.

Guilhermina sentiu vontade de morar com sua mãe e para conseguir chegar até ela, procurou uma das irmãs de D. Mara que ainda vivem no Maranhão, mais especificamente na cidade de Imperatriz. As tias, irmãs de D. Mara, mantiveram algum contato com as sobrinhas, mesmo que escasso, por isso Guilhermina conseguiu chegar a casa de sua tia em Imperatriz. D. Mara, por sua vez, sempre que pode telefona para seus irmãos no Maranhão e assim mantêm um contato constante com os mesmos: foi através destes telefonemas que ela soube que sua filha mais nova desejava ir ao seu encontro. Assim sendo, D. Mara manda o dinheiro da passagem para que Guilhermina vá para Sorriso (MT) através de uma irmã que também vive na cidade. Esta é D. Ana, ela foi a responsável por buscar Guilhermina em 1998. Naquele ano D. Ana foi ao Maranhão para buscar os seus filhos que havia deixado lá quando se separou do primeiro marido. Durante sua estadia no Maranhão visitou seus irmãos e entre eles estava aquela que abrigava Guilhermina. Desta maneira, D. Ana volta para Sorriso(MT) naquele mesmo ano levando Guilhermina para que esta more com sua mãe, D. Mara<sup>63</sup>.

A partir deste exemplo vemos que D. Mara e sua irmã D. Ana mantinham contato com seus irmãos do Maranhão na década de 1990, mas segundo nos relataram as duas mulheres este contato familiar não desapareceu nem mesmo quando elas viviam em Peixoto de Azevedo (MT) nos anos 1980. Enquanto viviam em Peixoto de Azevedo D. Mara e D. Ana iam ao Maranhão visitar sua mãe e aproveitavam para ir a casa dos irmãos com menor frequência, mas sempre se comunicavam através de cartas com os mesmos. Já em Sorriso as viagens para o Maranhão se intensificam e as duas iam quase todo ano ver a mãe e os irmãos. Depois que a mãe de D. Mara e D. Ana faleceu o contato com os irmãos que vivem no Maranhão permaneceu, especialmente através de telefonemas, mas as viagens diminuíram (principalmente no caso de D. Ana<sup>64</sup>). No caso de D. Mara estas viagens seguem sendo realizadas e uma vez ao ano ela vai ao Maranhão, passando até três meses fora de casa. Também é comum que os irmãos de D. Mara e D. Ana vão a Sorriso visitar suas irmãs, mas sem tanta assiduidade.

---

Estes contatos anuais com a família de origem também foram percebidos entre outros

<sup>63</sup> Somente Geralda permaneceu no Maranhão, mas ela faleceu por volta de 2005.

<sup>64</sup> D. Ana não viaja mais após o acidente de sua filha mais nova em 2005, pois a mesma se tornou tetraplégica e requer cuidados constantes.

informantes como D. Marina e D. Judith, que todo ano vão ao Maranhão visitar, principalmente as suas mães. No caso das mulheres as viagens aos estados de origem são mais constantes, mas isto não significa que os homens não mantenham contato com suas famílias de origem, na realidade estes contatos são bastante frequentes principalmente através de telefonemas. No entanto, vários informantes relataram que enquanto viviam em Peixoto de Azevedo (MT) não mantinham contato com as “*famílias*” de origem (ao contrário do que se percebe com D. Mara e D. Ana) e voltaram a falar com as mesmas quando foram viver em Sorriso (MT).

Em Sorriso, então, os moradores do bairro Boa Esperança I seguem mantendo contato com suas “*famílias*” de origem que são designadas pelos mesmos como “*família*”. Esta *família* de origem inclui pais, irmãos, cunhados (quando existem) e sobrinhos. Este contato com as “*famílias*” nos estados de origem permite que irmãos, cunhados e sobrinhos passem a viajar para Sorriso em busca de empregos em fazendas do município, criando uma grande rede trocas: aqueles que contam com pessoas da “*família*” em Sorriso conseguem trabalho e casa para viver ali com maior facilidade<sup>65</sup>, mesmo que temporariamente, pois quando não há mais trabalho nas lavouras muitos voltam para seus estados de origem; enquanto aqueles que permanecem em Sorriso podem ir para seus estados de origem e permanecer na casa dos pais ou dos irmãos, como em situações em que necessitam resolver questões burocráticas no estado de origem, ou questões de saúde<sup>66</sup>.

As “*famílias*” de origem de D. Mara e de S. Alexandre são importantes para os dois, mas não podemos dizer que os filhos de D. Mara<sup>67</sup> dêem esta mesma importância para os tios maternos, pois se nota que os mesmos tratam a “*família*” de origem desta senhora pelo termo “*parentes da mãe*”, ou “*família da mãe*” ou apenas “*parentes*”. Este fato nos revela que a família de origem de D. Mara não é tão próxima de seus filhos, pois os mesmos não convivem constantemente com eles, e por isso não participam do sistema de trocas que se dá entre as D. Mara e seus filhos. Sendo assim, os filhos desta senhora podem reconhecer que há laços co-sanguíneos quando chamam os tios de “*parentes*”, mas em outros momentos estes laços podem não ser reconhecidos, pois chamam os tios

<sup>65</sup> Foi o que aconteceu com um de nossos informantes, o senhor Romildo: ele volta a manter contato com sua “*família*” de origem quando se muda para Sorriso. Com isso passa a incentivar os irmãos e cunhados para se encaminhem para Sorriso e trabalhar nas lavouras de soja, pois ali era fácil conseguir emprego e se pagava melhor que no Maranhão. Os irmãos e cunhados, então, permanecem na sua casa quando foram para Sorriso. No entanto, não deixar de assinalar que atualmente os irmãos e cunhados deste senhor não vão mais para casa de Romildo (alguns vivem em Cuiabá e outros permanecem no Maranhão); hoje aqueles que ficam na casa de Romildo são pessoas “*conhecidas*”(para compreender este termo ver capítulo III) do Maranhão que alugam quartos ali.

<sup>66</sup> Como aconteceu com D. Mara que precisou ir para o Maranhão requerer uma pensão no INSS, devida a morte de seu primeiro marido, com quem a mesma continua casada aos olhos da lei. Já S. Alexandre tratou de sua hanseníase e operou um dedo no Piauí, onde vivem seus pais e irmãos.

<sup>67</sup> Não foi possível conhecer pessoalmente o filho de Sr. Alexandre.

“*família da mãe*” ou “*parentes da mãe*”, mostrando que há distanciamento entre tios e sobrinhos, comportamento que se percebeu entre filhos de outros informantes. Já os irmãos paternos, no caso dos filhos de D. Mara, não foram nem citados<sup>68</sup>.

Com estes exemplos podemos perceber que estas pessoas dão uma grande importância a relações constantes entre familiares. Estas relações são intermediadas por trocas de favores, alimentos, apoio moral em momentos de necessidade, etc (Gessat-Anstett, Op. Cit.). Se elas não acontecem, por exemplo, entre tio e sobrinho, dificilmente estas pessoas se verão como *família*. Estas trocas se estabelecem entre D. Mara e seus irmãos, quando ela vai ao Maranhão, mas não com os filhos da primeira, que permanecem em Sorriso. Com isso verificamos que é necessário que as famílias nucleares vivam próximas para que se realizem as trocas das “redes familiares” descritas por Gessat-Anstett, podendo assim, considerar a todos como *família*.

Vejam agora como se organizam as unidades domésticas de D. Mara e suas filhas, para verificarmos as mudanças do “ciclo de vida familiar” em cada residência, além de observamos as trocas que se estabelecem entre os membros desta *família*.

Em Sorriso, D. Mara vive com S. Alexandre e Gerson. S. Alexandre conta com 52 anos e se diz “*piaiense*”; o último tem 30 anos afirma ser “*maranhense*”. Cada uma das filhas de D. Mara está casada e mora em suas respectivas residências com maridos e filhos.

Gabriele possui 31 anos atualmente. Quando ela se separou do primeiro marido voltou para casa de D. Mara, juntamente a primeira filha, Manu. Continuou ali quando se casou uma terceira vez, mas atualmente Gabriele vive em uma casa ao lado da sua irmã Gertrudes (ver Anexo III), com o terceiro marido, o senhor Domingos, de 44 anos. Nesta casa também vivem Manú, filha mais velha de Gabriele, de 14 anos, e Ruan, o bebê de 1 ano, fruto do casamento com o esposo atual. Esta moça é manicure e faz unhas todos os dias (as vezes até no domingo). Em casa ela é responsável por cozinhar, limpar sua casa, passar as roupas e cuidar das crianças. No entanto, durante a semana quem varre casa e cuida do irmão menor é Manú (quando não está na escola, localizada no bairro São Domingos); aos finais de semana é Gabriele quem assume todas as funções domésticas descritas.

Sr. Domingos trabalha em uma madeireira e o mesmo recebe pelo que produz. Segundo ele

---

<sup>68</sup> Se percebeu que o contato com dos filhos com os parentes do pai se apresentam apenas quando pai e mãe não se separam. Em família em que a mãe era separada do pai dificilmente havia contato dos filhos com parentes paternos.

atualmente não há mais tanta madeira e por essa razão afirma que não vai muito até a madeireira, permanecendo boa parte de seu tempo em casa. Devido a isto, Sr. Domingos se torna o responsável por levar Gabriele até as casas da maioria de suas clientes na moto que pertence ao casal.

Gertrudes possui 32 anos e continua casada com o senhor Roberto, com 47 anos aproximadamente. Com o mesmo teve três filhos homens, de 14, 10 e 1 anos. Gertrudes é dona de casa e ela realiza todas as atividades domésticas, além de cuidar das crianças. Sr. Roberto, por sua vez, trabalha como moto-taxi na cidade. Os filhos de Gertrudes também estudam nas escolas de bairros próximos: o mais velho estuda no bairro São Domingos e o filho do meio estuda na escola do bairro Boa Esperança I.

Guilhermina tem 28 anos, já viveu com sua mãe e hoje mora em sua própria residência, casada com o senhor Fernando, de aproximadamente 30 anos. O casal conta com uma filha que hoje tem 7 anos, e um menino de poucos meses. Ela trabalha no almoxarifado de uma loja do shopping de Sorriso, mas quando a conhecemos estava de licença maternidade, pois havia dado à luz ao filho do casal a poucos meses. Além de trabalhar Guilhermina também é a responsável por cuidar de sua casa, limpando-a, cozinhando, lavando e passando as roupas, e cuidar das crianças. Sr. Fernando trabalha como estoquista em um supermercado da cidade, situado no Centro. A filha deste casal estuda e ajuda sua mãe a cuidar de seu irmãozinho.

Como se vê, assim como a casa D. Mara também passou por diversas fases durante o “ciclo de vida familiar”: Gabriele e Guilhermina viveram na casa de sua mãe e possuíam obrigações domésticas nesta residência. O interessante neste caso é que mesmo quando as filhas saem da casa de sua mãe elas não deixam de ter deveres em relação à casa de D. Mara, como veremos mais adiante.

Gabriele e Gertrudes vivem ao lado da casa de sua mãe, enquanto Guilhermina vive em um bairro afastado, chamado Tanhamã I, que se localiza do outro lado da BR 163. Apesar das filhas de D. Mara morarem em casas separadas de sua mãe isto não impede que as mesmas estejam sempre que possam na casa de D. Mara. D. Mara, no entanto, não costuma ir a casa de suas filhas, demonstrando uma certa hierarquia familiar.

A casa de D. Mara é de alvenaria, mas os dois quartos da casa são de madeira. Além desses cômodos a residência conta com uma sala, uma cozinha e um banheiro. A frente da casa há uma pequena varanda. Ao lado deste espaço existe uma pequena sala de madeira que abriga uma cadeira

e um espelho, tesouras e máquina de cortar cabelo: ali Sr. Alexandre assume a função de cabeleireiro.

Durante a semana, a casa de D. Mara sempre conta com diversas pessoas que estão ali de passagem, pois além do serviço de cabeleireiro que Sr. Alexandre fornece, D. Mara vende “geladinhos”, com isso muitas crianças vão até lá. D. Mara também vende outros produtos como artigos de cama, mesa e banho, perfumes e bijuterias. Desta maneira, várias pessoas, especialmente mulheres, passam em sua casa para comprar estes artigos.

Devido a esta atividade é comum que nos inícios de mês D. Mara saia de casa pela manhã para cobrar os pagamentos de suas clientes. Ela costuma ir nas residências das mesmas e em seguida volta para a sua. As vezes ela aproveita essas saídas para ir à casa de sua irmã, D. Ana, que vive no bairro São Mateus.

D. Ana é a única irmã de D. Mara que vive em Sorriso. Ela se diz “*maranhense*”, tendo nascido em Itapecurú Mirim no estado do Maranhão, e possui mais ou menos 50 anos. Ela é casada com o senhor José, que tem 54 anos aproximadamente que também se diz “*maranhense*”, tendo nascido no estado do Maranhão. O casal se conheceu em Peixoto de Azevedo (MT) quando esta senhora se separou do primeiro marido, com quem havia se casado ainda no Maranhão. No primeiro casamento esta senhora teve 3 filhos que deixou com os avós paternos quando foi para Peixoto de Azevedo (MT). Anos mais tarde, D. Ana foi para Sorriso(MT) pouco depois de sua irmã D. Mara: Sr. José já havia se encaminhado para a cidade em busca de trabalho e quando conseguiu voltou a Peixoto de Azevedo para buscá-la<sup>69</sup>. Quando D. Ana e o marido se instalam definitivamente em Sorriso, D. Ana busca os filhos no Maranhão.

Atualmente D. Ana mora com Sr. José, uma filha de 28 anos, tetraplégica, e dois netos, um menino com 8 anos e uma menina de 4 anos. D. Ana é responsável pelas atividades domésticas e da alimentação dos moradores da casa, além de cuidar das crianças e da filha. Devido aos cuidados constantes que a filha de D. Ana requer, tanto a dona da casa quanto o seu marido não podem trabalhar, sendo assim vivem da aposentadoria de Sr. José, da ajuda dos outros dois filhos que também vivem em Sorriso, em outro bairro, e de doações que um grupo da Igreja Católica de Sorriso.

Quando D. Mara e D. Ana se encontram as duas conversam e trocam informações sobre seus

---

<sup>69</sup> Assim como fez Sr. Alexandre com D. Mara poucos meses antes.

irmãos que vivem no Maranhão, além de falarem sobre seus respectivos filhos, maridos e netos. Depois disso D. Mara retorna para sua residência, pois ainda necessita realizar as suas atividades domésticas.

Em sua casa D. Mara é responsável por limpar a residência, lavar e passar a roupa de todos que vivem com ela e cozinhar. O almoço e o jantar são preparados bem cedo em comparação com os horários em que estas refeições são servidas nas casas de suas filhas, ou vizinhas: os moradores daquela casa almoçam por volta das 11:00h, enquanto o jantar está servido as 18:00h; já nas outras residências o almoço é as 12:30h e o jantar as 19:00h.

É interessante perceber que as atividades domésticas da casa desta senhora não se limitam aos moradores de sua residência, como no caso de lavar roupas ou limpar a casa. Perceber, por exemplo, que D. Mara também lava as roupas de Gabriele, seu marido e seus filhos. Quando perguntei sobre a razão desse arranjo para Gabriele, a mesma afirmou que é uma maneira de “*ajudar*” sua mãe, pois aquela paga um certo valor por este serviço. Desta maneira, D. Mara pode “*conseguir mais um dinheirinho*” como nos disse Gabriele. Além disso, Gabriele também se sente aliviada, pois é menos uma atividade doméstica que não necessita realizar e com isso pode dispor de mais tempo para se dedicar ao seu trabalho de manicure.

Já em relação a limpeza da casa é comum que Manu, a neta mais velha de D. Mara, filha de Gabriele, varra a casa de sua avó algumas vezes na semana. Porém, esta atividade se intensifica quando D. Mara viaja para o Maranhão. Isto pôde ser percebido pois durante o trabalho de campo D. Mara viajou para o Maranhão para resolver questões referentes ao seu antigo casamento. Sendo assim, durante a época que esta senhora viajou para sua terra percebemos que as mulheres desta família se organizaram para realizar todas as atividades que seriam responsabilidade de D. Mara em sua casa.

Gertrudes e Gabriele cuidaram das refeições de Sr. Alexandre e Gerson, a primeira faz o almoço e a última o jantar. Estas refeições ficariam por conta de Guilhermina aos finais de semana, mas como a mesma não pode ir todos os fins de semana a casa de sua mãe, Gabriele e Gertrudes continuavam cozinhando. Já a arrumação da casa ficava por conta de Gertrudes e Manu. As roupas passaram a ser lavadas por Gabriele e Gertrudes: a primeira voltava a lavar as roupas do seu marido, sua filha e seu filho; a última lavava as roupas de Sr. Alexandre e Gerson.

Há uma presença constante das filhas, mesmo quando casadas, no cotidiano de D. Mara. No

bairro pudemos observar que não é comum, mesmo após o casamento, que exista rompimento nas relações entre os pais e os filhos, mas a relação se modifica. Inclusive, no caso das mulheres, as mesmas continuam a ajudar a mãe em determinadas funções, como observamos nos casos das filhas de D. Mara. Podemos observar esta ligação entre mãe e filha a partir da relação de trocas constantes que se estabelece entre Gabriele e D. Mara, como se observa no trecho a seguir:

**Pesquisadora:** *Ai você costuma ir na casa de sua mãe?*

**Gabriele:** *De vez em quando... assim uma horinha(...) Eu vou direto ali, né? Só que é só um pouquinho: vou lá, faço o que eu tenho que fazer e já volto.*

**Pesquisadora:** *E quando vocês precisam de alguma coisa ou outra...?*

**Gabriele:** *Ai eu vou lá na casa dela. Aqui é assim, se eu puder, o que eu como ela come, e o que ela come lá ela manda para cá também. (...) Que nem..., de vez em quando tem uma comida diferente, daí ela já manda.*

**Pesquisadora:** *Mas ela manda, ela vem aqui ou...?*

**Gabriele:** *Não, ela me chama.*

**Pesquisadora:** *Mas ela te chama por quem? Alguém vem aqui te chamar?*

**Gabriele:** *Ela dá um grito, bem ai! (sua mãe mora do lado de sua casa).*

Como se pode observar Gabriele está constantemente na casa de sua mãe, mesmo que por pouco tempo. Sempre auxilia a mesma, entre outras coisas, fazendo os *geladinhos* que a mãe vende, além de compartilharem alguns alimentos, especialmente quando há algum que seja diferente, como um peixe ou uma carne de caça<sup>70</sup>.

Assim como Gabriele, Gertrudes também mantém este tipo de trocas com sua progenitora. A proximidade das casas das mesmas é um fator que auxilia nestas trocas contantes, afinal a residência de D. Mara é ao lado da de Gertrudes, e ao lado desta, está a de Gabriele.

Guilhermina também possui obrigações em relação a casa de sua mãe quando a última viaja. Nestas ocasiões, quando ela vai a casa de sua mãe, cozinha para os que vivem ali. Além disso, as trocas de alimento entre mãe e filha seguem sendo observadas: sempre que há caça ou peixe D. Mara chama o Sr. Fernando, marido de sua filha, para que este busque a encomenda<sup>71</sup>; e o contrário

<sup>70</sup> É comum que o Sr. Alexandre e o Sr. Roberto (marido de Gertrudes) caçam porcos do mato, ou ainda saiam para pescar nos rios das proximidades. Quando trazem estes alimentos os mesmos dividem entre as filhas de D. Mara e quando há bastante também compartilham com as duas comadres de D. Mara e o Sr. Alexandre: as senhoras Jurema e Ludmila.

<sup>71</sup> Deve-se frisar que o marido de Guilhermina possui uma moto que lhe permite circular entre a casa de sua casa e da sua sogra com mais facilidade. Por isto, geralmente, é ele quem leva e trás as trocas entre mãe e filha.

também se dá: quando Guilhermina tem acesso a algum alimento diferente leva o mesmo para sua mãe<sup>72</sup>.

A partir desta descrição citamos novamente o conceito de “redes familiares” de Gessat-Anstett, pois se visualizam também no bairro Boa Esperança I pequenas redes familiares onde a proximidade espacial dos membros da *família* permite que se estabeleçam laços de “solidariedade” entre os mesmos. Neste caso específico esta “solidariedade” se expressa nas trocas que se estabelecem entre filhas e mãe, trocando alimentos, realizando atividades domésticas, e ajudando-se economicamente, atos que permitem a manutenção deste grupo familiar.

Enquanto D. Mara está em casa, porém, outras atividades também fazem parte de seu cotidiano. Após realizar os afazeres domésticos esta senhora tem por hábito sentar-se em frente a sua casa. Por volta das 15:30h sempre encontramos D. Mara neste lugar e ao seu redor sempre estão Gertrudes e seu bebê, e Manu com o irmãozinho de 1 ano. Quando Gabriele não trabalha<sup>73</sup> ela também fica ali conversando com sua mãe, sua irmã e sua filha. Mais tarde, por volta das 16:30h chegam outras vizinhas: as senhoras Jurema, Ludmila e Camila. As duas primeiras são comadres de D. Mara e a última é observada como “vizinha”. Outras duas moças também costumam ir até a casa de D. Mara para conversar com ela, estas são Alva e Marisa, inquilinas de S. Roberto, marido de Gerturdes. Por volta das 17:30h D. Mara e suas companheiras de conversa se retiram, cada uma para sua casa, para fazer o jantar e depois disso ficam em suas residências assistindo novelas.

O Sr. Alexandre, marido de D. Mara, possui outras funções em sua residência. Ele é o responsável por fornecer o “rancho”, isto é, a alimentação do mês. É ele quem afirma comprar o mesmo, mas sob a orientação de sua esposa, pois D. Mara indica a quantidade necessária a ser adquirida. Este senhor não trabalha mais, pois segundo nos contou, ele não consegue mais permanecer muito tempo no sol devido a hanseníase com a qual se contaminou anos atrás. O Sr. Alexandre fez o tratamento e está curado, mas afirma que não possui mais a mesma resistência ao sol que antes. Sendo assim, não consegue realizar “serviços braçais” como trabalhar em construção,

---

<sup>72</sup> O Sr. Fernando, o marido de Guilhermina trabalha em um dos supermercados da cidade e em algumas ocasiões o patrão dá alimentos que sobram no estoque, ou amostras grátis para os empregados. Quando há mais de um mesmo produto Guilhermina manda o mesmo para sua mãe através de Fernando.

<sup>73</sup> As vezes Gabriele não possui nenhuma cliente com atendimento marcado e com isso pode passar a tarde conversando com sua mãe e sua irmã. Esta situação, no entanto, estava se tornando mais rara, pois durante a pesquisa de campo Gabriele exercia seu trabalho de manicure todos os dias, as vezes até no domingo. No entanto, Gabriele afirma que o serviço de manicure nem sempre foi tão requisitado, pois por volta de 2006 ninguém fazia unhas. A manicure observa que este momento esteve relacionado com a queda do preço da soja, fato que afetava tanto os “fazendeiros”, que não conseguiam mais arrecadar tanto dinheiro, quanto os trabalhadores, que não tinham mais “serviço”. Desta maneira, as mulheres destes não tinham como contratar os serviços de Gabriele.

como fazia na época que chegou a Sorriso, por isso, hoje em dia, este senhor se observa como “*encostado*”. Apesar disso mantêm o cabeleireiro e as vezes realiza “*serviços*” considerados por ele como “*pequenos*”<sup>74</sup>, como abrir fossas, ou valetas. Para conseguir estes “*serviços*” ele conta com a ajuda de um sobrinho<sup>75</sup> de D. Mara que também vive em Sorriso: este rapaz trabalha com construção civil em Sorriso e ocasionalmente chama o Sr. Alexandre para ajudá-lo na realização destes “*pequenos serviços*”.

Este senhor, assim como sua esposa, possui o habito de sair de casa pela manhã. As vezes vai a casa de D. Ana, para conversar com o senhor José, marido de sua cunhada. Os dois senhores se conhecem a muitos anos, já que os dois são concunhados desde a época do garimpo em Peixoto de Azevedo (MT). Sempre que o Sr. Alexandre e o Sr. José se encontram conversam sobre suas mulheres, os filhos das mesmas, mas também gostam de lembrar da época em que viviam em Peixoto de Azevedo, principalmente se ficam sabendo de alguma notícia recente de alguém que eles conheceram naquela cidade.

O Sr. Alexandre também gosta de ir na casa de seu filho, principalmente após o almoço. Este rapaz também é do Maranhão e veio trabalhar em Sorriso em 2005. Atualmente ele continua vivendo em Sorriso, mas no “*centro*” da cidade. Não chegamos a conhecer este rapaz pessoalmente, mas sempre se fala dele: as filhas de D. Mara gostam muito do moço e sempre que podem mantêm contato com o mesmo. Este rapaz, no entanto, não vai a casa de seu pai. Isto não significa que D. Mara não se relacione bem com o mesmo, pois segundo D. Mara eles “*se dão muito bem*”. O Sr. Alexandre afirma que o mesmo é muito ocupado pois seu filho trabalha com um “*amigo*”<sup>76</sup> em um “*restaurante de marmitex*”, que segundo o Sr. Alexandre pertence aos dois rapazes.

O Sr. Alexandre também participa das rodas de conversa que se passam em frente a sua residência, as 16h00, mas como o mesmo afirmou “*só fica assuntando*”, isto é, fica sabendo dos assuntos mas não faz comentários a respeito dos mesmos. No entanto, não é apenas ali que este

---

<sup>74</sup> Esta classificação de trabalho não foi utilizada apenas pelo S. Alexandre, vários homens o utilizaram para se referir principalmente a serviços de construção civil que duram menos tempo para serem realizados, tais como valetas e fossas que em uma semana podem ser concluídos.

<sup>75</sup> Este sobrinho de D. Mara quando chegou do Maranhão viveu com a mesma em Sorriso. Atualmente este rapaz vive com sua irmã, que veio do Maranhão depois dele, em um bairro vizinho ao Boa Esperança I. Este rapaz vai a casa de D. Mara poucas vezes, mas durante o trabalho de campo não foi possível conseguir mais dados sobre ele, sendo assim ele aparecerá ocasionalmente na nossa descrição.

<sup>76</sup> Mais tarde soube através do marido de Gabriele que este rapaz é homossexual e que mantém o restaurante junto com o seu companheiro. Esta informação foi confirmada por Gabriele e por relatos que o Sr. Alexandre fazia a respeito da vida doméstica de seu filho.

senhor passa parte da tarde, pois o Sr. Alexandre também vai ao “*Pau da Fofoca*” para conversar com Sr. Manoel. Ali, ao contrário do que acontece em frente a sua casa, S. Alexandre participa ativamente das conversas. Este local é ao lado da casa do Sr. Alexandre e lá este senhor conversa assuntos que podem ser sobre a rotina de trabalho de outros homens que são vizinhos de Sr. Manoel, que também vão até aquele ponto, ou sobre pescarias que por ventura o Sr. Alexandre tenha realizado naquele dia; ou ainda alguma briga que tenha ocorrido no bar Espeto de Ouro na noite anterior. Sobre estes assuntos é interessante observar que eles vêm a tona quando há uma maioria de homens conversando no lugar. Quando há mais mulheres que homens no “*Pau da Fofoca*” os assuntos estão ligados ao âmbito familiar, principalmente o relacionamento de casais que as pessoas da roda conheçam: se irão ter filhos, se se separaram, ou se uma mulher traiu seu marido.

Após as 17h00, S. Alexandre costuma ir a casa de Gabriele, filha de D. Mara, tomar chimarrão todas as tardes. Sr. Alexandre fica conversando com Gabriele e Domingos<sup>77</sup>, marido desta, sobre diversos assuntos. É comum que falem da “*família*”<sup>78</sup>: de D. Mara, os irmãos de Gabriele, o filho do Sr. Alexandre, os netos. Mas outro assunto que gostam de trazer a tona é relembrar como era viver em Peixoto de Azevedo (MT): as pessoas que conheceram lá, as pescarias que faziam, a quantidade de ouro que ganharam, os “*companheiros*” que perderam em tiroteios naquela cidade<sup>79</sup>. Gabriele não participa de todos os assuntos que se referem a Peixoto, pois ela não chegou a ir a garimpos e ficava em casa com sua mãe e irmãs. Desta forma Gabriele participa das conversas em que Sr. Alexandre se lembra de passeios e atividades realizadas em família, como churrascos de fim de semana ou pescarias. Após este momento este senhor retorna a sua residência para jantar<sup>80</sup>.

O outro morador da residência de D. Mara e S. Alexandre, é Gerson. Este é o único filho homem de D. Mara e o mesmo conta com 30 anos de idade. Este rapaz não possui trabalho fixo, vive realizando trabalhos esporádicos em fazendas do município e quando consegue um “*serviço*” passa os dias de semana no local de trabalho. Foi o que se deu durante o trabalho de campo: no

---

<sup>77</sup> Domingos também viveu em Peixoto de Azevedo (MT), assim como a família de D. Mara. Mais adiante o apresentaremos mais detalhadamente.

<sup>78</sup> Esta é a classificação utilizadas por estes informantes.

<sup>79</sup> Pelos relatos dos informantes a violência em Peixoto de Azevedo e nos garimpos das proximidades era uma marca destes locais. Vários foram os relatos sobre tiroteios e “*conhecidos*”, o “*companheiros de garimpo*” mortos nestas ocasiões.

<sup>80</sup> Durante o período que D. Mara viajou para o Maranhão este senhor jantava na casa de Gabriele, só depois voltava para sua residência.

início Gerson estava trabalhando em uma fazenda e passava a semana lá, vindo para casa de sua mãe de 15 em 15 dias, nos finais de semana. Um mês após ter começado a pesquisa, Gerson estava mais em casa e lhe perguntei se o mesmo tinha trabalho, ele respondeu que tinha, mas que havia saído, pois não gostava do serviço. Após esta conversa este rapaz estava sempre em casa, ou então em um bar localizado ao bem próximo a sua residência, ficando lá durante toda a tarde. No entanto, também era comum que Gerson saísse de bicicleta, andando pelos bairros daquele lado da BR 163. Nesta situação ele passa horas sem retornar para casa e quando vizinhos ou conhecidos perguntam sobre Gerson suas irmãs e sua mãe não sabem de seu paradeiro. Ao contrário dos demais componentes da casa, Gerson não possui o hábito de almoçar ou jantar no mesmo horário que os demais: quando tem fome volta para casa e volta sair, sem hora específica. De noite costuma sair, sem ter hora para retornar.

Durante fim de semana D. Mara segue realizando suas atividades domésticas como nos dias de semana, assim como Sr. Alexandre e Gerson permanecem realizando suas atividades cotidianas. Gertrudes e Gabriele também, a primeira permanece em casa pois a mesma não trabalha fora, e a última se não precisa trabalhar, limpa sua residência. No sábado o almoço se dá separadamente em cada unidade de residência: Gabriele faz a comida para o seu marido e seus dois filhos; Gertrudes cozinha para Roberto e seus três filhos; Guilhermina prepara a refeição para Fernando e os filhos; e D. Mara cozinha para Sr. Alexandre e Gerson. O jantar se dá mesma maneira.

No domingo há uma diferença, Guilhermina vai a casa de sua mãe com os filhos e o marido. Neste dia a cozinha da casa de D. Mara fica sob a responsabilidade de Guilhermina. As outras duas filhas seguem realizando suas refeições em suas respectivas casas. No entanto, é principalmente, no domingo que todos os filhos de D. Mara se reúnem na frente da casa de sua mãe. Por volta das 15h00 as filhas (as vezes o filho), os netos, Sr. Alexandre e D. Mara se juntam na frente da casa destes últimos e ficam conversando.

Nas noites de sexta-feira e do sábado as filhas casadas se recolhem as suas respectivas residências. Já D. Mara e S. Alexandre gostam de ir ao Espeto de Ouro, no bairro São Domingos e as vezes levam Manú com eles. Lá eles dançam forró e bebem cerveja até a madrugada.

Gerson também gosta de ir até o Espeto de Ouro, mas ele não vai apenas para este lugar: há outros bares que também tocam forró nos finais de semana, tais como o Skinão, localizado no bairro Novos Campos. Em outras ocasiões este rapaz vai a outro bairro, o São José, localizado do outro lado da BR163, onde também vivem muitas pessoas originárias do Maranhão. Lá também

ocorrem forrós.

A partir do momento que fomos acompanhando a rotina desses nossos informantes fomos nos dando conta que a “*família*” de D. Mara irá incluir os filhos, netos e genros, além dos irmãos da mesma. No entanto, como foi assinalado a percepção da família dos filhos desta senhora exclui a presença dos tios, nem mesmo D. Ana, pois os mesmos não participam dos laços de solidariedade que compartilham D. Mara, Sr. Alexandre, os filhos de D. Mara, o filho de Sr. Alexandre, os genros de D. Mara e os netos da mesma. Sendo assim, apresenta-se uma “*família*” em Sorriso composta por mãe (madrasta), pai (padrasto), filhos (enteados), genros, e netos.

É importante ressaltar que apesar de sabermos que existe uma diferença nas relações entre madrastas/padrastos e filhos/enteados (que será descrito a seguir), este tipo de diferença não se apresentou entre avós e netos. No exemplo de D. Mara e Sr. Alexandre podemos observar que mesmo que o Sr. Alexandre não compartilhe de laços co-sanguíneos com os netos de D. Mara, os mesmos não deixam de vê-lo como avô. O sentimento que se apresenta neste caso é o de “consideração”: os netos “consideram” Sr. Alexandre o avô, assim como ele os “considera” seus netos.

Com isto se nota que assim como afirma MARCELIN (1996), quando analisa a construção da noção de família e de parentesco entre os Negros do Recôncavo Baiano, “(...) o laço biológico é central na produção da proximidade entre *parentes*<sup>81</sup>, mas ele não é suficiente<sup>82</sup>.” O autor continua: “(...) o espaço da cooperação por excelência que é a “casa”, a dinâmica das “configurações de casa”, parecem explicar o sentido da produção dos parentes da *família* no universo dos agentes investigados.<sup>83</sup>” Neste sentido, podemos pensar que a “*família*” se compõe daqueles que se auxiliam mutuamente. Sendo assim, se S. Alexandre participa destas relações de cooperações pode ser entendido como um membro da “*família*” de D. Mara, como de fato é.

O único momento em que se questiona o pertencimento de alguém à “*família*”, por alguns

---

<sup>81</sup> No caso de nosso informantes, o termo que os mesmos utilizam é família, pois ao chamar alguém de *parente* percebe-se que este é um sujeito distante, com quem não se estabelecem trocas.

<sup>82</sup> MARCELIN (1996): 150.

<sup>83</sup> MARCELIN (Op. Cit.): 150. Devemos estar atentos que este autor utiliza o conceito “casa” e “configurações de casa” para dar conta das dinâmicas de cooperação que se estabelecem nesses espaços, e a partir disto perceber como se constroem as noções de família e parentesco entre os negros do Recôncavo Baiano. Para o autor a “casa” é “uma unidade social local de análise” (p. 79) que o ajuda a entender essas noções. Nós nos ativemos especificamente às relações sociais estabelecidas entre as diversas pessoas que conhecemos, podendo assim compreender não apenas as famílias, mas também as relações de vizinhança e compadrio que se dão no bairro Boa Esperança I.

membros da mesma, é quando se apresentam conflitos, como os que identificaremos a seguir. Isto não significa que somente nesta “*família*” de deu este tipo de situação e para provar também relatamos alguns conflitos na família de D. Clotilde, mesmo com menor quantidade de dados. Estes conflitos são importantes pois eles demonstram outras maneiras de compor laços em uma família e como indivíduos podem ser incluídos ou excluídos de determinados espaços de relacionamento no interior de uma mesma “*família*”, observada, em geral, como algo uniforme. Os trabalhos de MARQUES (2002) e COMERFORD (2003) são muito elucidativos neste sentido e nos auxiliaram a pensar sobre a importância dos conflitos em “*famílias*”.

Na família de D. Mara um dos casos o de Gerson. Ele não conta com trabalho fixo, fato não permite que o mesmo contribua com as despesas da casa onde vive e que o obriga a recorrer a sua mãe para comprar roupas, ou ir a alguma festa. Esta situação é a todo momento criticada pelas irmãs de Gerson, especialmente Gertrudes e Guilhermina. As mesmas afirmam que Gerson “*acorda tarde*”, “*só fica bebendo cachaça*” e “*gastando o dinheiro da mãe*”. Estas reclamações ficam ainda mais aparentes quando D. Mara não esta em casa, como quando viajou para o Maranhão, e este rapaz pega o dinheiro da venda dos geladinhos de sua mãe.

Na época da viagem da dona da casa, Gertrudes e Manú, a neta mais velha de D. Mara, contaram para ela pelo telefone<sup>84</sup>o que se passava, e D. Mara pediu que as mesmas vendessem o “*geladinho*” que ainda havia, mas não fizessem mais, pois desta maneira o dinheiro iria acabar e Gerson não teria mais como pegá-lo. Com esta medida D. Mara conseguiu fazer com que Gerson não gastasse mais parte do dinheiro guardado em casa. Há outra quantia escondida em algum lugar da casa, como me confidenciou S. Alexandre, mas é desconhecido por Gerson. Isto porém não impede que parte da família de Gerson continue lhe fazendo críticas.

Constantemente este rapaz é observado por suas irmãs, seus cunhados e seu padrasto como alguém que “*não consegue ficar em serviço nenhum*”, como exemplo podemos citar a entrevista de Sr. Domingos, marido de Gabriele e cunhado de Gerson:

*Sr. Domingos: (...) O Gerson, ele anda aqui, mas pra mim não... eu não gosto do Gerson. O Gerson é porque não vai pra frente, não vai pra frente... o homem... esse tipo de gente analfabeta que não sabe conversar nada, tudo pra onde ele vai conversar uma coisa tudo é pra agravar a gente, irritar as pessoas. E eu... olha... eu detesto essas pessoas que ficam irritando os outros!*

<sup>84</sup> D. Mara ligava para sua casa constantemente enquanto viajava no Maranhão para dar notícias.

**Pesquisadora:** *É, né?*

**Sr. Domingos:** *Malandragem, um peste que não vale nada, ele é uma pessoa que não vale nada, é um tipo de pessoa que tá loco! Olha, ele é assim: (...) vagabundo... o cara trabalha, quando ele trabalha oito meses em um lugar é a coincidência que todo mundo fica admirado. Ai gasta o dinheiro (...), dá pra mãe dele aquele pouquinho. Ai pronto passa mais dois anos sem trabalhar. E naqueles dois anos ele quer... é negócio de um tomar dinheiro emprestado de um e outro, aquilo outro, ai deve dinheiro para deus e o mundo, é aquele negócio. Ai... ele parece que quer ser poderoso, ele chega assim ele parece que quer que a pessoa seja obrigatoriamente arrumar pra ele... ele se sente assim, eu percebo que ele se sente assim. (...) Ele mente mais que o diabo!*

As comadres de D. Mara e Sr. Alexandre, que estão todos os dias naquela casa, também observam este moço desta maneira e ainda o chamam de “*noiado*”, isto é, uma pessoa que fuma maconha, ato condenado por essas pessoas, porque, assim como beber em demasia, este hábito é observado pelos moradores do local como uma atitude de pessoas que “*não tem serviço*”, isto é, que não trabalham. Em outras ocasiões observamos que o próprio Gerson se enxerga de maneira negativa, afirmando ser o “*ovelha negra*” da “*família*”<sup>85</sup>. Com isto observamos que este rapaz é percebido como um problema para a “*família*”, pois o mesmo deveria trabalhar para se sustentar ao invés de continuar sendo sustentado pela mãe e devido a este comportamento D. Mara é observada pelas filhas como “*protetora*” de Gerson, pois, como dizem, a mãe deixa seu filho “*fazer o que quer*”.

Com isto percebemos que Gerson é observado por suas irmãs, cunhados, comadres e vizinhas de sua mãe, como alguém que não coopera com os laços de “*solidariedade*” da “*família*” de D. Mara. Isto, porém, não é suficiente para que o mesmo seja observado por elas como alguém que não pertença a “*família*”, pois aqui os laços co-sanguíneos que ligam Gerson a sua mãe e suas irmãs aparecem como mais importantes.

Já o Sr. Alexandre também não gosta da maneira como Gerson age, mas para evitar discussões com sua mulher não fala muito sobre este assunto. Como o próprio nos contou, “*quando Gerson está em casa tudo muda, tudo fica ruim*”, D. Mara e Sr. Alexandre brigam mais. Já quando o rapaz sai “*parece que tudo melhora*”, o casal “*fica mais tranquilo*”, não discutem mais. Sr.

<sup>85</sup> Esta denominação surgiu em uma ocasião em que eu explicava qual seria o tema de minha pesquisa no bairro: conhecer várias famílias e observar como as mesmas viviam, qual o seu cotidiano. Assim, os próprios informantes, familiares deste rapaz, brincaram e disseram que quando eu voltasse para iria contar que conheci uma “*família de doido*”. Eu ri e para amenizar a questão disse que todos possuem uma família doida. Foi então que o rapaz em questão disse em voz baixa, pensativo, que toda família tem uma “*ovelha negra*”. Acredito que ele falava de si mesmo.

Alexandre afirmou que ele não possui responsabilidade sob os atos de Gerson, pois o mesmo não é pai do rapaz e por isso não pode impor sua autoridade ao mesmo, como ele nos disse “*o filho é dela*”, isto é, de D. Mara. Esta distinção ficou evidente durante um jantar em que Gabriele contava que o seu pai havia ido visitar os filhos em Sorriso e responsabilizou Sr. Alexandre pelo jeito “*irresponsável*” de Gerson. Neste momento, Sr. Alexandre afirmou que havia “*sobrado para ele*”, dando a entender que o mesmo não podia ser culpado por aquilo, pois os filhos são de D. Mara e era ela quem os criava.

Notamos aqui que o Sr. Alexandre faz questão de demarcar que não é pai de Gerson, isto é, não possui laços de sangue com o mesmos. Ao mesmo tempo se nota que o mesmo não o “*considera*” como filho, fazendo questão de identificá-lo como o “*filho dela*”. Desta maneira percebe-se que o Sr. Alexandre exclui Gerson de sua noção de “*família*” quando observa o conflito que existe entre ele e Gerson. O mesmo tipo de comportamento se percebe em Gerson quando ele conversa sobre sua relação com o padrasto, também o chama de o “*marido de minha mãe*”, observando que o mesmo não possui laços com ele (nem de “*sangue*”, nem de “*consideração*”). Sendo assim estes dois homens excluem um ao outro de sua noção de “*família*” quando levam em conta seus conflitos.

O conflito que observamos entre enteado e padrasto na casa de D. Mara, também se apresentou na residência de Gabriele. Manu, a filha mais velha de Gabriele, também discute muito com Sr. Domingos. A mesma questiona a autoridade do seu padrasto a todo momento e S. Domingos afirma que não pode fazer nada pois “*a filha é dela*”, isto é, de sua mulher. Manu, por sua vez, chama o Sr. Domingos de “*o marido de minha mãe*”, demarcando o não pertencimento daquele homem a sua “*família*”.

Já quando há padrastos e enteados que se dão bem, o padrasto é chamado de “*tio*”, demonstrando exatamente a situação inversa, isto é, o pertencimento a “*família*” através do elemento da “*consideração*” como acontece entre Gabriele e Sr. Alexandre, por exemplo. Apesar disto, neste tipo de “*família*” ( com padrastos, madrastas e enteados) a todo momento aqueles que não são os pais são lembrados deste fato quando os enteados os chamam pelo nome.

No bairro percebemos que, em geral, são as mulheres que continuam com seus filhos, pois de acordo com o que foi exposto, o costume manda que quando pais se separam as mães ficam com as crianças, já que elas são as responsáveis por “*criar*” os filhos. Quando a mãe se casa novamente , a autoridade sob os filhos será sempre da mãe, o novo marido terá dificuldades para impor-se aos

mesmos. Com isso podemos dizer que a autoridade do homem nestas famílias, na realidade, é compartilhada com a esposa, apesar de ser necessário mostrar ao mundo exterior que ele é o chefe da “*família*”.

Outro tipo de conflito também foi detectado na família de D. Mara, desta vez entre Sr. Domingos, D. Mara, Gertrudes e Guilhermina. Genro, sogra e cunhadas não se dão bem e por isso nenhuma dessas mulheres vai a casa de Gabriele: Domingos não permite que as mesmas entrem lá. Foi Gabriele quem nos relatou, com certo pesar, que parte de sua família não vai a sua casa.

**Pesquisadora:** *Gabriele que pessoas costumam te visitar aqui?*

**Gabriele:** *Aqui em casa, visita visita mesmo, só vem ela (havia uma vizinha no momento da entrevista), a irmã dela, só... o meu padrasto vem, meu irmão vem, meu cunhado vem. Só não vem a minha mãe, minhas irmãs... que elas não se dão com ele (Domingos).*

Apesar desta situação descrita por Gabriele é importante perceber que este conflito não afeta a relação que ela possui com sua mãe e suas irmãs. Ela continua indo ao encontro de suas irmãs e de sua mãe e não interrompe as trocas que estabelece com D. Mara. As idas a casa de Gabriele por parte de D. Mara, Gertrudes e Guilhermina cessaram, mas isto não significa que a relação entre elas esteja interrompida.

Nas palavras do Sr. Domingos, a explicação do conflito com a família de Gabriele não se limita ao fato de “*não se dar com elas*”. Na realidade existem outras razões que não aparecem no comentário de Gabriele, como podemos perceber a seguir:

**Pesquisadora:** *Domingos, você conhece a família da Gabriele a muito tempo, né? Desde que você chegou aqui, né?*

**Sr. Domingos:** *É. Desde que cheguei aqui eu já conheço eles.*

**Pesquisadora:** *Mas eu só vejo o Seu Alexandre e o Gerson aqui dentro. (...) O que aconteceu?*

**Sr. Domingos:** *Sim. O que aconteceu é porque... depois que eu amiguei com a Gabriele eu tive que tissorar o resto dos outros, porque eles... eu convivia com eles antigamente, quando eu não tinha ninguém do meu lado, mas com a Gabriele do meu lado não dá para conviver com eles. Tem essa diferença.*

**Pesquisadora:** *Por que?*

**Sr. Domingos:** *Agora vou te explicar o motivo: porque eles são cheios de palpites, na família, eles não marcam, eles não medem distância para se intrometer na vida de um casal.*

*Entendeu? Então e eu para viver bem entre eu e minha mulher, só nós dois, dialogando um com o outro sem interferência, eu tenho que meter tesoura e deixar só nos dois. É isso que foi o meu pensamento.*

**Pesquisadora:** *Entendi...ai?*

**Sr. Domingos:** *Aí tchau! Eles para lá e nós para cá. Ela vai lá depois, perdendo um tempo...*

**Pesquisadora:** *Você não vai lá?*

**Sr. Domingos:** *Eu não vou. Nem eles vêm aqui...*

**Pesquisadora:** *São mais as mulheres né?*

**Sr. Domingos:** *Porque as línguas são maiores que o corpo, olhe moça, deste tamanho! Que você já percebeu! Aquela Guilhermina, deus que me perdoe! Essa tal de Gertrudes, vixe, gente!*

**Pesquisadora:** *É mesmo?*

**Sr. Domingos:** *Esse povo é linguarudo demais!*

**Pesquisadora:** *E a mãe?*

**Sr. Domingos:** *A mãe é bocuda! Boca dura. A mãe é porque boca dura.*

**Pesquisadora:** *Boca dura, como assim?*

**Sr. Domingos:** *Boca dura, é aquele tipo de pessoa que quer dizer as coisas em riba dos outros sem saber da onde que é a razão,né? Não sabe se aquela pessoa tem razão ou não, ela quer saber de... quer meter a boca, quer ser o tipo masculino:“eu sou o macho, eu encaro tudo no peito!”... e comigo não é assim. (...)*

Este depoimento revela como Sr. Domingos exprime sua autoridade na sua casa depois que ele “se amigou” com Gabriele, pois a partir desse momento a “*família de Gabriela*” passou a exercer uma influência no seu casamento. Percebemos o desconforto que este senhor sente com estas intromissões, como Sr. Domingos nos disse: “*eles não medem distância para se intrometer na vida de um casal*”. Assim sendo ele demarca esta “*distância*” não permitindo que as mulheres da “*família*” de Gabriele frequentem sua casa.

O Sr. Domingos é o chefe de seu lar, a casa está sob sua responsabilidade. Ele possui a autoridade para decidir que pessoas podem ir, ou não a sua residência e como vemos, esta autoridade é exercida em relação a alguns indivíduos da “*família de Gabriele*”.

O Sr. Domingos apresenta duas razões principais para tomar essa medida: o fato das mulheres falarem demais sobre a vida particular do casal (especialmente as irmãs de Gabriele) e a forma como D. Mara se comportava em relação ao núcleo familiar de Gabriele, observada como masculina pelo Sr. Domingos.

Os comentários de Gertrudes e Guilhermina diziam respeito ao modelo ideal que existe no bairro em relação a forma que um homem deveria se comportar diante de sua “*família*”: ele deveria ser o responsável por sustentar a mesma. De acordo com as duas mulheres Sr. Domingos não estaria cumprindo este papel, pois o mesmo não trabalharia mais, deixando toda a responsabilidade para Gabriele. Desta maneira Sr. Domingos observava que sua reputação era “testada” a todo momento através desses comentários, fato que prejudicava o relacionamento com sua esposa, pois este via que sua autoridade de chefe de família ameaçada. Desta maneira, passa a proibir que as irmãs de Gabriele vão a sua casa impondo respeito a ele e à sua autoridade em sua residência.

A segunda motivação para o rompimento é justamente a disputa que se estabeleceu entre a mãe de Gabriele e Sr. Domingos. A primeira assumiu o “*tipo masculino*” querendo resolver questões internas à casa de Sr. Domingos. Ora, quem deveria resolver estes problemas é o dono da casa, juntamente com sua esposa. Esta interferência no mundo privado da casa e na organização hierarquizada da família nuclear do Sr. Domingos provocou uma briga séria entre genro e sogra. Desde então, D. Mara não vai mais a residência de sua filha. A partir deste episódio, mais uma vez, O Sr. Domingos reafirma sua posição de chefe de família diante da família e de seus vizinhos, pois uma situação desta não deixou de ser comentada por todos os que possuem algum contato com os envolvidos no conflito.

O interessante é que estas restrições não atingem os homens da “*família*” de Gabriele. Gerson não é proibido de ir lá, mesmo que Sr. Domingos não goste dele. Além dele, todos os dias, Sr. Alexandre, o padrasto de Gabriele, vai até lá para tomar chimarrão, conversa com Sr. Domingos como se não houvesse conflito algum. Na realidade, o Sr. Alexandre evita se envolver neste tipo de situação, afirmando que isto seria “*um problema deles lá*”, assim se exclui da “*família*” de D. Mara, mesmo que temporariamente. Com isto observamos que os homens, assim como as mulheres, também mantêm suas relações.

## **2. Relações Sociais de Vizinhaça e Compadrio**

Neste item do capítulo pretendo descrever como se dão as relações sociais entre vizinhos para mais tarde tratar do compadrio. A razão desta ordem reside na maneira como foram apresentadas as pessoas durante a pesquisa de campo, pois nossos informantes preferiam nos apresentar primeiramente a sua “*família*” e mais tarde nos levavam até os seus vizinhos. As relações de compadrio se encontram entre estes vizinhos, mas somente após um certo tempo de convivência

conseguimos perceber as mesmas. Notamos através deste fato que as relações de compadrio não se apresentam tão facilmente, isto porque as pessoas falam entre si com bastante intimidade: mesmo aquelas pessoas que chegaram a pouco do Maranhão dão a impressão que conhecem seus vizinhos do bairro a muitos anos, mas aos poucos vamos percebendo que esta intimidade é apenas aparente. Também notamos vizinhos que se conhecem a anos, mas que não são tão próximos quanto outros com os quais se relacionam a menos tempo, ou a mesma quantidade de anos.

Estes nuances de proximidade e distanciamento entre vizinhos foram se apresentando aos poucos e com eles percebemos como se dão as relações entre compadres e entre vizinhos. Sendo assim, pretendemos demonstrar as diferenças entre vizinhos e compadres, através de uma espécie de lupa analítica capaz de mostrar as sutilezas presentes nestas relações que à “olho nu” seriam quase impossíveis notar.

Antes de explorar melhor estas relações devemos ter em mente algumas noções formuladas a partir da pesquisa de campo. Notemos, primeiramente, que quando se pergunta que pessoas costumam visitar, os moradores do bairro Boa Esperança I são enfáticos em afirmar que não saem de casa para ir “*a casa dos outros*”. Portanto imaginamos que aquelas pessoas vão para o trabalho e voltam diretamente para casa, pois as mesmas afirmam que não possuem o hábito de sair de sua moradia, que recebem mais visitas do que visitam vizinhos. Porém, esta idéia não se confirma quando acompanhamos a rotina dos informantes.

Decidi, então, mudar as perguntas e trocar o verbo “*visitar*” pelo verbo “*ir*” e assim consegui saber por onde os moradores do bairro circulam, que casas frequentam. Depois deste primeiro passo, passei a me convidar para acompanhar os meus informantes e quando estabelecia algum contato com a pessoa que nos recebia, passava a “*ir*” lá sempre que possível. Somente assim pude perceber como se dão as “*idas*” à casa de alguém e como há distintos níveis de aproximação e distanciamento entre os moradores.

As pessoas sempre “*vão*” a casas de outros habitantes do bairro ou daqueles que vivem fora dele. No entanto, é necessário estar atento para o tipo de “*ida*”, além de notar de quem é a casa que se “*vai*”, e com quem se realiza esta atividade. Não é habitual “*ir*” a residência de qualquer morador. Na realidade, se frequenta a casa dos familiares e, mesmo assim não são todos, como vimos no caso da família de D. Mara. Além desses, os moradores do bairro também podem “*ir*” a residência de alguns vizinhos e compadres. Nesta perspectiva é importante perceber que este tipo de “*ida*” a casa da família, compadre ou vizinho é perfeitamente normal, não sendo observada como

uma “*visita*”, e sim como “*ir*” a um local onde o indivíduo já possui intimidade com os moradores dali.

Percebemos, então, que o termo “*visita*” se usa para situações formais, assim como “*casa dos outros*” é quase que equivalente a formalidade da utilização de “*visita*”. “*Visita*” é associado diversas vezes ao ato de ir a residência de uma pessoa que não faz parte do convívio diário, ou seja, uma pessoa que seja considerada como *outro*. Por isso os indivíduos afirmam que não vão a *casa dos outros*. Quando fazem tal afirmação, os mesmos indicam que não possuem o hábito de “*ir*” a residência de pessoas com quem não convivem diariamente, ou que não pertencem ao mesmo circuito de relações de proximidade social, que são justamente as que se estabelecem entre família, compadres e vizinhos que conhecem a muitos anos.

Foi o que observamos quando estávamos presentes em algum momento de “*visita*” como o que relataremos a seguir. Gabriele recebe “*visitas*” relativamente frequentes de sua vizinha Alice. Esta senhora é maranhense, tem 40 anos, é separada do primeiro marido e vive em uma rua paralela a de Gabriele juntamente com seus 3 filhos. Em algumas ocasiões Alice “*visita*” Gabriele em companhia de sua irmã, que vive no bairro São Mateus. Estas “*visitas*” ocorrem aos domingos no fim de tarde e nesta ocasião as mulheres conversam sobre suas famílias tomando chimarrão. O importante a ser ressaltado é que toda a situação conta com um ar de formalidade que não existe, por exemplo, quando o Sr. Alexandre, padrasto de Gabriele, vai a casa de sua enteada. Este possui total liberdade para entrar na casa de Gabriele, abrir a geladeira e pegar água, por exemplo. Já a visita precisa ser convidada a entrar na residência e necessita pedir água aos donos da casa.

Em outra ocasião outros informantes, D. Mara e o Sr. Alexandre, foram questionados sobre quem visitam e os mesmos relataram ter “*visitado*” D. Camila na época em que ela estava com câncer. Esta senhora tem 46 anos, é maranhense e vive com seu marido, o senhor Rodrigo, e o filho de 18 anos. D. Camila é classificada como “*vizinha*” por D. Mara e S. Alexandre, mesmo morando em outra rua do bairro. Porém, esta senhora está sempre na roda de conversa que se forma em frente a casa de D. Mara, algo que demonstraria uma certa proximidade entre as duas mulheres. Mas isto não se confirma, pois quando D. Camila deixou de ir até aquele ponto devido a sua doença, os donos da casa foram “*visita-la*”, atitude tomada por aqueles que não possuem uma relação de intimidade.

Além deste exemplo, o Sr. Alexandre também citou que ele e D. Mara “*visitaram*” D. Morena quando seu filho mais velho havia morrido. O casal foi até a casa de D. Morena durante o

velório do rapaz, mesmo sem ter qualquer relação pessoal com a D. Morena. O interessante neste caso é que D. Morena é observada como uma “*conhecida de vista*” pelo Sr. Alexandre, pois este não possui nenhum contato com esta mulher, a não ser vê-la passar pelo bairro. Em relação a família de D. Morena o contato é ainda menor, pois segundo nos disse o Sr. Alexandre, foi só durante o velório que ele viu as outras filhas de D. Morena: “*vi umas mulheres chorando e a Mara me disse que eram as irmãs*” do falecido. Com estas informações percebemos que o fato do Sr. Alexandre e D. Mara não serem próximos de D. Morena e sua família, não impede que os mesmos realizem uma “*visita*” aos últimos para prestar suas condolências.

Observamos com estes exemplos que o ato de “*visitar*” exige um comportamento formal dos indivíduos. Além disso, percebemos que em todas as situações citadas existem diferentes maneiras de classificar as pessoas “*visitadas*”: eles são “*vizinhos*” ou “*conhecidos de vista*”. Com isto verificamos que há níveis de proximidade entre os moradores do bairro que vão além de vizinhos e compadres, também há aqueles que são reconhecidos por viverem no bairro, mas com os quais não se relacionam, os “*conhecidos de vista*”. Por outro lado há aqueles com os quais se mantem alguma relação, os “*vizinhos*”.

É importante notar que fora do contexto da “*visita*”, “*vizinhos*” e “*conhecidos de vista*” podem ser considerados como “*outro*”, isto é, uma pessoa com quem se tenha pouca proximidade e, como sabemos, as pessoas do bairro “*não vão a casa dos outros*”. Esta expressão é utilizada para afirmar que não se “*vai*” a casa de pessoas com as quais não se estabelecem relações sociais próximas como de um compadre ou alguém da família.

Isto, porém, não significa que a pessoa ao ser considerada como “*outro*” não seja observada como alguém que não pertence aquela “*comunidade moral*”, afinal de contas ela possui uma reputação no local, boa ou ruim. Ela está sendo julgada de acordo as normas morais existentes naquele local (BAYLEY, 1971). Por isso há uma preocupação constante por parte das pessoas que vivem no bairro em afirmar que não vão a “*casa dos outros*”: possuir esta atitude pode significar que não se está cuidando do que lhe pertence, como por exemplo, sua casa, sua família. Mais especificamente, não estaria cumprindo o seu “*papel*”<sup>86</sup> de “*vizinho*” corretamente, fato que prejudica a reputação do morador do bairro.

É interessante observar que a expressão “*ir a casa dos outros*” é geralmente acompanhada

---

<sup>86</sup> Utilizado aqui no sentido que GOFFMAN (1975) propõe.

pela idéia de “*ficar na rua*”. Ir a “*casa dos outros*” implicaria em circular pelas ruas, fato que não é bem visto pelos moradores do local, especialmente se uma mulher tiver tal atitude. A rua é observada como um “*lugar de fofoca*”, onde as pessoas estão vulneráveis a comentários alheios que podem prejudicar a reputação das mesmas. O *outro* seria alguém que faz parte da “rua”, do mundo exterior alguém estranho ao convívio cotidiano, que não se conhece muito bem, e por isso não possui laços de confiança com o mesmo. Já a família, o compadre são sujeitos em quem se pode confiar, por possuir laços mais profundos, que se estabeleceram no local, segundo a minha hipótese, devido a experiências semelhantes vividas pelos sujeitos<sup>87</sup>. Estes fazem parte da casa, desta maneira ir a residência de alguém com este nível de proximidade não implicaria em se expor a pessoas estranhas, ao “mundo da rua”, evitando que as reputações sejam expostas publicamente.

Podemos citar como exemplo uma situação que ocorreu com D. Morena. Estávamos todas reunidas na casa de D. Clotilde tomando o costumeiro chimarrão do início da noite quando D. Morena comentava que não gosta de ficar andando pelas ruas do bairro. Perguntei o motivo para tal opinião e a mesma me respondeu que “*a rua é lugar de fofoca*”. Para deixar mais claro o seu ponto de vista D. Morena criticou as pessoas que ficam reunidas na rua de D. Clotilde um pouco mais distante da casa desta senhora<sup>88</sup>, afirmando que as mesmas não trabalham e ficam comentando da vida de outras pessoas do bairro. Por esse motivo ela vai “*direto de sua casa para a casa de D. Clotilde*” e desta para sua residência, sem se demorar na rua. D. Morena, D. Clotilde e Sofia ainda afirmaram que se as mesmas não se comportarem desta maneira elas se tornam assunto naquela reunião de pessoas, algo não desejado por nenhuma das três.

Ao se expressar desta maneira, D. Morena nos fez perceber que ela não observa a ação de “*ir*” a casa de D. Clotilde como “*andar pelas ruas do bairro*”. D. Morena se sente protegida da fofoca e da exposição a rua quando vai diretamente para aquele local, como se lá fosse uma extensão da sua própria casa. O mesmo ocorre quando D. Morena vai para casa de seus filhos, “*ir*” até estes lugares não é observado como ir a “*casa dos outros*” e muito menos como “*andar pelas ruas*”.

Outros informantes também se comportam assim: quando Sr. Alexandre vai a casa de Gabriele, sua enteada, ou casa de Sr. Manoel e D. Jurema, seus compadres, ele observa estes lugares

---

<sup>87</sup> O fato de moradores terem passado por experiências semelhantes e chegar ao município de Sorriso durante o mesmo período são alguns dos elementos que observo como agregadores. Estes deverão ser expostos no capítulo que tratarei das trajetórias das redes aqui expostas.

<sup>88</sup> Lugar que mais tarde identifiquei como sendo o Pau da Fofoca.

quase como uma extensão de sua residência, ali não há necessidade de formalidade: S. Alexandre tem liberdade de entrar na casa dessas pessoas sem pedir licença, pode falar de problemas pessoais e familiares sem sentir a ameaça de se expor publicamente aos demais moradores do bairro. Observamos este fato ocorrendo na casa de Gabriele quando Sr. Alexandre foi tomar chimarrão com sua enteada: foi nesta ocasião que Sr. Alexandre falou dos conflitos com Gerson, expostos anteriormente, algo que não seria dito em um espaço público como o “*Pau da Fofoca*”<sup>89</sup>.

Além da percepção dos diferentes níveis de proximidade entre vizinhos que verificamos neste trecho, devemos estar atentos para outra formulação utilizada por alguns moradores do bairro que também indica outro nível de proximidade. Além do “*vizinho*”, e do “*conhecido de vista*”, verificamos a existência do termo “*amizade*” para designar uma relação de proximidade entre dois ou mais moradores do bairro.

Segundo PITT-RIVERS (1994) a amizade, diferentemente da “*vizinhança*”<sup>90</sup>, se concretiza quando um sujeito **escolhe** um igual com quem se relacionará levando em conta o princípio de “*simpatia*” mútua. Estabelecer este tipo de relação obriga os sujeitos “*amigos*” a se ajudarem sempre que possam, ou como diz o autor “*não se deve, se é possível ajudar, dizer “não” a um amigo*”<sup>91</sup>. Aceitar a ajuda, por outro lado, obriga a pessoa que o faz a estar disposta a devolver o favor. O interessante é perceber que mesmo que a amizade funcione desta maneira a verdadeira amizade deve ser desinteressada, isto é, aquela onde os amigos não buscam que o favor feito seja recompensado, deve-se “*confiar*” que pessoa o ajudará quando necessário.

O autor também observou outro tipo de “*amizade*” que se dá em uma relação de desigualdade econômica, fundamento do sistema de clientelismo, mas na nossa pesquisa, apesar de termos encontrado indícios deste tipo de “*amizade*”, não aprofundamos nossas questões nessa direção, pois estávamos preocupados apenas com a relação de vizinhança e não encontramos entre as pessoas que entrevistamos muitas diferenças de nível econômico.

Ao realizar a pesquisa de campo notamos que entre aqueles moradores que conhecemos

---

<sup>89</sup> É verdade que o compadre de Sr. Alexandre é o Sr. Manoel, o sujeito principal do Pau da Fofoca, mas quando S. Alexandre fala de seus problemas pessoais na casa de seu compadre, estes assuntos não são levados para o Pau da Fofoca, isto é, não se tornam conhecidos de todas as pessoas do bairro.

<sup>90</sup> A relação de vizinhança é percebida como obrigatória, pois as pessoas se tornam vizinhas por viverem próximas umas as outras e não por escolherem serem vizinhos.

<sup>91</sup> PITT-RIVERS (1994): 162. Livre tradução

existem pessoas que estabelecem a primeira relação de “amizade” descrita pelo autor: elas são mais próximas que a relação estabelecida entre “vizinhos” e dependendo do caso, mais próximas que relações de compadrio. No entanto, poucas são as pessoas que mantêm este nível de proximidade. Observemo-as mais adiante, durante a descrição das relações de vizinhança.

## 2.1 Relações de vizinhança

Em sua obra PITT-RIVERS<sup>92</sup> nos chama a atenção para a constituição dos laços de vizinhança que existem em um “pueblo” da Andaluzia. Ele observa que o “(...) princípio geográfico de integração social e a valorização da proximidade<sup>93</sup> como laço social proporciona a base moral da vizinhança<sup>94</sup>.” Sendo assim os vizinhos têm um conjunto de direitos e deveres em relação uns aos outros que regem a vida na vizinhança. Com isto se distinguem os “bons” e os “maus” “vizinhos”, algo que também é percebido no bairro onde se deu a pesquisa. Ali são considerados bons vizinhos aqueles que auxiliam outros moradores do bairros a conseguir trabalho; os que ajudam, ou apóiam emocionalmente, um vizinho em caso de emergência; e aqueles que se comportam de acordo com as normas morais que todos devem seguir, devendo sempre manter um comportamento discreto; entre outras características.

A partir disto verificamos, então, que os “vizinhos” podem ser acionados para auxiliar no momento em que se procura trabalho, mesmo aqueles com quem não se tem muita intimidade. Basta as pessoas saberem que são moradores do mesmo bairro, ou da mesma rua para dar ou pedir ajuda para conseguir “serviço”. Não foram poucas as vezes que me deparei com conversas entre mulheres, ou entre homens, que diziam respeito a este assunto. Pode-se citar como exemplo o ponto de encontro que há em frente a casa de D. Mara. Lá, algumas “vizinhas” da rua que passam por ali se detêm para conversar, e muitas vezes para sondar se as mulheres que param ali querem trabalhar em casas de família, realizando faxinas. O contrário também acontece: mulheres, especialmente as que chegam a pouco tempo do Maranhão, perguntam as vizinhas que trabalham do outro lado da cidade<sup>95</sup> se sabem de algum tipo de *serviço* que as mesmas possam realizar.

---

<sup>92</sup> PITT-RIVERS (Op. Cit.).

<sup>93</sup> Aqui deve ser vista como proximidade espacial, já que vizinhos são aqueles que vivem próximos uns aos outros.

<sup>94</sup> PITT-RIVERS, Idem: 161.

<sup>95</sup> É importante chamar a atenção que os empregos não existem apenas do outro lado da BR, mas muitas mulheres trabalham como domésticas daquele lado, por isso é muito comum ouvir este tipo de referência. Outro fato que devemos salientar é que as mulheres trabalham em lojas, lanchonetes e restaurantes, ou até empresas de construção civil não se limitando ao serviço doméstico.

Os homens também contam com ajuda dos “vizinhos” para obter informações sobre *serviços* na cidade ou nas fazendas do interior de Sorriso. Assim como muitas mulheres se reúnem em frente a residência de D. Mara, os homens do bairro possuem o hábito de se aglomerar no “Pau da Fofoca”. Este lugar está em frente ao cercado da residência de Sr. Manoel: ali vizinhos conversam e trocam informações sobre contratações de empresas de construção civil da cidade ou trabalhos em fazenda. Desta maneira, aqueles que necessitam de emprego pedem ajuda aos que já possuem trabalho, para conseguir uma vaga através de uma indicação ao patrão. Também há aqueles que já possuem contato com algum empregador (dono ou gerente de fazenda ou comerciante da cidade, etc) e chamam diretamente “vizinhos”, que sabem estar desempregados, para trabalhar com os mesmos.

Estes dois espaços não são os únicos onde “vizinhos” se encontram para tratar de assuntos referentes a trabalho. Os bares são outro ponto de encontro de homens, mas ali não há apenas vizinhos, também há pessoas que estranhas ao convívio cotidiano de um bairro, mas isto não é impedimento para que vizinhos se auxiliem a encontrar “serviço”. Já as mulheres podem ir diretamente as casas de vizinhas que sabem possuir informações sobre “serviço”, pois as mesmas podem estar trabalhando como domésticas, ou ainda possuem contatos com “gaúchos”, moradores do outro lado da cidade, que necessitem de mulheres nos seus restaurantes, lanchonetes, lojas ou residências.

Não possuo informações sobre como os homens se auxiliam no bar, pois este local não foi privilegiado pela pesquisa. Porém, podemos citar um exemplo de uma mulher que foi a casa de sua “vizinha” pedir auxílio para trabalhar. A mulher se chama Alva e ela havia chegado a 5 meses do Maranhão. Esta moça é inquilina de Sr. Roberto e Gertrudes, respectivamente genro e filha de D. Mara. Alva deseja ter um “serviço” pois segundo ela “*não aguenta mais depender de homem para ter dinheiro*”<sup>96</sup> e pede ajuda a D. Mara para conseguir trabalho. D. Mara vive ao lado da casa de Alva e são “vizinhas”, levando-se em consideração a proximidade das residências das duas mulheres. Com o pedido de ajuda D. Mara vai a casa de outra “vizinha” que sabe poder ajudar Alva, esta é D. Judith.

D. Judith é uma senhora do Maranhão que tem 46 anos e vive com seu segundo marido, de 40 anos aproximadamente, que mais tarde descobrimos ser do Paraná, e o filho mais novo, de 8 anos. A sua casa esta localizada em uma rua paralela a de D. Mara. Neste caso D. Mara chama D. Judith de “vizinha” pois a mesma vive no mesmo bairro que ela. As duas mulheres, no entanto, não

---

<sup>96</sup> Mais tarde vim a saber que esta moça é garota de programa.

são muito próximas, visto que as mesmas não possuem o hábito de ir uma na casa da outra. Este fato, porém, não impede que as duas conversem quando se encontram andando pelas ruas do bairro.

Quando D. Mara e Alva chegam a casa de D. Judith, Gabriele está lá fazendo as unhas de D. Judith. De início D. Mara, Alva, D. Judith e Gabriele ficam conversando na frente da casa, numa espécie de varanda, sobre as roupas que D. Judith vende, para somente após um certo tempo D. Mara perguntar se D. Judith sabe de algum trabalho na cidade para Alva. D. Judith lhe diz que sim, que há uma vaga na lanchonete que fica próxima ao “*Mercado Real*”, localizado do outro lado da BR, em uma das “*avenidas*” principais do centro da cidade: Alva só deve ir até lá para pedir o trabalho e falar que ela soube do serviço através de D. Judith.

Como se vê a ajuda que “*vizinhos*” podem fornecer a outros moradores do bairro é justamente informá-los sobre as possibilidades de “*serviço*” que existem na cidade. Para que estes consigam trabalho os “*vizinhos*” fazem estas informações circularem. Mas não se deve esquecer que os mesmos servem de referência para se conseguir um emprego. D. Judith disse que Alva se quisesse o trabalho na lanchonete deveria falar no seu nome, assim Alva seria admitida sem dificuldades, pois D. Judith é conhecida por várias pessoas, consideradas importantes na cidade, que recorrem a ela para ter indicações de mulheres que desejam trabalhar em comércios ou residências situados do outro lado da BR163<sup>97</sup>.

Além de ajudar a conseguir “*serviço*”, as relações sociais entre “*vizinhos*” também são muito importantes no momento da conquista e do namoro, que mais tarde pode vir a ser um casamento. Em diversas ocasiões constatamos que um casal é formado de antigos “*vizinhos*”, que os dois já se conheciam a algum tempo antes de resolver se casar.

Foi o que nos revelou Sofia, filha de D. Morena, quando lhe perguntei como havia conhecido seu marido. Ela respondeu “*ele era meu vizinho*”. Depois explicou que quando começou a namorar Pedro, ela vivia com sua mãe e irmãos em frente a casa de D. Clotilde, mãe de Pedro. Sofia sempre se sentava em um banquinho em frente a sua casa, toda vez Pedro passava e eles se cumprimentavam. Sofia é uma pessoa que não sorri muito, vendo isso, Pedro fez uma brincadeira com a moça que a fez sorrir e aproveitou a oportunidade para perguntar-lhe se desejava “*sair*” com ele. Ela aceitou e os mesmos foram tomar um sorvete, mais tarde no mesmo dia, e assim começaram a namorar. Alguns meses depois, Pedro recebeu uma oferta de trabalho no estado do

---

<sup>97</sup> Esta senhora conhece esposas de comerciantes e produtores de soja importantes na cidade que em várias ocasiões telefonam para que D. Judith lhe indique alguma mulher que possa trabalhar em festas, ou em casa de família, ou ainda em lanchonetes e restaurantes.

Pará e perguntou se Sofia desejava ir com ele. Sofia aceitou e desde então os dois “*se juntaram*”, estão casados.

No caso de Gabriele, filha de D. Mara, ocorreu algo semelhante: Domingos, seu marido atual também era “*vizinho*” dela. Gabriele foi casada e desta relação nasceu a primeira filha dela. Quando Gabriele se separou do marido foi viver com sua filha na casa de sua mãe. Naquele local ela contava com um quarto construído no quintal da casa. Domingos vivia ao lado da casa de D. Mara e era “*vizinho*” da mesma. Os dois se conheciam, mas Gabriele ainda se casou com outro rapaz. No entanto, antes mesmo de terminar com o segundo marido começou a namorar com Domingos. Vejamos a entrevista de Domingos sobre esta época:

*Sr. Domingos: Eu já tava de olho na Gabriele(...) ai comecei a tomar chimarrão ali (na casa de D. Mara). Gabriele amigou com esse cara aí, ai começaram naquela brigadera, ela mais o marido... quando ele chegava eu sabia(...) e eu “morando tudo” e ela pacata me contava. Eu ia buscando, ia entrando devagarzinho buscando o relacionamento dela com ele, (...) qual tipo de homem que ela gostava, tudo isso eu ia buscando para ver o que dava certo comigo e o que não dava.(...). Eu passei uns papos nela de boa e passei a ficar com ela. (...) Um dia era 21:00h ela passava mensagem pra mim dizendo “tu vem hoje de noite?” (eu disse) “tá tranquilo”. (...) passava a noite todinha e no outro dia de manhã tinha que ir trabalhar.*

O fato de Domingos ser “*vizinho*” de Gabriele facilitou o seu acesso a ela. Como o mesmo afirmou, ele sabia de tudo o que ocorria na vida de Gabriele, isto porque ele vivia o lado de sua casa e escutava praticamente tudo o que se passava entre Gabriele e seu marido, incluindo as brigas do casal. Além disso, ele passou a ir sempre a casa de D. Mara para tomar chimarrão com Gabriele, que é quem prepara o mate. A partir desta atitude se aproximava mais da família da futura mulher, além de ficar mais íntimo de Gabriele, fato comprovado no momento que ela passou a conversar com Domingos sobre seus problemas conjugais. A partir desta aproximação Domingos passou a namorar Gabriele as escondidas e quando esta rompeu com seu marido, “*se amigou*” com Domingos, indo viver, com sua filha, na casa dele.

Estes são apenas dois exemplos de ex-“*vizinhos*” que são casados atualmente, mas verificamos que há muitos outros casais que se constituíram a partir da relação de vizinhança. É verdade que não é qualquer “*vizinho*” do bairro que chega a compor um casal: na maior parte dos casos encontrados os “*vizinhos*” que se casaram viviam próximos, de frente um para o outro, ou

lado a lado. Este fato permite que mesmo aquelas pessoas que não se falam sempre se reconheçam, pois sempre se observam chegando e saindo de casa. Minha hipótese é que esta movimentação é levada em consideração no momento de avaliar os parceiros, pois a partir dela uma pessoa pode ver se um “vizinho” trabalha, se ele sai e demora para voltar, ou se retorna para casa embriagado, etc. Em muitas oportunidades presenciamos moradores de uma rua observarem e julgarem o comportamento de seus vizinhos, como quando D. Mara xingou um “vizinho” da rua que observou chegar embriagado em casa. Este tipo de atitude contribui para avaliar os “vizinhos” e, mais tarde, decidir se algum deles pode vir a se tornar um marido, ou uma esposa.

Além disso, a proximidade de casas também permite que “vizinhos” escutem o que se passa no interior destes espaços, fato que contribui para conhecer ainda mais o possível parceiro e criar uma estratégia de conquista, como observamos no caso de Domingos.

É importante que se perceba que “vizinhos” sempre estão se observando mutuamente. Seja para escolher parceiros, ou para fazer críticas ao comportamento alheio (como forma de controle moral). Neste bairro a vigilância ao outro é uma constante, mesmo que o “vizinho” não mantenha relações de proximidade.

Apesar de quase todos os novos casais do bairro terem sido formados com “ex-vizinhos” conhecemos um que não obedecia essa regra. Este é formado por Catarina e Alexei, dois jovens que haviam se casado a menos de 1 mês quando os conheci. Esta moça é filha de D. Ludmila<sup>98</sup>, uma das comadres de D. Mara: ela é Mato-grossense, tendo nascido em Peixoto de Azevedo, e tem 18 anos. Alexei é do Maranhão, tem 23 anos, e vive em Sorriso 2 anos.

Quando os dois jovens se conheceram Alexei não vivia no bairro, ele morava no bairro São José, do outro lado da BR, na “*casa de seus parentes*”, como nos relatou Catarina. No entanto, todos os finais de semana ia até aquele o Boa Esperança I, pois tinha “*conhecidos*” de sua cidade que alugavam um quarto ali. D. Ludmila, mãe de Catarina, hospeda<sup>99</sup> alguns desses rapazes que vem do Maranhão para trabalhar em Sorriso e entre eles estão os “*conhecidos*” de Alexei.

---

<sup>98</sup> Esta senhora será apresentada devidamente mais a frente, quando discutirmos as relações de compadrio.

<sup>99</sup> D. Ludmila não aluga quartos em sua casa para esses rapazes. Ela afirma que os “*botou dentro de casa*” pois os mesmos não tinham onde dormir e comer quando chegaram a Sorriso. No entanto, D. Ludmila mantém um acordo com eles: quando conseguem trabalho pagam uma taxa de R\$100,00 para bancarem os gastos com comida e limpeza de suas roupas. Além disso, assim que os rapazes conseguem serviço devem pagar pela comida e pelas roupas que D. Ludmila lavou enquanto eles estavam desempregados.

Todo o fim de semana havia churrasco promovido por esses jovens trabalhadores na casa de D. Ludmila e Alexei sempre estava presente, assim como toda a família de D. Ludmila. Desta maneira, Catarina e Alexei se conhecem. Além de se encontrarem na casa de D. Ludmila, os jovens também passaram a se encontrar em outras festas, pois Catarina ajuda a sua mãe a vender espetinhos de carne e por isso vai a todos os lugares onde existe algum baile na cidade. Ao se encontrarem nos bailes conversavam e foram se tornando mais próximos. Ao poucos Alexei passou a ir a casa de D. Ludmila somente para ver Catarina e em pouco mais de 1 ano Catarina e Alexei passaram a namorar, noivaram e se casaram.

No exemplo apresentado acima vemos que os “vizinhos” não são os únicos que formam pares, também há evidências da existência de outros espaços onde podem formar-se casais, como a escola, ou os bares<sup>100</sup> onde podem estar acontecendo bailes, ou não. Estes locais, no entanto, não fizeram parte de nossa pesquisa, por isso não possuímos dados sobre como se formam os casais nesses espaços. Apesar de sabermos da existência pareceu-nos que a vizinhança é o local privilegiado para iniciar-se um namoro.

Para começar um romance de qualquer maneira é necessário que o parceiro interessado passe a ir na casa da parceira com quem pretende sair. Devido a este fato é necessário que exista uma certa proximidade entre aqueles que vivem na casa e os vão até ali. É aí que reside a importância dos “conhecidos” de Alexei, pois foram eles que permitiram que o mesmo conhecesse Catarina, seus irmãos, D. Ludmila e S. Gomes, marido de D. Ludmila. A partir deste primeiro contato Alexei foi fortalecendo seu laços com toda a família e acaba por se casar com Catarina.

Ao observamos as relações de vizinhança no bairro não percebemos apenas o tipo de ajuda que os mesmos fornecem para conseguir trabalho, ou como se dão os casamentos. Também percebemos que há vários níveis de proximidade entre as pessoas que vivem em um mesmo bairro, ou rua.

Esta percepção se tornou possível a partir do momento que passei a participar das rodas de conversas que se formam em frente a casa de D. Mara. Ali vão muitas mulheres, que genericamente são vistas como “vizinhas” por D. Mara, Gabriele e Gerturdes, pois ela vivem no bairro. Todas falam umas com as outras com bastante liberdade, apresentando suas questões para as outras

<sup>100</sup> A casa de D. Ludmila é bar e mercado ao mesmo tempo, com isso apesar do namoro entre Catarina e Alexei ter começado no lugar que pode ser visto como a casa de D. Ludmila, não devemos ignorar que os churrascos se dão no ambiente reservado ao bar/mercado. Neste sentido podemos dizer que o namoro do casal se iniciou na casa/bar/mercado de D. Ludmila.

mulheres e as mesmas opinam sobre o assunto, apoiando ou questionando as suas atitudes. Isto no entanto não comprova que exista proximidade entre todas as mulheres que participam da roda.

Foi o que se deu uma tarde na casa de D. Mara. Estavam lá D. Mara; sua filha Gertrudes; Alva, vizinha de D. Mara e Gertrudes; D. Jurema, comadre de D. Mara e eu. Em certo momento chegou a roda uma moça, chamada Mercedes, que conhece Alva e D. Mara. Mercedes chegou falando que seu marido havia saído e Gertrudes lhe perguntou se o mesmo havia ido para o bar. A resposta de Mercedes foi que ela não sabia, mas que seu marido havia chegado em casa “já bambo” e que tinha dito que “*ia dar uma volta*”, então concluiu que o marido havia ido beber novamente. Dito isto, disse que ia embora para sua casa e como de costume as mulheres da roda lhe disseram “*é cedo!*”, dando a entender que ainda era cedo para que Mercedes saísse dali<sup>101</sup>, comportamento que obedece as normas de boa vizinhança, pois desta maneira “*vizinhos*” nos levam a crer que a companhia daquele sai da conversa ainda é desejada. Mesmo assim, Mercedes se foi e quase em seguida D. Mara afirmou que estava aliviada que aquela mulher havia ido embora, pois ela “*é uma vagabunda*” e que era “*bem feito para ela ter um marido como aquele*”. Perguntei porque e D. Mara disse que Mercedes “*dava para tudo que era peão enquanto o marido bebia no bar*”. Com isso percebe-se que Mercedes não se comporta de maneira discreta como deveria fazer uma boa vizinha. Todos no bairro sabem que trai o marido abertamente (atitude reprovada moralmente no bairro) e que o marido da mesma bebe no bar constantemente, demonstrando a todos que o vêm ali que não trabalha. Desta maneira nenhum dos dois cumpre os papéis de marido e mulher, nem de pai e mãe, que regem a vida particular de uma família, algo que não é visto com bons olhos pelos “*vizinhos*”.

Mercedes poderia ser considerada uma “*vizinha*” por viver próximo a casa de D. Mara, mas esta não a vê desta maneira: D. Mara diz que Mercedes é uma “*conhecida*”. Com isto percebi que nem todas as pessoas que chegam a roda de conversa são tratadas da mesma maneira e que há relações de menor e maior proximidade entre as que vão até aquele local. Aqueles considerados como “*vizinhos*” por D. Mara parecem ser mais próximos desta senhora que uma “*conhecida*” tal como Mercedes. Além disso não devemos ignorar que D. Mara também não deseja associar a sua imagem a de Mercedes, pois esta é observada publicamente como “*vagabunda*”, sendo assim se distancia socialmente dela classificando-a como “*conhecida*”, isto é, alguém com que não faz parte de suas relações sociais cotidianas.

Além de perceber que há diferenças entre “*conhecidos*” e “*vizinhas*”, notamos que há níveis de proximidade entre “*vizinhos*”. Este aspecto foi observado primeiro através da roda de conversa

---

<sup>101</sup> É assim que todos se despedem em Sorriso.

da casa de D. Mara. Como sabemos as filhas de D. Mara sempre vão a casa de sua mãe e também compõe o grupo que estão todos os dias conversando na frente da casa desta senhora, mas além delas algumas “vizinhas” fazem parte do grupo todos os dias. É importante apontar que desta roda participam, também, as comadres de D. Mara e Sr. Alexandre, D. Jurema e D. Ludmila, mas as relações destas mulheres com os donos da casa serão discutidas mais adiante, quando nos ativermos as relações de compadrio no bairro. Já entre as “vizinhas” que estão presentes no local todos os dias há dois tipos: uma que já está em Sorriso a muitos anos, que chegou mais ou menos na mesma época que a dona da casa, esta é D. Camila; e outras duas que chegaram ao município a pouco tempo, para ser mais exata, a menos de 1 ano, estas são duas irmãs que se chamam Alva e Marisa.

D. Camila vive na rua da escola do bairro (ver Anexo III) e sempre “vai” até a casa de D. Mara para conversar. Entre as vizinhas que vão até a casa de D. Mara para conversar D. Camila é a que possui mais intimidade com a dona da casa, pois a mesma demonstra saber assuntos que são discutidos apenas com a família e as comadres de D. Mara. Além deste fato, esta proximidade se expressa em outros momentos como quando D. Camila come peixe na casa de D. Mara e as outras vizinhas não são convidadas para qualquer refeição.

Apesar desta aparente proximidade D. Mara e D. Camila permanecem se chamando de “vizinhas”, o que demonstra que as duas não são tão íntimas. Na realidade D. Camila é muito próxima de duas comadres de D. Mara: D. Jurema e D. Marina. A primeira está sempre na casa de D. Mara, além de participar ativamente da vida da dona da casa. A última não costuma ir s rodas de conversa de D. Mara, pois trabalha muito, mas é considerada por ela como uma pessoa de grande estima. Sendo assim percebemos que a proximidade que há entre D. Mara e D. Camila esta relacionada aos laços que as unem as outras duas mulheres: D. Jurema e D. Marina.

Este fato se tornou evidente quando estávamos na casa de D. Jurema conversando com a mesma e com D. Camila. Naquela tarde Gerson foi chamar D. Jurema para comer um peixe que sua mãe havia feito e como D. Camila estava presente, ela também foi chamada. Com isto percebemos que D. Camila só foi convidada para tal aquela refeição por estar na casa de D. Jurema. Não realizar tal convite seria considerado como “sem educação”. Sendo assim, percebemos que D. Camila é uma pessoa próxima de D. Mara, mas não diretamente, pois este laço de proximidade se estabelece com as comadres de D. Mara, com as quais esta senhora divide seus assuntos íntimos.

As outras duas “vizinhas” são Alva e Marisa. Alva é solteira, mas Marisa é casada com Betão. As duas vivem na mesma casa, juntamente com Betão, duas filhas de Marisa, e outro irmão

das duas mulheres. A casa onde moram é alugada e se localiza atrás da casa de Gertrudes e, conseqüentemente ao lado da residência de D. Mara. Elas não compartilham do mesmos laços que D. Camila e, assim sendo, são percebidas pelas mulheres que vão até a casa de D. Mara apenas como “vizinhas”, devido a localização da casa das mesmas.

Ao contrário de D. Camila, quando Alva e Marisa conversam com aquelas que estão na frente da casa de D. Mara elas tocam em assuntos que tem como tema acontecimentos do bairro, sabidos por todas as mulheres que participam da roda, tal como algum adultério<sup>102</sup> que todos estejam sabendo. No entanto, não tratam de assuntos particulares como dificuldades financeiras da família, ou brigas entre marido e mulher que possam ter se dado no interior da casa de Marisa e Alva. É possível que alguma briga entre Betão e Marisa venha a ser comentado na roda, mas apenas quando a mesma toma altas proporções, como quando os dois gritam um com outro, pois desta maneira todos os que vivem ao seu redor escutam a discussão.

Notamos então que as duas mulheres, apesar de serem consideradas “vizinhas” não compartilham de laços de proximidade com nenhuma daquelas mulheres que vão até a casa de D. Mara, fato percebido quando vemos que as duas não vão a casa de nenhuma daquelas “vizinhas”. A única casa onde costuma “ir” é de uma tia de Betão, que também vive no bairro, mas que não possui nenhum a relação com D. Mara ou alguma das outras mulheres próximas a ela. Alva e Marisa chegaram a pouco tempo em Sorriso e ainda passam por um processo de reconhecimento por parte de suas “vizinhas”. Sendo assim, não podem ser consideradas como próximas de nenhuma das mulheres que vão para frente da casa de D. Mara, mesmo que esteja sempre naquele lugar.

Além de perceber que existem vários níveis de proximidade entre “vizinhos” é necessário observar as diferentes maneiras em que este termo é utilizado. Como sabemos podemos “visitar” um “vizinho”, mas isto depende dos laços de proximidade que dois sujeitos possuem, pois nada impede que se “vá” a casa de um “vizinho”, desde que exista uma certa intimidade com o mesmo.

É o que verificamos ao acompanhar D. Morena em uma “ida” à casa de D. Suzana. Esta

---

<sup>102</sup> Durante certo tempo um dos principais assuntos que as mulheres da frente da casa de D. Mara tratavam era um adultério que estaria ocorrendo na casa de uma vizinha da rua. Todas ficaram muito indignadas e chamavam a tal vizinha por nomes de baixo calão, pois além de trair o marido, o amante seria primo do seu companheiro. Também afirmavam que o esposo traído seria “frouxo” por saber de tudo e não tomar atitude nenhuma. Até certo ponto o assunto circulava apenas entre os vizinhos da rua. O problema aumentou quando a fofoca chegou aos ouvidos da mãe do marido traído. Esta vive em outra rua, onde se localiza a escola “Flor do Amanhã”. Quando ela soube do que estavam comentando sobre seu filho, foi tomar satisfações com sua nora. Houve uma briga na rua que foi acompanhada por todos os vizinhos e após este fato a sogra iria conversar com seu filho para que este tomasse alguma atitude em relação a sua mulher.

senhora é considerada como “*vizinha*” por D. Morena. D. Suzana tem 40 anos, nasceu no Paraná, é separada do marido e vive com dois filhos: uma moça de 27 anos e um filho de 10 anos. A casa desta senhora está em frente a casa de D. Morena e é ali que a última toma chimarrão quando não vai a casa de D. Clotilde. Este evento, no entanto, não ocorre na casa de D. Suzana com muita frequência, pois ela e D. Morena não se encontram com assiduidade devido ao trabalho de D. Suzana. Esta trabalha como doméstica no “*centro*” da cidade e várias vezes por semana dorme na casa de seus patrões.

Apesar disto, o interessante nesta situação é constatar que quando D. Morena vai tomar chimarrão na casa de D. Suzana, ela não diz que faz uma “*visita*”, mas que “*vai*” a casa de sua “*vizinha*”. Com esta visão percebemos que os “*vizinhos*” mais próximos não se “*visitam*”, eles “*vão*” a casa um dos outro, ao contrário daqueles com os quais se estabelece uma relação mais distante. Mas todos eles são denominados de “*vizinhos*”, por isso é importante notar o contexto em se utiliza este termo.

Outro exemplo de “*ida*” a casa de um “*vizinho*” é observado quando S. Emílio vai a casa de D. Morena. Este senhor nos foi apresentado por D. Morena como “*vizinho e amigo*”, logo que a conhecemos. S. Emílio é do Maranhão, tem 43 anos e vive sozinho. O mesmo afirma que não consegue trabalhar devido a um acidente que sofreu em 1997: ele quebrou as duas pernas ao cair do telhado de um silo que estava montando. Depois disso, não consegue se manter muito tempo em pé, o que dificulta que o mesmo consiga algum “*serviço*”. Para se sustentar economicamente, então, este senhor construiu quatro “*peças*”: uma delas é sua moradia e as outras ele aluga.

Sr. Emílio “*vai*” sempre a casa de D. Morena, e as vezes, nem é para conversar com esta senhora, pois em várias oportunidades ela vai ver as crianças, os netos de D. Morena. Isto se dá pois S. Emílio conta com outro nível de proximidade com D. Morena: ele já foi casado com esta senhora durante 8 anos. A separação de D. Morena não alterou a relação que este senhor mantêm com os netos da mesma, eles ainda o chamam de “*vô*”<sup>103</sup>. Além disso, o fato de D. Morena e ele terem se separado não faz com que os dois rompessem os laços que mantinham, na realidade eles se modificaram, pois como disse D. Morena, S. Emílio é “*vizinho e amigo*”.

O nível de proximidade deste senhor é diferente do de D. Suzana que é observada apenas como “*vizinha*”. Sr. Emílio conta com a confiança de D. Morena para buscar as crianças na escola,

<sup>103</sup> Além disto, a neta mais nova de D. Morena é sobrinha de S. Emílio, pois foi o irmão dele que engravidou Soraya, a filha mais velha de D. Morena, ainda quando S. Emílio e D. Morena moravam juntos.

ou para cuidar das mesmas, quando nenhum de seus filhos pode. Além disso ele faz pequenos serviços de manutenção da casa de D. Morena quando ela lhe pede, como quando Sr. Emílio tapou as rachaduras do chão da casa de D. Morena com cimento. Com isto podemos ver que este senhor é algo mais que um “*vizinho*” comum, de acordo com D. Morena ele também é “*amigo*”, e devido a esta intimidade o mesmo afirma que “*vai*” a casa de D. Morena. A partir disto pode-se dizer que Sr. Emílio e D. Morena possuem uma relação de “*amizade*” nos moldes destacados por Pitt-Rivers<sup>104</sup> pois estes sempre que podem estão dispostos a se auxiliar.

Percebe-se, com estes exemplos, que o “*vizinho*” pode ser aquela pessoa que vive em frente, atrás ou ao lado da residência de um informante, sem haver necessidade de possuir uma relação mais profunda com a mesma. Nestes momentos os entrevistados utilizam o termo para enfatizar a localização espacial de determinada pessoa com quem não se relacione constantemente, mas que sempre vê passar pela sua rua, ou seu bairro, ou até cumprimente rapidamente ao vê-lo: aquela pessoa vive próximo do informante. Em outro momento, o “*vizinho*” pode ser aquele que vive no mesmo bairro que o entrevistado, com o qual se mantem, ou não, algum tipo de relação.

Quando o entrevistado deseja mostrar o nível de proximidade com aquele “*vizinho*” apontado, ele pode ser classificado como “*conhecido de vista*” ou apenas “*conhecido*”, por não possuir laços de proximidade social. Mas as vezes o informante utiliza a palavra “*vizinho*” indicando que determinada pessoa não é estranha ao seu convívio: o “*vizinho*” é alguém com quem se mantem conversas constantes. Neste caso tem-se a idéia de laços mais estreitos de amizade, isto é, apresenta-se um outro nível nas relações entre moradores de uma mesma rua ou bairro. Em outros momentos o “*vizinho*” também pode ser “*amigo*” elevando ainda mais nível de proximidade entre dois indivíduos, como na situação de D. Morena e Sr. Emílio.

Já entre D. Morena e D. Suzana existe uma relação de “*vizinhas*”, pois as duas sempre que podem mantêm contato, além de viverem uma em frente a outra, mas não são tão próximas, não são “*amigas*”. Sendo assim, quando D. Morena chama D. Suzana de “*vizinha*” deseja indicar que a última vive próxima, mas que também é uma pessoa que faz parte das relações sociais que D. Morena construiu no bairro.

Também podemos verificar as distintas maneiras de se utilizar o termo “*vizinho*” a primeira vez que perguntei a Gabriele sobre D. Morena. Questionei a mesma para saber se se conheciam e Gabriele afirmou que D. Morena é sua “*vizinha*”, pois as duas vivem no mesmo bairro, mas ao

---

<sup>104</sup> PITT-RIVERS, Idem.

mesmo tempo ressaltou que só a “*conhece de vista*”. Com isto percebemos que Gabriele conhece D. Morena, mas não se relaciona com a mesma, mesmo a chamando de “*vizinha*”. Este termo demonstra apenas que as duas mulheres vivem no mesmo bairro, já que D. Morena vive em uma rua paralela a de Gabriele.

Já quando fala de Alice, também classificada como “*vizinha*”, Gabriele deixa claro que esta é mais próxima, pois a mesma tem o hábito de “*visitá-la*”, além de “*ir*” a casa de Gabriele fazer as unhas, sendo assim são mais próximas uma a outra. É verdade que esta “*ida*” a casa de Gabriele se deve a uma relação comercial, em um primeiro nível, mas isto não impede que através deste contato as duas mulheres se conheçam melhor e se sintam mais próximas, avançando para outro nível de relacionamento, que ainda não é o de “*amizade*”. A prova disto é que Alice possui o hábito de “*visitar*” Gabriele em dias que não faz unhas.

Alice vive na mesma rua que D. Morena, mas as duas mulheres apesar de serem classificadas como “*vizinhas*” por Gabriele apresentam níveis distintos de relações sociais: Alice é uma “*vizinha*” com quem Gabriele se relaciona, já com D. Morena não há nenhum tipo de relação, ela é “*conhecida de vista*”.

Ao notar os distintos níveis de relacionamento entre os moradores do bairro, percebemos que estes não são estáticos, pois os mesmos podem se modificar com o tempo como nos revela o senhor Domingos quando relata sua relação com um “*vizinho*” com quem não mantêm mais contato, o senhor Leôncio.

**Sr. Domingos:** *Os vizinhos vão se identificando e vão escolhendo com quem vão falar. Com tempo pode se afastar.*

Podemos citar como exemplo deste processo de distanciamento o senhor Leôncio. Ele é de Santa Catarina, tem mais ou menos 40 anos, e chegou ao bairro a pelo menos 3 anos com sua esposa e suas duas filhas. Ali vive em uma casa localizada na mesma rua de Sr. Domingos (ver no Anexo III). No início ele era um “*vizinho*” com quem Sr. Domingos conversava, mas como o mesmo ressaltou os “*vizinhos*” podem se afastar, e foi isto o que ocorreu entre os dois homens. S. Domingos continua chamando Sr. Leôncio de “*vizinho*” e afirma que “*ele é um bom vizinho*”, pois nunca teve problemas com Sr. Leôncio, mesmo assim Sr. Domingos prefere manter uma certa distância. Lhe perguntei a razão desta atitude e Sr. Domingos afirmou que o problema é a mulher de Sr. Leôncio que “*é muito ciumenta e solta os cachorros em quem tiver por perto, não tem*

*vergonha*". Como Sr. Domingos "*não quer problema*", isto é, não deseja entrar em conflito com seu "*vizinho*", ele prefere se afastar de Sr. Leôncio, evitando futuros confrontos com a mulher do "*vizinho*" e conseqüentemente com o marido desta.

Desta maneira percebemos que o homem é visto como um bom vizinho já que o mesmo é gentil e educado com seus "*vizinhos*", correspondendo a norma do que é considerado um bom vizinho. Já a mulher deste não se comporta de acordo da mesma maneira, pois a mesma não se contém: não é reservada e briga com todos que estiverem por perto. Para evitar conflitos com esta mulher Sr. Domingos prefere se afastar deste "*vizinho*".

Por outro lado também há relações entre vizinhos que podem vir a se aprofundar como no caso de D. Morena e D. Clotilde. Como sabemos D. Clotilde foi apresentada a nós como "*da família*" de D. Morena, mas esta relação não foi sempre assim. As duas mulheres já haviam sido "*vizinhas*" de rua a alguns anos: elas viviam de frente uma para a outra. Apesar disto, as duas não se aproximaram logo. Na realidade esta situação demorou a se consumir, como D. Clotilde nos contou:

*D. Clotilde: Tem tanto tempo que eu e a Morena se conhece e só agora que ela tá vindo aqui em casa, depois que o Pedro veio morar com a Sofia. Antes era só bom dia, boa tarde.*

Como a própria informante nos relatou, somente após os filhos das duas mulheres terem ido morar juntos, é que as mesmas criaram mais intimidade uma com a outra, permitindo que D. Morena passasse a ir a casa de D. Clotilde. O contato das duas se intensificou quando o casal foi morar no estado do Pará (devido a uma proposta de emprego feita ao filho de D. Clotilde), pois durante o período que os dois estavam naquele estado, D. Morena passou a "*ir*" constantemente a casa de D. Clotilde. Nessas ocasiões elas aproveitavam para trocar notícias sobre seus filhos.

É interessante observar que o fortalecimento dos laços das duas mulheres, que antes se conheciam de maneira superficial, se deu por conta da união de seus filhos. A tal ponto que atualmente D. Morena considera D. Clotilde e os seus como *de sua família*.

Apesar de tal fato, é necessário destacar que o filho mais velho de D. Clotilde não é visto por D. Morena como "*da família*", pois o mesmo não participa do cotidiano da casa daquela senhora, isto é, ele não vai mais a casa de sua mãe como costumava fazer a anos atrás. Sendo assim, o rapaz não possui contato com as pessoas que frequentam a residência de D. Clotilde atualmente,

não havendo razão para que D. Morena o inclua nessa classificação. Desta maneira percebemos que D. Morena faz um “recorte” para incluir algumas pessoas na classificação “*da família*”, levando em consideração aqueles com quem tem laços de relacionamentos profundos, e exclui outras, com quem não mantêm contato.

Ao observar com quem nossos entrevistados mantêm relações de vizinhança percebemos que o fato dos mesmos viverem no bairro em uma mesma rua durante algum tempo permite que os mesmos conheçam todos seus vizinhos de rua. No entanto, se algum informante viver em ruas distintas nos bairros ele pode conhecer novos vizinhos e, quando se muda para outro lugar no bairro, pode manter as antigas relações de vizinhança. Algo que ocorreu com D. Morena que morou em ruas diferentes no Boa Esperança I e mantém relações sociais com D. Clotilde, sua “*ex-vizinha*”, e D. Suzana, sua vizinha atual. Devemos ressaltar, no entanto, que esta movimentação dos moradores não é o único elemento que deve ser levado em consideração para analisar as relações sociais do local, mas ele é um fator importante.

A movimentação dos moradores do bairro, e saber com quem elas se relacionam foi percebida como importante a partir da entrevista de D. Suzana. Vejamos este trecho:

**D. Suzana:** *Eu não vou na casa de ninguém.(...) A única que eu vou na casa lá, uma vez por mês é na minha mãe, e uma vez por mês no máximo. Eu não vou na casa de ninguém, não sei porque. Eu não vou.(...) Você acha que eu conheço a rua aqui de baixo? Não conheço não! Nunca andei ali. É daqui para o serviço, do serviço para casa. Eu não vou na casa de ninguém. Tem dois irmãos meus que moram naquela rua ali, eu tive na casa deles na noite de natal.*

**Pesquisadora:** *(...) Lá é São domingos, né?*

**D. Suzana:** *É... Aqui na casa da Morena eu tive, você quer ver, quatro meses atrás quando da morte do filho dela. Só. Eu não sei porque é que eu não vou... não é porque eu não gosto. Eu tenho amizade com todo mundo aqui, nossa! Deus o livre! Aqui quando eu tô em casa é direto cheio de gente aqui. Me dou bem com todo mundo aqui, só não vou na casa de ninguém, (...) mas é costume!*

D. Suzana repete a mesma idéia que o que todos no bairro afirmam: ela não sai de sua casa para ir a casa de outras pessoas, a não ser aquelas que são de sua família, e mesmo assim não é com tanta assiduidade. Quando ela afirma que “*não vai a casa de ninguém*” utiliza a mesma conotação que outros moradores quando dizem que não vão a “*casa dos outros*”: O “*ninguém*” são as pessoas com quem a informante não possui proximidade, ou laços de afetividade relevantes. Como se pode

notar a mãe e os irmãos de D. Suzana não estão incluídos na classificação “ninguém”, ou “outros”, eles são observados como “família”. Já os seus “vizinhos” parecem ser classificados como “ninguém”, pois esta não possui o “costume” de ir residência destas pessoas.

Nesta entrevista, D. Suzana deixa claro que não circula muito pelo bairro e evidencia que existe uma diferença entre sua rua e a “*rua de baixo*”. Ela mesma afirma que “*não conhece a rua de baixo*”, isto é, a rua que passa atrás de sua casa, paralela a que vive. Quando esta senhora faz esta observação deseja mostrar que não se relaciona com as pessoas que vivem naquele local, ela não conhece os moradores da *rua de baixo*.

É importante constatar que na “*rua de baixo*” é onde mora boa parte das pessoas que participaram invasão que deu origem ao bairro. Já na rua de D. Suzana, pelo que pude constatar, os moradores compraram seus lotes, apesar de alguns terem participado da invasão. Esta diferenciação parece muito importante para algumas pessoas, tais como D. Suzana, pois a todo momento fazem questão de afirmar que compraram o lote e não invadiram, como outras pessoas do bairro. Sendo assim, acredito que para se manter diferentes, preferem não se relacionar com outros moradores que participaram da invasão do bairro Boa Esperança I<sup>105</sup>.

Apesar desta diferenciação entre uma rua e outra, também existe outra questão importante que deve ser levada em consideração. Ao ver que D. Suzana distingue as duas ruas percebemos, ao comparar as relações sociais desta senhora com as de D. Mara, por exemplo, que muitas pessoas que vivem na rua de baixo, também não se relacionam com D. Suzana, e muitas vezes não sabem quem é.

D. Mara ou Gabriele não conhecem D. Suzana, mas conhecem D. Morena, sua “*vizinha*” de frente. Elas poderiam se conhecer, pois tanto D. Mara quanto D. Suzana chegaram no bairro na mesma época. Foi então que D. Suzana revelou que nunca havia se mudado daquela rua, já havia mudado de casa várias vezes, mas sempre ficou na mesma rua no bairro. D. Mara, por sua vez, sempre morou no mesmo lugar, na rua localizada atrás da rua de D. Suzana, desde que foi para o bairro Boa Esperança I.

Ao comparar essas duas mulheres com D. Morena notamos que a última já havia se mudado dentro bairro e foi morar em ruas distintas: antes ela vivia na “*rua de baixo*” e agora vive na rua de D. Suzana. Isto permitiu que a mesma tivesse laços sociais com outras pessoas que não são de sua

---

<sup>105</sup> No capítulo III analisaremos mais detidamente a invasão que originou o bairro.

rua atual, como D. Clotilde.

O mesmo tipo de situação se deu em relação a Alice, a “vizinha” de Gabriele. Ela também morou em outra rua no bairro, uma transversal a que mora Gabriele e desde essa época as duas se conhecem. Agora Alice vive na mesma rua que D. Morena e D. Suzana, mas segue fortalecendo os laços de amizade com Gabriele, indo “visitá-la” ao domingos, na “rua de baixo”.

Complementando este raciocínio lembremos que D. Suzana comenta que “*tem amizade com todo mundo aqui*”. O termo “*aqui*” se refere a rua onde mora e é com as pessoas dali que a mesma tem “*amizade*”. Neste trecho da entrevista não fica aparente, mas durante outras conversas e observações de campo, pôde-se notar que D. Suzana conhece todos os seus “vizinhos” da rua pelo nome e quando os encontra, especialmente quando está chegando em casa, isto é, na rua, e conversa com os mesmos sobre os acontecimentos de suas vidas.

D. Suzana de fato conta com diversos “*amigos*” na sua rua, mas sabemos que a mesma não se relaciona da mesma maneira com todos os seus vizinhos apesar de conhecer a todos. No entanto, quando a mesma diz ter “*amizade com todo mundo*” D. Suzana expressa que “*se dá bem*” com todos de sua rua, que não existem problemas com os seus vizinhos. Não devemos esquecer que segundo PITT-RIVERS (Op. Cit.) a “*amizade*” é entendida como o estabelecimento de relações de trocas obrigatórias entre pessoas que se escolhem mutuamente, pois possuem simpatia e confiança um pelo outro. Nesse sentido podemos perceber que D. Suzana possui este tipo de relação com algumas vizinhas, mas quando ela afirma que “*tem amizade com todos*” ali podemos entender a expressão como uma demonstração de que a mesma está em condições de participar destas trocas de favores que se estabelecem entre “*amigos*”, e não que ela realmente mantenha estas relações com todos os seus vizinhos de rua.

Com este exemplo constatamos algo que observamos entre os demais moradores do local: a vizinhança e “*amizade*” podem se restringir a rua onde vivem as pessoas. Isto, porém, se refere mais aos moradores que sempre viveram na mesma rua, já os que mudaram de rua podem continuar fortalecendo os laços com o aqueles que conheceram antes de se mudar, e seguem chamando-os de “*vizinhos*”. Além disso, existe a possibilidade de ampliar as relações sociais entrando em contato os novos “*vizinhos*” da rua onde vivem atualmente.

Esta explicação, no entanto, não parece suficiente para compreender como algumas mulheres possuem redes de relações sociais maiores que outras. Como acontece quando

comparamos D. Morena e D. Mara: a primeira parece se relacionar com menos pessoas no bairro que a segunda. Sendo assim devemos atentar para outro fato: a movimentação das mulheres pelas ruas do bairro.

D. Morena, apesar de ir até a “*rua de baixo*”, não anda muito pelas ruas afirmando que as mesmas são “*lugar de fofoca*”. No entanto, há outras mulheres que parecem conhecer mais indivíduos no bairro, não se limitando apenas a rua onde vivem ou já moraram. Estas mulheres são aquelas que vendem roupas ou outros artigos, como D. Mara. Elas tem maior liberdade para se locomover pelo bairro e até fora dele, pois é assim que as mesmas vendem, ou cobram pelos seus produtos, desta maneira acabam conhecendo mais pessoas.

É interessante acompanhar D. Mara pelas ruas do bairro. A mesma parece conhecer todos que ela vê na rua, a todo momento ela cumprimenta, para, conversa com um e outro. Quando acompanhávamos D. Morena, ao contrário ela quase não falava com as pessoas do seu bairro, a não ser aquelas que ela já conhecia, que eram poucas se a compararmos com D. Mara. Ao observar a circulação dos moradores do bairro pude notar, então, que aqueles que andam mais pelas ruas dali conhecem mais pessoas que também vivem naquele local. Este aspecto, no entanto, não significa que todos os que são cumprimentados são considerados “*vizinhos*”, muitos deles são vistos como “*conhecidos*”, isto é são pessoas com quem não se estabelece laços sociais mais profundos. Um “*conhecido*” é alguém que já foi visto em algum momento, com quem se possa ter trocado uma ou duas palavras. Pode-se dizer então que D. Mara aparenta ter mais “*conhecidos*” que D. Morena.

Este dado no entanto ainda não explicava a diferença entre D. Morena e D. Mara, pois os “*conhecidos*” não são relevantes para essas mulheres quando as mesmas relatam com quem se relacionam no bairro. Ter mais ou menos “*conhecidos*” me mostra apenas que D. Mara circula mais no bairro que D. Morena, fato que já havia observado em campo.

Desta maneira separamos quais são as pessoas que fazem parte do mapa de relações sociais dessas mulheres e fomos percebendo D. Morena se relaciona basicamente com seus filhos, D. Clotilde, D. Suzana e S. Emílio. Ao passo que D. Mara conta mais pessoas ao seu redor: seus filhos, seu marido, e “*vizinhas*”, sempre estão participando da roda de conversas de sua casa.

Duas “*vizinhas*” de D. Mara, em particular, me chamaram a atenção, pois as mesmas são chamadas de “*comadres*” por D. Mara. Sendo assim percebi que há mais que “*vizinhas*” naquela roda, também há “*comadres*”: D. Jurema e D. Ludmila. A partir delas passei a investigar outro

aspecto da vida social do bairro: as relações de compadrio, nosso próximo tópico.

## 2.2 Relações de Compadrio

As relações de compadrio são observadas em diversas sociedades e discutidas a muito tempo por diversos estudiosos. Elas não se apresentam da mesma maneira em todos os locais e no bairro Boa Esperança estas relações também se mostram peculiares, mas antes de tratar especificamente sobre elas devemos nos assinalar no que consistem estas relações, de acordo com os autores que tivemos acesso e, ao mesmo tempo, relacionando-os com modelo ideal de compadrio que nossos informantes nos revelaram.

Na tentativa de criar um modelo geral do que seria o compadrio, ARANTES (1971) aponta alguns antropólogos que trataram do tema e observa alguns problemas que se apresentam nas teorias dos mesmos. Para melhorar seus argumentos descreve e analisa relações de compadrio entre camponeses do “sertão” da Bahia onde realizou sua pesquisa de campo. O autor observa que a escolha dos padrinhos do filho, que irão se tornar os compadres dos pais da criança, deve obedecer dois critérios: já possuir algum tipo de relação institucionalizada com algum dos pais da criança, que podem ser o parentesco, relações de vizinhança, ou relações de trabalho; e não viver longe dos pais<sup>106</sup>.

O autor também verificará que o costume no “sertão” baiano é dar o primeiro filho para padrinhos que são escolhidos entre os componentes da família mais próxima, de preferência os avós da criança. Os outros filhos nascidos podem ser apadrinhados por irmãos, tios ou primos de primeiro grau dos pais. Algo que também se percebe no estudo realizado por CÂNDIDO (1971)<sup>107</sup> entre os caipiras do interior paulista. Mas ARANTES<sup>108</sup> recolhe dados de seus informantes que relatam que “*amigos íntimos*” também podem ser padrinhos de um dos filhos do casal. Com isso percebe-se que há uma ordem preferencial para a escolha dos compadres: primeiros os avôs paternos ou maternos (da criança), depois irmãos, tios, primos de primeiro grau dos pais e, por último, os amigos mais próximos.

ARANTES observa que outros aspectos são levados em consideração quando os pais

---

<sup>106</sup> ARANTES, A. A. (1971): 16.

<sup>107</sup> CÂNDIDO, Antônio.(1971)

<sup>108</sup> ARANTES, A. A.(Op. Cit.).

escolhem os padrinhos da criança: ele devem ser mais velhos que os pais da criança, devem ser casados e contar com sua própria “household<sup>109</sup>”. Estes aspectos, segundo este autor, demonstram que as pessoas escolhidas são membros respeitados da comunidade.

A relação de compadrio é observada por Arantes, como uma relação ritual que se dá, por um lado, entre pais e padrinhos e por outro lado, entre padrinhos e afilhados. Já no caso de CÂNDIDO ele diferencia a existência do “compadresco” e do “compadrio”. Segundo este autor o primeiro se apresenta como “um tipo de parentesco<sup>110</sup>” ritual que obedece direitos e deveres definidos pelo Direito Canônico, que serviria entre outras coisas para evitar que compadres se casassem entre si. O “compadrio” por outro lado seria um “sistema (...) de obrigações recíprocas (...) que constitua ponderável traço de união entre os indivíduos<sup>111</sup>”.

Os dois autores observam que o batismo na Igreja é a principal maneira de se estabelecer o “compadrio”, mas como ARANTES menciona há outras maneiras de se estabelecer esta relação que não dependem da Igreja para que aconteça, algo que também notamos durante a nossa pesquisa de campo. Sendo assim trataremos do “compadrio” da maneira definida por ARANTES.

Este último autor observa que a relação entre comadres é diferente da relação que há entre compadres, assim como a relação entre padrinho e afilhado não se dá da mesma maneira que entre compadres. Os compadres, observados genericamente, devem respeitar-se mutuamente, dar suporte moral e afetivo uns aos outros e ajudar-se materialmente. Além disso deve-se observar que as comadres ajudam-se mutuamente e o mesmo se dá entre compadres, existindo uma diferenciação entre sexos de maneira semelhante aos moldes que se apresentam na divisão do trabalho da “*família*”.

Já a relação padrinho e afilhado se dá de maneira distinta, pois o primeiro possui uma certa autoridade sob o segundo, que lhe deve obediência e afeição. Os padrinhos são os responsáveis pela educação moral da criança, podendo substituir os pais quando for necessário. Além disso, os dois trocam bens materiais e serviços: é comum que o padrinho presenteie seu afilhado, o receba em sua casa, ajude-o a começar a vida, entre outras coisas; enquanto o afilhado pode ajudar na limpeza da casa dos padrinhos, fazer alguma comida para os mesmos etc.

---

<sup>109</sup> Idem: 19. O conceito “household” deve ser entendido como o lugar que comporta a família e ao mesmo tempo é percebida como local da produção e consumo do produto do trabalho da própria família de camponeses.

<sup>110</sup> CÂNDIDO, Antônio. (Op. Cit.): 245

<sup>111</sup> Idem : 245.

Após descrever sucintamente este modelo de compadrio podemos ir aos dados recolhidos no campo para perceber como se dão essas relações de compadrio na prática cotidiana do bairro pesquisado.

No início do trabalho de campo acompanhei de perto o cotidiano de D. Morena e até um certo momento não foi possível saber se esta senhora mantinha relações de compadrio, pois a mesma não demonstrava participar deste tipo de relação social. Devido a isto, a existência de compadres e comadres só foi notada mais tarde quando passamos a observar como D. Mara trata duas mulheres que vão até a roda de conversa em frente a sua casa.

Estas são D. Jurema e D. Ludmila. Logo que comecei a ir a casa de D. Mara as duas haviam sido apresentadas como “*vizinhas*”, mas após um momento constatei que as mesmas são chamadas de “*comadres*” pela dona da casa. Toda a vez que ela deseja indicar onde havia ido, ou com quem estava diz “*fui na casa da comadre Ludmila*”, ou “*eu estava com a comadre Jurema*”.

Desta maneira passei a perceber que as pessoas consideradas mais próximas de D. Mara são essas duas comadres. D. Jurema e D. Ludmila vivem bem perto de sua casa, a primeira vive na mesma rua, e a segunda mora em uma rua transversal bem próxima (ver Anexo III). Vejamos a seguir quem são essas mulheres e que atividades realizam juntas com D. Mara.

D. Jurema é a comadre mais próxima de D. Mara. Ela tem aproximadamente 45 anos, é nascida em Gurupi, município do estado do Tocantins e vive com seu marido S. Manoel, de mais ou menos 55 anos, natural de Belém do Pará, e seu filho de 15 anos. Esta senhora trabalha como faxineira no shopping da cidade e quando sai de seu serviço as 15:00h vai para casa, descansa e em seguida vai para casa de D. Mara, mais tarde retornando para sua residência com o dever de fazer o jantar.

É importante que se observe que o filho de D. Jurema nasceu em Gurupi (TO), mas ainda bebê foi para Sorriso (MT) e ali se tornou afilhado de D. Mara e S. Alexandre. Esta observação deve ser feita para que evidenciar uma situação comum no bairro: a idade dos afilhados no momento do batismo. Diferente do que se observa em CÂNDIDO (op. cit) a criança não é batizada quando é recém-nascida, ao contrário, no bairro muitos dos que são batizados realizaram o ritual quando já estão maiores. Em alguns casos são batizados quando vão realizar a primeira comunhão, ou outras situações podem até ser batizados quando são adultos, por desejo próprio ou por

desejarem se casar na Igreja Católica (onde o batismo é pré-requisito para tal cerimônia).

Após este parêntesis, voltemos a acompanhar a relação de D. Jurema e D. Mara. As duas sempre vão uma na casa da outra e conversam sobre assuntos considerados particulares, tais como os que eram discutidos na época no trabalho de campo: D. Mara estava requerendo uma pensão do ex-marido que havia morrido no Maranhão. Como os mesmos ainda são casados legalmente esta senhora teria direito a receber algum benefício do INSS por ter se tornado viúva. Para requerer este direito D. Mara viajou para o Maranhão, mas não eram todos que sabiam as razões da viagem de D. Mara, somente o S. Alexandre, seus filhos, sua comadre D. Jurema e D. Camila (que sabia desses detalhes através de D. Jurema). As outras pessoas que vão até a casa desta senhora acreditam que D. Mara foi passear e ver os “*parentes*” dela no Maranhão.

Além de conversar sobre assuntos que não são discutidos entre todas as mulheres, D. Jurema também se junta a D. Mara para ir pescar. Esta atividade é uma das preferidas de D. Mara e sempre que conta com a companhia de suas filhas e D. Jurema vai pescar na beira do rio que passa nas proximidades do bairro. Nestas situações os homens, maridos destas mulheres, não são chamados e só as mulheres pescam.

Quando D. Mara prepara um peixe, que pode ter sido pescado por ela ou S. Alexandre, ela costuma chamar sua comadre Jurema para jantar, e o S. Manoel não é necessariamente convidado para partilhar daquela refeição. No entanto, é habitual que D. Jurema traga um pouco do peixe para sua casa, permitindo que S. Manoel o coma também. Em outros momentos, quando é D. Jurema que prepara peixe ela chama D. Mara para comer em sua casa e depois esta também leva um pouco de comida para sua casa.

Como se vê as comadres interagem bastante entre si e estabelecem trocas que vão de apoios morais à trocas de alimentos observadas acima. Desta maneira percebemos que D. Jurema é considerada quase como um componente da “*família*” de D. Mara, pois as duas estabelecem trocas semelhantes àquelas que se estabelecem entre mãe e filhas. Poderíamos dizer que as duas comadres são bastante próximas. Isto não significa que o compadre Manoel seja ignorado, somente que comadres possuem uma relação diferenciada assim como se dá entre o compadres<sup>112</sup>.

D. Ludmila é outra comadre de D. Mara. Esta é do Maranhão, de Olho D’água das Cunhas, e

---

<sup>112</sup> Relação que não foi muito acompanhada, pois nossa pesquisa se estabeleceu mais entre as mulheres.

tem 41 anos. Ela vive com o marido, S. Gomes, nascido em Zé Doca, no Maranhão, e conta 46 anos aproximadamente. Além de S. Gomes, também vivem na casa de D. Ludmila três de seus quatro filhos<sup>113</sup>: uma menina de 16 anos, um menino de 14 anos, e uma menina de 12 anos. Todos os filhos desta senhora nasceram em Peixoto de Azevedo (MT). D. Ludmila possui um mercadinho/bar no bairro, na parte dianteira de seu lote, e passa boa parte de seu dia naquele lugar, mas isto se dá com mais frequência quando o S. Gomes está trabalhando na safra de soja, ou do milho, pois o mesmo fica o tempo todo na fazenda e só retorna para sua residência no fim da safra. Fora deste período é S. Gomes quem cuida do mercado e D. Ludmila tem mais tempo livre para poder “*ir*” a casa de D. Mara, sempre no fim da tarde.

D. Mara se relaciona de maneira diferente com D. Ludmila. Apesar da mesma estar todos os dias na casa de D. Mara, assim como D. Jurema, D. Mara não vai à sua casa: as vezes passa em frente ao local e fala rapidamente com D. Ludmila para logo seguir seu caminho, mas não entra na casa para ficar conversando. As duas mulheres não conversam sobre assuntos particulares e sim sobre acontecimentos que se dão no bairro, ou viagens que planejem realizar para sua terra natal, como ocorreu quando D. Mara viajou para o Maranhão. D. Mara não comentava com D. Ludmila qual era o motivo real da viagem, desta maneira D. Ludmila acreditava que a ida ao Maranhão era para visitar “*parentes*”. Além disso, D. Ludmila também não participa de pescarias com D. Mara, atividade realizada com aquelas mulheres consideradas mais próximas à D. Mara.

Observando a relação de D. Mara e estas duas comadres verificamos que também existem níveis de proximidade distintos nas duas relações observadas. D. Jurema, é uma comadre com quem D. Mara conta para conversar sobre assuntos particulares, que compartilha também com sua “*família*”. Já D. Ludmila é uma comadre que não compartilha dos mesmos laços de afinidade que D. Mara estabelece com D. Jurema, pois apesar da primeira sempre ir a casa de D. Mara a mesma não é confiante de questões particulares da dona da casa, por exemplo.

Após sabermos que D. Jurema e D. Ludmila são comadres de D. Mara e Sr. Alexandre, descobrimos que existem mais duas comadres que vivem no bairro. Estas são D. Marina e D. Raimunda. A primeira é sempre citada quando D. Mara e Sr. Alexandre contam sobre a sua vinda para o bairro Boa Esperança I. A segunda também é citada em conversas entre Sr. Alexandre e Sr. Manoel, marido de D. Jurema como podemos verificar no momento que os compadres falavam bastante de Romildo (marido de D. Raimunda) pois o mesmo havia acabado de chegar no bairro,

<sup>113</sup> A filha mais velha, Catarina, que tem 17 anos é casada e mora em outra casa com seu marido. Ela também vive no bairro. Foi dela que falamos quando citamos um casamento que não havia se dado com um “*vizinho*”.

vindo de seu “sítio”<sup>114</sup>, e havia voltado a frequentar o “Pau da Fofoca”. Quando eu perguntei “*quem é S. Romildo?*”, S. Manoel o localizou socialmente dizendo “*ele é o marido da Raimunda*”. Já Sr. Alexandre quando respondeu a pergunta disse “*ele é o marido da comadre Raimunda*”, expondo outra relação social que não aparece quando S. Manoel indica quem é o senhor Romildo: o compadrio.

Além deste fato, mais de uma vez vi uma moça “*pedir a benção*” ao S. Alexandre e beijar-lhe a mão<sup>115</sup>, quando perguntei de quem se tratava ele respondeu “*ela é Branca, a filha da comadre Raimunda*”. Com isto percebi que mais duas comadres de Sr. Alexandre e D. Mara vivem no bairro, e não têm o hábito de ir aquela casa constantemente, mas isto não impedia que as mesmas se fizessem presentes o tempo todo nas conversas dos que estavam naquele espaço.

Aqui podemos observar alguns pontos importantes. Percebeu-se que quando Sr. Alexandre citou D. Raimunda a chamou de “*comadre*” mas o mesmo não se deu quando este senhor falou de Sr. Romildo. Como se verá Sr. Romildo não é pai dos filhos de D. Raimunda, pois a mesma já er mãe quando se casou com este senhor. Nesta situação, se percebe os laços de co-sanguinidade com a criança aparecem como mediadores da relação entre pais e padrinhos. Com isso D. Raimunda é “*comadre*”, mas Sr. Romildo não é citado como “*compadre*”.

Este tipo de situação não acontece na relação de compadrio de D. Jurema, Sr. Manoel, D. Mara e Sr. Alexandre, por exemplo, pois Sr. Manoel e D. Jurema são os pais de seu filho e assim podem estabelecer os dois podem estabelecer a relação de compadrio com o casal Alexandre e Mara. O mesmo se dá com na relação estabelecida entre D. Ludmila/Sr. Gomes e D. Mara/Sr. Alexandre.

Voltemos então a D. Raimunda. Esta senhora é de Porto Alegre do Norte, município ao norte do estado do Mato Grosso e está com 45 anos. Ela se casou a primeira vez e teve 3 filhos. Quando se separou foi para Peixoto de Azevedo(MT) e lá conheceu Romildo com quem se casou a segunda vez. Atualmente ela vive com este senhor que atualmente conta com 35 anos, seu filho caçula de 18 anos e a neta de 3 anos, filha de sua filha, Branca. Sua casa está localizada em uma rua transversal a rua de D. Mara.(ver Anexo III)

<sup>114</sup> Este “sítio” é uma pequena propriedade adquirida pelo S. Romildo através de sua participação numa invasão de terras organizada pelo MST a 45Km do município de Claudia (MT).

<sup>115</sup> De maneira semelhante ao descrito em CÂNDIDO, Antônio (op. cit).

Esta senhora não permanece muito tempo em sua casa no bairro, pois a mesma tem morado no “*sítio*” em Claudia (MT). Tanto D. Raimunda quanto Sr. Romildo preferem ficar lá e vir para Sorriso no período de safra de soja e de milho, pois nessas ocasiões os dois trabalham: D. Raimunda se torna cozinheira e Sr. Romildo trabalha no “*secador*”<sup>116</sup>. É também durante esses períodos de safras de soja e milho que este casal aluga quartos para homens que vêm do Maranhão para trabalhar nas plantações destes grãos. Com isto, o casal consegue juntar dinheiro que os sustenta enquanto “*ficam no sítio trabalhando na roça*”, como afirmou o Sr. Romildo.

Quando o casal retorna ao bairro, D. Raimunda vai algumas vezes a casa de D. Mara para conversar. Ali conversam sobre seus filhos, se estão trabalhando ou não, se estão casados ou não; D. Raimunda também conta se vai trabalhar durante a safra ou como está a vida “*na roça*”. As conversas são breves e sempre no final da tarde, sendo assim, D. Raimunda retorna logo para sua casa para preparar o jantar.

Apesar de D. Raimunda ir até a casa de D. Mara foi percebido que ela vai mais ao “*Pau da Fofoca*”, em frente a casa de S. Manoel, e assim, é comum que D. Mara ou Sr. Alexandre também vá até aquele espaço para conversar com D. Raimunda, além de interagir com Sr. Manoel. Percebemos, porém, que a preferência de D. Raimunda pelo “*Pau da Fofoca*” é estratégica, pois toda vez que alguém chegava ou saía de sua casa esta senhora ia até lá e em seguida voltava para onde estava. Daquele ponto D. Raimunda consegue visualizar a porta de sua casa e ver se chegam ou saem de lá. Desta forma esta senhora pode conversar com seus “*compadres*” e “*vizinhos*”, cuidando de sua casa ao mesmo tempo.

A outra comadre de D. Mara é D. Marina. Ela é maranhense, nascida em Santa Inês (MA). D. Marina já havia se casado uma vez, se separou e se casou novamente com o Sr. Danilo, já no Mato Grosso, em Peixoto de Azevedo. Atualmente D. Marina tem, mais ou menos, 45 anos, e o Sr. Danilo conta com mesma idade. Em sua casa também vive o filho dos mesmos, de aproximadamente 20 anos, além de uma neta de 6anos, filha de sua filha<sup>117</sup>. Apesar de ser neta, a menina é chamada de “*filha*” por D. Marina e ela chama D. Marina de “*mãe*”, situação que nos mostra que D. Marina adotou a neta e a trata como filha.

D. Marina não costuma ir a casa de D. Mara, pois de acordo com o que nos disse ela “*não*

---

<sup>116</sup> “*Secador*” é o termo utilizado pelos informantes para designar os silos onde se armazenam e “*secam*” os grãos de soja, durante a “*safra*”, e o milho, no período de “*safrinha*”.

<sup>117</sup> Não foi possível saber se esta moça também é filha de S. Danilo.

*tem tempo*” devido a quantidade de atividades que realiza. Durante a safra de soja a mesma fica meses sem voltar em casa pois trabalha como cozinheira da BUNGE no interior de Sorriso, depois costuma ir para Santa Inês (MA) para ver sua mãe e sempre fica um mês lá. Quando retorna, trabalha nas festas da cidade como a Exporriso e a Festrilha vendendo comida em barracas que são montadas nessa ocasião. Para evitar que seu material de trabalho seja roubado ela dorme na sua barraca e só volta para sua casa quando a festa acaba. Neste ritmo D. Marina não fica em sua residência durante boa parte do ano, sendo muito difícil sua frequência a residência de D. Mara. Sr. Danilo, por sua vez, também trabalha na época de safra de soja, no “*secador*”, mas fora desse período trabalha como moto-taxi na cidade.

Apesar da ausência desta senhora nas rodas que se formam em frente a casa de D. Mara, D. Marina é uma pessoa que sempre está presente nos comentários daqueles que a conhecem, tais como a D. Mara, Sr. Alexandre, Gabriele, Gertrudes, D. Jurema e D. Camila. D. Marina também não frequenta o “Pau da Fofoca”, mas Sr. Manoel também não deixa de incluir o marido desta senhora nas conversas sobre o bairro. O casal é bem querido por aqueles que os conhecem.

Todos vêem D. Marina como “*trabalhadeira*” por saberem das atividades que ela realiza, e por isso todos observam que esta senhora não possui tempo para ir a casa de D. Mara. D. Marina só encontra seus compadres quando está a caminho de algum lugar, como quando foi para o Maranhão. Ela viajou no mesmo ônibus que D. Mara e quando as duas se encontraram se abraçaram e riram muito como se não se vissem a muito tempo e em seguida passaram a conversar sobre as razões de suas viagens, além de conversarem sobre seus filhos e maridos, isto é, suas famílias.

A impressão que se tem é que D. Marina não vive no mesmo bairro de D. Mara, mas que ainda assim é uma pessoa que D. Mara e Sr. Alexandre gostam muito. Sendo assim, D. Marina não é excluída das relações sociais deste casal: ela é “*comadre*” deles, assim como o senhor Danilo é seu “*compadre*”. D. Mara e Sr. Alexandre sempre citam os dois ao relatarem suas histórias de chegada a Sorriso e ao bairro, e quando falam de trabalho, o casal de “*compadres*” também é uma referência, pois os mesmos são considerado como “*muito trabalhadores*”, característica apreciada pelos moradores do bairro.

O interessante sobre as relações das duas “*comadres*” e D. Mara é que as mesmas também não são tão próximas quanto D. Jurema. Com isso percebemos que apesar dos “*compadres*” serem considerados em teoria, como “*parentes*” instituídos pelo ritual do batismo, na prática podem existir relações mais, ou menos próximas entre “*compadres*”. De acordo com minha hipótese esta

proximidade entre “*compadres*” obedece critérios semelhantes aos que regem a proximidade e o distanciamento de “*vizinhos*” no local, isto é, quanto mais perto for a residência do vizinho e quanto mais tempo de convivência existir com o mesmo (pois desta maneira é possível avaliar mais de perto se aquele é um “bom vizinho”) é possível que ele se torne um “*vizinho*” com quem se estabeleçam laços mais profundos de vizinhança, e quem sabe até de “*compadrio*”, em situações em que os laços mais profundos se estabelecem com casais de “*vizinhos*”.

No entanto não devemos esquecer de evidenciar que a única comadre que deu o seu primeiro e único filho para que D. Mara e Sr. Alexandre fossem os padrinhos foi D. Jurema, algo que não se deu com as outras comadres desse casal. A bibliografia consultada nos mostra que o batismo no primeiro filho é mais importante que os demais e que os padrinhos em geral são os avós da criança, isto é, os pais dos pais da criança. Na época do batismo nem D. Jurema, nem Sr. Manoel contavam com os pais, pois os já haviam falecido, sendo assim escolheram D. Mara e Sr. Alexandre para serem padrinhos, fortalecendo ainda mais as relações que mantinham com os “*vizinhos*”. Talvez por essa razão as “*comadres*” D. Mara e D. Jurema possuam uma relação mais próxima que as outras “*comadres*” de D. Mara.

Durante o período que ouvi falar de D. Marina nas conversas de D. Mara e Sr. Alexandre percebi que esta senhora vive na rua de D. Morena, bem em frente a casa dela. Isto fez com que eu recordasse uma conversa que eu havia estabelecido com Sofia, filha de D. Morena. Ela contou que durante a Exporriso (principal festa da cidade), a mesma havia cuidado da casa da “*comadre*” de sua mãe, D. Morena: enquanto os *compadres* de D. Morena trabalhava na Exporriso, Sofia dormia na casa daquela senhora, com o marido Pedro para evitar que pessoas entrassem e roubassem a casa. Perguntei a Sofia onde era a residência dessa comadre de D. Morena e ela me respondeu que é em frente a casa de sua mãe.

Nesta conversa obtive dois novos dados. Primeiro que D. Morena também conta *compadres* e segundo que D. Marina é comadre de D. Mara e de D. Morena, pois de acordo com as informações que as duas últimas senhoras haviam fornecido “a” D. Marina com quem elas se relacionam é a mesma pessoa.

Assim sendo, fui verificar como é relação de *compadrio* de D. Morena e D. Marina. Para isso contei com o auxílio de Soraya, a filha mais velha de D. Morena, pois ela é a afilhada de D. Marina. Esta moça está em constante contato com a sua madrinha e em muitas ocasiões a auxilia nas atividades domésticas. Foi o que observamos quando D. Marina viajou para o Maranhão

deixando o seu marido e o seu filho em casa. Sendo assim, D. Marina pediu a D. Morena, sua comadre, que permitisse que Soraya fizesse a comida para os homens da casa, lavasse a roupa deles e limpasse a casa durante a sua ausência. Foi isto que se deu, enquanto D. Marina viajava, Soraya cuidava das tarefas domésticas da casa de seus padrinhos.

É interessante perceber que aqui conseguimos visualizar as relações entre comadres, mas também as relações que se estabelecem entre madrinha e afilhada. Soraya como afilhada de D. Marina cumpre o papel que teria uma filha de D. Marina quando esta se ausentasse da casa, algo que não seria realizado por alguém que não é tão próxima. D. Marina é substituída na sua função doméstica pela afilhada Soraya que mesmo adulta lhe deve obediência e respeito. Apesar disso vemos que o favor é pedido a D. Morena, pois ela é a comadre que vai ceder a filha (que também realiza as funções domésticas na casa da mãe) para D. Marina.

Desta maneira percebemos que D. Marina mantém uma relação constante com D. Morena, apesar desta não comentar muito sobre a primeira. D. Morena parece só contar com esta “*comadre*”, pois nenhum de seus outros filhos possui padrinhos. Fui perguntar a razão disto para D. Morena e a mesma me explicou que a iniciativa de possuir um padrinho foi de Soraya. D. Morena e seus filhos durante muito tempo foram Testemunhas de Jeová, e atualmente não frequentam nenhuma igreja. Assim sendo, nenhum de seus filhos foi batizado nos moldes da Igreja Católica. Quando Soraya foi viver com sua mãe em Sorriso, ela pediu para ser batizada e escolheu os padrinhos, pedindo a autorização a D. Morena já que ela é seria a responsável por cumprir o papel de *comadre*, necessário para o estabelecimento da relações de compadrio.

Apesar do batismo na Igreja ser a maneira mais frequente de estabelecimento dos laços de compadrio, esta não é a única maneira observada durante a pesquisa. Também se percebeu entre os compadres entrevistados que as vezes não é necessário que se tenha consumado o batismo do afilhado na igreja para que os compadres se tratem por este termo, ao contrário do que é observado em CÂNDIDO (Op. Cit.) que nota que os compadres só se tratam por esse termo após o batizado<sup>118</sup>.

Na relação estabelecida entre D. Marina e D. Camila percebemos que as duas mulheres se conhecem a muitos anos, desde que viviam em Peixoto de Azevedo (MT) e isto permitiu que as mesmas se aproximassem bastante depois que foram viver no mesmo bairro. Como já foi dito, D. Marina tem uma “*filha*” e a “*mãe*” deseja batizá-la. Para isso escolheu D. Camila e seu marido para

---

<sup>118</sup> Também não se observou a existência da madrinha de apresentação, ou o compadrio que se estabelece em festas de São João. Encontrados por ARANTES (op. cit.).

serem os padrinhos. O convite já foi feito e aceito, tanto que D. Camila e D. Marina já se tratam pelo termo “*comadre*”, mesmo que o ritual religioso ainda não tenha ocorrido.

Vemos que há proximidade e confiança entre as duas mulheres, especialmente quando D. Marina precisa sair para resolver algum assunto na rua como ir ao cartório, ou ao médico, e não pode levar a sua “*filha*”: nestes momentos D. Marina pede que D. Camila cuide da menina, e mais tarde retorna para buscá-la. Desta maneira, D. Camila já está exercendo seu papel de madrinha, pois esta deve substituir a “*mãe*” em momentos de necessidade, além de cumprir seu papel como “*comadre*” estabelecendo “*trocas*” que se dão entre pessoas que criam esse tipo de relação, e uma das maneiras de estabelecer estas trocas está na ajuda que compadres podem fornecer uns aos outros (ARANTES, Op.Cit.).

Assim como se observa na bibliografia as relações de compadrio preferenciais também são escolhidas entre a “*família*” mais próxima, isto é, avós da criança, irmãos e tios dos pais. Mas para selecionar compadres, é necessário que os pais da pessoa da criança mantenham um bom relacionamento com o futuro casal de padrinhos. Se existir algum conflito entre alguma das partes, dificilmente os casais poderão ser compadres. Como no caso de Gabriele e Guilhermina, sua irmã mais nova. Domingos, o marido de Gabriele, não se dá bem com nenhuma das mulheres da família de sua esposa, como já observamos. Sendo assim, apesar de Guilhermina desejar que Gabriele seja sua “*comadre*”, a mesma não será escolhida, pois não faria sentido, já que o marido desta não é um “*compadre*” desejado. Desta maneira ela acaba escolhendo a outra irmã, Gertrudes, para ser sua “*comadre*”.

Outras maneiras de estabelecer relações de compadrio também foram mapeadas. Se notou um caso interessante de laços de compadrio entre D. Jurema e Gertrudes. Como sabemos D. Jurema é comadre de D. Mara, mas ela também é madrinha de um dos filhos de Gertrudes, sendo assim, também é comadre desta filha de D. Mara. Com isto observamos que se reforçam as relações sociais com um mesmo casal de “*vizinhos*”, isto é, D. Jurema e Sr. Manoel. Isto implica em afirmar que apesar de este casal ser compadre da mãe de Gertrudes, esta relação não se estende a filha. Assim, Gertrudes também estabelece uma relação de compadrio com D. Jurema e Sr. Manoel, reforçando ainda mais os laços de proximidade com este casal.

Neste momento devemos atentar para a particularidade que existe neste bairro. Como vimos há várias relações de compadrio entre “*vizinhos*”, apesar se observar uma preferência por estabelecer estes laços entre a “*família*”. No entanto é importante que lembremos que a maior parte

dos moradores do bairro Boa Esperança I não contavam com pais, nem irmãos, nem tios quando se mudaram para Sorriso. Somente após algum tempo, quando estes moradores mais antigos se estabelecem em Sorriso e passam a contactar os pais e irmãos nos estados de origem, é que estes últimos vão até a nova cidade, e muitas vezes não permanecem ali, retornando para seus estados.

Sendo assim, os informantes que chegaram primeiro em Sorriso, na década de 1990, irão se apoiar nos vizinhos para estabelecer as relações de compadrio. No entanto, para que a relação de compadrio se estabeleça é necessário que as pessoas se conheçam a algum tempo, pois os laços de confiança e reciprocidade são constituídos em períodos de convivência contínua. Sendo assim percebemos que os vizinhos passam a escolher os compadres entre aqueles que já conheciam, ou que viveram experiências semelhantes na sua vida. É o caso da maior parte dos compadres que conhecemos: muitos já se “conheciam” em Peixoto de Azevedo (MT)<sup>119</sup>, isto é, já haviam se visto naquela cidade; outros já mantinham relações de vizinhança em Peixoto de Azevedo, como se verá no capítulo III.

Um exemplo disso é a relação de D. Marina e D. Camila. D. Marina confia em D. Camila e acompanha sua vida a anos, pois as mesmas são “vizinhas” a pelo menos 20 anos, desde Peixoto de Azevedo, isto é, sempre moraram no mesmo bairro e conviviam uma com outra desde aquela época. Com isso percebemos que através da relação de compadrio que se estabelece entre as duas mulheres se expressa a confiança que uma possui na outra, além de fortalecerem ainda mais os laços de vizinhança que já existiam entre elas.

Através disto percebemos que há uma adaptação do modelo ideal de compadrio, onde são preferidos os familiares aos vizinhos para que se tornem compadres. Como a “família” desses moradores não vive no mesmo lugar que eles, há uma necessidade de estabelecer estes laços entre os vizinhos. A partir disso se dá preferência àqueles vizinhos com quem mais se conviveu, ou com que possuem referências semelhantes de passado<sup>120</sup>, pois assim vizinhos se percebem como mais próximos. Esses laços de proximidade, então, podem ser fortalecidos através das relações de compadrio. Este ato cria redes de trocas entre compadres e entre padrinhos e afilhados que permitem aos mesmos ajudarem-se em diversos momentos, inclusive na manutenção dos mesmos

---

<sup>119</sup> Cidade de onde saiu grande parte dos migrantes na década de 1990 para ir a Sorriso. Lá a maior parte dos trabalhadores vivia exercendo atividades no garimpo.

<sup>120</sup> Como nos casos de moradores que viveram em Peixoto de Azevedo (MT) na mesma época, mas não se conheceram lá, somente estabeleceram contato em Sorriso. Nestas situações é comum que observemos que estas pessoas passem a relatar onde viveram e que pessoas conheceram em Peixoto, como para “mapear” o passado e encontrar pontos em comum (se conheceram sicrano ou fulano, se trabalharam ou viveram em tal garimpo, etc.). Desta maneira podem se reconhecer uns nos outros, tornando-se mais próximos como consequência.

na cidade Sorriso.

\*\*\*

Entrar em contato com os moradores do bairro Boa Esperança I nos permitiu visualizar as relações de vizinhança e compadrio. Percebemos que estas se constituem de maneiras diversas ao constatarmos quando os moradores definem quem são seus “vizinhos” ou seus “compadres”.

Observamos que o termo “vizinho” pode contar com vários significados e que é necessário estar atento para notar como alguns “vizinhos” são mais próximos que outros, apesar de todos serem classificados da mesma maneira. Os contextos em que se apresentam as relações entre vizinhos são fundamentais para compreender estas clivagens tão importantes para perceber como se constituem estas relações sociais de vizinhança.

As relações de compadrio por sua vez nos mostram como a “família” ou os “vizinhos” são fundamentais para o fortalecimento das relações sociais que existem naquele bairro. Como vimos os compadres ideais são os irmãos, mas nem sempre este arranjo é possível. Desta maneira conta-se com os “vizinhos” mais próximos para estabelecer estes laços.

É importante estar ciente que observar estes assuntos não foi uma tarefa simples, pois apesar das pessoas parecerem muito solícitas e espontâneas quando as conhecemos, não é qualquer pessoa que pode chegar à casa desses moradores. Sempre há necessidade de se conhecer alguém. Assim como para ir nas casas de D. Clotilde ou D. Suzana e conversar com as mesmas precisei conhecer D. Morena, foi necessário ser apresentada a alguém que frequentasse a residência de D. Mara para que eu passasse a conversar com aqueles que ali vão.

Ir a estes locais e perceber que pessoas estão sempre ali permite abrir outras questões que não seriam observadas. Notar que D. Morena e D. Mara não se encontram nunca foi uma delas. Apesar da primeira sempre passar pela rua da segunda, indo em direção a casa de D. Clotilde, as duas mulheres não vão a casa uma da outra. As duas sabem da existência uma da outra, mas não pertencem a mesma rede de relações, apesar de existirem algumas pessoas em comum com as quais se relacionam. Por exemplo: uma das comadres de D. Mara, a senhora Marina, também é comadre de D. Morena. Isto, no entanto, não aproxima as duas.

Foi ao observar o comportamento dessas duas mulheres e aquelas com quem mantêm

contato que percebi as diferentes relações sociais que se estabelecem entre as pessoas do bairro. Aos poucos se percebe que os lugares onde algumas pessoas vão, não são frequentados por todos. D. Morena e D. Mara se cumprimentam, mas não fazem mais do que isso. Isto porém não demonstra que a primeira desconhece completamente a última, ou vice-versa. Na realidade o que se sabe são informações genéricas tais como “fulana é trabalhadeira”, ou “sicrana é costureira”, “mengana é do Maranhão”.

A sensação que se tem é que os componentes de uma “rede” não sabe da existência de outras pessoas do bairro, além daqueles com quem sempre convivem. Somente se dão conta quando os encontram na rua e falam com os mesmos.

Seguindo estas redes, porém, conheci alguns homens, que se tornaram informantes e nos forneceram dados fundamentais sobre o passado das famílias pesquisadas, algo que ajudaria a entender como os mesmos conheceram uns aos outros. Antes de conhece-los eu havia observado como as mulheres se comportavam e como elas agiam no dia a dia, mas quando contactei estes homens, principalmente os mais velhos, foi possível acessar o que até então havia passado despercebido: a trajetória das famílias.

### **III. Trajetórias dos “maranhenses”: o outro lado da formação de Sorriso**

#### **1. “É do Peixoto é de casa!”**

No capítulo anterior tratamos de descrever como é a vida em família dos nossos informantes, moradores do bairro Boa Esperança I, e como eles se relacionam com seus vizinhos e compadres. No entanto, durante as conversas que estabelecemos com os informantes para recolher estes dados, também conseguimos outras informações sobre aquelas pessoas que se referem às suas histórias de vida.

No primeiro momento da pesquisa me preocupei em pensar sobre as relações sociais que existem no bairro e com isso percebi rapidamente que D. Morena e D. Mara não se relacionam uma com a outra, apesar de contarem com comadres em comum, como D. Marina. Por que as duas mulheres não interagem, apesar de se conhecerem? Quais seriam os laços de afinidade que fariam com que pessoas se relacionassem com umas e não com outras? Há outros fatores, além de família e vizinhança que permitem o estabelecimento de laços sociais entre essas pessoas? Foi pensando nestas questões que me ative às histórias de vida e as trajetórias dos informantes.

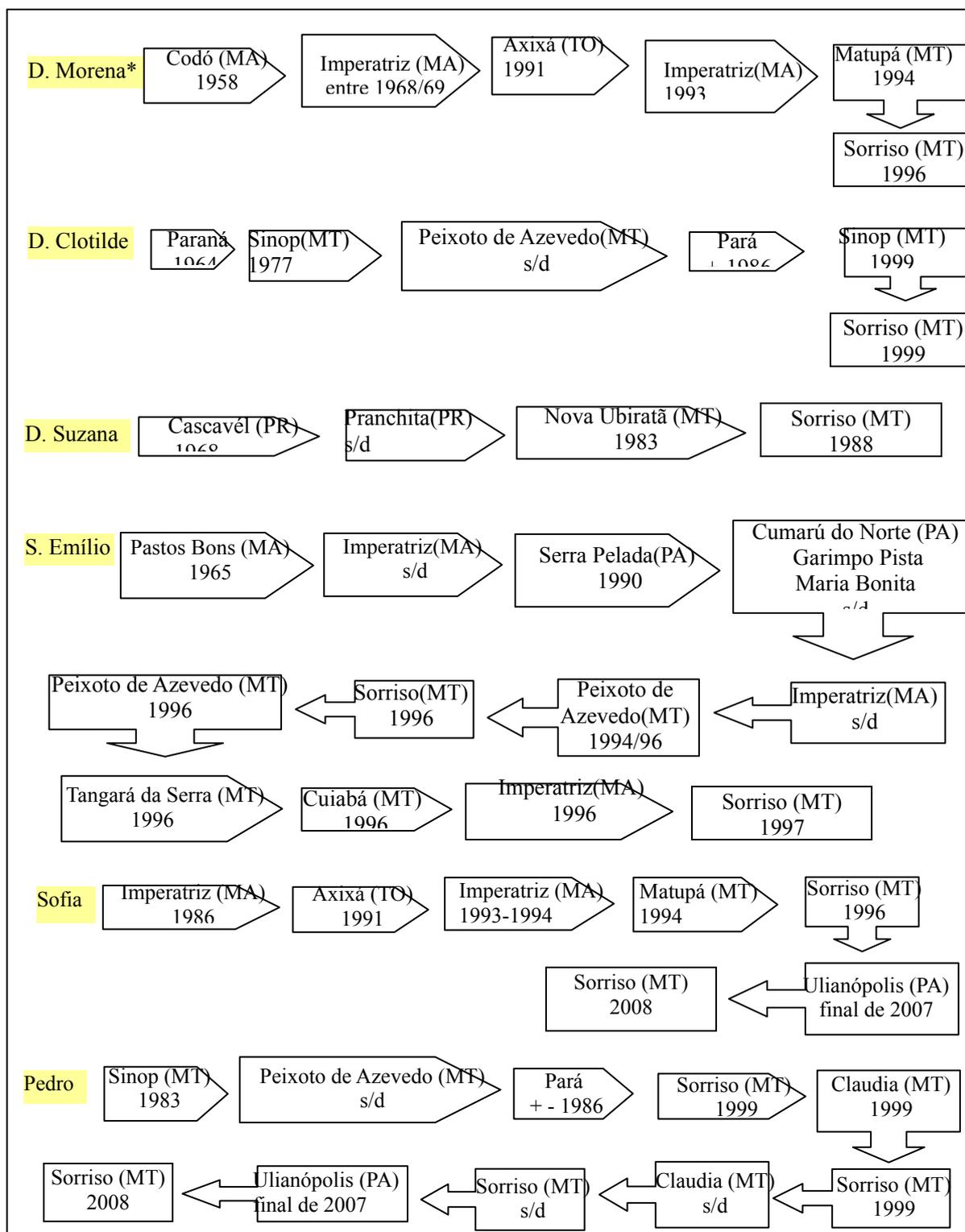
Este capítulo, então, terá como propósito trazer à tona as histórias de vida e, conseqüentemente, a trajetória percorrida pelos indivíduos que compõe as redes de relações sociais que consegui mapear durante o trabalho de campo. Saber de onde vieram, em que trabalharam, por quais mudanças passaram em suas vidas são fatores que podem ajudar a compreender como estes “atores” se inseriram na cidade. Além disso, partindo dessas narrativas, podemos observar, também, como o município foi crescendo, tanto do ponto de vista urbano quanto rural, a medida em que estas pessoas ajudaram na expansão da cidade e na abertura de fazendas. Pode-se dizer, então, que a partir do discurso dos informantes pretendemos obter outras versões da “história” de Sorriso.

Todas as pessoas com quem conversávamos sempre nos relatavam como haviam chegado até a cidade de Sorriso, além de contar onde haviam morado antes de ir para aquela cidade. Muitos destes relatos demonstravam pontos em comum, tais como a citação da cidade de Peixoto de Azevedo (MT): muitos haviam morado lá durante um período de sua vida. Mas apesar de perceber a citação constante desta cidade ainda não havíamos conseguido entender qual era a importância deste dado. Apesar disto mapeamos as trajetórias dos informantes com o propósito de evidenciar as semelhanças e as diferenças entre elas.

Observemos as trajetórias abaixo. No primeiro quadro apresentamos as trajetórias das

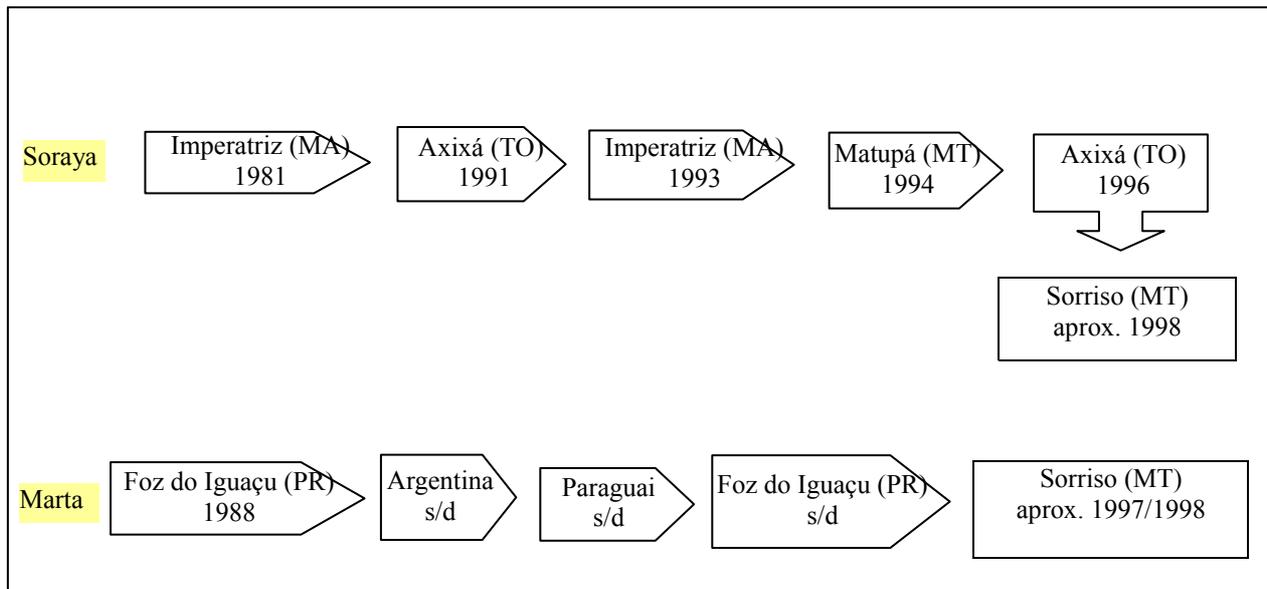
pessoas que mais se relacionam com D. Morena. No segundo estão presentes as trajetórias daquelas com quem D. Mara mantém maior contato. As primeiras setas das trajetórias indicam sempre o local e o ano de nascimento dos informantes. As setas que seguem indicam os locais por onde passaram os entrevistados e a referência do ano que chegaram aquele ponto.

**Quadro 1: D. Morena**

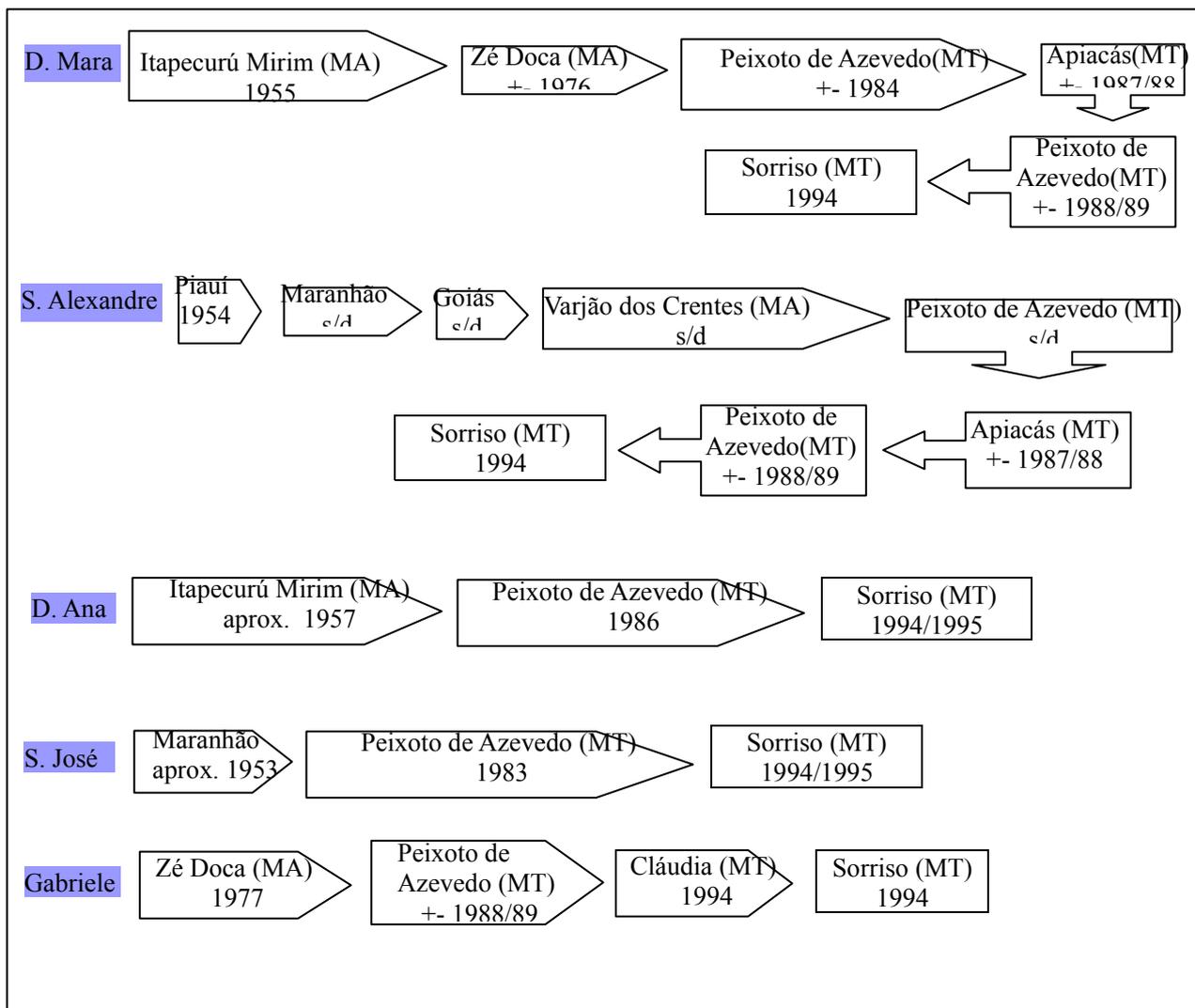


\*Só apontaremos as trajetórias de duas filhas de D. Morena, Sofia e Soraya, pois foram as que se diferenciam da mãe.

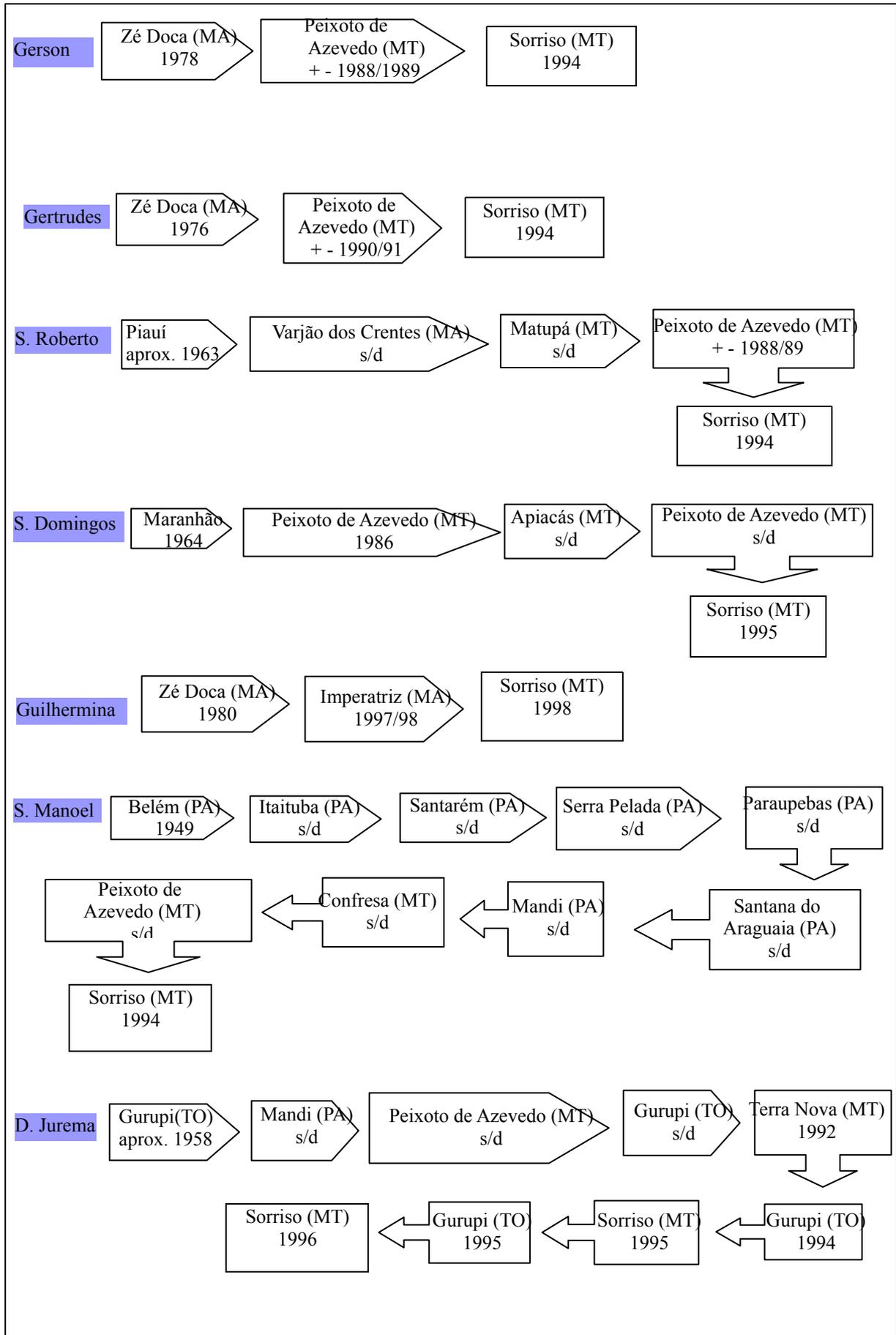
### Continuação do Quadro 1



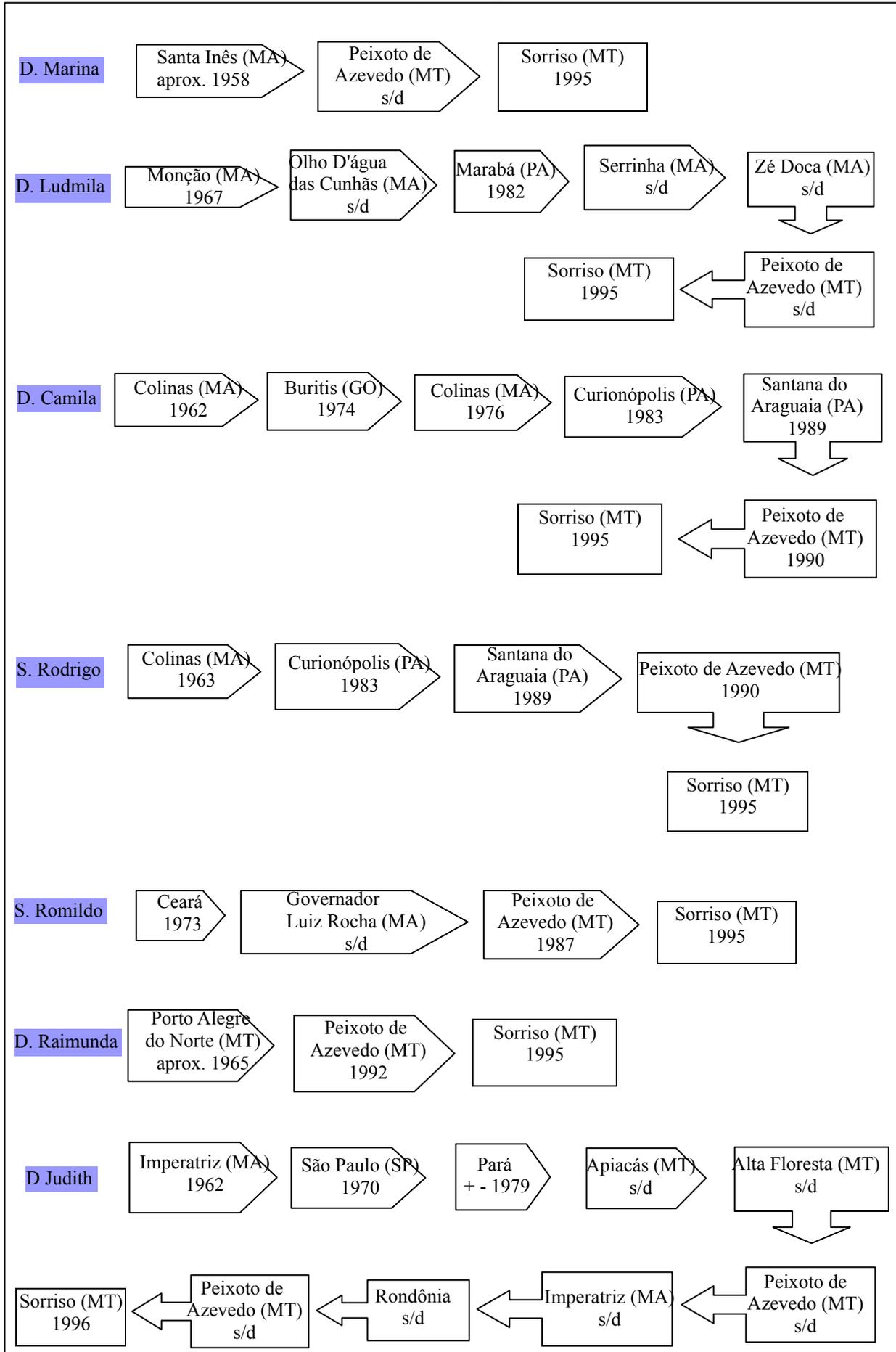
### Quadro 2: D. Mara



Continuação do Quadro 2



Continuação do Quadro 2



A partir destes quadros é possível visualizar que muitas pessoas que se relacionam com D. Mara viveram em Peixoto de Azevedo (MT) mais ou menos na mesma época, nas décadas de 1980 e 1990. Já entre as pessoas que constituem a rede de relações sociais de D. Morena, muitas delas nem mesmo passaram por Peixoto de Azevedo (MT), com exceção de duas: D. Clotilde e Sr. Emílio. Apesar disto, nas entrevistas fornecidas por eles, a cidade de Peixoto de Azevedo (MT) não surge com a mesma importância dada por aqueles que se relacionam com D. Mara.

Além deste fato, também percebemos que as pessoas que mais se relacionam com D. Mara foram para cidade de Sorriso em épocas semelhantes: grande parte delas chegaram à cidade entre 1994 e 1995. Já as pessoas com quem D. Morena mantêm contato constante, chegaram à cidade em outro momento, muitos foram para Sorriso depois de 1996, com exceção de D. Suzana que está na cidade desde 1988.

Com estes dados em mãos notamos que há semelhanças entre as pessoas que compõem cada uma das duas redes sociais mapeadas, embora não existam relações de proximidade. Sendo assim, passamos a nos preocupar em mostrar o que liga as pessoas entre si, e não o que as distancia, pois desta maneira poderemos perceber como foram se constituindo os laços entre os informantes no interior das duas rede de relações sociais pesquisadas.

Foi então que numa tarde em que conversava com o Sr. Manoel e D. Camila, no “Pau da Fofoca”, compreendi a importância de Peixoto de Azevedo (MT) na vida de alguns dos informantes. No entanto, para percebemos com clareza esta evidência é necessário descrever o contexto em que se deu a conversa.

O “Pau da Fofoca” se localiza ao lado da residência de D. Mara e ali se reúnem vizinhos para conversar sobre acontecimentos que se passam na vida de outros vizinhos, em especial os que vivem na mesma rua. Foi o que ocorreu quando participei deste evento: Sr. Manoel e D. Camila conversavam sobre uma briga que havia ocorrido na casa de uma das vizinhas da rua.

A moça em questão estava sendo apontada como adúltera, pois seus vizinhos diziam que a mesma traía o seu marido com o primo deste, que vivia junto com o casal. O marido dessa moça trabalha em uma fazenda e retorna para casa somente nos fins de semana, deixando sua mulher e seu primo em casa, já que o último estava desempregado naquele momento. Todos os vizinhos da rua sabiam da situação, e pelo menos durante uma semana, este assunto era sempre abordado nas rodas de conversa, tanto no “Pau da Fofoca” como na casa de D. Mara. Tudo se complicou ainda

mais quando D. Judith, sogra desta moça, foi até a casa dela para saber se os comentários dos vizinhos eram reais. A briga entre as duas se tornou pública, pois no dia seguinte ao ocorrido Sr. Manoel e D. Camila comentavam sobre o assunto<sup>121</sup>.

Sr. Manoel e D. Camila expressavam o sentimento de pena em relação a D. Judith, sogra da vizinha adúltera. Esta senhora é observada por eles como “*muito boa*”, “*muito trabalhadeira*” e, segundo os mesmos, não merece passar por esta situação. Até então, o Sr. Manoel e D. Camila classificavam aquela senhora de maneira positiva e, logo depois, Sr. Manoel complementou sua opinião a respeito de D. Judith: “*a Judith é do Peixoto! É do Peixoto, é de casa!*”.

Durante a pesquisa já havíamos ouvido falar muitas vezes da cidade Peixoto de Azevedo, mas ainda não tínhamos observado a importância que tal dado apresentava. Com esta fala o Sr. Manoel sugere que D. Judith é uma boa pessoa, assim como ele e D. Camila. Ao afirmar que “*D. Judith é do Peixoto*”, ela é igualada ao Sr. Manoel e D. Camila, pois os mesmos também viveram naquela cidade. Quando este senhor diz que a senhora “*é do Peixoto, é de casa!*” indica claramente que ela é uma semelhante, “*ela é de casa*”, isto é, possui os mesmos comportamentos, utiliza os mesmos padrões morais que aqueles que vieram do mesmo local.

“*Ser do Peixoto*” indica que muitos dos que viveram lá se identificam, possuem algo em comum, um passado comum compartilhado por eles. Indagando sobre as histórias de vida, se descobre que isto não significa que todos os que se dizem “*do Peixoto*” nasceram lá. Na realidade, fazer esta classificação significa que a pessoa viveu em Peixoto de Azevedo (MT) em determinado período de tempo, como observamos no quadro 2 de trajetórias.

Através das conversas com os informantes soubemos que Peixoto de Azevedo é uma cidade que se localiza ao norte do Mato Grosso, e que entre 1970 e 1990 foi um local muito próspero, que tinha como atividade principal a extração de ouro. Muitas pessoas migraram para esta cidade e se estabeleceram lá, trabalhando no garimpo durante anos. No início dos anos 1990 o ouro sofreu desvalorização e muitos garimpos foram fechados, fato que promoveu a decadência de Peixoto de Azevedo(MT). Assim, o trabalho na cidade ficou escasso e por isso muitos saíram de lá e foram para outras cidades do Mato Grosso em busca de “*serviço*”: Sorriso é um desses locais.

As pessoas que se relacionam com D. Mara se referem a Peixoto de Azevedo (MT) como um lugar que marcou as suas vidas, pois os mesmos estiveram ali quando o garimpo alcançou o seu

---

<sup>121</sup> Além deles, Manu, filha de Gabriele também me deixou a par dos detalhes da discussão entre nora e sogra.

auge e o acesso ao ouro era uma realidade para todos. Além disso, vivenciaram o fim desta atividade, fato que os obrigou a sair em busca de outros lugares onde encontravam a possibilidade de sobrevivência.

O fato de existirem pessoas que não possuem a referência de Peixoto de Azevedo no seu passado, parece ser um fator importante para que as redes sociais que trabalhamos se diferenciem. Em um primeiro momento é isto que distingue as redes formadas por D. Morena e D. Mara.

Como já verificamos nos capítulos anteriores, neste bairro vive parte da população chamada de “*maranhense*”, mas que na realidade se trata de uma classificação generalizadora que esconde as origens reais daquelas pessoas que moram daquele “lado da BR”. Apesar da maioria ser realmente do Maranhão, moram lá indivíduos do Pará, Tocantins, Piauí, Pernambuco, além daqueles que são do sul do país, principalmente do estado do Paraná. Muitos migraram de seu estado de origem e passaram por diversos lugares antes de se estabelecerem em Sorriso.

No entanto, é necessário perceber que entre os moradores do bairro há os que foram diretamente de seus estados de origem para Sorriso, especialmente entre os mais jovens, mas que os mesmos não serão o foco de nosso estudo. Isto porque as redes sociais que pesquisamos são compostas, na sua maioria, por pessoas mais velhas que, no decorrer de suas vidas, se estabeleceram em diferentes cidades antes de chegar a Sorriso.

Saber do passado destas pessoas e descrever parte de suas trajetórias, além de observar suas histórias de vida, permitiram observar que trajetórias semelhantes, dentro e fora da cidade de Sorriso, podem colaborar para a construção de relações sociais que existem atualmente no bairro Boa Esperança I.

Na primeira parte do capítulo pretendo relatar, a partir da visão dos entrevistados, como era a vida deles antes de chegar a Sorriso. Dessa maneira, poderemos verificar como certos aspectos, tal como a vida no garimpo, podem apresentar significados diferentes para cada pessoa, e isto pode ajudar a inseri-la ou não em determinada rede. Além disto, observaremos algumas situações pelas quais passaram os nossos “personagens”, que nos auxiliam a compreender sob que condições os mesmos foram para a cidade onde passariam a viver.

No segundo momento irei analisar a chegada desses moradores à cidade de Sorriso até o momento de se instalarem no bairro Boa Esperança I. Procurarei mostrar como os mesmos fizeram

para se adaptar à nova realidade, quais os tipos de trabalho que realizaram na cidade, como faziam para serem empregados, e que dificuldades enfrentaram ali. Aqui apresentaremos um sub-item onde daremos mais ênfase aos entrevistados que vieram de Peixoto de Azevedo, pois os mesmos chegaram a Sorriso em 1994, antes de D. Morena e a maior parte daqueles com quem ela se relaciona. Apesar disso iremos abordar a trajetória de D. Suzana, pois a mesma está em Sorriso desde 1988.

A seguir apresentarei o segundo sub-item onde descreverei a criação do bairro Boa Esperança I: como os primeiros moradores foram para aquele local, quais dificuldades encontraram ao se instalar no local, além de fornecermos alguns dados sobre como a “ Colonizadora Feliz “ e políticos locais se relacionavam com os novos moradores do bairro. Assim poderemos demonstrar alguns conflitos provocados pelo aumento de migrantes na cidade de Sorriso. Houve uma pressão por parte destes para o aumento de residências onde pudessem se estabelecer e com isso novos bairros foram criados na cidade. O Boa Esperança I é produto desta ação.

O último sub-item da segunda parte tratará das histórias de vida dos moradores do bairro que mantêm laços de proximidade com D. Morena, quando os mesmos já estavam vivendo em Sorriso. A maior parte deles chegou em 1996, isto é, se instalaram em Sorriso após a vinda dos nossos entrevistados “*de Peixoto*”. Aqueles que foram para Sorriso de 1996 em diante entraram no bairro de maneira diferente daqueles que chegaram antes: eles não invadiram o local, mas compraram seus lotes, e este dado também parece influenciar nas ligações que se estabelecem entre os informantes e suas respectivas redes sociais.

Precisamos atentar, porém, que não utilizaremos todas as trajetórias descritas nos quadros 1 e 2. Do quadro 1 não trabalharemos com as trajetórias das filhas de D. Morena, Sofia e Soraya, pois mesmo que elas possuam trajetórias distintas de sua mãe, desejamos demonstrar como foi o processo inserção de nossos informantes na cidade de Sorriso. Sofia e Soraya acompanharam D. Morena nesse processo, por isso individualizar as trajetórias das duas filhas seria repetir os dados que a mãe nos forneceu. Já em relação a D. Marta não nos aprofundaremos mais em sua trajetória, pois não recolhemos dados suficientes para relatar a mesma com maiores detalhes.

No quadro 2, por sua vez, não utilizaremos os dados das trajetórias de Gerson, Gertrudes e Guilhermina, pois estas foram evidenciadas no capítulo II, quando os mesmos vão ao encontro de D. Mara. No caso de Guilhermina os dados recolhidos a partir dela nos revelam que sua inserção na cidade e no bairro está muito vinculada à sua mãe, pois a mesma chegou anos depois da instalação

de D. Mara em Sorriso. Sendo assim, ela não participou das experiências que sua mãe passou em Peixoto de Azevedo ou em Sorriso, justamente o período que trabalho neste capítulo. Assim, sua trajetória não fará parte deste capítulo. Gerson e Gertrudes, por sua vez, não desejaram conversar sobre suas trajetórias. Com isso recolhemos alguns dados sobre suas histórias com seus familiares, tais como o Sr. Alexandre, Gabriele, D. Mara e D. Ana, mas não possuímos maiores detalhes sobre o passado dos dois em Peixoto e em Sorriso, e por isso não abordaremos suas trajetórias particulares.

## 2. A vida antes de Sorriso

As trajetórias das pessoas que entrevistei de modo geral são semelhantes: todas saíram de seus locais de origem para trabalhar em outros estados. No entanto, isto não significa que elas foram direto para Sorriso. Na realidade, todas haviam passado por outras cidades e estados antes de viver ali.

Nas trajetórias das duas redes sociais mapeadas devemos observar que existem semelhanças. Entre os homens notamos que todos eles passaram pelo garimpo antes de chegar a Sorriso, como é o caso do Sr. Emílio, pertencente à primeira rede social, e do Sr. Alexandre, da segunda rede social. Entre aqueles que hoje possuem 35 anos ou mais, é possível observar que todos saíram ainda jovens da casa de seus pais, onde geralmente trabalhavam na “*roça*”, e se encaminharam para o garimpo em diversos estados do Norte e Nordeste do país<sup>122</sup>.

A ida para o garimpo se deu por diversos motivos e não está necessariamente ligada ao estabelecimento de laços matrimoniais. A grande maioria dos homens entrevistados, das duas redes sociais pesquisadas, afirma ter saído da casa de seus pais em busca de trabalho e dinheiro. A maior parte desses homens eram solteiros e jovens quando decidiram sair da casa de seus pais e o casamento só se concretizou mais tarde, quando alcançaram o que já almejavam ao sair de casa. A única exceção percebida é o do Sr. Roberto, marido atual de Gertrudes, que foi casado para o garimpo e lá se separou da primeira mulher, se unindo uma segunda vez, com a filha de D. Mara.

As semelhanças entre as mulheres das duas redes sociais estão no fato das mesmas terem saído de seu local de origem e ido para outros estados e/ou cidades, antes de chegar a Sorriso. Os motivos e a forma como iniciaram suas trajetórias varia bastante. No caso da maioria das mulheres

---

<sup>122</sup> Entre os homens, todos chegaram a trabalhar no garimpo em Peixoto de Azevedo, mas em momentos diferentes como podemos observar comparando o quadro 1 e o 2. Isto, como veremos mais adiante, se mostrará de grande importância.

mais velhas, tanto numa rede quanto na outra, veremos que é comum que as mesmas migrem primeiramente com seus maridos. Mais tarde observamos que a grande parte dessas mulheres também romperam com os seus primeiros esposos, e somente então, viajaram para outros estados em busca de trabalho, sozinhas ou com seus filhos. Isto será melhor exposto em seguida, ao descrevermos as histórias de vida de vários de nossos informantes. Assim iremos analisar as trajetórias dos mesmos e perceber que estratégias foram adotadas por eles para se estabilizarem nas cidades por onde passaram.

Neste item dividiremos as histórias de vida segundo a rede social que o informante pertença. Contaremos as histórias de D. Morena, D. Clotilde, D. Suzana e do Sr. Emílio pois suas trajetórias são muito distintas. Na segunda parte exporemos a história de vida das pessoas da segunda rede de maneira mais genérica, pois as mesmas possuem muitos pontos em comum. Apesar disto não deixaremos de mostrar as particularidades que existem nessas trajetórias.

### **2.1 D. Morena, sua família e seus “vizinhos”:**

Aqui apresentaremos os relatos de três mulheres que foram apresentadas no capítulo anterior. Estas são D. Morena, D. Clotilde e D. Suzana. Elas são de estados bem diferentes: enquanto a primeira é do Maranhão, as outras duas são do Paraná. Também mostraremos o relato de um dos homens que mantém relações sociais com D. Morena, o Sr. Emílio. Este já foi companheiro dela e atualmente vive sozinho. O seu relato apresenta importância, pois servirá de contraste com os homens que mantêm contato com D. Mara, fato que nos permite pensar sobre a importância da cidade de Peixoto de Azevedo na vida dos mesmos.

D. Morena nasceu no estado do Maranhão, na cidade de Codó. Junto com seus pais e irmãos se mudou para Imperatriz e foi ali que se casou a primeira vez e deu a luz a seus cinco filhos. Para sustentar a família o marido de D. Morena trabalhou no garimpo e, de tempos em tempos, enviava dinheiro para sua mulher através de depósitos bancários. Este senhor seria um “garimpeiro”, semelhante aos descritos por Santos (1993): “(...) trabalhadores de empreitada, de grande mobilidade espacial, apesar de manter laços com suas famílias a quem enviam dinheiro<sup>123</sup>”.

No início da década de 1990, o marido de D. Morena não trabalhava mais no garimpo pois a atividade deixou de existir. De acordo com os relatos recolhidos de informantes que viveram no garimpo, nesta época muitos garimpos foram fechados. Sendo assim, este senhor viaja com toda a

---

<sup>123</sup> SANTOS, José Vicente Tavares dos (1993):140

família e passa a viver em Axixá, no Tocantins. Ali D. Morena passa a costurar roupas de cama, mesa e banho, e seu marido vende estas mercadorias. Em 1992 D. Morena se separa de seu marido e retorna para casa de sua mãe, em Imperatriz (MA), juntamente com os filhos.

A irmã de D. Morena morava em Matupá, ao norte do estado do Mato Grosso e a chama para ir viver na cidade. Sendo assim, em 1994 D. Morena e seus cinco filhos se mudam para Matupá. Esta cidade vivia da atividade de extração de ouro e como a mesma havia cessado, Matupá não se apresentou como um lugar onde D. Morena conseguisse trabalhar. Nesta cidade D. Morena exerceu a função de costureira, mas segundo ela Matupá era “(...)  *muito fraco, era um lugar de garimpo (...) e quando o garimpo acabou, a cidade parou*”. Com esta fala D. Morena assinala que na cidade de Matupá não haviam pessoas que pudessem pagar por seus serviços, sendo assim, ela não tinha como trabalhar.

Foi então que uma “*vizinha paraguaia*”, que era “*sacoleira*”, disse a D. Morena que havia um lugar “*bom para emprego*”. Este local era Sorriso, também no Mato Grosso. Dessa maneira, ela foi para esta cidade em busca de trabalho em 1996. Para isso, deixou os seus filhos na casa de uma amiga, em Matupá, prometendo que voltaria para buscá-los assim que encontrasse emprego. Quando ela conseguiu se estabelecer na cidade voltou a Matupá e trouxe seus filhos para morar com ela. Nesta época D. Morena trabalhava como empregada doméstica.

Notemos que esta senhora nunca trabalhou no garimpo, mas teve contato com esta experiência através de seu ex-marido. Esta senhora também passou por uma cidade onde a atividade tinha sido o centro da economia local, mas não viveu lá na efervescência daquele momento. Quando esteve lá, Matupá já estava em decadência. Sendo assim, o sentimento que esta senhora nutre por esta atividade não é positivo. A ideia que ela passa é que o garimpo não seria um lugar onde se trabalhasse seriamente, pois da mesma maneira que se ganhava “*facilmente*” muito dinheiro, se perdia na mesma facilidade em bares e prostíbulos. É isto que surge nos comentários do que esta senhora imagina ser o ambiente das cidade de garimpo.

A segunda história é a de D. Clotilde. Vejamos sua trajetória : D. Clotilde nasceu no Paraná e aos 13 anos foi para Sinop (MT) junto com sua mãe e alguns irmãos mais novos, motivados por dois irmãos mais velhos que estavam casados e haviam ido para lá trabalhar em uma fazenda. Assim, após algum tempo, mandaram buscar a mãe e os irmãos<sup>124</sup>. Isto ocorreu no ano de 1977.

---

<sup>124</sup> O pai de D. Sônia já havia se separado de sua mãe e por isso não faz parte desta história.

Três anos após ter ido viver em Sinop, ela se casou. Seu marido também era do Paraná e trabalhava em uma serraria da cidade. Deste casamento D. Clotilde teve dois filhos, João e Pedro. D. Clotilde, seu marido e os filhos foram para Peixoto de Azevedo (MT). Ali o casamento não se prolongou e esta senhora se separou.

Após a separação, D. Clotilde conseguiu um “*serviço*” como cozinheira em um garimpo no estado do Pará. O irmão de D. Clotilde, que vivia em Peixoto de Azevedo, conhecia o casal responsável pelo garimpo e a indicou para realizar esta atividade. Com isto D. Clotilde foi para o estado do Pará juntamente com seus filhos. Foi naquele garimpo que ela conheceu seu segundo marido, o Sr. Adonias.

O Sr. Adonias, é do Maranhão e, naquela época, cuidava das máquinas utilizadas para se retirar o ouro. D. Clotilde cozinhava e os seus filhos também trabalhavam, vendendo salgados ou picolés entre os que viviam no local. A vida no garimpo do Pará é brevemente relatada na entrevista desta senhora:

***Pesquisadora:** (...) a senhora lá no garimpo...*

***D. Clotilde:** Então lá no garimpo. Daí, eu trabalhava como cozinheira e ele (o marido) ficava tomando conta da máquina e os meninos (os filhos) ajudavam a trabalhar. Fora eles tinham mais quatro peões ainda. Isso quando nós tínhamos um par de máquinas, quando nós tínhamos dois pares de máquinas eram oito peões. Mas aí eu cozinhava para eles lá. Daí, tá. Para você ver como o ouro é ilusão: a gente lá pegou tanto ouro e saímos de lá de carona!(...)*

De acordo com as referências fornecidas por esta senhora estes acontecimentos se deram em meados da década de 80, momento em que a extração de ouro se apresentava com força na região do norte do Mato Grosso, no Pará e no Maranhão<sup>125</sup>. Também é interessante observar que apesar de D. Clotilde estar em Peixoto de Azevedo (MT) quando se separou, a mesma não ficou trabalhando ali, e sim no Pará.

D. Clotilde, Sr. Adonias, João e Pedro saem do Pará no ano de 1999. Os problemas com a saúde provocadas pela malária são apontados por D. Clotilde como a razão principal para a saída do garimpo, mas também havia o fato de não conseguirem mais obter lucro com a atividade que desenvolviam.

---

<sup>125</sup> Estas informações são retiradas do artigo de José Vicente Tavares dos Santos, em obra citada, mas também das entrevistas fornecidas por meus informantes. Aqueles que trabalharam no garimpo passaram por todos estes estados.

Ao saírem do Pará, D. Clotilde e o Sr. Adonias seguiram para Sinop, no Mato Grosso, pois lá estavam a mãe e irmãos de D. Clotilde. O casal esperava conseguir trabalho em Sinop, mas se este plano não se concretizasse, pensava em retornar para o garimpo, já que ainda possuíam alguns bens por lá, tais como uma casa e os próprios maquinários utilizados para a retirada do ouro.

**D. Clotilde:** (...) Nós viemos assim: se nós voltássemos aqui (para o Mato Grosso) e achássemos serviço, aí nós voltávamos (isto é, ficavam). Que nesse tempo o maquinário estava parado, não tínhamos mais ouro, nós não tínhamos mais condição de tocar nada, os maquinários quebraram, nós não tínhamos mais dinheiro para consertar... que até então a gente nunca teve nada, só trabalhando mesmo e doença, malária demais. Daí eu estava doente, muito doente. Daí eu e meu marido fomos para Sinop, minha mãe morava em Sinop com minhas irmãs. Daí nós ficamos ali, eu fui fazer um tratamento e ver como é que tava (se conseguiam trabalho). (...)Pelo meu marido, ele não saía de jeito nenhum...

**Pesquisadora:** Do Pará?

**D. Clotilde:** De lá do Pará. Aí eu falei para ele:(não sei) se você vai ou não, mas eu vou! Tomei a decisão que eu vinha, porque eu não aguentava mais sofrer de tanta malária. Toda semana eu estava caída na rede, de malária! E não tem coisa pior que doença, né!Aí, ele decidiu vir junto.

A saída da família do garimpo, no entanto, foi se dando aos poucos: o primeiro a sair de lá foi o filho mais velho de D. Clotilde, João, com 19 anos na época. Este foi enviado para casa de primos de sua mãe, em Matupá (MT), pois estes haviam conseguido *serviço* para o mesmo. Um mês depois, D. Clotilde e o marido foram para Sinop (MT), como descrito acima pela própria senhora. Pedro, o filho mais novo, com 17 anos, ficou no Pará. Ele deveria cuidar daquilo que pertencia à sua família: uma casa e motores quebrados. Passados quatro meses, o Sr. Adonias voltou para o Pará com o propósito de vender o que possuíam naquele estado e também levar Pedro para o Mato Grosso.

Enquanto o Sr. Adonias ia para o Pará, D. Clotilde se encaminhou para Sorriso (MT), pois seu filho João havia adoecido enquanto trabalhava em Matupá (MT) e os dois foram buscar ajuda médica naquela cidade. João ficou no hospital municipal de Sorriso que já era uma referência médica na época.

Segundo D. Clotilde, Sorriso era melhor que Sinop. Esta última havia crescido muito, desde a época em que ela havia partido para o Pará, e ela temia que seus filhos, já rapazes, se envolvessem com “*malandragem, drogas*”. Sendo assim, ela combinou com o marido de ir morar em Sorriso, pois era um local do qual havia gostado das pessoas. Além disso, ela afirmava que na cidade havia

“*muito serviço*”. Estes fatos ocorreram por volta de 1999.

A percepção que D. Clotilde possui da cidade de Sorriso é interessante, no sentido que a vê como uma cidade menor e menos perigosa para que seus filhos vivessem. Esta senhora havia vindo de Sinop, um local maior que Sorriso, e mesmo assim não parecia oferecer tanto *serviço*. Sorriso parecia estar em plena expansão quando D. Clotilde esteve lá a primeira vez e diante destas possibilidades ela se muda para lá. Mais uma vez conta com a ajuda de parentes, pois um primo seu vivia ali. Ele ajudou João a conseguir emprego na construção civil: João se tornou servente do primo, que era pedreiro na cidade. D. Clotilde, por sua vez, conseguiu trabalhar como empregada doméstica em uma casa no centro de Sorriso .

É necessário observar que nem todos os informantes passaram pelo garimpo durante suas trajetórias, algumas pessoas passaram por situações distintas como D. Suzana. Vejamos a sua história. D. Suzana nasceu em Cascavel, no Paraná, lá ela se casou e teve dois filhos. O marido e ela “*trabalhavam na roça*”. D. Suzana, seu marido e os filhos foram morar em Pranchita, ainda no Paraná. Em 1983 o marido de D. Suzana recebe uma proposta de uma *firma* chamada ADEMAT: ir para uma “*colônia*” chamada Santa Terezinha do Rio Ferro, no estado do Mato Grosso, para trabalhar em uma serraria.

Os irmãos de D. Suzana também recebem a mesma proposta e assim toda sua família se muda para o Mato Grosso para trabalhar na ADEMAT. Somente o pai de D. Suzana permaneceu no sul, pois segundo ela, este senhor não desejava ir para o Mato Grosso. Sendo assim, a mãe de D. Suzana se dividiu entre os dois lugares, vivendo parte do ano no Paraná e a outra parte no Mato Grosso, pois dessa maneira permanecia um tempo com o marido e outro período com os filhos<sup>126</sup>.

A *firma* que contratou a todos também se responsabilizou por levar os novos funcionários até seu novo local de moradia. Na época foram para a *colônia* de Santa Terezinha, que pertencia ao município de Sorriso, mas atualmente faz parte do município de Nova Ubiratã.

*D. Suzana: Nós fomos trazidos por uma firma lá do Paraná. Na época que a gente veio, só passamos por aqui por Sorriso e fomos para Santa Terezinha. Que a firma do Luiz Bianchi, a DEMAT, na época trazia o pessoal do sul para trabalhar para cá. E daí eles passaram lá em Pranchita, na época a gente morava na cidade de Pranchita e lá tava uma época bem ruim de serviço e eles fizeram a proposta para meu marido e a gente veio. Chegamos aqui e fomos embora*

<sup>126</sup> Atualmente a mãe de D. Suzana não se divide mais, pois o seu esposo faleceu. Agora ela vive em Sorriso.

*para Santa Terezinha do Rio Ferro que era onde eles tinham a firma. Hoje existe ainda, não é mais deles, mas ainda existe lá. Ai ficamos uns cinco anos lá. (...)*

**Pesquisadora:** *E lá vocês faziam o que?*

**D. Suzana:** *Lá era madeireira.*

**Pesquisadora:** *E lá no sul vocês faziam o que?*

**D. Suzana:** *Lá a gente trabalhava na roça.*

**Pesquisadora:** *Era de vocês mesmo?*

**D. Suzana:** *Não, não. Sempre trabalhava para os outros, né?*

Ao se encaminharem para a “colônia” Santa Terezinha, D. Suzana relata que ela e sua família realizaram uma viagem muito longa e difícil. No percurso passaram pela cidade de Sorriso, que D. Suzana descreve como uma cidade muito pequena, como observado logo abaixo:

**D. Suzana:** *Essa firma trouxe, para trabalhar veio eu, meu marido, e quatro irmãos meus, rapazinhos na época, né. (...) Nós mulheres e as crianças viemos de ônibus. E os homens e as mudanças vieram de caminhão. Chegaram aqui oito dias depois de nós. Chegamos aqui nesse Sorriso, não tinha nada nessa cidade! Só tinha o Hotel Sorriso, o posto Sorrisão... Olha! Dava para contar o que tinha! (...) Daí saímos com o destino de chegar nesse tal de Santa Terezinha, que eu achava que era bem ali... 300Km no mato! Tempo de chuva! Naquele tempo chovia mesmo! Chovia dia e noite! (...) Ninguém chegava no mesmo dia lá! (...) Os homens chegaram tão desmoteados, naquele caminhão (...) O povo que chegou aqui, chegou num estado lamentável, de um jeito! Inchados, inchados... aquela gente!*

A cidade de Sorriso, em 1983, se apresentou para esta senhora como um lugar onde não havia nada, isto é, praticamente não existia comércio ou casas. O que ela observou foi o Hotel Sorriso e o Posto Sorrisão que se localizavam na BR163, estes seriam os principais pontos da cidade. Neste espaço estava a porta de entrada da cidade, pois era ali que se localizava a rodoviária, que mais tarde observaremos ser um ponto de encontro importante entre os recém-chegados à cidade. No momento que D. Suzana passou por ali esta movimentação não foi percebida, provavelmente isto só ocorreria dez anos mais tarde.

A atividade desenvolvida pela “firma” que contratou a família de D. Suzana era a de utilização de árvores para fazer placas de madeira e outros tipos de produtos. Isto é um indicativo de “abertura de área” no local onde se instalou aquela firma, pois logo que se abria espaço no meio do “mato”, uma das primeiras atividades desenvolvidas era sempre uma madeireira ou serraria. Esta utilizava as árvores arrancadas para construção de casas, que seriam feitas na área aberta ou nas

proximidades. Também eram feitas mais “aberturas de área” para serem criadas áreas de plantio.

Na “*colônia*” Santa Terezinha do Rio Ferro tudo era da “*firma*”: desde as casas onde os empregados viviam até as lojas onde os mesmos compravam o que necessitavam. Para conseguir atendimento médico mais especializado, porém, os funcionários deveriam ir a Sorriso, desta forma, sempre havia um carro à disposição daqueles que trabalhavam ali para leva-los ao médico. Do contrário, havia um médico e uma enfermeira que viviam na vila próxima à “*colônia*” que os atendiam quando os problemas eram mais simples. D. Suzana classifica aquela época como sofrida, mas avalia que não podia se queixar de sua situação, pois todos os moradores passavam pelo mesmo.

*D. Suzana: Hoje em dia, nossa! A situação é totalmente diferente, é outra. Não tem nada a ver! Naquele tempo a gente sofria muito porque o que você ganhava ficava tudo lá. Porque a farmácia era do dono da firma, o mercado era do dono da firma...você sabe como funciona esse esquema mais ou menos, né? Tudo era do dono da firma! Tudo fica ali!(...) Para começar, o pagamento fica tudo ali. (...) Só que não faltava nada para a gente! A gente não pode se queixar... assim, ele dava toda a assistência que a gente precisava: tinha carro à disposição, para chegar em três, quatro dias aqui (Sorriso), mas tinha, né? Então não era aquela coisa! Era difícil para todo mundo.*

D. Suzana, seu marido e seus filhos permaneceram cinco anos vivendo em Santa Terezinha do Rio Ferro. Após este período foram para a cidade de Sorriso, em 1988. Os irmãos e a mãe de D. Suzana também saíram da “*colônia*” se encaminhando para a mesma cidade. Apenas uma irmã de D. Suzana permanece em Santa Terezinha: ela se casou naquele local e seu marido segue trabalhando<sup>127</sup>.

Durante os primeiros anos de moradia de D. Suzana na cidade de Sorriso, ela e seu marido trabalhavam em uma serraria. Nesse período ela contava com seu marido para sustentar a família. Somente algum tempo depois de ter ido para Sorriso é que ela se separa.

O marido de D. Clotilde é muito doente e não conseguimos conversar com ele, para saber sua história, devido à sua saúde frágil. Já o Sr. Emílio é outro homem que nos relatou sua trajetória até chegar a Sorriso. Ele, como foi dito no capítulo anterior, foi companheiro de D. Morena durante oito anos. Atualmente não vive mais com esta senhora, mas segue indo à sua casa.

O Sr. Emílio apresenta uma particularidade interessante em relação aos outros homens que

<sup>127</sup> Não contamos com informações sobre o trabalho do cunhado de D. Suzana.

conversamos. Ele, assim como aqueles, viajou por diversos estados, quase sempre trabalhando em garimpo, mas de maneira diferente ele apresentará experiências negativas nesta atividade, mas as localiza em Peixoto de Azevedo (MT).

Sr. Emílio também é do Maranhão, de um município do interior chamado Pastos Bons, onde ainda moram os seus pais, já a maior parte de seus irmãos vive em Imperatriz (MA). Desde pequeno este senhor trabalhava na “roça”, juntamente com seus 12 irmãos, ajudando o seu pai. O pai do Sr. Emílio não possuía terras e trabalhava em terras alheias.

*Sr. Emílio: Plantava e comia, no outro ano plantava de novo. Nunca faltava.*

*Pesquisadora: Nunca faltava...*

*Sr. Emílio: Mas também não tinha sobrando... muito. Então tem que trabalhar para ver se tem lucro, um lucro bom! Para ver se a gente pode comprar outra coisa, comprar um carro, alguma coisa que você gosta, né? Não tinha esses lucros, não tinha isso, não dava para fazer isso.*

*Pesquisadora: Quando vocês eram crianças o seu pai sustentava todo mundo?*

*Sr. Emílio: Todo mundo de boa. Nós ajudávamos ele... sofrimento. Na roça é sofrendo.*

*Pesquisadora: Sofrendo como assim?*

*Sr. Emílio: Trabalhando meio assim: faltando as coisas muitas vezes.*

*Pesquisadora: Que tipo de coisas?*

*Sr. Emílio: Ah! Só passando na roça. As vezes a gente ia para roça trabalhar e não tinha muita coisa para comer. Faltava... tem só o arroz, faltava o feijão, não tinha carne, tinha só o feijão... sempre faltava, né? Não comia bem, então sofria um pouco. E foi assim, minha vida foi assim. Não foi fácil.*

Quando o Sr. Emílio se tornou um pouco mais velho, foi para Imperatriz (MA). Era lá que seu irmão mais velho morava. Neste caso específico, porém, Sr. Emílio não chega nem à casa de seu irmão, pois chegando em Imperatriz escutou falar do garimpo, ainda na rodoviária, e decidiu ir para Serra Pelada, no Pará, como nos relata no trecho a seguir:

*Sr. Emílio: Quando eu saí de casa para ir para Imperatriz fui para casa de um irmão meu. Ele era casado e morava lá. Era o mais velho lá de casa (...). Aí cheguei em Imperatriz, aí disse puxa vida, os caras me arrastando para o garimpo: ah fulano de tal vai levar a gente para Serra Pelada, paga tanto. Eu nem fui na casa de meu irmão, passei direto! Falei, vou para o garimpo.*

*Pesquisadora: Você ouviu essa história aonde?*

*Sr. Emílio: Em Imperatriz(...). Dentro da rodoviária mesmo.*

*Pesquisadora: (...) Então você nem foi a casa do seu irmão?*

*Sr. Emílio: Nem fui. Eu disse: Caramba eu vou direto em Santarém primeiro... Eu vou! Que eu tô a*

*fim de ganhar dinheiro, que eu saí de casa agora, então vou para o garimpo!*

Sua motivação era ganhar dinheiro, algo que o mesmo parece não ter conseguido enquanto trabalhava na *roça*, e o garimpo se apresentou como uma oportunidade imediata de alcançar tal objetivo. Desta forma, S. Emílio foi em direção ao Pará, para Santarém e de lá foi para a Serra Pelada. Durante este período de sua vida trabalhou para outros através do sistema de porcentagem, isto é, retirava uma certa quantidade de ouro, mas só recebia uma porcentagem, dando ao patrão a maior parte do que conseguia. Esta situação não foi duradoura e logo comprou um “*barraco*”, “*um britador e um motor*”, e começou a explorar o ouro por sua conta, trabalhando por conta própria. Nesse período obteve mais “*lucros*”.

As lembranças que possui de Serra Pelada são positivas, pois naquela época este senhor era jovem, solteiro, não possuía preocupações com família, isto é, não pensava em se casar e ter uma família. De tempos em tempos voltava para Imperatriz e ficava na casa de seu irmão, mas logo retornava para o Pará.

**Sr. Emílio:** *Eu já tinha trabalhado em Serra Pelada,(...) lá no Pará. Trabalhei muito, morei lá e gostei. Naquele tempo era bom, né. Lá não consegui fazer a vida não, mas o tempo que passei lá, passei feliz, bom! Trabalhava, tinha saúde, tudo... era solteiro e só curtia a vida, né? Eu não pensava bem, “ah! Vou fazer um futuro”. Pegava o dinheiro assim e não tinha planos.*

Em outro trecho o informante volta a falar sobre sua vida em Serra Pelada:

**Sr. Emílio:** *(...)Naquele tempo a gente não pensava, vivia aí, pensava que era novo todo o tempo. É só brincando, ia vivendo só de brincadeira, não é assim a vida. Tem que ter um compromisso. E naquele tempo eu não tinha um compromisso...*

**Pesquisadora:** *Compromisso?*

**Sr. Emílio:** *Compromisso assim... não tinha família, não tinha nada. Tudo o que eu ... eu trabalhava hoje ai eu digo ah tem que ... eu sou solteiro mesmo, ai ia lá e gastava. Tudo o que eu tinha, eu não tinha compromisso com ele. Se eu tinha dinheiro eu não tinha como ganhar dinheiro com ele, era só gastar. (...) Só gastava...*

**Pesquisadora:** *Em que você gastava?*

**Sr. Emílio:** *Em diversão, essas coisas...(...) Gastava dinheiro a toa. Dava três gramas de ouro, quatro em uma calça, nesses garimpo.*

**Pesquisadora:** *Isso é muito, não?*

**Sr. Emílio:** *É, R\$200, 00 reais uma calça. É brincadeira? Cinco vezes quatro vinte. R\$200,00 uma*

*calça. Cinco gramas, o ouro é quarenta, né?*

**Pesquisadora:** *Ah, tá! Tá vendo eu não sei o preço da grama (do ouro).*

**Sr. Emílio:** *Cinco gramas de ouro, é quarenta reais, dá duzentos reais. Já pensou?*

Quando este garimpo foi fechado, todo o dinheiro investido pelo Sr. Emílio na compra de máquinas foi perdido. Dessa forma o mesmo se encaminhou a outro garimpo, isto já na década de 1990. De acordo com este senhor, na época, o garimpo era a única alternativa existente de trabalho. Sendo assim, Sr. Emílio foi ao Mato Grosso, para Peixoto de Azevedo em 1994. Neste local não conseguiu ganhar tanto quanto em Serra Pelada e, além disto, passou grande parte do tempo doente com malária. Desta forma, Peixoto de Azevedo não é apresentado a nós como um lugar de onde este senhor tenha boas lembranças. Assim, este último garimpo se apresenta de maneira diferente de Serra Pelada, pois sobre este as lembranças são positivas. Apesar disto, foi em Peixoto que S. Emílio ouviu falar de Sorriso, a cidade com “*muito serviço*” e com esta informação este senhor se encaminhou para lá em 1996.

Ao recolhermos as histórias de vida de nossos informantes percebemos que o tema do garimpo se impunha quando eles falavam de suas trajetórias. No entanto devemos chamar a atenção que nem todos os que estiveram trabalhando no garimpo vão se relacionar, pois podem ter ido para lugares distintos, como se deu com D. Clotilde por exemplo. E outro ponto, nem todos os que viveram em Peixoto vão se relacionar também, pois é possível que o fizeram em momentos diferentes, como observaremos a seguir.

## **2.2 D. Mara, sua família, seus compadres e seus “vizinhos”:**

As trajetórias de todas as pessoas ligadas a D. Mara são distintas daquelas descritas acima. Quem mais se aproxima destas é o Sr. Emílio, pois assim como ele boa parte delas passou pelo garimpo em Peixoto de Azevedo. A peculiaridade destas pessoas, no entanto, está no período que viveram e saíram daquela cidade para ir a Sorriso.

Durante o período que recolhemos as trajetórias destes informantes percebemos que há uma separação entre elas: de um lado encontramos as trajetórias das mulheres e de outro as trajetórias dos homens. Devido a este fato iremos apresentar duas versões de histórias de vida, uma feminina e outra masculina, que se passam no momento anterior aos casamentos que existem hoje no bairro Boa Esperança I. Estas histórias se unirão em um segundo momento, quando os casais atuais se formarem.

Nas entrevistas recolhidas entre as mulheres que compõe esta rede de relações sociais percebemos que não era costume entre elas sair da casa de seus pais antes de se casar. Foi o que se deu com D. Mara, D. Ana, D. Jurema, D. Marina e D. Raimunda. Após o casamentos estas mulheres iam morar com o marido e podiam permanecer vivendo no mesmo local, ou ir para outro município ou estado. D. Marina, D. Ana e D. Raimunda permaneceram vivendo no mesmo município que seus pais, mesmo depois de casadas, mas D. Mara, quando se casa vai morar em Zé Doca (MA), lugar onde vivia a família de seu primeiro marido. O mesmo se dá com D. Jurema, pois quando ela se casa sai de Gurupi (TO), onde vivem seus pais, indo com seu esposo, Sr. Manoel, para Mandi, no estado do Pará, local onde este senhor trabalhava. A partir de então, D. Jurema permanece casada com Sr. Manoel, e por isso a trajetória dos dois será bem semelhante a partir deste ponto.

Apesar da norma entre estas mulheres ter sido sair de casa apenas após o casamento, encontramos situações em que algumas delas deixavam de conviver com seus pais antes disso. No entanto, esta saída se dava com pessoas da família, sendo assim não havia um desvinculamento real com a família de origem, como aconteceu com D. Judith e D. Camila que foram para São Paulo e Tocantins, respectivamente. A primeira foi viver com uma tia e a última com a irmã mais velha. No caso de D. Judith, ela se casou em São Paulo enquanto ainda vivia com a tia, aos 12 anos. Depois de cinco anos de casada ela se torna viúva e segue para o Pará, com o filho desta união. Neste estado ela se casará novamente.

D. Camila, por sua vez, sai da casa de seus pais em Colinas (MA), aos 12 anos, indo viver em Buritis (TO), com a irmã mais velha. Dois anos depois ela retorna para Colinas (MA), e logo se casa com o seu marido atual, o Sr. Rodrigo. A partir desse momento a trajetória dos dois é a mesma.

Outras situações também se apresentam, como é o caso de D. Ludmila, uma das atuais comadres de D. Mara, que começou a trabalhar fora de casa desde cedo para ajudar sua mãe, pois seus pais haviam se separado. Sempre viajava em busca de trabalho e acabou saindo de sua casa, localizada em Olho d'água das Cunhãs (MA), indo para Marabá (PA) com menos de 16 anos. Nesta cidade ela foi trabalhar como garçõete em um restaurante. Logo depois, com 16 anos, esta senhora vai para um garimpo no Pará e trabalha como cozinheira de uma das “*barracas*” onde viviam os garimpeiros. É lá que D. Ludmila conhece seu marido, o Sr. Gomes.

Nem todas as mulheres permaneceram casadas com os primeiros maridos, como aconteceu com D. Mara, D. Marina, D. Ana e D. Raimunda. Quando estas mulheres se separam elas passam a

percorrer suas próprias trajetórias. Os filhos provenientes dessas uniões, quando estes existem, podem ser deixados com os pais, ou ainda com os avós, que podem ser maternos ou paternos. No caso de D. Mara ela deixou os cinco filhos com seu ex-marido. Já D. Ana deixou três filhos com os avós paternos e uma filha com a avó materna. D. Raimunda também deixou os filhos com os avós maternos. Já D. Marina não possuía filhos quando decidiu se separar do primeiro marido, de acordo com nossas informações.

Estas senhoras separadas, então, passam a viajar em busca de trabalho. Na época em que estes fatos se sucederam, mais ou menos por volta da década de 1980, a atividade mais comentada e que atraía muitos trabalhadores do Norte e Nordeste do país era o garimpo. Sendo assim, elas decidiram ir para um local onde esta atividade existia e se encaminham para Peixoto de Azevedo (MT). Estas mulheres escolhem esta cidade pois onde moravam, ouviam muitas pessoas que já haviam trabalhado lá dizerem que lá era “*bom de serviço*”. Sendo assim, D. Mara, D. Ana, D. Marina e D. Raimunda vão trabalhar como cozinheiras para “*garimpeiros*” e é no ambiente de trabalho que elas conhecem seus atuais maridos, Sr Alexandre, Sr. José, Sr. Danilo e Sr. Romildo, respectivamente.

É interessante observar que muitas uniões se deram no contexto do garimpo, especialmente entre aquelas mulheres que rompiam com o primeiro casamento. Este era um grande motivador para que estas senhoras saíssem do locais onde viviam. Elas iam em busca de um outro casamento e ao mesmo tempo necessitavam trabalhar: a atividade que estava no auge era o garimpo e lá poderiam encontrar o que buscavam com alguma facilidade. A opção de trabalho que encontraram era de cozinheira nos locais onde se realizava tal atividade e assim conseguiam conhecer homens que poderiam vir a ser seu maridos. Poucas eram as jovens solteiras que iam realizar essa função nesses espaços, mas estas também existiram, como foi o caso de D. Ludmila.

Com isto percebemos que existe uma outra visão a respeito do garimpo: aqui ele não é percebido como um local onde há homens solteiros que não desejam se casar, que só se divertem com garotas de programa. Notamos, ao contrário, que o garimpo era um local onde casamentos podiam ocorrer, e conseqüentemente, famílias podiam se formar.

No ambiente de garimpo, porém, o casamento, ou o “*amigamento*”, também era muitas vezes observado pela mulher como uma forma de proteção, pois os peões que trabalhavam ali as assediavam todo o tempo, assim como nos conta uma das informantes:

**Pesquisadora:** *O seu marido, como a senhora conheceu ele?*

**D. Ludmila:** *Eu fui cozinhar para ele. No garimpo.*

**Pesquisadora:** *Para ele... mas só para ele?*

**D. Ludmila:** *Não. Para ele, o sócio e os peões (...) Eu sei que fui cozinhar e com três dias que eu cheguei lá eu me juntei com ele.*

**Pesquisadora:** *Nossa! Amor a primeira vista?*

**D. Ludmila:** *Antigamente os casamentos davam certo porque se juntavam sem amor, depois... né? E foi isso que aconteceu. Garimpo, eu era bem novinha, tinha 16 anos, os peões ficavam muito falando palavrão! Ficava com muita baixaria, né? Ai eu disse “quer saber? Eu vou me juntar logo”, que ele era doido por mim, “eu vou me juntar logo com esse cara ai, que eu respeitando ele e ele me repetando, os peões vão me respeitar”. E foi... quando deu 15 dias, não foi nem com 15 dias! Oito dias que estava lá, eles já estavam me chamando de Dona Maria. Ai ficaram todos como se fossem uns filhos para mim.*

Apesar de ter sido utilizado o exemplo de uma mulher solteira no garimpo, este tipo de “proteção” não era um artifício utilizado apenas por elas. Aquelas que já haviam sido casadas anteriormente também se “amigavam”, com a desculpa de se proteger do assédio dos “peões” que retiravam ouro. Com isso alcançam o que almejavam: o casamento e, após conseguir uma certa estabilidade na relação, adquiriam uma casa na cidade, e mandavam buscar os filhos que estavam no estado de onde a mãe havia partido.

Foi o que aconteceu, por exemplo, com a D. Mara. Assim que a mesma se casou novamente, em Peixoto de Azevedo (MT), foi buscar os filhos. Alguns a acompanharam, como Gabriele e Gerson; outros chegaram mais tarde, como Gertrudes e Guilhermina. Com isso, novas famílias se formavam na região de garimpo. Peixoto de Azevedo, no Mato Grosso, foi um desses espaços.

Aquelas mulheres que haviam se casado antes de chegar a Peixoto de Azevedo percorrem suas trajetórias em companhia de seus maridos, como se deu com D. Camila e D. Jurema e D. Judith. No caso de D. Camila ela se casou com o Sr. Rodrigo, no Maranhão, e com ele foi para diversos garimpos no Pará, antes de chegar a Peixoto de Azevedo<sup>128</sup>. O mesmo se deu com D. Jurema e Sr. Manoel. Os dois percorreram diversos garimpos até chegar a Peixoto de Azevedo.

Já com D. Judith a situação foi diferente. Esta, ao se tornar viúva, viajou com seu filho para o estado do Pará e trabalhou em um hotel. Lá ela conheceu seu segundo marido. Com ele D. Judith

<sup>128</sup> O filho deste casal nasceu durante este percurso, em Santana do Araguaia, no Pará. O garoto chegou com 1 ano a Peixoto de Azevedo.

foi para o Mato Grosso, indo primeiro para Apiacás e Alta Floresta, chegando mais tarde a Peixoto de Azevedo. Em todos esses lugares o garimpo era a principal atividade, mas o trabalho do marido de D. Judith era o comércio. Esta profissão permitiu que o casal tivesse alguma prosperidade, mas D. Judith não gostava de seu marido e por isso fugiu voltando para a casa de sua mãe, em Imperatriz (PA), e logo depois seguiu para casa de um tio que vivia em Rondônia. No entanto, o marido de D. Judith a encontrou e trouxe-a de volta para Peixoto de Azevedo (MT), juntamente com o filho, que acompanhou a mãe durante todo o percurso.

A referência a Peixoto é muito recorrente entre estas mulheres, mas algumas das que iam para lá não ficavam na cidade. Na realidade era comum que antes de irem para a cidade elas vivessem dentro do local onde se extraía o ouro, como nos relata D. Ana.

***Pesquisadora:** Como é que era morar lá no Peixoto?*

***D. Ana:** Era bom. Na época a gente trabalhava no garimpo... mexia com garimpo...*

***Pesquisadora:** A senhora também trabalhava no garimpo?*

***D. Ana:** Sim. Nós vivíamos no garimpo, né? Mais aí em (19)90 foi quando nós compramos casa foi quando mudamos para a cidade de Peixoto. Então nós vivíamos no garimpo mesmo.*

***Pesquisadora:** (...) A senhora tinha uma casa lá ou...*

***D. Ana:** Não. Era barraco mesmo, que a gente fazia barracos de lona preta, aquelas lonas pretas, não tem? Eram uns barraquinhos no garimpo. Todo mundo morava naquilo ali, nas loninhas pretas. Ai quando eu fui pegar minhas crianças em casa, nós já tínhamos casa, já tinha tudo no Peixoto.*

***Pesquisadora:** Nossa, mas a senhora ficou esse tempo todo lá ... acampada, vamos dizer assim?*

***D. Ana:** É ficamos. E era bom na época.*

***Pesquisadora:** Era bom na época?*

***D. Ana:** Era muito bom. Você acostuma, né? Viver assim igual cigano, todo mundo acampado. Tinha fileiras de barracas.*

As mulheres que iam sem os filhos, logo no início, tinham mais possibilidade de ficar nos garimpos, como se deu com D. Ana, D. Mara, D. Marina e D. Raimunda. Quando as mesmas se casavam novamente e adquiriam uma casa na cidade é que buscavam seus filhos. Já as mulheres que vinham casadas, e em algumas ocasiões com os filhos, buscavam se instalar diretamente na cidade de Peixoto. Os maridos iam e vinham todos os dias do garimpo para a cidade. Este foi o caso de D. Camila e Sr. Rodrigo.

Entre as mulheres que se casaram em Peixoto ainda há situações particulares como é o caso de Gabriele e Gertrudes, filhas de D. Mara. Como sabemos Gabriele e Gerson são os primeiros

filhos a irem para o Mato Grosso, quando sua mãe vai buscá-los. Gertrudes vai mais tarde, quando D. Mara vai busca-la, indo pela segunda vez ao Maranhão. Os três filhos de D. Mara, então, passam a viver em Peixoto.

Gabriele e Gertrudes eram mais velhas quando foram para Peixoto, contavam com 12 e 14 anos, respectivamente. Gabriele se casou aos 16 anos com o primeiro marido, e Gertrudes se uniu ao Sr. Roberto um pouco mais velha, aproximadamente com 17 ou 18 anos. Seus maridos também trabalhavam no garimpo e viviam com D. Mara e Sr. Alexandre. O marido de Gabriele era um “*companheiro*” de trabalho do Sr. Alexandre e Sr. José, marido de D. Ana; o Sr. Roberto é “*primo*” do Sr. Alexandre. A partir destes casamentos, então, as trajetórias de Gabriele e Gertrudes se ligam às trajetórias de seus maridos.

A partir destes exemplos percebemos que Gabriele e Gertrudes são as únicas mulheres, pertencentes a uma segunda geração que se casaram em Peixoto de Azevedo (MT). Isto porque os filhos das outras mulheres que foram para Peixoto naquela época eram crianças.

Os homens também possuem suas próprias trajetórias. Na maioria dos casos os entrevistados, quando ainda eram crianças, “*ajudavam*” seus pais “*na roça*” e quando se tornavam mais velhos, com 15 anos aproximadamente, saíam de suas casas para trabalhar fora<sup>129</sup>. As razões da saída de casa são as mais variadas. Pessoas como o Sr. Domingos foram trabalhar em lugares distantes de casa com o intuito de mandar dinheiro para a mãe, ajudando-a no sustento do restante da família, pois o pai não vivia mais com a mesma. Assim que o Sr. Domingos completou 15 anos foi trabalhar em garimpos no Maranhão, mas em 1986 foi para o Mato Grosso e chegou a Peixoto de Azevedo.

Já o Sr. Alexandre saiu da casa de seus pais, no Piauí, fugindo de um casamento indesejado. Este senhor, quando jovem, namorou uma moça às escondidas; o pai da moça descobriu e ameaçou Sr. Alexandre de morte se este não se casasse com sua filha. Sr. Alexandre se casou obrigado, mas fugiu, indo viver com tios no Maranhão. A partir daquele momento ele passou a trabalhar em garimpos no Maranhão e foi em um deles que Sr. Alexandre acabou conhecendo sua segunda esposa<sup>130</sup>.

---

<sup>129</sup> Diversos foram os autores que trataram da vida de camponeses nordestinos que seguem um ciclo de vida semelhante ao descrito acima. Dentre eles podemos citar HEREDIA (1979) e (1989), e GARCÍA JR. (1983). Além deles também há outra gama de autores internacionais que discute a vida nas sociedades camponesas como CHAYANOV (1981), BOURDIEU (1962) e SEGALIN (1980) entre outros.

<sup>130</sup> Apesar desta ser a segunda mulher, Sr. Alexandre apresenta esta senhora como a primeira esposa, pois como nos

Com a segunda esposa, o Sr. Alexandre foi trabalhar no garimpo em Goiás, mas retornaram para o Maranhão quando sua mulher foi dar a luz ao único filho do casal. Com isso, os dois passaram a viver com a família da mulher do Sr. Alexandre, em Bajão dos Crentes (MA). Neste local o Sr. Alexandre trabalhou “*na roça*” de seu sogro, mas não ficou muito tempo, pois brigou com um de seus cunhados. A partir disto volta a trabalhar no garimpo, desta vez em Peixoto de Azevedo, no Mato Grosso.

Todos os meses o Sr. Alexandre mandava dinheiro para sua esposa, que havia ficado no Maranhão cuidando do filho, e retornava de tempos em tempos para ficar com sua família. No entanto, esta situação não se prolongou pois o Sr. Alexandre rompe com o casamento. Segundo nos relatou o Sr. Alexandre, ele recebeu uma carta em Peixoto, enviada pelo seu sogro, na qual haviam muitas ofensas à sua pessoa. Após este fato, o Sr. Alexandre deixa de retornar para o Maranhão e passa a viver apenas em Peixoto de Azevedo. Logo conhece D. Mara que era cozinheira no “*barraco*” onde vivia, no garimpo, e os dois se tornam marido e mulher. Alguns anos depois de se unirem compram uma casa e se mudam para a cidade de Peixoto.

A trajetória do Sr. Roberto, “*parente*” do Sr. Alexandre, é um pouco diferente. Este senhor é do Piauí e também se casa muito jovem, aproximadamente com 14 anos. A primeira esposa do Sr. Roberto é prima do Sr. Alexandre, assim Sr. Roberto e Sr. Alexandre se tornam “*parentes*”, como nos relatou o último. Após esta união, o Sr. Roberto também vai trabalhar em garimpos e ao mesmo tempo se muda, juntamente com a esposa, para o Maranhão, no município de Bajão dos Crentes, lugar onde já vivia o Sr. Alexandre. A partir de então, Sr. Roberto passa a ser companhia constante do Sr. Alexandre no garimpo. Quando o Sr. Alexandre vai para o Mato Grosso, o Sr. Roberto também se encaminha para lá. Como foi com a esposa e os filhos, ele vai morar em Matupá (MT). Assim Sr. Roberto trabalha no garimpo e vive naquela cidade, onde havia adquirido uma casa para sua família.

O casamento acaba e o Sr. Roberto passa a viver com Sr. Alexandre e D. Mara em Peixoto de Azevedo. Já sua ex-mulher retorna para o Maranhão com os filhos, pois lá viviam “*parentes*”. Sr. Roberto, ao ir viver com o Sr. Alexandre acaba conhecendo a filha mais velha de D. Mara, que já morava com a mãe nesta época. Desta maneira Sr. Roberto se casa com Gertrudes.

O Sr. José e o Sr. Romildo também saíram do Maranhão para trabalhar em Peixoto de

---

disse com a esposa anterior ele não chegou a compartilhar uma residência.

Azevedo (MT) e lá conheceram suas esposas, D. Ana e D. Raimunda respectivamente. Apesar de suas trajetórias serem semelhantes é importante destacar que o Sr. José foi para Peixoto quando era mais velho, enquanto que o Sr. Romildo foi uma primeira vez para aquele local com amigos de seu pai. No entanto o Sr. Romildo contraiu malária e retornou para Governador Luis Rocha, onde vivem, até hoje, sua mãe e suas irmãs. Mais tarde, cinco ou seis meses depois, o Sr. Romildo volta para Peixoto de Azevedo (MT) para trabalhar no garimpo. Ali acaba conhecendo D. Raimunda e logo se juntam.

Não devemos ignorar que também existiam homens que chegaram casados a Peixoto de Azevedo (MT) como o Sr. Manoel, o Sr. Gomes e o Sr. Rodrigo. Sr. Manoel foi viver em um garimpo distante em Peixoto, onde possuiu um restaurante. Já Sr. Gomes e Sr. Rodrigo alugaram casas na cidade para abrigar suas mulheres e filhos e acampavam nos garimpos para trabalhar na retirada de ouro, voltando para casa todos os dias, mas às vezes retornavam apenas aos finais de semana.

Todas estas pessoas que passaram em Peixoto de Azevedo e se relacionam com D. Mara relembram a todo momento a época que viveram ali. Os homens são os que mais se lembram dos espaços que frequentavam (especialmente os bares e os locais de trabalho), dos amigos que possuíam e das pessoas perigosas que conheceram.

A partir dos relatos desses homens é interessante perceber que a cidade de Peixoto não é observada como um local onde se interagia muito com vizinhos: a conversa se dava especialmente nos locais de trabalho e em bares. Dessa forma, eram os homens que mantinham o contato com o mundo exterior, do trabalho, e as mulheres, que ficavam em casa, conheciam esses espaço através dos maridos: aqueles que eram mais próximos de seus maridos no garimpo eram sempre bem vindos em suas casas, e acabavam conhecendo as esposas também.

No entanto, não devemos ignorar que tanto os homens quanto as mulheres trabalhavam no garimpo, os primeiros retirando ouro e as últimas cozinhando. Isto ocorria enquanto a mulher não tivesse filhos. A partir do momento que ficassem grávidas, ou ainda, mandassem buscar os filhos no estado de origem, as mulheres ficavam na cidade, em casas, pois estas deviam se dedicar aos filhos. Os homens, então, passavam a trabalhar para manter a família.

Percebemos, então, que Peixoto possuía lugares distintos, com espaços de sociabilidade específicos. Existia a cidade de Peixoto que era residencial, onde viviam as mulheres e filhos, isto é,

era onde as famílias estavam localizadas e ao redor desta, estavam os garimpos, onde os homens trabalhavam. Ali havia muitos bares e prostíbulos, onde circulavam muitos garimpeiros, tanto os casados quanto os solteiros<sup>131</sup>. Estes espaços formam importantes para a socialização desses trabalhadores, pois era ali onde muitos se tornavam “*conhecidos*” uns dos outros.

O “*conhecido*” não é necessariamente alguém com quem se mantém um vínculo de amizade. Na realidade é uma pessoa que já foi vista anteriormente, em algum momento da vida, com quem se pode trocar algumas palavras. Para ser “*conhecido*”, porém, não é obrigatório que se converse com o indivíduo, basta tê-lo visto em algum lugar e saber seu apelido, ou nome.

Em algumas situações o “*conhecido*” poderia vir a se tornar mais próximo, como acontecia nos ambientes de trabalho no garimpo. Com isso conhecidos passavam a ser “*companheiros de garimpo*” e às vezes estes eram convidados para viverem nas casas das famílias dos “*companheiros*” casados. Foi o que aconteceu, por exemplo, com Salomão, que viria ser o primeiro marido de Gabriele, filha de D. Mara. Este rapaz era “*companheiro de garimpo*” do Sr. Alexandre. O rapaz não contava com família ou “*conhecidos*” na cidade, isto é, estava “*rodado*”. Com isso, Sr. Alexandre o chamou para viver em sua casa, juntamente com sua família (D. Mara e os filhos). Assim, Salomão passa a compor a família do Sr. Alexandre, pois em pouco tempo se casa com Gabriele.

Outro exemplo é o do Sr. Gomes e Sr. Romildo, antes do último se unir a D. Raimunda. Os dois haviam sido “*companheiros de garimpo*” e compartilharam uma casa em Peixoto de Azevedo (MT), juntamente com a família do Sr. Gomes. Já quando Sr. Romildo se “*juntou*” com D. Raimunda, o mesmo procurou uma casa para sua nova família, mas permaneceu morando na mesma rua.

*Sr. Romildo: (...) Que eu morava com Sr. Gomes. Nós moramos... eu acho que foi uns três meses, ou dois meses com ele. Morava na mesma casa, dividimos o aluguel, nós fomos nos ver em três meses... A D. Ludmila, eu sempre via ela, mas o Sr. Gomes não.*

Os “*conhecidos*”, porém, também podiam ser pessoas que passavam sempre pelo mesmo local ao se encaminhar para o trabalho. Outras vezes as pessoas poderiam ser “*vizinhas*”, e como não se falavam muito, também se diziam “*conhecidos*” uns dos outros. Apesar deste distanciamento, estes “*conhecidos*” serão de extrema importância no futuro de nossos informantes,

<sup>131</sup> Eram nestes locais que se davam muitas das histórias violentas relatadas pelos nossos informantes.

quando os mesmos se encaminham para Sorriso.

Em Peixoto de Azevedo não haviam apenas “conhecidos”, “companheiros de garimpo”, ou “vizinhos”. Também se estabeleceram laços de amizade entre “vizinhos” que moravam na mesma rua. Como exemplo podemos citar D. Marina e D. Camila que eram vizinhas em Peixoto e se tornaram “amigas”: D. Camila tinha uma televisão e D. Marina ia todos os dias à sua casa com o pretexto de assistir a novela e, com isso, uma amizade se estabeleceu.

Além disso, mais tarde descobrimos que D. Marina e Sr. Danilo também mantinham laços de proximidade com Sr. Romildo e D. Raimunda, pois quando estes vão para Sorriso os primeiros os auxiliam cuidando dos filhos de D. Raimunda, em Peixoto, como veremos mais adiante.

Todas as pessoas ligadas à D. Mara, que passaram por Peixoto de Azevedo, possuem muitos “conhecidos” do garimpo, mas além disso devemos levar em conta que estes também tem outra característica em comum: elas se lembram de maneira positiva de Peixoto, diferentemente das pessoas que mantêm relações sociais com D. Morena. Em vários momentos percebemos que os mesmos sentem saudades da época em que viveram lá. Especialmente quando se recordam do difíceis momentos de adaptação a Sorriso.

**Pesquisadora:** (...)E lá no Peixoto? Como é que era ... como é que era morar lá?

**Sr. Romildo:** Olha lá no Peixoto é um dos lugar que, assim, é um dos lugar melhor que assim, que eu já morei.

**Pesquisadora:** É?

**Sr. Romildo:** É. Porque na época que a gente não tinha, assim, crise. Eu não tenho nada do garimpo, mas eu também não passei apurado em garimpo não. Porque nós sempre tinha dinheiro... não tenho nada assim pra dizer, que nós não trouxemos nada... a única lembrança que nós trouxemos do Peixoto pra cá foi uma televisão, ela era de 16 polegadas, preto e branco, foi a única lembrança que eu tinha de garimpo. E esses cordãozinho de ouro só, mas isso já teve que vender, aquilo já pra pagar aluguel ou pagar alguma conta que deve, aí vendeu. Mas a partir do momento que nós moremos lá, que nós fiquemos morando lá.. era muito bom! Bom! A gente tinha dinheiro, tinha fartura a vontade, compra, comida(...) hoje você tava abrefado, mas a partir que o ... começava a trabalhar hoje, não tinha um centavo dentro de casa, mas teve dia que tinha um ouro guardado na copa de ouro né? Se apurava a gente ia lá e pegava.

Como se vê o garimpo em Peixoto é observado de maneira positiva. Ao contrário, por exemplo, do Sr. Emílio que não conseguiu ser bem sucedido em Peixoto de Azevedo, o Sr..

Romildo nós mostra que ao adquirir ouro era possível manter-se bem no garimpo.

O garimpo também é apresentado de outra maneira pelas pessoas ligadas a D. Mara. Percebe-se que não há a mesma imagem que vemos na fala de D. Clotilde ou de D. Morena. Não é um local onde se gasta com qualquer coisa, ou não se consegue acumular bens valorizados socialmente. O garimpo também é percebido como um espaço onde há famílias, onde existem compromissos que não estão ligados apenas a bares ou mulheres. Apesar de também existirem estes aspectos da vida no garimpo, além da violência cotidiana, há outra dimensão que não é observada por aquelas duas mulheres: neste lugar também se constroem famílias.

Na década de 90, porém, trabalhar com garimpo não era mais possível, pois o ouro havia sido muito desvalorizado e as pessoas não conseguiam mais sobreviver da retirada daquele metal. Como os informantes afirmaram “*o garimpo fracassou*”, sendo comum se lembrarem desta época fazendo referência ao ex-presidente Collor. Desta maneira, muitos dos que viviam em Peixoto de Azevedo se viram obrigados a migrar em busca de trabalho, pois naquele local a principal atividade era o garimpo. Sem este a cidade parou. Alguns ainda tentaram trabalhar em outras atividades como abertura de áreas, ou pescando, mas não conseguiam muito lucro disto. Sendo assim decidem procurar outro lugar onde havia melhores *serviços*.

Para escolher onde ir, esses migrantes se valeram de informações que corriam nas conversas cotidianas em bares, na rua, ou ainda entre amigos e compadres. Entre 1994 e 1996 muitos comentavam sobre um certo lugar onde havia muito trabalho e se ganhava bem. Este local era Sorriso.

Vejam algumas entrevistas que relatam como nossos informantes decidiram se encaminhar para Sorriso. O primeiro é o Sr. Manoel, atual compadre de D. Mara e Sr. Alexandre. Neste caso veremos que Sr. Manoel obteve informações sobre Sorriso com pessoas em Peixoto, observadas de maneira genérica.

**Sr. Manoel:** (...) Lá do garimpo em vim pra cá (...) Sorriso. “Sorriso tem muito serviço, vou pra lá!”.

**Pesquisadora:** O pessoal falava...?

**Sr. Manoel:** Falava lá! Aí “eu vou”.

A seguir observaremos o relato do Sr. Domingos, marido atual de Gabriele. Ele relembra

que ouviu falar de Sorriso a primeira vez quando conversava com uma comadre<sup>132</sup>, e logo depois encontrou um colega, com quem havia trabalhado no garimpo, que já estava em Sorriso.

***Pesquisadora:** Mas como é que você soube aqui de Sorriso?*

***Sr. Domingos:** Quando eu cheguei no Peixoto a fama daqui... eu nem ouvia falar desse lugar de Sorriso, né? Era uma coisa difícil. Ai minha comadre me falou “ Ah compadre que tem um lugar muito bom, diz que é Sorriso, diz que lá tem bastante trabalho, assim ... serviço”. Ai eu falei pra comadre “onde que fica?”... Nesse tempo era cinco reais a passagem de Peixoto aqui. Ai, eu andando na rua lá, encontrei um colega que trabalhava aqui, que tinha ido pra lá e já ai voltar com as coisas ...e ele “Rapaz, lá é bom mesmo!” E eu “qual é da parada, posso ir contigo?” Ele disse “Vamos”. Ai eu vim com ele.*

Através desta entrevista percebemos algo interessante: a proximidade entre Sorriso e Peixoto de Azevedo. A passagem de uma cidade para outra era barata, algo que nos mostra que a distância entre elas não era grande. Com este dado podemos indicar que não seria tão arriscado para esses trabalhadores tentar a vida em um local desconhecido, pois sempre existiria a possibilidade de retornar para Peixoto se não conseguissem “serviço”, algo difícil de acontecer nesta época, pois havia muito trabalho na cidade. Além disso, o fato da passagem ser barata facilitava a circulação de nossos informantes entre Sorriso e Peixoto, e assim eles podiam chamar seus “amigos” e “conhecidos” para trabalharem em Sorriso.

D. Camila nos mostra uma situação semelhante a do Sr. Domingos, mas aqui o responsável por falar de Sorriso para seu marido foi um “amigo” que já estava trabalhando em Sorriso. Este é o Sr. Romildo, como viríamos a descobrir mais tarde.

***D. Camila :** Ai vim pra cá... que um amigo nosso veio pra cá e foi pra lá e falou pra ele (o marido) que aqui era bom de serviço (...) aí ele veio aqui, ai gostou e mandou buscar nos dois, eu e o menino... aí eu vim com meu menino.*

A partir destes relatos percebemos que a notícia de que Sorriso era uma cidade onde havia “muito serviço” circulava em todo Peixoto de Azevedo. Esta divulgação se deve em grande parte à movimentação dos trabalhadores. Como percebemos através das entrevistas destacadas acima, muitos iam para Sorriso e depois que conseguiam trabalho, voltavam a Peixoto para buscar suas coisas e/ou suas famílias. Quando estes retornavam a Peixoto de Azevedo levavam a informação para colegas, amigos e parentes de que Sorriso era bom para conseguir trabalho. Assim sendo, mais

<sup>132</sup> Atualmente Sr. Domingos não mantém contato com esta comadre.

peças se encaminhavam para Sorriso.

Algo semelhante ao que observamos em SAYAD (1998) que observa a migração dos homens de uma aldeia argelina para a França. Estes sempre retornam para seu povoado na Argélia durante as férias, levando consigo informações, sempre positivas, sobre o país onde trabalham. A partir disso, outros homens que ainda não viajaram para França são levados a tomar este caminho, observado por eles como a melhor solução para melhorar a vida de suas famílias. No entanto, ao chegarem à França se deparam com uma série de dificuldades que não são apontadas nos relatos daqueles que voltam para a Argélia nas férias. Isto porém, não impede que mais argelinos se encaminhem para a França, pois para evitar a vergonha entre seus conterrâneos, o discurso que a França é o melhor lugar para se conseguir trabalho continua sendo disseminado naquele povoado argelino.

O mesmo foi percebido entre nossos informantes: eles também faziam “propaganda” de Sorriso quando retornavam a Peixoto, mesmo que tivessem enfrentado problemas para se estabelecer na cidade. Estes problemas passam a ser percebidos quando novos trabalhadores chegam a Sorriso. No entanto, aqueles que contam com “conhecidos” ou “amigos” na cidade encontram menos dificuldade, pois os mesmos ajudam a abrigar o recém-chegado, ou ainda, lhes auxiliam a conseguir trabalho, como veremos adiante.

### 3. Vivendo em Sorriso

No item anterior observamos de onde são nossos informantes e por onde passaram antes de chegar a Sorriso. Aqui iremos descrever como essas pessoas se instalaram na cidade e que tipos de trabalho desenvolveram morando lá, pois além de percebermos como se formaram as redes de relações sociais mapeadas, também poderemos observar como Sorriso foi se modificando com a permanência desses novos moradores.

A primeira pessoa a chegar em Sorriso, entre nossos informantes, é D. Suzana, pois ela está na cidade desde 1988. Nessa época ainda não existia o bairro São Domingos, apenas o bairro Industrial, onde ela viveu, enquanto seu marido trabalhava em uma madeireira.

*D. Suzana: Quando eu cheguei, eu cheguei a morar no Industrial. É lá onde tem essa madeireira onde meu marido, ele trabalhava na MD, né? É lá no Industrial. (...)*

*Pesquisadora : (...) Era lá perto da (Igreja) Santa Luzia?*

**D. Suzana:** *Do ladinho da Santa Luzia. Aquela fileira de madeireira que tem ali do ladinho da Santa Luzia.*

**Pesquisadora:** *Tinha varias madeireiras ali,né?*

**D. Suzana:** *Tinha. Agora não tem mais nenhuma eu acho. Que essa que nós morávamos fechou, os Zibetti acho que fechou faz tempo também... e beneficiamento, a fábrica de lâmina que tinha ali que era do Mazella também fechou. Não tem mais nada ali não. (...) Foram fechando tudo.*

Era comum que os empregados residissem em casas que pertenciam à empresa e que se localizavam no mesmo terreno onde estava construída a madeireira. Foi em uma dessas casas que D. Suzana foi morar. Anos mais tarde, por volta de 1996, a madeireira fechou e ela foi para o bairro Boa Esperança I com sua família, e somente a partir desse ano retomaremos os relatos de D. Suzana, que nos fornecerão dados sobre o início este bairro.

No início da década de 1990 a “Cidade B” começa a se constituir, segundo as informações recolhidas entre os entrevistados. Somente nesta época é que são criados o Fraternidade e o São Domingos. Em 1991 o primeiro passa a existir e em 1992 é fundado o último<sup>133</sup>. Isto demonstra que Sorriso ainda não contava com tantos bairros daquele lado da cidade. A senhora Maria da Graça, antiga moradora do São Domingos, que exercia a função de coordenadora pedagógica da escola “Flor do Amanhã”, nos relata como era este bairro quando se mudou para lá.

**D. Maria da Graça:** *Então quando o bairro São Domingos começou a se estruturar, a gente já estava morando nele. Cinco meses depois ele foi... a doação foi em dezembro de 92 e a gente mudou para lá, já para o bairro em maio de 92. Então o que que aconteceu com esse bairro? Ele ficou assim um bairro da população pobre, entendeu? Aquela população que conseguia trocar uma geladeira pelo lote, entende? Alguma coisa assim... porque não tinha assim, um valor aquisitivo grande os lotes do bairro. (...) Como meu marido trabalhava e tinha o carro do serviço, ele carregava as pessoas que se machucavam no final de semana construindo suas casas. Olha, no final de semana, era assim, martelada o tempo todo com o pessoal construindo as casas de madeira. Entendeu? Então tinha homens que caíam do telhado, mulheres que iam ter bebês... era o único carro desse lado do asfalto que tinha (...) e com isso a gente ficou muito conhecido. (...) Tinha já aqui em baixo esse bairro Fraternidade. (...) Tinha só o Fraternidade e o bairro São Domingos.*

Como se percebe esta senhora dá indicativos de que a ocupação do bairro que viria a se chamar São Domingos ocorreu antes mesmo da doação do terreno, e desta maneira podemos imaginar que este bairro também foi invadido. Assim, podemos perceber que já em 1992 existia um

<sup>133</sup> DIAS, Elisia Aparecida e BORTONCELLO, Odila (2003): datas das criações das escolas municipais nestes bairros.

tipo de pressão por parte dos que passaram a morar daquele lado da cidade para conseguir um lugar para viver, afinal de contas, as pessoas se estabeleceram no São Domingos antes mesmo deste ser legalizado e observado como bairro.

Não contamos com dados sobre a procedência das pessoas que chegaram ao bairro São Domingos no seu início. A única referência que temos na fala de D. Maria da Graça é que este bairro agregava a “*população pobre*”. No entanto, devemos notar que as construções eram constantes, fato que indica o aumento de pessoas morando daquele lado da cidade, provocando o surgimento de novos bairros.

A quantidade de pessoas vivendo naquela região da cidade aumentou ainda mais nos anos seguintes e, de acordo com as informações de nossos entrevistados, muitos trabalhadores que iam para lá, vinham do norte do Mato Grosso. Grande parte deles veio de Peixoto de Azevedo, a partir de 1994, e uma parcela de nossos informantes estavam entre eles.

### 3.1 Os “de Peixoto”

A maior parte de nossos informantes chegou a Sorriso nos anos de 1994 e 1995, como pode ser observado no quadro de trajetórias, em especial o Quadro 2. Com o encerramento das atividades do garimpo muitos foram buscar novas alternativas de trabalho. Aqueles que viviam ao norte do estado de Mato Grosso, onde o garimpo era mais forte, passaram a viajar para Sorriso, pois era nessa cidade que havia trabalho, de acordo com os comentários que circulavam em cidades como Peixoto de Azevedo e Matupá.

As estratégias para conseguir permanecer em Sorriso eram semelhantes: os homens iam para a nova cidade, e se conseguissem trabalho, voltavam para Peixoto e realizavam sua mudança, se isto fosse necessário. Entre as pessoas que entrevistei foi difícil encontrar casos de mulheres que tivessem viajado sozinhas para Sorriso, mas elas também existiram, como se verá mais adiante no caso de D. Morena. As famílias, por sua vez, contavam com uma estratégia um pouco distinta: o comum era que o homem viajasse antes, assim que conseguisse “*serviço*” e alugasse uma casa, mandava buscar a mulher e os filhos.

**D. Ludmila:** (...)De Peixoto nós viemos aqui para Sorriso, que nem eu te falei.(...) Ai meu esposo veio para cá trabalhar e com 30 dias desceu para buscar a gente ... deixou casa alugada (em Sorriso para que a família morasse).

O mais comum era que o homem viajasse para Sorriso antes da mulher, mas houve situações em que mulher e marido foram juntos para Sorriso, deixando os filhos com um “vizinho” mais próximo, para que mais tarde eles fossem para a cidade. Foi o que aconteceu com o Sr. Romildo e D. Raimunda.

**S. Romildo:** (...) *Eu tinha combinado com ela (D. Raimunda), fiz compra tudo, gastei o dinheiro com a compra para deixar: “vou deixar compra aqui para dois meses para vocês, com dois meses eu ganho dinheiro e eu venho aqui onde vocês, se eu ver que dá para nós, nos mudarmos para lá eu venho buscar vocês. Se eu ver que... com o dinheiro que eu ganhar, nós vamos ver o outro lado aí, eu volto aí.” Ela não confiou em mim... ela confiou, mas depois no tempo de eu viajar ela pegou e disse “não, eu vou junto também!”* (...) *A mulher de Danilo (D. Marina) tinha ficado cuidando dos meninos, lá em Peixoto (...) com um mês nós mandamos dinheiro para eles lá, aí que nós mandamos o dinheiro, que o Danilo veio com os meninos, foi que veio com tudo para cá.*

É interessante perceber que, apesar de se imaginar que estes senhores foram para aquela cidade de maneira impulsiva, pois não conheciam o lugar nem pessoas em Sorriso, eles também planejaram seu futuro. Primeiro os homens iam para a cidade averiguar se conseguiam trabalho, para mais tarde buscar a família, quando contavam com uma, e fixar residência naquele local. Sendo assim, a ida dessas pessoas para Sorriso não deve ser observada como algo que não foi calculado anteriormente.

Apesar deste fato, alguns indivíduos não deixaram de enfrentar dificuldade para permanecer na cidade, como se deu com Sr. Domingos.

**Sr. Domingos:** (...) *Aí eu vim com ele. Ai quando chegou aqui ele procurou o rumo dele e eu fiquei rodado... ele trabalhava em fazenda, era tratorista, essa coisa toda. Eu fiquei rodado aí, fui morar em baixo de uns pés de árvore, de noite armava minha rede, dormia, de dia botava a rede na boroça de novo, e ficava aí caçando serviço, até conseguir o serviço, aí pronto. Arrumei o serviço mas não arrumei o lugar de ficar:(...) Aí tinha um pessoal nesse tempo, meio ruim, maconheiro, alojado, pé inchado... alojado na ponte ai eu me adaptei com eles lá. Aí eu fiquei uma pessoa muito conhecida deles lá, aí eles guardavam meu almoço e minha janta (...)Aí vim no meio deles até que consegui me estabilizar. Ai o Ernesto (patrão) me deu força, fui morar debaixo do prédio (da madeireira onde foi trabalhar). (...)*

Sr. Domingos foi para Sorriso com um colega da época do garimpo que trabalhava em uma

fazenda em Sorriso. Assim que chegaram na cidade o colega foi para a fazenda e Sr. Domingos ficou morando na rua até conseguir trabalhar. Sr. Domingos afirma ter “*ficado rodado*”, o que significa que ele não conhecia ninguém na cidade que pudesse fornecer-lhe abrigo enquanto buscava serviço. Este fato, no entanto, não impediu que ele fosse para Sorriso, onde se empregou em uma madeireira<sup>134</sup>.

Entre 1994 e 1996 ainda haviam muitas serrarias na cidade, e diversas vezes eram nestas empresas que os homens conseguiam trabalho. Como podemos notar no depoimento de Sr. Domingos e, a seguir, na entrevista de Sr. Romildo.

**Sr. Romildo:** (...) *Aí o ônibus parou aqui na rodoviária, aí eu desci (...) eu disse “Raimunda faz o seguinte, vai lá na casa da mulher que eu vou dar umas voltas aí, eu caçar serviço, diz que aqui, do lado da rodoviária subindo tem muita serraria, eu vou ver se arrumo serviço nessa serraria aí.” (...) Aí sai mesmo caçando serviço. Fui, que na época tinha bastante serraria aqui no bairro Industrial. Aí eu cheguei, arrumei uma serraria (...) (Falei) com o dono, o gerente... (...) Tinha muita casa na serraria pra morar.*

**Pesquisadora:** *Você chegou pra falar direto com ele?*

**Sr. Romildo:** *Com ele, é. (...) Ele me recebeu bem lá e conversei com ele. Ele me garantiu serviço.*

A grande quantidade de madeiras na cidade naquela época indica que havia derrubadas de árvores em várias partes do município. Fato que indica que durante aqueles anos várias fazendas estavam sendo abertas e/ou preparadas para o cultivo da soja. É claro que a existência de serrarias não é o único indício dessa época, também podemos contabilizar os outros tipos de trabalhos que nossos informantes encontraram ao chegar a Sorriso. Entre eles havia “*fazer lasca*” e “*catação de raiz*” associados à abertura de fazendas. No entanto, também existiam outras atividades relacionadas aos cultivos que ainda hoje são encontrados no município como as de “*sacaria de arroz*”<sup>135</sup>, “*secador*”, “*apanhar algodão*”, “*catar feijão*”.

**Sr. Romildo:** *Na época aqui tinha muito serviço, quando nós chegamos. Mas o serviço maior mesmo que teve aqui na época era fazenda, catar raiz em fazenda. Mas raiz eu catei pouco aqui. (...) Meu primeiro serviço vindo de Peixoto para cá, (...) (foi) ali perto de Feliz Natal, tirar lasca, nunca tinha mexido com lasca.*

**S. Manoel:** (...) *Ai era desse jeito... tinha muita fazenda nesse tempo: um ia catar raiz, um ai catar*

<sup>134</sup> O termo madeireira é utilizado com o mesmo significado de serraria.

<sup>135</sup> Apesar de quase não existirem plantações de arroz em Sorriso, estas ainda são utilizadas. Eu mesma presenciei uma colheita de arroz, que servia apenas para preparar o solo que receberia soja em seguida.

*feijão, um ia apanhar algodão, outro ia secar no secador... a qualquer momento tinha serviço para essa quantidade de gente.*

“Fazer lasca” é o trabalho que se desenvolve “no mato”, onde ainda há árvores que serão derrubadas. Parte delas serve para fazer placas de madeira, colunas, mas outra parte serve para fazer as “lascas”, isto é, tiras de madeira, que podem ter diversos tamanhos, utilizadas para construção de cercas, por exemplo. A “catação de raiz” também se dava em fazendas; depois que se abria uma determinada área, retirava-se as raízes das árvores cortadas, que atrapalham as máquinas na preparação do solo para o plantio do arroz.

A atividade ligada ao plantio de arroz ainda era expressiva na época entre 1994 e 1995, fato confirmado pela entrevista de um dos informantes que disse ter trabalhado na “sacaria de arroz” naquele período. Isto indica que ainda havia fazendas sendo preparadas para o plantio da soja, pois é hábito plantar e colher arroz antes de qualquer outra cultura: o arroz prepara a terra para a soja. Nos dias atuais, porém, não se fala mais de trabalhos em cultivos de arroz no município, pois quase não há mais terras sendo preparadas para o cultivo de soja.

O “secador” é o silo onde são armazenados os grãos de soja, ou de milho. Lá existiam e ainda existem diversos trabalhos como nos explicou um de nossos informantes.

**Pesquisadora:** *Como é o trabalho do secador?*

**Sr. Romildo:** *Trabalho do secador tem vários serviços. Tem a parte do forno, jogar lenha no forno; aí escala a turma né? Tem a parte que é de limpeza, (...) tem a parte de tombador, que tem aquelas carretas que tem que ficar limpando... o serviço mais mole assim, é o serviço de tombador, que você não põe força. (...)*

**Pesquisadora:** *Tombador? Como é isso? Não entendi.*

**Sr. Romildo:** *Tombador é que pega as carreta para despejar dentro das moelas.*

**Pesquisadora:** *Ah! É máquina, né?*

**Sr. Romildo:** *É. Tem uns pistãozão que sobe, tem uns controle lá que liga, rapidinho... onde não tem tombador é tudo no rodo, descarrega no rodo, puxando rodo. Aí é força.*

Como podemos perceber através das entrevistas existiam várias possibilidades de trabalho em Sorriso. É importante que se saliente a existência da diversidade de serviços, pois através delas notamos que não houve investimento apenas na soja. Apesar deste grão ser maioria na produção atual do município, percebemos que pelo menos desde 1994 também se investia em algodão e feijão.

Outra observação que também podemos fazer através destes dados é que já havia fazendas abertas onde se plantavam soja, outras se preparavam plantando arroz, diversas terras ainda estavam sendo abertas para se tornarem fazendas, enquanto em outras fazendas já se plantava algodão. Com estes dados podemos afirmar que o município de Sorriso estava em plena expansão, além de que não havia homogeneidade na formação de fazendas, e que nem todas plantavam soja.

Além do trabalho em fazendas existia o trabalho na cidade. Ali não havia apenas serrarias, também havia a construção civil, que empregou várias pessoas que vinham de fora de Sorriso. Com isso percebemos que a cidade se expandia, construindo cada vez mais casas e aumentando o número de bairros.

A quantidade de trabalho atraiu muitas pessoas para Sorriso, fato observado como negativo por várias pessoas que já viviam na cidade. Esta reação da população e de políticos locais foi constatada mais de uma vez nas entrevistas recolhidas: muitos de nossos informantes contam que aqueles que vinham de Peixoto de Azevedo passaram por situações de preconceito ao tentar encontrar “serviço” na cidade, por exemplo.

*Sr. Romildo: Quando o garimpo lá fechou, não fechou, fracassou né? O ouro não valia mais a pena trabalhar, o preço lá em baixo...*

*Sr. José: Tinha que se virar né?*

*Sr. Romildo: O óleo ficou caro, para trabalhar (...) não compensava. Ai todo mundo saiu, a maioria do pessoal do Peixoto veio pra cá pra Sorriso. Era o único lugar de lá pra cá. Que na época que nós chegamos mesmo, eu não cheguei a ver, mas fiquei sabendo que o prefeito não queria que nós aqui não.*

*Pesquisadora: Ah é?*

*Sr. Romildo: O prefeito era contra , menina, você não podia andar na rua que ele botava a policia pra prender a gente sem fazer nada...ele era contra isso ai, né? Porque o pessoal do garimpo também, eles eram pessoas assim que não tinha dó de ninguém, matavam homem por nada lá dentro do garimpo. E chegou pra cá aquele lá de dentro mesmo, começou a fazer a mesma coisa e aqui não tinha isso na época ainda. Ai começou com essas mortes ai dentro, ai começou ... a policia batendo em cabra que não tinha nada haver com nada... ai depois foi mudando de prefeito e as coisas foi mudando pra gente aqui, foi melhorando mais também. Mas na época mesmo ai que era Seu Ignácio, que é o dono da Sagel<sup>136</sup>, aquele homem era contra demais o pessoal do Peixoto.*

*Pesquisadora: É?*

---

<sup>136</sup> Sagel é um dos grandes armazéns de grãos, ou “secadores”, como dizem os informantes, que observamos da BR163

**Sr. José:** *Nego que fosse arrumar um serviço falasse que era do Peixoto... hum...(não conseguia o trabalho) (...)*

**Sr. Romildo:** *(...) Falaram de fazer um porteirão lá em cima lá, pra apanhar os ônibus. Se fosse pra descer aqui em Sorriso, não parava não, era pra passar direto.*

Percebe-se através desta entrevista, que as perseguições à população que vinha de Peixoto, são lembradas como pertencentes ao momento que o Sr. Ignácio Schevinski Neto foi prefeito, de 1993 a 1996. Com isto verificamos que existia uma movimentação de Peixoto de Azevedo para Sorriso, pelo menos, desde 1993.

De acordo com Sr. Romildo esta situação melhorou com as eleições de outros prefeitos. No entanto, até o ano de 2008, apenas dois políticos haviam sido eleitos: o Sr. José Domingos Fraga Filho, que ficou a frente da prefeitura durante dois mandatos em 1997/2000 e 2001/2004<sup>137</sup>, e o Sr. Dilceu Rossato, em 2005/2008.

Agregando esta informação às opiniões emitidas pelos nossos entrevistados, percebemos que muitos deles associam a melhoria de sua vida em Sorriso ao governo do prefeito José Domingos Fraga Filho, popularmente conhecido por Zé Domingos. Este prefeito é geralmente muito elogiado pela população que vive nos bairros mais carentes, principalmente os mais antigos, pois foi em sua administração que novos bairros se formaram, permitindo que grande parte dos migrantes conseguisse se estabilizar em Sorriso. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o bairro Boa Esperança I<sup>138</sup>.

O preconceito contra a população que vinha de Peixoto é observada por nossos informantes no período anterior ao governo de Zé Domingos, e não se limitava à busca de trabalho, pois aqueles a quem entrevistamos também relatam este tipo de situação no momento que procuravam casas para alugar, assim que chegam a Sorriso.

**Pesquisadora:** *Como é que era Sorriso quando a senhora chegou aqui?(...)*

**D. Mara:** *Aqui no tempo do Zé Domingos era bom, agora o Rossato... agora que ele tá melhorando. (...)*

**Gabriele:** *Aqui não era qualquer um que ficava não, ô menina!*

**Pesquisadora:** *É? Como é que era?*

<sup>137</sup> DIAS, Elisia Aparecida e BORTONCELLO, Odila (Op.Cit.).

<sup>138</sup> Mais adiante, ainda neste capítulo, iremos analisar a criação deste bairro e expor a ação de alguns políticos para a legitimação do bairro Boa Esperança I.

**Gabriele:** *Por causa que eles não... porque vinha muita gente, né? E eles não queriam que ...*

**D. Mara:** *Acho que eles tinham preconceito com maranhense...*

**Pesquisadora:** *Ah é?*

**Gabriele:** *Maranhense, do Peixoto...*

**D. Mara:** *Viesse do Peixoto, minha filha, oia nos pagamos aluguel aqui foi logo assim nos 94, pagamos 3 meses de aluguel pra o pessoal sair da casa para nós ... ficamos esperando 3 meses pra poder alugar. Eu fiquei em Peixoto... o meu marido pagou o aluguel e foi me buscar lá.*

**Pesquisadora:** *O seu marido foi buscar a senhora lá?*

**D. Mara:** *É, ele tava primeiro aqui.*

**Pesquisadora:** *Tava trabalhando aqui?*

**D. Mara:** *Tava trabalhando. Ai foi a maior luta pra gente morar de aluguel aqui, não queriam alugar não. Se dissesse que vinha do Peixoto principalmente! (...) Pois é minha irmã era muito ruim aqui. (...)*

Apesar da existência de preconceito em relação às pessoas que vinham de Peixoto é necessário observar que ele não foi o único responsável pela dificuldade para conseguir alugar uma casa. Os homens casados que vinham para cidade necessitavam alojar suas famílias, mas não havia casas suficientes na cidade que pudessem ser alugadas e, por isso, era necessário que pagassem alugueis adiantados para garantir que a residência. Sr. Alexandre na entrevista transcrita nos relata o outro lado da história que D. Mara, sua esposa, nos contou acima.

**Sr. Alexandre:** *(...) Aqui era difícil. Você tinha que pagar... eu mesmo paguei três meses de aluguel adiantado para eu conseguir uma moradia para poder trazer a mulher para cá.*

**Pesquisadora:** *Mas por que tinha que pagar três meses de aluguel adiantado?*

**Sr. Alexandre:** *É porque não tinha. Não tinha casa... é para garantir aquilo ali. (...)*

**Pesquisadora:** *(...) E onde era essa casa?*

**Sr. Alexandre:** *Era aqui em cima, no bairro Industrial. E era difícil ... hoje não! Hoje tem casa para todo quanto é lado.*

Para ultrapassarem as dificuldades descritas acima (o preconceito e o número reduzido de casas na cidade) era comum que as pessoas que vinham de Peixoto de Azevedo entrassem em contato com alguém que conheciam e que vivia em Sorriso. Estes contatos poderiam se dar com “conhecidos”, “companheiros de garimpo” ou “amigos” que já estavam na cidade, mas somente quando estes indivíduos já se estavam estabelecidos na cidade. Os “conhecidos” eram importantes para indicar onde havia trabalho na cidade e com isso aquele trabalhador interessado se apresentava no “serviço”.

**Sr. Romildo:** (...) *Ah, a gente via aí, as vezes a gente encontra um conhecido que ia pegar uma condução e aí falava pra gente assim “ô tem um serviço ali, mas eu nunca trabalhei, rapaz. Dizem que é pesado, não sei se eu aguento, acho que eu não vou não”. Aí a gente precisando, aí eu digo “não! pois eu vou lá, se não aguentar eu saio fora. Eu vou tentar!” A gente só sabe tentando, né?*

Além de indicar onde conseguir trabalho, o “conhecido” também podia facilitar o acesso à moradia naquela época. O caso de Sr. Romildo é um exemplo, pois logo quando foi para Sorriso tinha a companhia de D. Raimunda, sua esposa, e uma “conhecida”. Esta última, por sua vez, contava com uma “amiga” na cidade que abrigou os três, como podemos verificar através de outro trecho da entrevista do Sr. Romildo.

**Sr. Romildo:** (...) *Ai quando nós chegamos aqui, ela (D. Raimunda) veio com mais uma conhecida da gente lá de Peixoto, “ah não, chegando lá nós vamos lá pro Bela Vista que lá tem uma casa de uma amiga minha”.*

D. Raimunda e Sr. Romildo também mantiveram contato com outros “conhecidos” em Sorriso quando foram alugar uma casa em outro bairro da cidade, onde estabeleceram relações de vizinhança. Assim se deu entre Sr. José, cunhado de D. Mara, D. Ana, irmã de D. Mara, Sr. Romildo, Sr. Alexandre e D. Mara. É interessante perceber através deste exemplo que a relação entre “conhecidos” em Sorriso poderia vir a se aprofundar com o tempo, como vemos na entrevista a seguir.

**Pesquisadora:** *Quando vocês falam que a pessoa é conhecida, por exemplo, ele (Sr. José) era seu conhecido lá do Peixoto, mas só de vista? Não necessariamente você conversou com ele...*

**Sr. Romildo:** *Não, conversar não. Lá não... Que nem a Dona Mara... nós morávamos assim... quando nós chegamos aqui (em Sorriso) é que eu lembrava que nós morávamos na mesma rua, sabe? Mas aí é que nós: “ah! Você morou assim em tal lugar! Ah eu conheço! Você passava ali direto quando vinha do Baixão!”. Aí sim, foi que nós tivemos conhecimento, de conversar aqui. (...)*

**Sr. José:** *Aqui que começou mais aquele entrosamento.(...)*

Era comum que os acabavam de chegar a Sorriso encontrassem “companheiros de garimpo” que muitas vezes podiam ajudar a encontrar trabalho. Esses “companheiros”, se estivessem trabalhando, podiam apresentar o colega recém-chegado ao patrão deles e pedir emprego para o mesmo, ou ainda indicavam onde encontrar trabalho na cidade.

**Sr. Romildo:** (...) ia descendo e encontrei três companheiros meus do garimpo, lá do Peixoto que tavam trabalhando aqui.(...). Eles perguntaram o que eu tava fazendo, “eu tô procurando serviço aqui”. Ai eles “rapaz lá (no trabalho deles) tinha uma vaga pra trabalhar lá, mas aí o cara pegou um hoje. Quando ele vier para nos buscar, nos vamos pedir se ele leva mais um, se ele levar tu vai junto”. “Eu vou”. (...) Quando foi de manhã cedo, o patrão deles chegou cedo, tudo escuro. Aí ele chegou e falou “não, no momento não vou levar. Depois se precisar, fica por aí”. (...) Os meninos falaram “ô Romildo, tu vai lá no Panela Cheia, que lá pega gente pra trabalho direto, quem sabe tu arruma um serviço lá, pra levar pro mato, essas coisas assim” (...). Ai já cheguei lá arrumei o serviço.

“Amigos” também ajudavam aqueles que haviam acabado de chegar à cidade, como fizeram Sr. Domingos e Sr. Romildo. Os dois, após conseguirem se estabilizar em Sorriso permitiram que amigos, que vinham de Peixoto de Azevedo, vivessem com eles e muitas vezes conseguiam trabalho para os mesmos. Nas entrevistas a seguir o primeiro relata que auxiliou um “amigo” que havia vindo de Peixoto, enquanto o segundo é descrito por D. Camila e Sr. Rodrigo como aquele que permitiu que os dois permanecessem em Sorriso.

**Sr. Domingos:**(...) Nessa altura, eu tinha conseguido estabilidade, já veio um outro amigo de lá (de Peixoto), muito conhecido, ai foi morar comigo.(...) Aí ele já trabalhava mais eu, eu arrumei serviço pra ele, trabalhou mais eu.

**Pesquisadora:** (...) E vocês ficaram aonde aqui em Sorriso?

**D. Camila:** Nós ficamos morando na casa desse amigo nosso, na Morada do Sol. Lá do outro lado. (...)

**Pesquisadora:** (...) Esse amigo de vocês ainda está aí?

**D. Camila:** É o Romildo, marido da Raimunda. (...)

**Sr. Rodrigo:** (...) Se você tivesse um amigo seu, conhecido na cidade, era mais fácil de você arrumar serviço. Eu comecei a arrumar através de um amigo que eu tinha, que é o marido da Raimunda, o Romildo.(...) Eu vim trabalhar aqui, ele que me chamou lá (em Peixoto).

Através destas informações percebemos que os recém chegados a Sorriso dificilmente contavam com familiares morando na cidade, que poderiam dar-lhe abrigo ou ajudar a conseguir trabalho. Desta maneira, aqueles que entrevistei, que vieram de Peixoto de Azevedo, se valiam de uma rede de relações sociais que agregava pessoas com quem mantinham distintos níveis de relacionamento, como os “conhecidos”, os “companheiros de garimpo” e os “amigos”. Todos eles ajudavam de alguma maneira.

A família, porém, passou a fornecer esse tipo de assistência aos que chegavam a Sorriso depois que se instalava na cidade. Foi o que se deu, por exemplo, com D. Mara e Gabriele: a primeira passou a morar em Sorriso, com o Sr. Alexandre e Gerson, e quando Gabriele foi para lá permaneceu na casa de sua mãe, juntamente com a filha e o primeiro marido, até que este conseguisse trabalho e uma casa para sua família.

Os bairros para onde se dirigiam as pessoas entrevistadas que chegavam de Peixoto eram principalmente o São Domingos e o Fraternidade. Porém, era possível que através de contatos com “*conhecidos*” e/ou “*amigos*” se fosse para outros bairros, considerados nobres nos dias atuais. Como no caso de Sr. Romildo que foi para o Bela Vista, através de uma “*conhecida*” e mais tarde alugou uma casa no bairro Morada do Sol. No caso de D. Camila e Sr. Rodrigo, o casal se valeu do contato com os “*amigos*” D. Raimunda e Sr. Romildo para viver no Morada do Sol, pois assim que chegaram a Sorriso se abrigaram da casa dos últimos. Mais tarde, Sr. Rodrigo e D. Camila também alugam uma casa no mesmo bairro.

Estes dois bairros ficam do lado contrário ao São Domingos e o Fraternidade, isto é, do outro lado da BR. Com a especulação imobiliária da cidade estes locais foram se tornando mais valorizados e os alugueis também iam encarecendo. Desta forma, muitos dos trabalhadores que haviam ido morar “*do outro lado da BR*”, mais próximos do Centro, tiveram que se deslocar indo viver em outros bairros onde o aluguel de casas era mais barato. Os lugares menos valorizados eram justamente os bairros São Domingos e Fraternidade.

Com isto percebemos que alguns de nossos informantes vão sendo “expulsos” para os bairros mais periféricos de Sorriso, onde o aluguel é mais barato. Com o aumento dos alugueis nos bairros considerados mais nobres estas pessoas se veem forçadas a mudar para bairros como o São Domingos e Fraternidade. Porém, naqueles bairros já não havia mais casas para abrigar tantos trabalhadores migrantes, obrigando os mesmos a irem para outros bairros como o Industrial.

Este processo de expulsão das áreas valorizadas também foi analisado por HEREDIA (1989) no contexto rural no estado de Alagoas e é bem semelhante ao que encontramos em Sorriso. A autora analisa o processo de transformações sociais que ocorreram na *plantation* canavieira no sul de Alagoas. Nesta obra a autora demonstra como pequenos agricultores que tradicionalmente ocupavam os solos de “*tabuleiros*”, observados como terras improdutivas por grandes proprietários, começam a ser expulsos dessas terras, para terras menos produtivas e desvalorizadas, a partir da

década de 1950. Isto porque os solos se valorizavam com as plantações de cana que passaram a ocupar aquelas porções de terras.

Como já indicamos, o Industrial se localiza à frente do São Domingos. Era lá que se localizavam a grande parte das serrarias da cidade<sup>139</sup> e, como o próprio nome indica, este bairro era destinado às indústrias, de acordo com os planos da Colonizadora Feliz, e não à moradia.

No entanto, muitas serrarias haviam fechado, deixando as casas de seus funcionários inabitadas. Com isso, muitas das casas dessas serrarias desativadas passaram a ser alugadas por pessoas que vinham de Peixoto. No caso específico das pessoas que se relacionam com D. Mara e Sr. Alexandre, quase todos foram viver em casas da antiga serraria ENCOVALE, no bairro Industrial. Houve situações que algumas casas foram divididas por duas famílias, como ocorreu com D. Mara e o Sr. Alexandre, D. Raimunda e Sr. Romildo.

*Sr. Romildo: Ai nós viemos de lá, nós mudamos de lá eu e minha mulher (...) lá para o Industrial (...) lá numa madeireira abandonada que tinha fechado e tinha umas casas de aluguel bem barata, né? Ai inclusive, o Sr. Alexandre e a D. Mara...*

*Pesquisadora: Era lá na ENCOVALE?*

*Sr. Romildo: Era na ENCOVALE. Ai nós alugamos uma casa lá... eles moravam em uma casa, nós dividimos o aluguel, nós dois (Sr. Romildo e Sr. Alexandre) no meio dividimos uma casa.*

Além de Sr. Alexandre, Sr. Romildo e suas famílias também viveram na ENCOVALE. Roberto e Gertrudes, D. Camila e Rodrigo, D. Marina e Sr. Danilo, D. Ana e Sr. Rodrigo: todos moravam naquelas casas da madeireira abandonada. O interessante disto é constatar que D. Marina, D. Camila e D. Raimunda, assim como os respectivos maridos, mantinham relações de vizinhança e amizade desde Peixoto de Azevedo. Já D. Mara, D. Ana, os maridos e os filhos (e genros, quando existiam) eram vistos como “*conhecidos*” por Sr. Romildo, D. Raimunda, e aqueles com quem eles mantinham contatos mais estreitos. Percebemos então que todos viviam na mesma rua em Peixoto de Azevedo, mas com alguns se estabeleceram laços mais fortes. No momento que esses indivíduos passam a conviver na ENCOVALE novas relações foram estabelecidas e com o tempo estas pessoas passaram a ser mais próximas umas das outras.

Apesar de terem conseguido um lugar onde morar, para nossos informantes o fato de pagar aluguel era, e segue sendo, observado como um martírio. Desta forma estes passaram a se esforçar

<sup>139</sup> Atualmente é possível observar algumas serrarias funcionando, mas a maioria já não desenvolve atividades.

para conseguir uma casa própria, ou seu “*barraquinho*”, como foi assinalado por vários entrevistados. Ao mesmo tempo pode-se constatar que ocorreu um crescimento muito grande da população, que não foi acompanhada pela construção imobiliária, ou, pelo menos, não houve o crescimento da cidade, ou casas, destinadas a esta população que chegava de regiões de garimpo. Nestes possíveis contextos, então, inicia-se a “*invasão*” de um terreno observado como vazio e sem dono por esses ex-moradores de Peixoto. Desta maneira origina-se o bairro Boa Esperança I.

### 3.2 O surgimento do bairro Boa Esperança I

O bairro Boa Esperança I possui uma história interessante. Nossos informantes se referiam a este local afirmando que ali era uma “*invasão*” e foi a partir deste dado que soubemos como se originou o bairro. De acordo com nossos informantes, o terreno onde hoje está o Boa Esperança I foi “*invadido*” no ano de 1996: o local era ocupado por um “*mato fechado*”, ninguém morava lá.

*Pesquisadora: (...) Era uma invasão?*

*Sr. Domingos: Era uma invasão realmente, mas foi uma promessa que o prefeito fez.*

*Pesquisadora: Que prefeito?*

*Sr. Domingos: O Zé Domingos. O Zé Domingos, antes ... a eleição foi em 1995. Ai ele falou que ... essa área aqui era grande (...) era um trecho danado, mato de um lado e de outro, (...) ai direto tava acontecendo estupro ai na beira desse mato. Ai ele falou que ia liberar essa área aí para o pessoal morar.*

*Pesquisadora: Mas o povo já estava aqui?*

*Sr. Domingos: Não! Isso na eleição, ele prometeu isso ai! Ele falou na eleição! Ai todo mundo votou nele, o homem ganhou. Ai entrou janeiro, que foi a posse dele, nem se falou nisso. Ai foi fevereiro, ai parece que já em março, ai todo mundo viu que não ia botar, aí foi que todo mundo entrou. “Ele prometeu porque quis”. Ai cortaram... Ai ele veio aí, ele negou, que ele não tinha falado isso, aí “já estamos dentro agora”... aí a polícia veio botou todo mundo para fora, tornaram a vir, tornaram a tirar e todo mundo entrou de novo.(...) Ai foram descobrir quem era dona do terreno, era Colonizadora... a Colonizadora não queria abrir mão. (...)*

Esta é uma das versões dadas sobre a “*invasão*”, mas esta foi a única que chamou a atenção para a existência de uma promessa do político que viria a ser prefeito de Sorriso. Segundo esta entrevista, a declaração do Sr. Zé Domingos teria instigado as pessoas a invadirem o terreno. As demais entrevistas se referem apenas a “*invasão*” em si e observam que Zé Domingos exerceu um papel importante para que vários “*invasores*” permanecessem naquele bairro, como veremos mais adiante.

A notícia da invasão se espalhou rapidamente pela cidade. Vários de nossos informantes, que moravam de aluguel na cidade, viram nesta ação uma possibilidade para adquirir uma casa própria. Assim sendo, boa parte deles participaram da invasão, especialmente aqueles entrevistados que haviam vindo de Peixoto de Azevedo em 1994.

**D. Camila:** (...) *Aí foi a época que invadiram isso aqui, e aquele dinheiro que não tinha gastado eu dei de entrada nesse lote.*

**Pesquisadora:** (...) *Mas vocês chegaram a invadir junto...?*

**D. Camila:** *Aham.*

**Pesquisadora:** *Como foi isso, como é que vocês souberam dessa invasão aqui?*

**D. Camila:** *É porque nós não morávamos longe, nós morávamos aqui no Industrial e o pessoal começou a planejar. Aí planejava aí passava no lugar e o pessoal perguntava se tinha coragem e eu digo “tenho”.*

**Pesquisadora:** *Quem planejou, você lembra?*

**D. Camila:** *Eu não sei, mas a Mara foi quem já me falou dessa invasão que ia ter por aqui. (...) Aí foi ela que perguntou se eu vinha, aí “eu vou sim, que eu tô querendo uma casa”. Aí nós viemos, quando nós chegamos aqui já tava todo mundo nessa mata. Era uma matona grande.*

Muitas pessoas entraram “na mata”, mas nem todos conseguiam marcar um terreno para si. Em diversas situações se estabeleceram arranjos entre “invasores” para conseguir adquirir um lote. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o Sr. Domingos.

**Sr. Domingos:** (...) *Ai viemos para cá, no tempo dessa invasão aqui, que foi em 1996, foi que nós viemos para cá. Fizemos um quartinho ai...*

**Pesquisadora:** *Você veio já na invasão do bairro?*

**Sr. Domingos:** *Na invasão.(...) No dia que subiu a invasão aqui eu vim com facão para marcar um trequinho também. Só que nesse trabalho de marcar a mulher já tava “aqui é meu, ali já é meu”. Um cortava picada por cima da outra, né? (...) Ai “não tem condição para mim não, já marcaram tudo”. Aí eu fui por dentro do mato, achei o Grandão, com o dele marcado, ele disse “ô Domingos, eu marquei um trecho aqui, rapaz, mas não tem como eu segurar sozinho aqui”. Ele disse “mas vamos segurar a vaga aqui nós dois, se der... aqui só dá um lote, mas quem sabe se nós não aumentamos um pouco, dá dois, você fica com um e eu fico com outro”.*

De acordo com este relato, o Sr. Domingos encontra o Sr. Grandão e estabelece um acordo com ele para adquirir seu lote atual. Grandão é um “conhecido” de Sr. Domingos, pois os mesmos já haviam se encontrado em situações de trabalho e, com isso, observamos que “conhecidos”

também se auxiliaram na abertura e manutenção dos lotes no Boa Esperança I.

Este mesmo Grandão matinha relações de amizade com a família do Sr. Alexandre desde Peixoto de Azevedo, e foi por conta deste senhor que Sr. Alexandre e D. Mara conseguiram seu lote no bairro Boa Esperança I: Grandão cedeu o lote que ele havia marcado para o casal.

Roberto, marido de Gertrudes, também havia ido para a “*invasão*”, juntamente com Sr. Alexandre e consegue um terreno localizado ao lado do último. Com isto Sr. Domingos se torna vizinho desses dois homens e de suas respectivas famílias.

D. Ana e Sr. José, respectivamente, irmã e cunhado de D. Mara, também conseguiram um lote no bairro, mas não chegaram a morar naquele bairro. Isto porque, na época da invasão, Sr. José trabalha em uma serraria, perto do Centro, que contava com casas para seus funcionários. Assim, o casal não precisava pagar aluguel e não sentia tanta necessidade de adquirir logo uma casa própria, ao contrário dos demais informantes que viam esta ação como seu objetivo mais urgente.

Por volta de 1997 D. Ana e Sr. José vendem seu terreno no Boa Esperança I e vão para o bairro São Mateus, local onde a Colonizadora estava vendendo lotes maiores que aqueles que existiam no primeiro bairro, característica considerada mais vantajosa pelo casal. Além disso, no São Mateus, os dois não precisaram resistir à tentativa de expulsão que a Colonizadora impingia aos moradores do bairro Boa Esperança I, pois ela estava vendendo os lotes do São Mateus sem precisar enfrentar invasores, isto é, resolveu vender os terrenos. Sendo assim, o bairro Boa Esperança I apresentava mais desvantagens que o São Mateus.

Sr. Manoel, por sua vez, ouviu falar da “*invasão*” quando estava no trabalho e também decidiu fazer parte dela, pois “*vivia de aluguel*” no bairro São Domingos. Chegando lá, marcou um lote que ao lado do Sr. Alexandre. Sr. Manoel era “*conhecido*” de Sr. Alexandre, pois os mesmos sempre se encontravam quando iam trabalhar em fazendas de Sorriso, catando raízes, mas após a “*invasão*” a relação dos mesmos passa a ser a de “*vizinhos*”.

O marido de D. Ludmila, Sr. Gomes, também entrou “*no mato*” para marcar seu terreno, pois ele e sua família pagavam aluguel no bairro São Domingos. A partir deste momento reencontram D. Mara e Sr. Alexandre e voltam a manter o vínculo de vizinhança que existia em Peixoto de Azevedo.

No caso de D. Camila e Sr. Rodrigo a situação é um pouco diferente. Quando os dois tentaram adquirir um lote para si durante a invasão, não conseguiram. Com isso estabeleceram um acordo com uma pessoa que não conheciam, mas que precisava de ajuda para cuidar dos dois lotes que havia adquirido. Como pagamento por esse auxílio o casal poderia ficar com um dos terrenos.

*D. Camila: (...) Pior foi que nós não conseguimos lote, aí quando já estava bem... aí nós conseguimos esse aqui. A mulher tinha invadido isso aí, tinha conseguiu esses dois lotes (...) ela disse que se nós olhássemos ela dava um para nós. Aí nós olhamos...*

*Pesquisadora: E quem era essa moça?*

*D. Camila: Eu não sei. Nessa época não conhecia quase ninguém aqui.*

Sr. Romildo e D. Raimunda, D. Marina e Sr. Danilo, também participaram da invasão, mas não conseguiram marcar seus lotes. No entanto, vários dos “invasores” já vendiam seus lotes e assim os dois casais conseguiram adquirir os espaços onde hoje moram.

Todos os moradores que participaram da invasão, ou que compraram suas residências logo após esta ação, tiveram que enfrentar a falta de infra-estrutura do bairro, com isso “vizinhos” compartilharam diversos momentos juntos: homens se juntavam para ir buscar água, mulheres iam em grupo lavar roupas no rio, por exemplo. Este tipo de situação de alguma maneira aproximou “vizinhos” e, em parte, foi isso que se deu entre D. Mara e aqueles com ela se relacionam atualmente: os laços de “vizinhança” iam se fortalecendo com este contato contínuo.

Outro aspecto, porém, também deve ser levado em consideração: algumas pessoas já “conheciam” D. Mara e Sr. Alexandre em Peixoto de Azevedo e passaram a estabelecer laços de maior proximidade em Sorriso, antes de irem para o bairro Boa Esperança I. Entre estas pessoas estão o Sr. Romildo e D. Raimunda, ou D. Camila e Sr. Rodrigo que moraram nas casas da ENCOVAL, no bairro Industrial I. Com a ida destas pessoas para o novo bairro as relações de “vizinhança” foram se aprofundando ainda mais. Além disso, existiam aquelas pessoas que eram “vizinhos” em Peixoto e reataram essa relação ao irem viver no mesmo bairro, como o que ocorreu entre D. Ludmila, Sr. Gomes, D. Mara e Sr. Alexandre.

Outros moradores, porém, estabelecem contato apenas no bairro Boa Esperança I, tais como o Sr. Manoel, D. Jurema e o Sr. Domingos. Sr. Manoel era “conhecido” de Sr. Alexandre em Sorriso. O Sr. Domingos, por sua vez, conhecia um amigo de Sr. Alexandre, mas somente ao se tornarem “vizinhos” é que os mesmos criam laços mais fortes entre si. Laços estes que também

passam a existir entre as famílias do Sr. Manoel e Sr. Alexandre.

Após esses primeiros momentos de invasão, a Colonizadora Feliz, dona daquele terreno invadido, tenta expulsar as pessoas que habitavam aquele espaço, mas há resistência: as pessoas retornam para seus lotes. Com isso a Colonizadora decide negociar com os “invasores” do local e em pouco tempo é criada uma associação de moradores<sup>140</sup> que passa a intermediar as negociações. Assim, a Colonizadora remarca os lotes, faz as ruas do bairro e vende os terrenos para aqueles que já estavam ali. Sr. Domingos relata abaixo um pouco do que foi a negociação entre Associação de Moradores e a Colonizadora.

**Sr. Domingos:** (...) *“Ah, mas de graça não pode ficar”. “Mas nós não queremos morar de graça, nós queremos um lugar para ficarmos, pagar nós pagamos”. E ai fizeram o acordo para pagar. (...) A primeira parcela parece que foi R\$70, 00 o lote, e o tamanho lote vai ser 10 por 25, é assim e assim. (...) Sei que a Colonizadora aceitou, pagar ela parece que mais 24 parcelas de R\$ 60,00.*

Apesar desta negociação ainda foi necessário que os moradores se mobilizassem para terem água e luz no bairro, pois a Colonizadora não disponibilizou esta infra-estrutura. Para adquirir estes benefícios os moradores do bairro contaram com o auxílio de alguns políticos locais, como nos relata o Sr. Manoel.

**Sr. Manoel:** (...) *Aí não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. Naquele tempo eu ia buscar água na bicicleta lá no córrego, para banhar, e para beber eu ai lá no posto buscar de bicicleta, a garrafa. (...) Lavar louça nós íamos lavar lá no rio. (...) Aí foi indo, foi indo... Nessa época o prefeito aqui era o Zé Domingos já. Tinha saído o Ignácio<sup>141</sup>, e o Zé Domingos. Aí nós fomos, eu e mais três companheiros no Ignácio, ele deu os canos para a encanação de água. (...) Ai ele deu um pouco de cano, o resto nós compramos para passar a água. (...) Todo dono de lote cavou a sua frente, (...)esse aqui cavou o dele, eu cavei o meu, aquele outro cavou o dele... até que encanamos os canos. (...) Nós encanamos a água ali, pagamos para fazer o poço do lado daquele colégio, poço artesiano. Compramos uma caixa de 15 mil litros, colocamos ela lá para jogar água para nós. Ai começou a melhorar. (...) Quando foi para puxar a energia a firma, a CEMAT não aceitou nós... cada qual assinar seu cheque, só se tivesse um responsável para assinar o cheque, ai ele puxavam a energia.*

<sup>140</sup> A associação foi criada por alguns moradores que participaram da invasão com o intuito de dialogar com a Colonizadora. Ao que parece o senhor Joanildes dos Santos foi um dos principais idealizadores desta associação e também foi o primeiro presidente da mesma. Atualmente os meus informantes revelam que Joanildes fugiu do local após acusações de corrupção. De acordo com relatos dos moradores Joanildes era responsável por receber as parcelas dos lotes pagos pelos moradores e repassá-las para a Colonizadora. No entanto este senhor foi acusado de não repassar os valores para Colonizadora, deixando vários moradores como devedores aos olhos da empresa. Quando isto foi descoberto Joanildes e sua família fugiram de Sorriso, e os moradores do Boa Esperança I elegeram o senhor Barriga como seu representante.

<sup>141</sup> Este é Ignácio Schevinski, que já foi prefeito de Sorriso em 1993/96 e é dono da Sagel.

*Aí nós chamamos o vereador Vanderley Paulo e convidamos ele para ele se responsabilizar para nós ficarmos no claro. Ai ele aceitou, ele assinou o cheque de 19 mil reais (em nome) de todos nós, para nós pagarmos, descontar de folha de pagamento, e nós fizemos. Tanto que o Vanderley Paulo é um cara que ele é vereador e nós devemos favor a ele.(...)*

É importante que se observe que foram os próprios moradores do local que se mobilizaram para melhorar as condições de seu bairro. De acordo com informações recolhidas entre os informantes este tipo de situação não era algo comum na cidade.

**D. Ludmila:***(...) a energia daqui a gente que pagou, todos os moradores... nunca outros bairros tiveram isso, agora aqui teve. Aqui a gente não conseguiu nada de graça. Aqui a gente teve que ralar e muito. (...)*

Com isso poderíamos supor que mesmo após a Colonizadora optar pela venda dos lotes para os “invasores”, ainda havia certa resistência, por parte da empresa, à permanência daquelas pessoas. Ao mesmo tempo podemos chamar a atenção para que estes informantes poderiam ser chamados de pioneiros, pois foram os primeiros a chegarem naquele espaço, construíram o local onde moram e passaram por privações semelhantes às relatadas pelos que se dizem “pioneiros” de Sorriso. Nossos entrevistados, porém, não se reconhecem desta maneira.

O auxílio de políticos como Ignácio Schevinski e o vereador Vanderley Paulo se apresenta então como ferramenta importante para que os moradores conseguissem se estabelecer no novo bairro. Estes, no entanto, não foram os únicos políticos de Sorriso que contribuíram para a existência do Boa Esperança I: o prefeito Zé Domingos também exerceu um papel importante.

**D. Camila:** *(...) a Colonizadora veio aqui cobrar, porque o pessoal uns pagavam, outros não pagavam né? E ela tinha o direito de tomar e ela não tomou porque foi na época da política do ano passado, oh! Aquela política passada para prefeito. Ela tava liberando o lote ai para as pessoas que votassem, quem votasse para eles davam não sei quantas parcelas né? Ai o pessoal não quis, porque na época ninguém ajudou, só quem ajudou foi o Zé Domingos, ai o pessoal não quis e expulsaram ela daí. Ai quando passou a política ela veio cobrar. Ela fez uma reunião ali, ela veio cobrar...*

**Pesquisadora:** *Ela quem?*

**D. Camila:** *A Luciana. Acho que é Luciana ou Luciene, sei lá.*

**Pesquisadora:** *Da Colonizadora?*

**D. Camila:** *É. Da Colonizadora Feliz. Ai disse que queria que as pessoas... que muita gente devia a ela, não sei o que. Ai eu disse para ela... eu estava devendo parece que quatro promissórias para*

*ela... “tem muita gente que deve, mas aí você pegou essa parte aqui e vendeu para a prefeitura e essa parte aqui era nossa”.*

**Pesquisadora:** *Essa aqui da escola?*

**D. Camila:** *É. Digo “nós estávamos pagando tudo”. Aí ela disse que não era, eu digo “era”. “Tanto é, que na época da política você disse que nós eramos tão bestas que nós estávamos pagando o terreno para o Zé Domingos, você sabendo que era nosso”. Aí houve uma confusão, aí o Zé Domingos chegou na hora lá... aí o Zé Domingos “tá bom gente, vamos fazer o seguinte, a Colonizadora Feliz me deve não sei quanto de impostos. Então vou descontar, perguntou para ela quanto era, parece que era 32 mil (reais) que nós tínhamos...que tinha que sair daqui. Então vamos na prefeitura para acertarmos”. Ela não gostou, né? (...)Aí pronto. Aí ele descia para dar os documentos tudo certinho para todo mundo. Aí ela foi lá acertou comigo, deu o documento, pra todo mundo, aí pronto.*

Depois de algum tempo pagando as prestações do lote à Colonizadora, várias pessoas ainda possuíam prestações atrasadas. De acordo com esta entrevista, o fato de vários moradores não conseguirem pagar sua dívida com a Colonizadora, utilizado para pressionar os mesmos a votarem em candidatos apoiados pela empresa, mas parece que esta pressão não foi bem aceita.

Com isso a Colonizadora retorna ao bairro para exigir o pagamento do lotes, ameaçando retomar as terras não pagas. Várias pessoas, que já haviam vendido seus terrenos, saíram do local, mas aquelas que permaneceram no bairro, mesmo devendo à Colonizadora, foram beneficiadas com o acordo que o prefeito da época, Zé Domingos, fez com a empresa. Este se propunha a descontar dos impostos devidos pela Colonizadora a quantia que todos os moradores do bairro deviam a esta empresa e, com isto, todos receberam seus documentos de proprietários do lote, não correndo mais o risco de serem despejados.

### **3.3 Os que chegaram a Sorriso e ao bairro a partir de 1996.**

D. Morena e Sr. Emílio chegaram a Sorriso depois de 1994, quando havia uma grande movimentação de pessoas vindas de Peixoto de Azevedo. Apesar disto, suas histórias de vida nesta cidade nos revelam vários dados de como era o local quando passaram a viver ali. Em 1996 o movimento migratório do norte do estado do Mato Grosso para a cidade de Sorriso ainda permanecia forte e foi nessa época que os dois chegaram à cidade. D. Morena chegou de Matupá e Sr. Emílio de Peixoto de Azevedo.

D. Morena deixou seus filhos com uma vizinha em Matupá e se encaminhou para Sorriso

em busca de trabalho. A primeira coisa que fez foi oferecer seus serviços em casas de família e assim, conseguiu trabalhar como doméstica em uma residência no Centro da cidade. Com isto, alugou uma casa no Centro e foi buscar os seus filhos.

O Centro, porém, não foi o único bairro onde D. Morena morou em Sorriso. Na realidade ela morou no São Domingos, no Bela Vista e mais tarde foi para o Boa Esperança I. Com isso verificamos que esta senhora e seus filhos viveram dos dois lados da cidade, e isto permitiu que D. Morena e Sofia nos relatassem como era Sorriso quando elas foram para lá.

*Sofia: Isso aqui não existia.*

*D. Morena: Só o São Domingos, isso aqui (o bairro Boa Esperança I) nem existia.*

*Sofia: Era tudo mato.*

*D. Morena: Esses bairros novos não existiam, São Mateus não existia, Novos Campos não existia, Vila Bela estava começando.*

*Sofia: Era só mato, tudo lá.*

*Pesquisadora: Era só mato?*

*D. Morena: Mato igual a esse daqui, ô.*

*Pesquisadora: Vocês estavam aonde?*

*Sofia: Morava aqui. A gente morava aqui no São Domingos.*

*D. Morena: Perto da escola.*

*Pesquisadora: Ah tá. Mas antes do São Domingos vocês moraram em algum outro lugar?*

*Sofia: Lá no Centro, lá no Bela Vista...*

*Pesquisadora: Vocês moraram no Centro?*

*D. Morena: Moramos.*

*Sofia: Quando nós chegamos aqui, ali no shopping era tudo mato.*

*D. Morena: Era.*

*Pesquisadora: Nossa! Vocês moraram lá... era aluguel?*

*Sofia: Era. Era pertinho ali da Casa Aurora, onde a gente morava. Tudo mato ali. Ali onde você mora era tudo mato.*

*D. Morena: Era. Ali onde você mora ali era tudo mato, ali no Benjamim Raiser era mato. Ali do lado do Benjamim Raiser, ali era a quinta.*

*Sofia: Era pasto.*

*D. Morena: (...) Ali quem vai na São Francisco de Assis, ali do lado que eu trabalho era uma faixa de mato (...) nós moramos em frente do mato! O São Domingos era um bairro no meio do mato!*

*Pesquisadora: E o Bela Vista também tinha mato?*

*D. Morena: O Bela Vista...*

*Sofia: Não, já tinha o Bela Vista. Tinha o Primavera que é depois do Bela Vista que era mato.*

**Pesquisadora:** *Quando você moraram lá?*

**D. Morena:** *Quando nós moramos lá. Nós morávamos na penúltima casa, ai depois era mato.*

**Pesquisadora:** *Sempre pertinho do mato?*

**Sofia:** *Sempre.*

De acordo com esta entrevista, na época que D. Morena e seus filhos chegaram a Sorriso, em 1996, ainda existiam muitos espaços sem ocupação, tanto do lado onde está o São Domingos, como do lado oposto da cidade, onde se localiza o Centro. Além disso, deve-se notar que D. Morena também ignora a existência do Boa Esperança I como bairro, afinal de contas foi naquele ano que ocorreria a invasão. Somente mais tarde, a partir do acordo estabelecido com a Colonizadora, é que este local será identificado como bairro.

Além desses dados também é possível perceber que D. Morena também viveu no bairro Bela Vista, que atualmente é um local valorizado. Lá, assim como no Centro, esta senhora pagava aluguel. É interessante perceber que esta senhora, assim como Sr. Romildo, D. Raimunda, Sr. Rodrigo e D. Camila, também morou em bairros que são valorizados atualmente. Até 1996, então, parece que ainda era possível que trabalhadores migrantes alugassem uma casa em bairros como o Centro ou o Bela Vista. A falta de valorização destes bairros é indicada quando D. Morena e Sofia relatam que moravam perto do mato. Morar nessas condições em Sorriso é desvalorizado, pois o bom é viver em áreas urbanizadas com asfalto, luz, água e casas de alvenaria. Algo que não obedece estes padrões é criticado e é associado com “pobreza” pelos moradores da cidade.

Anos depois a configuração dos bairros Centro e Bela Vista parece ter se modificado, quando as casas se tornam mais caras e não há mais “mato” nos arredores dos mesmos, obrigando estes trabalhadores a procurarem bairros periféricos, como o São Domingos, onde conseguiam alugar uma residência.

D. Morena não teve condições de se manter no Bela Vista, mesmo trabalhando como doméstica no Centro e manicure em bares que existiam em São Domingos, “*do outro lado da BR*”. A clientela de D. Morena era formada por várias mulheres que frequentavam esses bares, e que geralmente trabalhavam como garotas de programa. Foi num desses bares que D. Morena conhece Sr. Emílio: os dois passam se relacionar e em pouco tempo se juntam.

Antes dessa união, no entanto, devemos observar que o Sr. Emílio possui uma trajetória particular e a partir dela este senhor nos mostra outro lado de Sorriso: ele se dirige para o interior do

município, para trabalhar em fazendas, na mesma época que D. Morena se estabilizava na cidade.

Sr. Emílio sai de Peixoto de Azevedo e também chega a Sorriso em 1996. Ele permanece durante um mês na cidade e neste período trabalha catando raiz e “fazendo planta” em fazendas do município.

**Sr. Emílio:** (...) Cheguei aqui comecei a trabalhar, nos serviços das fazendas, bom de trabalhar né? Achei bom, aí eu fui em casa e voltei.(...)

**Pesquisadora:** Em que você trabalhava na fazenda?

**Sr. Emílio:** Na fazenda a gente trabalhava de tudo né? Nesse tempo era catar raiz, fazer plantação, fazia planta, né?

**Pesquisadora:** Fazia planta?

**Sr. Emílio:** É assim no trator.

**Pesquisadora:** Ah, você ficava no trator? Como é que era esse trabalho? (...)

**Sr. Emílio:** O trabalho é você fazer a planta, né? Você abastece a plantadeira... arroz, colocar dentro da plantadeira. Isso aí tem que ter cuidado pra fazer planta, pra não entupir. Daí quando entope você desce vai lá e desentope o caninho... fazer a planta, a planta de arroz, plantação.

**Pesquisadora:** Era de arroz?

**Sr. Emílio:** Plantação de arroz e soja também.

Como vemos a catação de raiz ainda existia em 1996, pois ainda existiam fazendas que necessitavam ser preparadas para o plantio: primeiro o arroz e depois a soja. Esta entrevista confirma algo que já havia sido revelado por outro informante, o Sr. Romildo, nesses anos ainda se plantava arroz, mas já existiam plantações de soja.

Após esses trabalhos, decide retornar para Peixoto em busca de um de seus irmãos, que vivia lá. Ao não encontrar seu irmão naquela cidade percorre várias cidades do Mato Grosso (ver quadro 1 de trajetórias), ainda em busca do irmão, voltando para o Maranhão, em Imperatriz, onde finalmente o encontra. Somente em 1997 é que o Sr. Emílio volta para Sorriso e passa a trabalhar com construção de silos. É nesse período que conhece D. Morena.

Com este exemplo de trajetória desejamos salientar que existiam pessoas que não se fixavam em Sorriso assim que chegavam. Na verdade encontramos entre nossos informantes pessoas que iam para Sorriso e após um tempo trabalhando voltavam aos seus locais de origem, para retornarem à cidade no ano seguinte. Esta movimentação é semelhante a que se apresenta atualmente entre trabalhadores que saem do Maranhão para conseguir “serviço” em Sorriso, mas acreditamos que no

ano de 1996 esta migração ainda não era tão forte como a que observamos hoje na cidade. Naquele ano, segundo nossos informantes, ainda havia muitas pessoas que viajavam do norte do estado do Mato Grosso para Sorriso.

Logo após começarem a se relacionar D. Morena e Sr. Emílio vão morar no bairro São Domingos juntamente com os filhos daquela senhora.

*Sr. Emílio: Primeiramente quando eu casei com ela comprei logo um casa, lá no São Domingos. (...) Eu tinha um dinheirinho e eu disse vamos comprar uma casa, aonde não importa, o que importa é o preço, ser baratinho, né? O que importa é (...) a gente parar sem pagar aluguel, o que importa é isso. (...) Foi uns mil reais, um lote pequeno, uma casa de alto e baixo.*

Sr. Emílio, então, compra uma casa no São Domingos, pois acredita que quando se tem uma família não é interessante pagar aluguel. Neste sentido ele compartilha das mesmas ideias que os informantes “do Peixoto”. Quando se possui uma casa própria pode-se dispor de mais recursos financeiros para prover melhor a família, ao contrário de quando se paga aluguel.

É no período em que esta família vive no São Domingos que Sofia e Marta começam a se relacionar. Marta vivia, juntamente com sua avó, na mesma rua que D. Morena e seus filhos e com isso as duas meninas passam a brincar juntas. Além disso, Lucas, Sofia e Marta passam a frequentar as mesmas escolas e o entrosamento entre Sofia e Marta vai aumentando. Este fato não se modificará mesmo após a mudança de bairro de Sofia, pois as duas moças continuam estudando no mesmo colégio, e com isso Marta passa a “*ir à casa*” de Sofia no Boa Esperança I quando ela se muda para lá.

No período que Sr. Emílio e D. Morena vivem no São Domingos este senhor se acidentou no trabalho e quebrou as duas pernas, fato que dificulta que ele realize qualquer outra atividade atualmente. A partir disto ele passa a receber uma pensão paga pela empresa na qual trabalhava. Houve um momento, porém que a “*firma*” deixou de pagar esse benefício e Sr. Emílio entrou com uma ação na justiça, conseguindo que a empresa lhe pagasse três mil reais, além de obrigá-la a continuar pagando a pensão. Com isto ele decide vender a casa do São Domingos e comprar uma outra residência: maior, onde pudesse comportar melhor toda a família. Sr. Emílio, então, compra uma casa em um bairro recente em Sorriso, o Boa Esperança I.

Outra pessoa que também chega de Peixoto em Sorriso no ano de 1996 é D. Judith. A sua

história é bem peculiar, pois a mesma demonstra que apesar de grande parte das pessoas que vieram de Peixoto de Azevedo terem passado por dificuldades no momento de se instalar na cidade é necessário que se evidenciem as exceções, pois desta maneira perceberemos que os migrantes não eram apenas pessoas que se encontravam em situações financeiras complicadas (pela falta de trabalho em Peixoto). Também chegaram a Sorriso pessoas como D. Judith e seu marido que logo compraram um bar onde atualmente está o posto Sorrisão. A residência do casal estava unida ao bar: este ficava na frente e a casa na parte de trás. Em pouco tempo os dois alugaram um novo bar, que também foi comprado mais tarde.

D. Judith e seu marido chegaram um tempo depois de seus conterrâneos de Peixoto e, diferentemente deles, o casal permaneceu sendo comerciante. Com isso, somente mais tarde é que D. Judith entrou em contato com seus vizinhos atuais. Apenas quando D. Judith se separa de seu marido e compra uma casa no bairro Boa Esperança I, é que a mesma passa a se relacionar com D. Mara e os demais moradores do bairro.

Como pudemos notar através dos relatos descritos acima também existiram pessoas que compraram lotes no Boa Esperança I, apesar dele ter se iniciado com uma “invasão”. Estes, porém, adquiriram seus lotes de moradores do bairro que poderiam ter participado da “invasão” ou não. Mas entre nossos informantes uma pessoa negociou o seu lote diretamente com a Colonizadora Feliz. Este foi o caso de D. Suzana.

Durante as negociações entre a Colonizadora e a associação de moradores, que foi organizada por alguns dos que participaram da “invasão”, para que se pagassem pelos lotes, D. Suzana adquiriu seu terreno. Isto se deu, pois o representante da associação de moradores, naquela época, o Sr. Joanildes dos Santos tinha uma esposa que era colega de trabalho de D. Suzana: as duas trabalhavam na cozinha do clube Sol Nascente, do outro lado da BR. Através desta senhora D. Suzana soube que a Colonizadora estava negociando os lotes “invadidos” e foi até a empresa para adquirir seu terreno. Tudo foi muito rápido: D. Suzana negociou em um dia com a Colonizadora, pediu um adiantamento de seu salário para pagar a entrada do lote, e no dia seguinte adquiriu seu lugar no bairro.

***Pesquisadora:** (...) Depois a senhora de lá (saiu do Industrial) foi para onde?*

***D. Suzana:** Depois de lá eu vim morar nessa casa aqui, daí aconteceu aquilo tudo e a gente comprou ai, daí fizemos essa casinha ai, né?*

***Pesquisadora:** Então seu marido não chegou a entrar com o pessoal da invasão?*

**D. Suzana:** Não, a gente comprou. Foi assim, quando saiu a proposta de compra, foi feito muito as pressas, tudo em dia só. Então naquele dia quem tinha dinheiro comprava, quem não tinha não babaus. Já foi feito na pressão, né? Aí eu fui no meu serviço e tirei na época R\$70,00 adiantado, que eu nem tinha para receber, para dar entrada que tinha que ser naquele dia! E eu precisava (...), aí eu dei entrada no terreno e comecei a fazer essa casinha para morarmos (...).

**Pesquisadora:** (...) Como é que você soube (do acerto)?

**D. Suzana:** Eu soube por causa que a mulher que estava a frente aqui trabalhava comigo. (...) Hoje ela não mora mais aqui, ninguém deles mora mais aqui. Mas o cara que tomou a frente, que negociou para agente, que acertou tudo, que é o Joanildes dos Santos, era marido da mulher que trabalhava comigo. (...) Ela era cozinheira lá e eu era ajudante dela

**Pesquisadora:** Você deu entrada, você tinha visto seu lote?

**D. Suzana:** Não. Naquela época foi comprado às escuras. Assim, você ia lá, dava entrada e tal... naturalmente a gente tem o direito de escolha, mas pelo mapa já demarcado. (...) Aí a gente deu a entrada, a papelada começou a tramitar legalmente pela Colonizadora, a Colonizadora Feliz, que era dona daqui. Aí já fizemos os carnes de pagamento direto com a Colonizadora, aí já foi legal, tudo legalizado. Aí quando foi demarcado os terrenos quem tinha mais interesse corria atrás, foi quando eu peguei esse (terreno) daí.

Apesar de D. Suzana ter entrado no bairro, como compradora, isto não impediu que ela passasse pelas mesmas dificuldades que aqueles que invadiram o local. Assim que chegou também sofreu com a falta de água e de luz. Para resolver sua situação puxava água da casa de sua mãe que morava no bairro Industrial, perto de sua residência. Esta água, porém, era compartilhada com alguns de seus vizinhos, que depois auxiliavam a pagar a conta de água. O acesso à luz se deu através de um “gato”, como nos disse D. Suzana, e de acordo com ela outros vizinhos também tiveram a mesma iniciativa.

**D. Suzana:** (...) Roubamos luz, botamos um gato aí, porque não tinha! Lá daquele poste, lá da beira da rua lá. (...) |Todo mundo puxou uma lâmpada também de lá. Um dia a CEMAT veio e cortou tudo, aí as pessoas botaram tudo de novo. (...) Mas isso foi mais como uma maneira de pressão para eles colocarem logo a energia para a gente. (...) Deu certo, daí na outra semana já colocaram.

O interessante da entrevista de D. Suzana é que a mesma revela outra versão do início do Boa Esperança I. Ela não parece ter se envolvido em qualquer negociação que outros moradores do bairro estabeleceram com políticos de Sorriso para adquirir os recursos de infra-estrutura que não existiam naquele local.

Além disso, devemos relativizar alguns pontos da história desta senhora, quando a mesma diz que “*todo mundo*” fez um “*gato*” para obter luz em sua casa, pois de acordo com relatos de outros moradores o lampião foi o principal instrumento de iluminação. Sendo assim, não foram “*todos*” do bairro que fizeram a ligação clandestina de luz elétrica. Com isso, devemos estar atentos para o significado de “*todo mundo*” para D. Suzana: para ela as pessoas do bairro são aquelas que vivem em sua rua. É com esses moradores que D. Suzana se relaciona desde que chegou ao bairro e, por isso, não conhece outras pessoas de outras ruas, nem suas experiências dentro daquele espaço.

D. Suzana, porém, permaneceu pouco tempo em sua casa, pois se separou de seu marido e optou por deixar o imóvel para o mesmo. Sendo assim, foi viver com seus três filhos na casa de sua mãe, temporariamente. Esta senhora vivia no bairro Industrial, próximo ao bairro Boa Esperança I.

Passado um mês morando com sua mãe, D. Suzana retorna para o Boa Esperança I, alugando uma residência na mesma rua onde era sua antiga casa. Para manter a si e seus filhos segue trabalhando no clube Sol Nascente, mas este vai à falência. D. Suzana, então, entra em contato com o dono do clube para que este a empregasse como doméstica em sua residência, localizada no centro de Sorriso, e acaba sendo contratada. Apesar de conseguir o trabalho, ele não é suficiente para suprir as necessidades de D. Suzana e seus filhos. Sendo assim, passa a exercer duas funções: de manhã de doméstica na casa da família do dono do clube e de noite trabalha em uma lanchonete localizada em frente à boate da cidade, a Oásis<sup>142</sup>.

O trabalho na lanchonete não é mais realizado por D. Suzana. Ela permaneceu ali enquanto necessitava pagar aluguel, mas após um ano e meio (aproximadamente) trabalhando nos dois espaços ela teve acesso à casa própria. Isto porque D. Suzana descobre que uma casa vizinha à sua pertence ao seu patrão, o ex-proprietário do Clube Sol Nascente. Assim ela estabelece um acordo com o patrão: ele não assinava a carteira de trabalho dela durante oito anos e D. Suzana ficava com a casa, e ao final do período estabelecido a casa seria passada para o nome de D. Suzana<sup>143</sup>. Esta senhora, então adquire uma nova residência, na mesma rua no bairro e permanece lá até hoje.

A partir do momento que soubemos da história de D. Suzana no bairro nos deparamos com dados que até então não apareciam: há proprietários de casas do bairro que vivem do outro lado da

---

<sup>142</sup> A boate Oásis existe atualmente e está situada no Centro também.

<sup>143</sup> Apesar de existir este prazo, somente no ano de 2008 é que D. Suzana se movimentava para colocar a casa em seu nome, 9 anos após ter estabelecido o acordo com seu patrão.

cidade que podem ser comerciantes ou “fazendeiros” bem estabelecidos. Estes senhores compraram casas naquele bairro de pessoas que viviam ali e hoje as alugam para outros sujeitos que chegam a Sorriso.

*D. Suzana:(...) Os donos dessa casa aí são uns fazendeiros, já compraram de segunda mão também, sabe? (...) É alugada até hoje. O pessoal que mora ali é de aluguel.*

A partir destes dados percebemos que casas dentro do bairro foram vendidas para diversas pessoas da cidade, inclusive “fazendeiros”, que neste caso não residem no local, apenas alugam sua propriedade. Não há, então, muitas pessoas no Boa Esperança que mantêm suas residências desde a época da invasão. Ao contrário, vários moradores saíram de lá dando lugar a outros que chegaram mais tarde ao bairro, tais como D. Morena, Sr. Emílio e D. Judith.

É interessante perceber que Sr. Emílio, D. Morena e D. Suzana se conhecem assim que se instalam no bairro Boa Esperança I, a casa que o Sr. Emílio compra foi justamente a primeira de D. Suzana no bairro. Sabemos que D. Suzana, ao se separar de seu marido, decide deixar a residência com o mesmo. Porém, esta separação não se deu no papel. Sendo assim, a casa pertencia ao casal e no momento de passar o imóvel para o Sr. Emílio e D. Morena, D. Suzana precisou ir assinar os papéis para validar a compra. A partir deste momento, então, D. Suzana se torna “vizinha” do Sr. Emílio e D. Morena e passa a acompanhar a rotina dos mesmos, observando-os de sua casa.

Sr. Emílio, no entanto, decide comprar mais uma casa no bairro. Para isso consegue angariar mais recursos através da pensão que, segundo nos disse este senhor, a empresa em que trabalhou lhe pagou após o acidente. O novo imóvel é adquirido para alugar as “peças” que o compõe e assim melhorar a renda de sua família.

Por sua vez, D. Morena não deixa de trabalhar: continua fazendo unhas. Para trabalhar como manicure, porém, ela passa a atender suas clientes, preferencialmente, em casa. Depois de algum tempo ela complementa o trabalho de manicure e passa a costurar em casa. Esta atividade, porém passa a ser exercida em uma sala alugada no bairro Novos Campos, como já dissemos, no ano de 2007.

Em 2006 o casal se separa. Com isso Sr. Emílio e D. Morena estabelecem um acordo em que cada um deles fica em uma das casas que haviam adquirido no bairro. D. Morena se muda com os filhos para a rua paralela onde morava, e com isso passa a viver em frente a casa de D. Clotilde, que

já vivia no Boa Esperança I. É assim que Sofia conhece Pedro, aquele que se tornaria seu marido dois anos mais tarde. Esta união, como já foi descrito, irá aproximar D. Morena e D. Clotilde permitindo, atualmente, que a última seja reconhecida como “*da família*” pela primeira.

D. Morena conta que aquela casa era pequena para comportar sua família, os filhos e os netos que já haviam nascido nessa época, pois ela era composta apenas de dois cômodos, ou “*peças*”. Sendo assim, Sr. Emílio e D. Morena resolvem trocar de residências. Com isso esta senhora volta a morar em frente a D. Suzana, isto é, volta a ser sua “*vizinha*”, e Sr. Emílio passa ser “*vizinho*” de D. Clotilde. Com esta mudança Sr. Emílio constrói mais duas “*peças*” no imóvel, totalizando quatro “*peças*”, com o propósito de alugá-las. Assim ele mora em um dos cômodos e aluga os demais.

Como podemos verificar, quando D. Morena morou em sua segunda casa no bairro, D. Clotilde já estava morando lá, juntamente com seu marido, o Sr. Adonias, e o seu filho Pedro. Estes também foram viver no bairro através da compra de um imóvel de ex-moradores. Porém, o Boa Esperança I não foi o primeiro bairro no qual D. Clotilde morou em Sorriso. Antes de ir para lá, D. Clotilde alugou uma casa no bairro São Domingos.

D. Clotilde chegou a Sorriso em 1999, juntamente com seu filho mais velho, João. O senhor Adonias e Pedro vão para cidade poucos meses depois, mas não permanecem ali por muito tempo: o primeiro não consegue trabalho, e Pedro arruma um “*serviço*” em uma serraria, fora de Sorriso, no município de Cláudia. Sr. Adonias também se encaminha para aquele município, pois é lá que vivem seus filhos, frutos de um casamento anterior, e de lá retorna para o garimpo no estado do Pará, imaginando que conseguiria enviar dinheiro para sua esposa em Sorriso.

Enquanto isso, em Sorriso, D. Clotilde passa a trabalhar como doméstica em uma casa no centro da cidade. Ela consegue este emprego, pois a mesma foi de porta em porta, no centro, oferecendo seus serviços. João também conseguiu trabalhar como “*servente*” de pedreiro, pois um sobrinho de D. Clotilde que vivia em Sorriso concordou em empregá-lo, pois ele exercia a função de pedreiro na cidade.

Com isso mãe e filho alugam uma casa no São Domingos, mas D. Clotilde desejava uma moradia própria. Assim, ela faz contato com um “*conhecido*” em Sorriso, o senhor chamado Barriga, presidente da associação de moradores do bairro Boa Esperança I<sup>144</sup>. D. Clotilde pediu que

---

<sup>144</sup> Barriga foi o segundo presidente da associação de moradores do bairro Boa Esperança I, assumindo o cargo após

Barriga lhe avisasse quando houvesse alguma casa para vender e, após viver menos de um ano em Sorriso, D. Clotilde teve a oportunidade de comprar sua residência.

***D. Clotilde:** (...) Era só nos dois mesmo. Aí ele (João) foi trabalhar na fazenda, ganhou um dinheiro bom. Na época eu lembro que foi R\$ 800, 00 na época. Aí tinha um conhecido nosso que morava aqui, ele era presidente do bairro. Eu falei para ele, “Barriga você não sabe de uma casa, um terreno barato para vender? Se você souber me avisa.” “Tá bom”. Aí quando foi, dali poucos dias ele falou “Clotilde tem um rapaz lá do bairro que quer vender a casa... já tem um terreno grande e uma casinha, por R\$1.200,00 .” Digo “nossa!”, eu pensei comigo, “tenho R\$ 800,00 tá perto né?” Para comprar é só mais um pouco (...) Nessa época deu certo que o Pedro saiu da serraria que ele trabalhava e estava aqui em Sorriso. (...) Ele tinha feito o acerto dele, ele ia pegar R\$ 500,00 . Aí eu imaginei, “nossa, vai dar certo!”. Só que ele não pegou o dinheiro todo. Eu sei que faltava para completar , para dar o dinheiro do lote faltava parece que R\$ 200,00 . Aí eu falei com minha patroa né? Primeiro tentei com outras pessoas, meus cunhados, que não precisasse falar com a patroa... mas aí eles não conseguiram arrumar e cheguei na minha patroa e ela arrumou, inteirou o dinheiro. Daí eu vim aqui e comprei. (...) Era só R\$ 62,00 por mês que pagava o restante do terreno. (...) Aí depois aquele tempo foi tempo de política, aí o pessoal não precisava ninguém pagar...o pessoal ajeitou com o prefeito, o pessoal que mora aqui, os antigos (...) Eu sei que na época eu paguei duas prestações de R\$62,00.*

Em 2000 D. Clotilde compra sua casa com o auxílio dos dois filhos e de sua patroa, que lhe adianta certa quantia para conseguir realizar a compra. Sr. Adonias ao voltar para o garimpo não conseguiu arrecadar dinheiro da exploração do ouro e por isso não participou da compra da casa.

D. Clotilde comprou sua casa, mas ainda precisaria continuar pagando as prestações. É interessante perceber que D. Clotilde não se refere à falta de luz ou de água no bairro quando foi para sua casa, provavelmente porque na época em que se mudou estas questões já haviam sido resolvidas. Além deste fato esta senhora acabou se beneficiando de outra maneira, pois chegou ao bairro dois meses antes do prefeito Zé Domingos ter estabelecido o acordo com a Colonizadora que isentava os moradores de pagarem à empresa os valores devidos pela aquisição dos lotes.

Após a compra do imóvel, Pedro retorna para Cláudia, pois havia conseguido trabalho em outra serraria naquele município. Sr. Adonias volta do Pará ao observar que o garimpo não lhe proporcionaria os mesmos lucros que em épocas anteriores. Assim, ele decide vender as terras que possuía no Pará, mais exatamente 42 alqueires, e compra outro imóvel no Boa Esperança I: um bar.

A compra do bar se dá em 2003 e, com ele, o Sr. Adonias assume as despesas da família e diz à sua mulher que não trabalhe mais. Desta maneira, D. Clotilde deixa de ser doméstica e se torna dona de casa.

João ainda vive com D. Clotilde e Sr. Adonias, mas logo se casa. D. Clotilde afirma que permitiu que o casal morasse com eles, em um “*barraquinho*” que existe nos fundos do lote, para evitar que o mesmo pagasse aluguel. Pedro, por sua vez, retorna para Sorriso e começa a trabalhar na construção civil na cidade, voltando a viver definitivamente com sua mãe e Sr. Adonias.

Quando Pedro retorna inicia-se uma série de conflitos entre os irmãos, pois Pedro não se dava bem com a esposa do irmão. Com isso, D. Clotilde diz que João e sua esposa não podem mais continuar na casa e compra um terreno para os mesmos em outro bairro, o São Mateus. Ali o casal constrói sua residência.

Em 2006 D. Morena e seus filhos se tornam “*vizinhos*” de D. Clotilde, vivendo em frente uma da outra. No capítulo 2 verificamos que as duas mulheres não estabeleceram laços rapidamente, na realidade o que as tornou mais próximas foi o fato de seus filhos terem passado a namorar. Apesar disto, não devemos ignorar que também existe uma observação diária entre vizinhos que permite que os mesmos avaliem os comportamentos recíprocos. Se os vizinhos agem de acordo com as normas sociais daquelas pessoas não existirão empecilhos para a aproximação de vizinhos. Foi isto que ocorreu entre D. Morena e D. Clotilde: as duas observavam a rotina da casa uma da outra e percebiam que as duas eram discretas: não saiam muito à rua, a não ser para trabalhar e realizar outras atividades, como ir à igreja. Quando os filhos de D. Morena e D. Clotilde começam a namorar, as mesmas acabam se aproximando, algo que se torna menos difícil quando não se observa no comportamento do vizinho nada que seja observado como inapropriado.

D. Morena se mudou mais uma vez, retornando para sua antiga residência. Isto, porém, não impediu que D. Clotilde e D. Morena continuassem se aproximando. D. Morena passou a ir sempre à casa de D. Clotilde para tomar chimarrão tornando-se companhia habitual nos fins de tarde.

#### **4. Conclusões sobre o capítulo.**

Quando acompanhamos nossos informantes no Boa Esperança I ouvimos muitas histórias de onde os mesmos viviam antes de chegar a Sorriso, como era a vida naqueles locais, como chegaram a Sorriso, como era a cidade e o que faziam quando chegavam. Além disso, eles relataram como se

formou o bairro e de que maneira se tornaram moradores do local.

Entrar em contato com essas informações, pertencentes ao passado destas pessoas, foi de extrema importância para compreender o presente das mesmas. A forma como elas se fixaram na cidade de Sorriso está muito ligada às experiências comuns pelas quais passaram: os laços de proximidade e o distanciamento entre nossos informantes parecem estar conectados às experiências e lugares comuns que marcaram o passado do mesmos.

Seguimos as trajetórias de nossos informantes e percebemos que aquelas pessoas com quem D. Mara se relaciona atualmente mantêm um ponto em comum importante: praticamente todos viveram em Peixoto de Azevedo na década de 1980. Além disso, observamos que eles se dirigiram para Sorriso na mesma época: entre 1994 e 1995, e devido a estas trajetórias, vários deles já se “*conheciam*”, ou mantinham vínculos de amizade. Não devemos esquecer, porém, da existência de outro ponto em comum entre estas pessoas: boa parte delas participou da invasão do bairro Boa Esperança I.

As pessoas que se relacionam com D. Morena, diferentemente daquelas descritas no parágrafo anterior, não estabeleceram contato até chegar a Sorriso, pois cada um manteve uma trajetória específica. Os que passaram por Peixoto de Azevedo, por sua vez, o fizeram em outra época e a cidade não é apresentada por eles com a mesma importância que é demonstrada pelos outros informantes que se relacionam com D. Mara. Além destas distinções não devemos ignorar que estes moradores entraram no Boa Esperança I como compradores de seus lotes.

Este último dado apresentou importância devido à maneira como os entrevistados relatam como se inseriram no bairro. Aqueles que compraram seu terreno se diferenciam dos que invadiram, não desejando serem identificados com eles. Já os que participaram da invasão não escondem este fato e de certa maneira se orgulham por terem lutado por seu “*barraquinho*”. No entanto, estes, para não serem vistos de maneira pejorativa por aqueles que compraram os lotes, ressaltam que também pagaram pelos seus lotes à Colonizadora.

Os moradores que primeiro participaram da ocupação do terreno da Colonizadora não gostam de ser considerados “invasores”, pois esta palavra expressa que alguém invadiu uma propriedade particular, que possui um dono, algo que se aproxima de um roubo. Nenhum morador entrevistado que fez parte desta ação se observa dessa maneira, pois o local onde hoje é o bairro não contava com indicações de possuir um dono, era “*um mato fechado*” onde se podia entrar

livremente. Somente após a ação das pessoas é que o proprietário do lugar, a Colonizadora, apareceu e deu-se início a todos os conflitos descritos. Além desse argumento, nossos informantes, que estão presentes desde o início do bairro, também contam com outra razão para não se identificarem como “invasores”: todos pagaram pelos seus lotes.

Apesar disto, as pessoas que compraram seus lotes diretamente da Colonizadora, como D. Suzana, ou que adquiriram suas residências mais tarde, após a Colonizadora concordar em vender os terrenos, tais como D. Morena, Sr. Emílio e D. Clotilde, não deixam de observar que o bairro é produto de uma “*invasão*”, mas elas não fizeram parte desta ação. Sendo assim, se diferenciam daqueles que tomaram parte daquele evento.

Esta diferenciação exposta pelos moradores entrevistados, no entanto, é apenas uma das que existem entre aqueles que se relacionam com D. Mara ou D. Morena. A invasão ajudou a fortalecer laços de vizinhança que já se estabeleciam em Sorriso, como se deu entre D. Mara e D. Camila. Em outros casos esses laços eram restabelecidos, pois já existam desde Peixoto de Azevedo, como se deu com D. Ludmila e D. Mara, por exemplo.

No entanto, ter vivido em Peixoto de Azevedo mais ou menos na mesma época, surge como algo que agrega estas pessoas, pois elas conheceram os mesmos lugares, têm “*conhecidos*” em comum e passaram por problemas semelhantes. Além disso, todos eles se recordam daquele lugar de maneira positiva. Assim, estes informantes se sentem semelhantes uns aos outros e com isso aproximam mais.

O caso mais expressivo da importância de Peixoto de Azevedo na vida dessas pessoas está presente quando observamos a relação de D. Judith e D. Mara. A primeira comprou seu lote após a invasão, e a última participou desta ação. Se levássemos em conta a distinção entre “compradores” e “invasores” esta relação não deveria existir, mas a realidade não é essa. As duas mulheres se observam como “*vizinhas*” e sempre conversam sobre suas famílias, demonstrando que há um grau de proximidade entre as duas. Além disso, presenciei mais de uma vez, que D. Judith e D. Mara quando estão juntas gostam de lembrar da época que viviam em Peixoto, comentando sobre lugares que sempre iam. O mesmo acontece entre os homens que viveram lá nos anos 1980 como o Sr. Domingos e Sr. Alexandre, Sr. José e Sr. Romildo, por exemplo. Assim, percebemos que essas pessoas criam uma identidade comum: elas “*são do Peixoto*”.

As relações que se estabeleceram entre os informantes que compraram os terrenos são mais

recentes, pois se iniciaram após os mesmos se mudarem para o bairro. Ao contrário dos anteriores eles não possuem trajetórias semelhantes. Não existindo uma identificação logo que se conhecem, as relações que se estabelecem no momento inicial serão mais distantes. Somente com o contato constante é que os “vizinhos” podem vir a se “identificar” e fortalecer os laços entre si.

Durante este capítulo, além de revelar como D. Mara e D. Morena conheceram as pessoas com que se relacionam atualmente, procuramos mostrar que Sorriso não foi construída apenas por pessoas provenientes da região sul. Aqueles que vieram do Norte do país também contribuíram para a formação atual de Sorriso. Esta população de migrantes é a grande responsável pela criação dos bairros que existem ao lado do São Domingos. A invasão que deu origem ao bairro Boa Esperança I é apenas um dos exemplos que pesquisamos.

Além disso, também percebemos que esses migrantes auxiliaram nas aberturas de fazendas no interior do município. Nossos informantes dizem que quando chegaram a Sorriso havia muito “*serviço nas fazendas*”, que em grande parte se destinava a “*catação de raiz*”, apesar de já existirem lavouras de arroz e soja. Também existiam várias serrarias nas quais alguns informantes trabalharam. Atualmente, quase não há “*catação de raiz*”, nem serrarias no município, fato que indica que não existem mais tantas áreas a serem desmatadas e que as fazendas já não precisam desta atividade: agora o trabalho é nas lavouras de soja, milho e algodão. No entanto, a maioria dos homens, que foram nossos informantes, não realiza estes trabalhos, pois estão doentes ou já se consideram velhos para isso.

Sorriso, portanto, não alcançou o patamar de sucesso no mundo do “agronegócio” apenas pelo esforço das pessoas que vieram da Região Sul do país, ou “*gaúchos*” como são designados na cidade esta parte da população. Na realidade com o “*trabalho braçal*” de muitos trabalhadores vindos do Norte e Nordeste do país, ou “*maranhenses*”. Sendo assim, não podemos afirmar que Sorriso é produto do “esforço” de apenas certa população. Por isso é tão importante destacar o papel daqueles que chegaram do Norte, afinal de contas a sua versão da história de Sorriso ainda não havia sido descrita.

## IV Conclusões

Iniciamos nosso trabalho descrevendo a cidade de Sorriso, onde percebemos que há uma divisão espacial na cidade: há bairros, em geral periféricos, que agregam aqueles conhecidos genericamente como “*maranhenses*”, também associados às pessoas pobres; assim como se observam bairros onde vivem os chamados “*gaúchos*”, que geralmente são indivíduos de mais posses.

No decorrer do nosso trabalho de campo percebemos, através de informantes, que as pessoas que vivem no Centro da cidade não conhecem aquelas que vivem em bairros como o Boa Esperança I, isto é, não sabem quem são os moradores da “Cidade B” ou como os mesmos vivem e utilizam a denominação “*maranhense*” para classificar a todos que lá vivem.

Assim sendo, fomos até bairros da “Cidade B” para podermos descobrir quem seriam estas pessoas. Com isto conhecemos diversos moradores do bairro Boa Esperança I e passamos a acompanhar seu dia-a-dia, para reconhecermos como eles estabelecem suas relações sociais entre família, vizinhos e compadres.

D. Morena e D. Mara se apresentaram como as informantes principais que tornaram possível acompanhar o cotidiano das duas redes sociais apresentadas no decorrer da dissertação. A partir delas descobrimos que existem mais do que maranhenses, propriamente ditos, morando no bairro. Na realidade há uma diversidade de pessoas de origens distintas: vários são de estados das Regiões Norte e Nordeste, mas além deles há vários que também são da Região Sul.

Além disto, constatamos que pessoas chamadas “*gaúchas*” se casam com “*maranhenses*”, como foi possível perceber através dos exemplos do filho de D. Morena, Lucas que é casado com Marta, uma paranaense de Foz do Iguaçu. A mesma situação encontramos no casamento de D. Judith, maranhense, que se casou com um senhor de origem no estado do Paraná. No entanto, estas não foram as únicas relações que mostramos entre informantes do Sul e do Norte/Nordeste, pois ali descrevemos as relações de amizade e vizinhança há entre estas pessoas.

Estas relações, no entanto, não foram as únicas descritas durante o trabalho. Na realidade tivemos a oportunidade de desvendarmos como as unidades de residência se organizam e como os componentes das famílias entrevistadas se relacionam: quais são as hierarquias presentes no âmbito familiar, quais os papéis que homens e mulheres devem assumir na sua família e quais os conflitos

que se observa no interior das mesmas.

Os níveis de proximidade que há nas relações sociais entre vizinhos e compadres também nos revelaram várias maneiras de se comportar em relação àqueles que não são da família. Desta maneira passamos a conhecer um pouco melhor a realidade, os hábitos e normas de comportamento que revelam as normas morais e sociais que compõem a vida daqueles informantes.

Através da descrição dessas relações sociais outros fatores foram se revelando. Algo que remete ao passado de parte de nossos informantes: a constatação que muitos deles haviam saído de Peixoto de Azevedo (MT) para ir à Sorriso na década de 1990 e isto repercute na maneira como algumas pessoas se relacionam atualmente no bairro. Foi o que percebemos ao analisarmos a rede de relações sociais de D. Mara.

A rede de relações sociais, estabelecida a partir de D. Mara nos mostra diversos fatores que não aparecem entre aqueles ligados à D. Morena. O primeiro desses fatores é saber que todos os informantes que se relacionam com D. Mara vieram de Peixoto de Azevedo, todos passaram pelo garimpo daquele município no mesmo período, e em vários casos se “*conhecem*” desde aquela época, isto é, já tinham se visto, mas não eram pessoas próximas umas das outras. Foi isto que aconteceu com Sr. Romildo, Sr. Alexandre: os mesmos eram “*vizinhos*”, pois moravam na mesma rua em Peixoto de Azevedo, mas não mantinham contato frequente um com o outro, no máximo se cumprimentavam na rua com “*bom dia*” ou “*boa noite*”.

Outras pessoas, porém, eram mais próximas, como exemplo podemos citar a relação que já existia entre D. Marina e D. Camila: as duas costumavam ir à casa uma da outra ainda em Peixoto. A mesma proximidade existia entre D. Marina e D. Raimunda, que deixou seus filhos com a primeira logo que foi para Sorriso. Sr. Romildo e Sr. Rodrigo também eram “*amigos*” desde Peixoto e foi através do primeiro que o último foi para Sorriso.

Os laços descritos acima se mantiveram e estas pessoas ao chegarem a Sorriso irão se auxiliar no momento de se instalarem na cidade. Mas os “*vizinhos conhecidos*” também irão realizar um papel nesse sentido. Com isso as pessoas se tornam mais próximas, como aconteceu com Sr. Romildo, D. Raimunda, Sr. Alexandre e D. Mara. Os dois casais não se relacionavam em Peixoto de Azevedo, mas o fato dos homens se lembrarem um do outro permitiu que, em Sorriso, as famílias dos dois dividissem uma residência, no bairro Industrial, na ENCOVALE.

Parte das pessoas que se relacionam com D. Mara foram viver nesse mesmo lugar, assim, se restabeleceram laços de “*vizinhança*” que existiam em Peixoto, mas desta vez, os “*vizinhos*” passavam a conversar mais e a se observar mais atentamente. Foi assim que D. Mara, D. Ana, Gabriele, Gertrudes, D. Camila, D. Marina e D. Raimunda se aproximaram, tal como os respectivos maridos.

Há informantes que não se “*conheciam*” de Peixoto de Azevedo, que estabeleceram contato apenas em Sorriso, como o Sr. Domingos, Sr. Manoel ou D. Judith. Nenhum deles “*conheceu*” Sr. Alexandre ou D. Mara quando viveram no garimpo de Peixoto, mas todos estavam lá na mesma época e possuem boas lembranças daqueles tempos. Esta percepção de Peixoto de Azevedo funcionou e continua funcionando como um fator que agrega estas pessoas, pois apesar desses indivíduos terem se conhecido apenas em Sorriso, é como se os mesmos compartilhassem de um passado comum que os aproxima e permite que se identifiquem como semelhantes. Algo que não se percebe, por exemplo, entre D. Mara e D. Morena, pois a última não morou em Peixoto, nem viveu no garimpo.

D. Morena por sua vez constitui suas relações sociais, já em Sorriso, principalmente no bairro Boa Esperança I. Ela não possui um passado comum com as mulheres com quem mantém laços “*familiares*” e de vizinhança, mas este fato não a impediu de estabelecer estes laços. A partir deste exemplo, então, percebemos que o bairro também é um espaço de construção de relações sociais.

Estas relações sociais não são o único objeto a ser analisado nesta dissertação, pois a partir delas descobrimos informações que observamos serem importantes para descobrirmos como a cidade de Sorriso se tornou no que vemos atualmente.

Nas suas histórias de vida nossos informantes relataram como chegaram a Sorriso e como se adaptaram àquela cidade. Os diversos trabalhos que desenvolveram nos indicaram que o município ainda preparava terreno para a expansão das plantações de soja em meados dos anos 1990. Além disso, percebemos que a cidade não era tão grande, nem contava com tantos bairros, especialmente os que compõem a “*Cidade B*”. Podemos notar isto com o Quadro 3, que nos revela a data, aproximada, de criação de alguns bairros de Sorriso.

**Quadro 3: Criação dos bairros (datas aproximadas levando-se em conta a criação das primeiras escolas nos bairros)<sup>145</sup>**

Área Industrial: 1988
Bela Vista: 1990
Fraternidade: 1991
São Domingos: 1992
São Mateus: 1997*
Boa Esperança I: 1996**
Novos Campos: aproximadamente 1999
Vila Bela: 1999

\*A data da criação deste bairro se baseia em declarações de informantes que compraram o lote no início, quando a Colonizadora Feliz decidiu vender os terrenos em 1997.

\*\*Este dado foi recolhido através de entrevistas com os informantes que participaram da invasão que se deu em 1996.

Como vemos os bairros mais antigos são o Industrial e o Bela Vista. É verdade, porém que o Centro também já existia, mas não contamos com nenhum dado que nos diga a data de criação deste bairro. Com isto verificamos que havia poucos bairros na cidade e, conseqüentemente, poucas residências para abrigar o contingente de migrantes que aportaria na cidade a partir dos anos 1990.

Em 1991 e 1992 foram fundados bairros que atualmente são considerados como habitados por “*maranhenses*”: o São Domingos e o Fraternidade. No entanto, desde a criação dos mesmos já se observa que são pessoas “*pobres*” que vão viver naqueles espaços. Com este dado, concluímos que nesses anos chegaram muitos trabalhadores na cidade que precisavam de lugar para se instalar e que foram para estes dois bairros.

Nos anos seguintes a migração não diminuiu, arrisco afirmar que até aumentou. Em 1994, 1995 e 1996 chegavam muitos trabalhadores vindos do Norte do estado do Mato Grosso, especialmente Peixoto de Azevedo, que haviam deixado os garimpos daquela região. Muitos deles se dirigiam aos bairros São Domingos e Fraternidade, mas nem todos fizeram o mesmo, como podemos observar no Quadro 4. Antes, porém, é necessário notar que citamos apenas os exemplos dos quais possuíamos dados mais completos, por isso não incluímos todos nossos entrevistados

<sup>145</sup> DIAS, Elisia Aparecida e BORTONCELLO, Odila (2003): datas das criações das escolas municipais nestes bairros.

neste Quadro.

#### Quadro 4: Trajetórias de alguns informantes nos bairros de Sorriso

1. D. Morena: Centro(1996) => Bela Vista (1996) => São Domingos (1997)=> Boa Esperança I (1997)
2. S. Emílio: São Domingos (1997) => Boa Esperança I (1997)
3. D. Clotilde: São Domingos (1999) => Boa Esperança I (1999/2000)
4. D. Suzana: Industrial (1988)=> Boa Esperança I (1996) => Industrial (1996)=> Boa Esperança I (1996)
5. D. Judith: Industrial (1996) => Boa Esperança I (1997)
6. Sr. Alexandre e D. Mara: São Domingos (1994)=> Industrial (ENCOVALE) (1995) =>Boa Esperança I (1996)
7. Sr. Gomes e D. Ludmila: São Domingos (1995) =>Boa Esperança I (1996)
8. Sr. Romildo e D. Raimunda: Bela Vista (1995) =>Morada do Sol (1995) =>Industrial (ENCOVALE) (s/d) => Boa Esperança I (1996)
9. Sr. Rodrigo e D. Camila: Morada do Sol (1995) =>Jardim Alvorada (1995)=>Industrial (ENCOVALE) (s/d)=>Boa Esperança I (1996)
10. Sr. José e D. Ana: Industrial (ENCOVALE) (1994/1995)=> Casas da Sumap (serraria próxima ao Centro) (1996) =>Empresa MADEPORTA (outra serraria) (1997) =>São Mateus (2000)

Nos anos de 1995 e 1996 alguns entrevistados moraram em bairros que hoje são valorizados em Sorriso. É o que observamos nas trajetórias 1, 8 e 9. Estas pessoas alugaram casas em bairros como o Centro, o Bela Vista e o Morada do Sol<sup>146</sup>. Mas se viram obrigadas a sair destes bairros já

<sup>146</sup> Não possuímos dados sobre a criação deste bairro.

no ano de 1996, pois os alugueis haviam aumentado e estes trabalhadores necessitaram ir para lugares mais baratos. Os bairros pra onde se dirigiram estes informantes foram o Industrial e o São Domingos, onde os alugueis de casa eram mais viáveis.

Através deste exemplo podemos sugerir que estes trabalhadores foram de alguma maneira, “empurrados” para estes bairros mais periféricos, pois não eram pessoas desejadas nos bairros centrais de Sorriso. Acredito que o mesmo se deu com os trabalhadores que chegaram à cidade anos antes, em 1990, mas não possuímos dados mais conclusivos sobre esta época.

O preconceito em relação a estes migrantes foi algo muito comentado pelos informantes. Sempre se lembravam de como eram tratados pelas pessoas que já estavam em Sorriso, identificadas genericamente como “*gaúchas*”. E isto também pode ser percebido na ocupação do espaço da cidade: aqueles que não se desejava na cidade eram obrigados a morar nos bairros atrás dos silos que vemos da BR 163.

No entanto, estes trabalhadores lutaram para se manter na cidade e podemos citar como exemplo a “*invasão*” ao terreno que seria conhecido como Boa Esperança I. Não havia casas suficientes nos bairros São Domingos, Fraternidade e Industrial para tantas pessoas que chegavam a Sorriso, e, além disso, a maioria dessas pessoas não desejava “*morar de aluguel*”, queriam sua residência própria. Neste contexto, então, ocorre a “*invasão*” do Boa Esperança I.

As pessoas que participam desta ação passam a lutar para manter-se naquele local, enfrentando a Colonizadora, a polícia e as dificuldades que são impostas pela Colonizadora que não realizou obras de infra-estrutura no bairro. Tudo é feito pelos próprios moradores do local, que nesta ocasião contam com a ajuda de alguns políticos da cidade.

O interessante neste caso é que após a criação do Boa Esperança I vários bairros foram criados, nos anos seguintes, daquele lado da cidade. O São Mateus, o Vila Bela e o Novos Campos surgiram entre 1997 e 1999 e nenhum deles foi aberto a partir de uma “*invasão*”. Indício de que talvez existisse uma pressão partindo dos trabalhadores que desejavam comprar suas casas e evitar pagar aluguel. Para evitar que houvesse mais invasões é possível que a Colonizadora e os políticos locais tenham passado a dar mais atenção a esta população e construído mais bairros onde ela poderia se estabelecer.

A partir destes dados percebemos que Sorriso não é construída apenas por aqueles

conhecidos como “*gaúchos*”, os “*maranhenses*” também participaram. Estes, porém, não são apenas os “braços” que ajudaram a abrir os campos para as lavouras do município, nem aqueles que trabalham nas colheitas de soja, milho e algodão. A contribuição dessas pessoas está impressa na ocupação do espaço da cidade: apesar dos mesmos não terem sido aceitos logo que chegaram, tendo sido empurrados para bairros menos valorizados, na medida do possível, impuseram sua presença e lutaram por seu espaço na cidade. Assim se fez o Boa Esperança I.

## Referências Bibliográficas

ARANTES, A. A. *Compadrio in Rural Brasil: structural analysis of a ritual institution*. Universidade Estadual de Campinas, 1971.

BAILEY, F.G. *Gits and poison: the politics of reputation*. Oxford, Basil Blackwell, 1971.

BOTT, Elizabeth. *Family and Social Network*. Second edition, Tavistock Publications, London, 1971.

BOURDIEU, Pierre. *Celibat et condition Paysanne* In: **Etude Rurales**, n° 5-6, avr-sep., Paris, 1962.

BOURDIEU, Pierre. *La Maison ou le Mond Renversé* In: **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Librairie Droz, Genève- Paris, 1972.

CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sôbre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 2ª edição, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1971.

CÂNDIDO, Antônio. *The Brazilian Family In Brazil, Portrait of Half a Continent*, editado por T. Lynn Smith and. Alexander Marchant. The Dryden Press, New York, 1951.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis R. *Colonização e Diferenciação: os colonos de Canarana*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

CHAMPAGNE, Patrick. *Les Paysans à la Plage* In: **Actes de la Recherche**, n°2, mars 1975.

CHAYANOV, Alexander V. *Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas* In: **A questão agrária**. Brasiliense, 1981.

COMERFORD, John Cunha. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Ed. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2003.

DESCONSI, Cristiano. *A Marcha dos "pequenos" proprietários rurais no Mato Grosso: um estudo a partir da trajetória de migrantes do sul do Brasil para a microrregião de Alto Teles Pires*. Dissertação de Mestrado. CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro, 2009.

DIAS, Elisia Aparecida e BORTONCELLO, Odila. *Resgate Histórico do Município de Sorriso: portal da agricultura no cerrado mato-grossense*. Cuiabá, 2003.

ELIAS, Norbert, SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000.

GESSAT- ANSTETT, Élisabeth. *Du Collectif au Communautaire: à propos des réseaux familiaux dans la Russie post-soviétique* In **L'Homme: revue française d'anthropologie**, n° 157, janvier/mars, 2001.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1975.

HEREDIA, Beatriz M. A. de. *Forma de Dominação e Espaço Social: a modernização da agroindústria canavieira em Alagoas*. Ed: Marco Zero, São Paulo, 1989.

HEREDIA, Beatriz M. A., PALMEIRA, Moacir. *Migrações em áreas de agronegócio* In **Travessia: revista do migrante**, Publicação do CEM-ano XXII, n° 65, Setembro–Dezembro, 2009.

HEREDIA, Beatriz M. Alásia de. *A Morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Ed: Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

HEREDIA, Beatriz, MEDEIROS, Leonilde, PALMEIRA, Moacir, CINTRÃO, Rosangela, LEITE, Sergio Pereira. *Sociedade e Economia do Agronegócio: um estudo exploratório*. Proposta de pesquisa–Fundação Ford, 2006.

MARCELIN, Louis HERNES. *A Invenção da Família Afro-americana: família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia, Brasil*. Tese de Doutorado, PPGAS/MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

MARQUES, Ana Cláudia. *Intigas e Questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Ed. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2002.

MAUSS, Marcel. *Ensaio Sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* In **Sociologia e Antropologia**. Cosac Naify, São Paulo, 2003.

MONBEING, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*, Ed. Hucitec e Polis, São Paulo, 1984.

PITT-RIVERS, Julian. *Amistad y Autoridad In Un pueblo de la Sierra: Grazalema*. 2ª edição, Aliança Editorial, Madrid, 1994.

SANTOS, José Vicente Tavares dos, *O Programa de Colonização TERRANOVA In Matuchos: Exclusão e Luta: do Sul para a Amazônia*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1993.

SAYAD, A. *El Ghorba: o mecanismo de reprodução da emigração* In: **A imigração**. EDUSP, São Paulo, 1988.

SEGALEN, M. *Couple, Ménage, Communauté* In **Marie et Femme dans la société paysanne**. Flammarion, Paris, 1980.

**Sites consultados:**

ESTATUTO DA TERRA (1964) In <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L4504.htm>

<http://www.sorriso.mt.gov.br/>

## **ANEXO I**

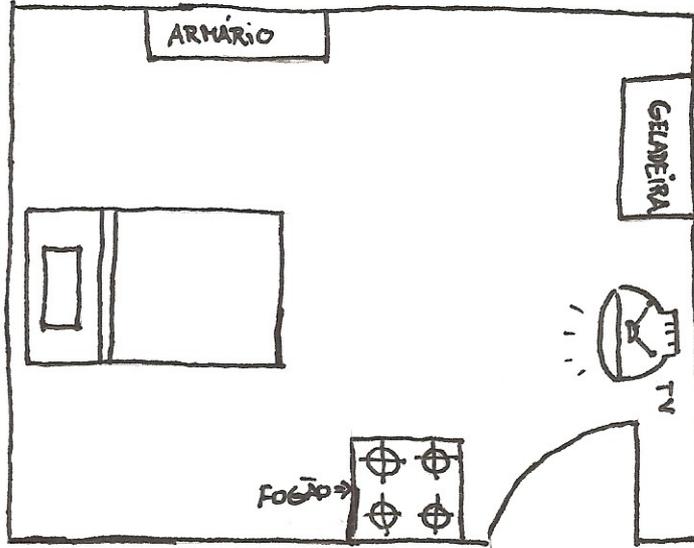
**(Mapa Urbano de Sorriso)**



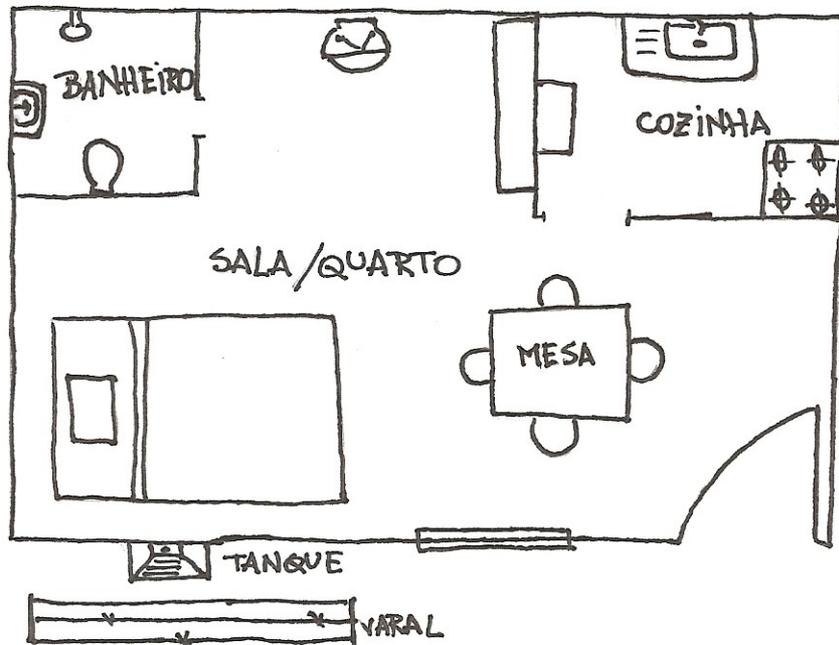
## **ANEXO II**

**(Plantas de Quitinetes e Peças)**

# "PEÇA"



# "QUITINETE"



## **ANEXO III**

**(Mapa do Bairro Boa Esperança I)**



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)